HISTORIA NAVAL BRAZILEIRA

LIVRARIA B. L. GARNIER

71 — RUA DO OUVIDOR — 71

CALIOPE M. DE MELLO (Capitão).—**O Consultor Militar.** Synopsis por ordem alphabetica das disposições em vigor contidas nas leis, decretos, regulamentos, avisos. instrucções e peculiares, publicados nas ordens do dia da repartição do ajudante general, desde a primeira destas, 1 v. in-4.° com 13 mappas ou tabellas, enc. 5$000, br... 4$000

FIX (Th.)—**Historia da Guerra do Paraguay,** trad. por J. Fernandes dos Reis, e annotada por ***, 1 v. in-4.°, enc. 5$000, br.................................... 4$000

SMILES (Samuel). — **O Poder da Vontade,** ou caracter, comportamento e perseverança, 1 v. in-8.°, enc. 3$000, br.. 2$000

— **O caracter,** 1 grosso v. in-8.°, enc. 4$000, br...... 3$000

— **Economia domestica moral** ou a felicidade e a independencia pelo trabalho e pela economia, 1 v. in-8.°, enc. 4$000, br.. 3$000

— **O Dever,** com exemplos de coragem, paciencia e resignação, 1 v., enc. 4$000, br........................... 3$000

MACÉ (João).—**Historia de um bocadinho de pão,** cartas acerca da vida do homem e dos animaes, obra adoptada pela commissão de premios. trad. da 32.ª edição franceza, 1 v. in-8.°, enc. 4$000, br........................... 3$000

— **Os servidores do estomago,** continuação da *Historia de um bocadinho de pão,* 1 v. in-8.°.................... 4$000

OBRAS DE JULIO VERNE

COROADAS PELA ACADEMIA FRANCEZA

VIAGENS EXTRAORDINARIAS

O Chanceller, Martim Paz, 1 v., enc. 3$000, br.... 2$000

A Jangada, 800 leguas sobre o Amazonas, 2 vs., enc. 6$000, br. .... 4$000

Viagem ao centro da terra, 1 v., enc. 3$000, br.. 2$000

A Ilha mysteriosa, 3 vs., enc. 9$000, br........... 6$000

Viagem ao redor do mundo em 80 dias, 1 v., enc. 3$000, br.. 2$000

Os filhos do capitão Grant, 3 vs., enc. 9$000, br.. 6$000

A terra das pelles, 2 vs., enc. 6$000, br........... 4$000

Da terra á lua, 1 v., enc. 3$000, br................. 2$000

Ao redor da lua, 1 v., enc. 3$000, br............... 2$000

O doutor Ox, 1 v., enc. 3$000, br.................... 2$000

HISTORIA

NAVAL BRAZILEIRA

POR

THEOTONIO MEIRELLES DA SILVA

Official Reformado da Armada Nacional e Impei

e natural da Provincia de Minas-Geraes

PARA

USO DAS ESCOLAS Á CARGO

DO MINISTERIO DOS NEGOCIOS DA MARINHA

RIO DE JANEIRO

EDITOR B. L. GARNIER

71 — Rua do Ouvidor — 71

1884

Ao Illustre Professor
almte. H. F. Bryan

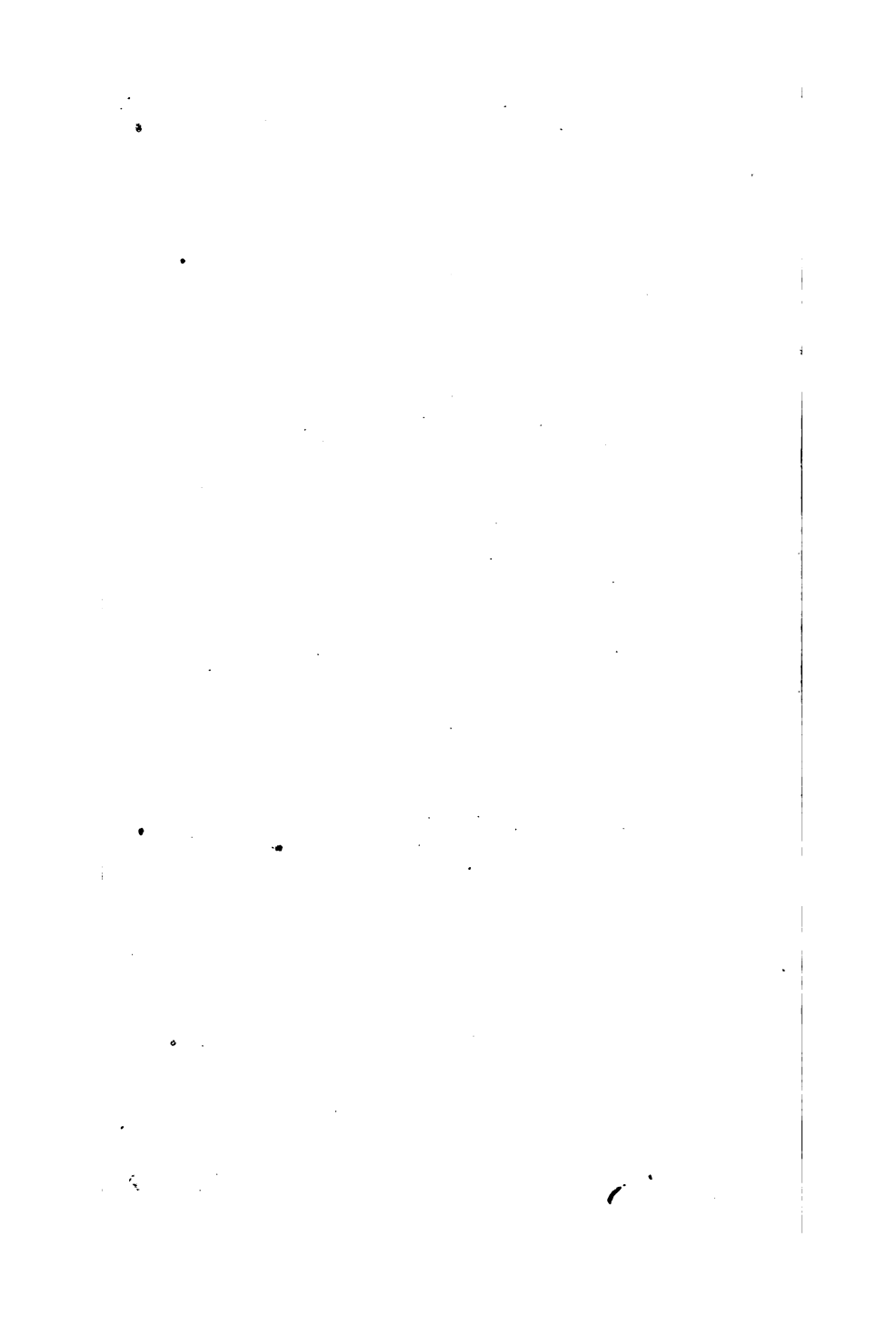
Á [illegible]

Sua Alteza Serenissima o Senhor Principe

CONDE D'EU

O. D. E C.

15 Agosto 1919

Theotonio Meirelles da Silva.

AOS LEITORES.

A' Sua Alteza Real o Senhor Principe Conde d'Eu, e á S. Ex. o Sr. Conselheiro Dr. José Rodrigues de Lima Duarte, se deve estar hoje escripta e publicada com verdade, a Historia Naval Brazileira, sinão com a proficiencia, linguagem e estylo dos grandes escriptores, porem de uma maneira clara a ser comprehendida por todos.

Foi o Senhor Principe Conde d'Eu a primeira pessôa, que em conversa nos fez sentir a necessidade de se escrever a historia da Marinha de guerra brazileira, durante os periodos da luta da Independencia e Campanha da Cisplatina: foi o Sr. Conselheiro Lima Duarte quem, na qualidade de Ministro da Marinha, nos encarregou, por Aviso de 28 de

Maio de 1881, da honrosa missão de *Organisar os apontamentos* e *escrever* a *historia da marinha de guerra brazileira.*

Logo que recebemos o Aviso acima citado declaramos ao Sr. Ministro da Marinha, que difficil nos seria dar exacto cumprimento á letra do dito Aviso, porquanto, escrever a historia com investigação e analyse, critica judiciosa e apreciação de factos, causa e effeitos dos successos, era tarefa superior ás nossas forças: que entretanto, faria-mos todos os esforços para organisar os apontamentos, narrar com simplicidade os diversos feitos e acontecimentos, e fazel-o com clareza tal que podessem ser comprehendidos por todos que o lessem.

Estavamos, com o maior zelo e dedicação, organisando os Apontamentos, tendo já publicado tres volumes contendo ineditos e valiosissimos documentos historicos, e entre mãos um 4.° volume, quando o Sr. Conselheiro Dr. Almeida e Oliveira, actual e muito digno Ministro da Marinha, entendeu em sua sabedoria, não só mandar sustar a publicação

dos Apontamentos, como dar por finda a nossa Commissão, visto não haver mais verba para as necessarias despezas com a dita commissão.

Tinha-mos, durante a busca dos papeis velhos, tomado muitos apontamentos geraes, muitas notas e rascunhado muito papel; e pretendia-mos, mais tarde, com o estudo de todo esse material, organizar um livro pelo qual, nas escolas a cargo do Ministerio da Marinha, se tornasse facil o conhecimento exacto de como se organizou a repartição da Marinha no Brazil, e de todos os feitos da Armada brazileira, desde a sua creação em 1822, até os fins da guerra do Paraguay em 1870.

Aproveitando pois, a disponibilidade activa em que inesperadamente fomos lançados, conseguimos organizar um bom livro, e dirigimonos respeitosos ao Sr. Ministro da Marinha, pedindo-lhe autorisação para mandar publicar esse livro, por conta do Estado, da mesma fórma qne se havia procedido com os tres volumes de Apontamentos. S. Ex. dignou-se responder que a nossa pretenção não tinha lugar, por falta da necessaria verba.

Dirigimò-nos então ao incançavel protector das letras no Brazil, o honrado Sr. B. L. GARNIER, que benignamente nos acolheu, e, honrando nosso trabalho, mandou de prompto e á sua custa, sem o menor onus de nossa parte, publicar a — *Historia Naval Brazileira* — em formato, typo, linguagem e estylo o mais apropriado para as escolas.

Theotonio Meirelles.

Parecer official dado pelo illustrado Sr. Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, Vice-presidente do Instituto Historico e Geografico Brazileiro, sobre a presente «Historia Naval Brazileira».

« A *Historia Naval Brazileira*, escripta pelo Sr. Official da Armada Theotonio Meirelles da Silva para uso das escolas a cargo do Ministerio da Marinha, comprehende o largo espaço que vai da data da nossa Independencia até o fim da guerra do Paraguay: — 1822 a 1870. Occupa 4 volumes de 600 paginas manuscriptas.

« Em termos claros e succintos dá o autor no prologo noticia das phases que assignalam a historia da navegação em geral, desde os primitivos tempos até a data que serve de ponto de partida para a exposição projectada.

« A creação dos estabelecimentos navaes mais importantes que possuimos remonta a epoca anterior á Independencia; á vinda da Familia Real Portugueza para o Brazil, em 1808, deve-se o impulso dado, neste como em outros ramos do serviço publico, em beneficio da administração, progresso e desenvolvimento do nosso paiz. E' o que o autor relembra encetando o seu trabalho.

« A cooperação directa e efficacissima da Marinha de guerra brazileira nas lutas da Independencia ; os valiosos serviços prestados pela Esquadra no porto da Bahia, em 1823, e nas Provincias de Pernambuco, Ceará e Maranhão até fins de 1824; os successos da guerra com a Republica Argentina em 1826 ; os movimentos revoltosos de algumas provincias do norte ao tempo da minoridade, contidos pela energia e força da Marinha de guerra ; a rebellião do Rio Grande do Sul em 1835; a guerra do Rio da Prata no dominio do Dictador Rosas, victoriosamente terminada em 1852; e, finalmente, a memoravel campanha do Paraguay, tão disputada quanto gloriosa para as armas brazileiras,

theatro de heroicos feitos para a nossa Esquadra, desde a tomada de Paysandú até a passagem de Humaytá, ousado commettimento até então julgado impossivel e que, na phrase official, ha de figurar brilhantemente na historia do mundo, immortalisando a gloria da Marinha brazileira: taes são os factos, entre outros de menor alcance, pelo autor relatados com precisão e verdade no trabalho que acaba de compôr, interessante ainda por comprehender a publicação de documentos authenticos e curiosas informações de reconhecida importancia para a historia.

« A parte relativa á guerra do Paraguay é a que, com razão, occupa maior espaço no plano da obra, não só pela magnitude do assumpto, como pela referencia, muitas vezes necessaria, á effectiva coparticipação que nos successos da guerra teve o nosso Exercito, como a Marinha, digno de todo o louvor que lhes tributa o reconhecimento nacional.

« A enunciação dos motivos que determinaram o procedimento do Brazil nas guerras que em diversas epocas teve de sustentar em

defesa da honra, dignidade e integridade da nação, e a justa apreciação dos resultados colhidos mediante ingente esforço e muitas vezes dolorosos sacrificios, demonstram o aturado estudo e cuidadoso empenho com que o autor procurou desempenhar o encargo que a si tomou, proseguindo nas investigações já começadas nos seus anteriores *Opusculos* sobre a guerra do Paraguay.

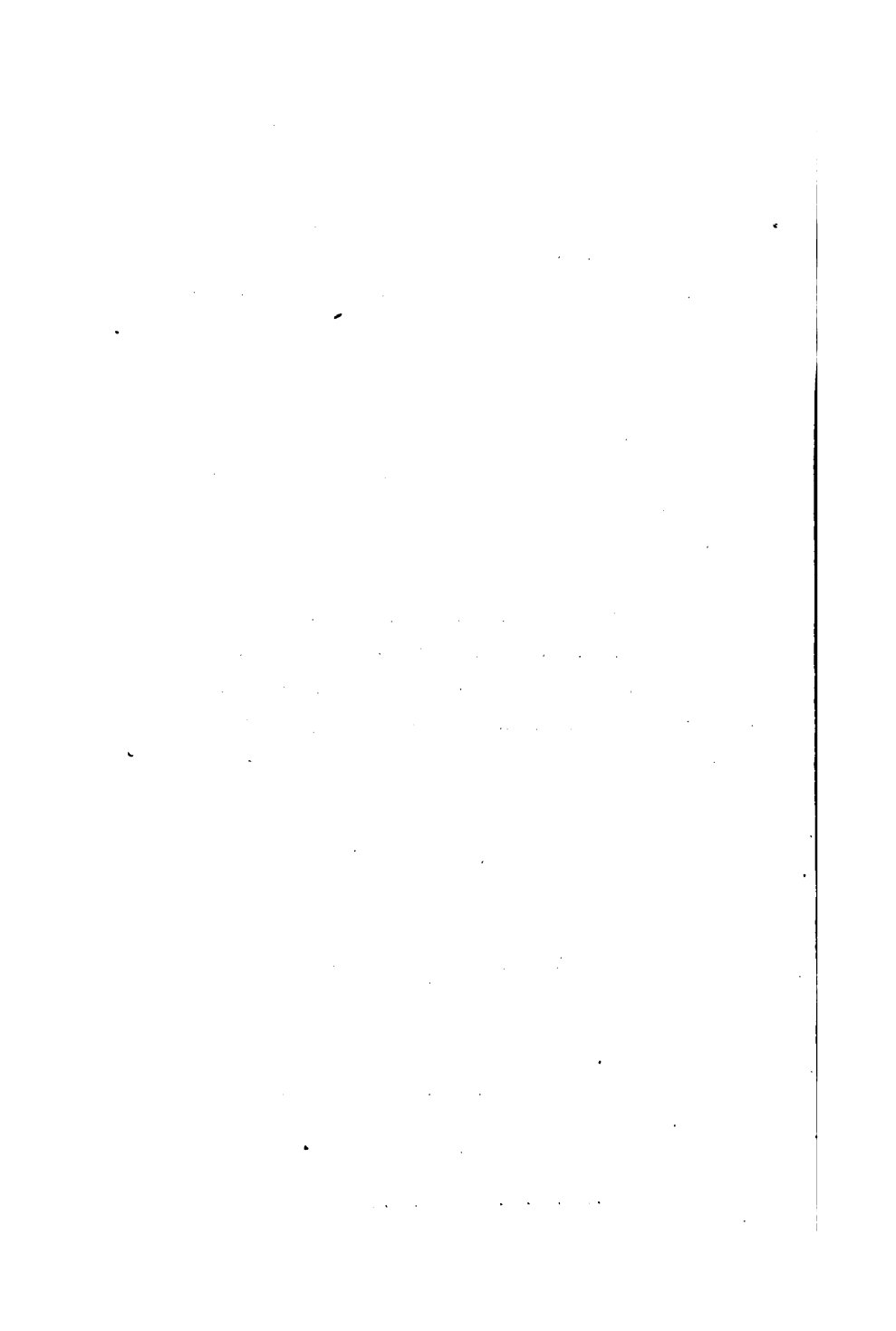
« E, pois, repetindo o que já em 1881 tive occasião de informar, quando, á pedido do Exm. Sr. Ministro da Marinha, examinei os *Apontamentos para a historia da Marinha de Guerra Brazileira*, collegidos pelo mesmo autor da *Historia Naval*, e infelizmente interrompidos depois de publicados 3 volumes, correspondentes aos annos de 1808 á 1823, de novo direi: que os trabalhos do Sr. Theotonio Meirelles, comquanto não possam ser considerados, e o proprio autor o reconhece, como a historia completa da Marinha de Guerra Brazileira, — vasto campo de investigação e de estudo, em que a critica judiciosa na apreciação imparcial do historiador se tem de manifestar, não só narrando com escrupulosa fidelidade os factos

occorridos, o tempo em que se deram e os nomes das pessoas que nelles tomaram parte, como ainda explicando as causas e os effeitos dos successos relatados, ou a influencia que exerceram sobre todas as relações da nossa vida social,—ainda assim são de grande utilidade e são dignos de apreço, como valiosos subsidios para a historia, podendo, demais, ser aproveitados, e com muita vantagem, para o fim especial a que ora se destinam.

« Para melhor ordem e facilidade do estudo, conviria talvez que fosse a obra dividida em capitulos, com epigraphes indicativas dos assumptos ahi tratados e datas a que se referem. (*)

« Rio, 28 de Fevereiro de 1884. »

O. H. de Aquino e Castro

(*) Esta ultima parte do Parecer, já está executada no presente livro.

PROLOGO

SUMMARIO

Construcção e feitio dos primitivos navios.— Os primeiros navegantes. — Arte de navegar. — Estabelecimento das primeiras colonias. — Numero de navios de que se compunham as primitivas frotas. — Maneira de ancorar os navios na primitiva. — Uso do Esporão. — Numero de remos dos diversos navios. — Uso do arpéo. — Maneira de se combater. — Espelhos de Archimedes. — Fogo grego. — Brulotes- Descoberta da polvora e uso da peça de artilharia. — Descoberta e uso da bussola. — A polvora julgada como arma desleal e traçoeira. — Navegação á vela. — Tactica naval. — Invasão e pretendida conquista dos Hollande. zes no Brazil. — Descoberta do vapor. — Construcção do primeiro barco a vapor.

A' natural curiosidade dos primitivos habitantes do Globo, em vêr e observar o que existia ou se passava nas Ilhas e Campinas que avistavam, e onde não podiam chegar, por causa dos rios ou braços de mar que os interceptava, se deve a construcção do primeiro barco, e a arte de navegar.

Da configuração dos peixes, e da maneira que elles nadavam e se serviam das barbatanas para dirigir sua róta: do vôo dos cisnes e outros grandes passaros, foram levados os primitivos habitantes do Globo, a meditar, a construir um pequeno barco, a collocar-lhes velas e remos, a dar-lhes impulso e a navegar.

Os *Egypcios* foram os primeiros, e logo depois delles os *Phinicios* e os *Gregos*, na construcção de barcos ou navios; a principio, para as suas descobertas e commercio, e mais tarde, para as suas guerras e conquistas.

A primeira expedição dos Phinicios data de 3000 annos, pouco mais ou menos, antes de Jesus Christo; e essa expedição se estendeu ao longo das costas Occidentaes da Africa, e alli se estabeleceram então as primeiras colonias.

Foram-se formando diversas frótas, porem nenhuma dellas se avantajou, naquelles tempos, á dos Phinicios, quer no fasto e riqueza, quer nos accessorios e bem acabado da construcção de seus navios.

O numero dos navios nas diversas frótas, foi se augmentando consideravelmente, e em poucos annos já se contavam por centenas. Ao tempo da expedição dos Argonautas, 1200 annos antes de Jesus Christo, já atingiam a milhares: só a fróta grega, nessa occasião, compunha-se de mais de 1300 navios de guerra.

A maior parte dos escriptores antigos, são concordes em dizer que, os navios da primitiva eram cobertos de pôpa e prôa, e accommodavam, quando muito, uns 50 tripolantes ou remadores: que, tinham um mastro de pôr e tirar, do qual se serviam na sua róta e quando o vento lhes era favoravel, porem sempre ajudados pelos remos: que eram pintados quasi

sempre de azul ou vermelho, e trasiam na prôa uma figura de animal, e á pôpa a effigie de um Deus, sob a protecção do qual punham a embarcação: que a prôa era afinada, e a pôpa quasi redonda, e muito mais alta que a prôa: que era finalmente, na pôpa que se assentava o piloto, durante a navegação. Dizem mais os ditos escriptores, que os navios trasiam um pequeno mastro á prôa onde se collocava um pavilhão com o nome do navio, e em um outro mastro á ré, diversas pequenas bandeiras e galhardetes, para indicar a correnteza dos ventos; e que, a ancora era uma enorme pedra furada e presa 'a um cabo, ou então, um grande sacco cheio de areia e pequenas pedras.

Os navios destinados á guerra destinguiam-se não só pela fórma alongada de suas construcções, como pelas largas chapas de metal que lhes encouraçava a pôpa; além de um grande esporão pont'agudo, que todos trasiam á prôa. Esse esporão consistia em uma forte viga de madeira, toda forrada de ferro, e com grande segurança adaptada, logo acima do lume d'agua da embarcação. Nos dois bordos e quasi á prôa, sahiam tambem duas vigas, de menor comprimento que o esporão, e com ellas obstavam não só a abordagem, como a aproximação de outras embarcações.

Os navios de guerra trasiam maior numero de remos, que os outros destinados ao transporte e commercio: a maior velocidade era já naquelle tempo considerada como primeira necessidade aos navios de guerra e por isso, todos elles tinham diversas ordens ou carreiras de remos superpostos; crescendo, debaixo para cima, o comprimento dos remos. Nos grandes navios os remos eram de tal comprimento e

peso, que necessitavam de mais de um homem para movel-os: alguns havia que demandavam quatro ou cinco pessoas.

Os maiores navios de guerra construidos, naquelle tempo, appareceram nas primeiras guerras entre os Persas e Athenienses; e é por isso que se poude então mover com tanta facilidade mais de um milhão de homens. Só os Persas apresentaram cerca de 1200 desses navios de guerra, alem de 4000 transportes de igual tamanho.

Entretanto, de nada lhes valeu a grandeza e o numero de seus navios, quando atacados apenas por 300 navios, melhor construidos, e trazendo á prôa, não um simples esporão de madeira, porém um forte esporão de bronze, e dirigidos pelo grande Temistocles, se aproximaram da frota, e sobre ella se atiraram com impeto, desbaratando-a completamente, no anno 480 antes de Christo.

O espigão de bronze tornou-se por muito tempo a arma mais poderosa nos combates navaes; porém 260 annos antes de Christo, os Romanos descobriram ou inventaram uma outra arma, e essa bastante engenhosa— o *arpéo*.

Collocada essa machina na prôa dos navios e atirada de chôfre, mesmo em grandes distancias, prendia ou pescava o navio inimigo e obrigava-o a abordagem. Devido a essa machina ganharam os Romanos uma grande batalha contra os Carthaginenses, que entretanto, lhe eram muito superiores em força e numero de navios.

Os combates naquelles tempos consistiam em arremessar a flexa e a funda contra os inimigos em distancia, e quando corpo a corpo feril-os, com a lança, o dardo ou a espada.

Foi o sabio Archimedes quem inventou, e pôz em pratica, as primeiras machinas de atirar fortes massas como projetis de guerra, a grande distancia. Estas machinas de Archimedes, foram do maior proveito, e conseguiram a completa destruição das celebres torres volantes de que Macello se servia para damnificar Siracusa, 212 annos antes de Jesus Christo.

Foi tambem devido áquelle grande sabio a descoberta ou invenção de incendiar os navios inimigos, por meio de uns espelhos de metal, com os quaes elle fazia convergir os raios solares para o lugar que pretendia incendiar, e facilmente o obtinha.

Depois dessas descobertas de Archimedes, os Gregos inventaram uma outra arma, perigosissima nos combates navaes, e chamaram-na o *Fogo-grego*.

Compunha-se o Fogo-grego de diversas substancias oleosas e resinosas : a naphta, o alcatrão, o enxofre e a resina, o summo de certas plantas, e alguns metaes reduzidos a pó. Era arremessado por meio de balistas ou béstas, contra as fortificações ; e nas batalhas navaes, por meio de brulotes, ou então, por meio de tubos de cobre ou bronze, por onde faziam correr o mixto, inflammado, até cahir dentro do navio inimigo : grande parte das vezes serviam-se tambem do mixto, dentro de vasos de barro envernisado, e aos quaes adoptavam uma mexa, que acendiam na occasião de os atirar ou arremessar contra os inimigos.

Da descoberta ou invenção do Fogo-grego, e da maneira que delle se serviam por meio dos tubos de ferro ou bronze, surgio a grande idéa da peça de artilharia, com o fim então, de arremessar balas de pedra, por meio da força da polvora, poderosa invenção desses mesmos tempos.

Em 1300 já muitos navios usavam da artilharia e da polvora. Muitas nações, porém, não a quizeram de prompto adoptar em seus navios; a França e a Inglaterra, ainda em 1329, declaravam e reputavam a polvora como arma desleal e traiçoeira, e não faziam uso della.

De 1453 em diante, e sobretudo depois da batalha de Lepanto e da tomada de Constantinopla, por Mahomet, em 1570, em que a artilharia decidio da acção, generalisou-se inteiramente o uso da peça e da polvora. Então todas as nações procuraram melhorar os seus navios e substituir as antigas construcções, por outras que maior numero de peças podessem accommodar.

E foi devido a essas novas construcções que se cogitou em dar aos navios maior numero de mastros, vergas e velas; que se principiou a fazer um estudo sério sobre a maneira de se poder melhor aproveitar os ventos; e finalmente, appareceu a descoberta da *bussola*, derivada das propriedades conhecidas na *agulha imantada*, de que já os chinezes faziam muito uso

Foram os Hollandezes os primeiros que conseguiram a construcção dos melhores, mais veleiros, leves e finos navios de guerra. E é por isso que levaram sempre grande vantagem contra os pesados navios da esquadra hespanhola, em todos os combates que contra elles tiveram naquella occasião.

E foi a Inglaterra quem, depois dos Hollandezes, em 1588, obteve construir os melhores e maiores navios de guerra daquella época, com o fim de se deffender da celebre *Armada Invencivel*, preparada por Felippe II para conquistar a Inglaterra.

Então já os Inglezes não pensavam como em 1329, já a polvora não era para elles uma arma desleal e

traiçoeira, já armaram as suas náos com 40 peças de artilharia, por banda.

Foi com uma frota desses novos e mais veleiros navios que os Hollandezes emprehenderam conquistar o Brazil em 1623, apossando-se, como fizeram, do porto da Bahia em 10 de Março de 1624, tendo alli encontrado 12 navios de guerra portuguezes, os quaes facilmente aprisionaram, e a alguns incendiaram.

É verdade que os Hespanhoes vindo em soccorro dos Portuguezes no Brazil, conseguiram, em Maio de 1625, fazer os Hollandezes evacuar o territorio brazileiro; porém foi-lhes preciso empregar nada menos que 40 bons navios de guerra, ao mando do Almirante Fadrique, existindo então sómente 10 navios de guerra hollandezes, dentro do porto da Bahia.

A superioridade dos navios hollandezes mostrou-se plenamente em 1631 quando, voltando ao Brazil em 14 de Fevereiro em numero de 56 velas, commandadas pelo Almirante Adrian Jansen Pater, tiveram de baterse com uma numerosa esquadra hespanhola que viera em soccorro dos Portuguezes, ficando afinal os Hollandezes victoriosos e senhores do terreno, apezar da perda do valente Almirante Pater, morto no occasião do combate.

E ainda, em 1640, novos triumphos conseguiram os Hollandezes contra as esquadras hespanhola e portugueza nas aguas do Brazil; sendo um dos combates em frente á ilha de Itamaracá, perto da Ponte de Pedras, paragem mais oriental de todo o Brazil; outro entre Goyana e Cabo Branco; o terceiro em frente ao forte de Cabedelo, e o ultimo na altura do Cauhaú; e todos esses combates com diminuto numero de navios comparativamente aos Hespanhóes.

E foi nesta segunda occupação dos Hollandezes que tantos heróes brazileiros, tanto patriotismo e valor appareceu em todas as batalhas que se deram até á capitulação dos Hollandezes em Pernambuco no anno de 1654, ou ainda até a paz geral em 1661. Foi durante a luta dos Hollandezes no Brazil que appareceram esses grandes vultos de que a historia já falla e que se chamaram: Francisco Padilha, Nunes Marinho, Mathias de Albuquerque, Ribeiro de Lacerda, Estevão de Tavora, Francisco Figueirôa, Simão de Figueiredo, Luiz Barbalho, Lourenço Cavalcanti, Maciel Parente, Jeronymo de Albuquerque, Francisco Rebello, Pedro Corrêa da Gama, Dias Cardoso, André Vidal, Felippe Camarão, Henrique Dias, Fernandes Vieira, os 13 irmãos Baptistas e tantos outros que se immortalisaram na defesa da Patria.

Depois do uso da artilharia e o emprego da polvora, as batalhas se multiplicaram: a navegação á vela demandava grandes cuidados, e preciso foi cuidar com seriedade no estudo e no emprego da tactica naval e das diversas manobras de panno, afim de se poder assegurar bom exito nas batalhas e nos encontros dos navios. Dahi por diante quasi que ficou exclusivamente dependendo da melhor tactica empregada o ganho das acções.

Os combates e as batalhas navaes foram tantas, durante o XVI e XVII seculos, que as nações que os sustentavam procuraram treguas, e essas se effectuaram afinal por um tratado de paz em 11 de Abril de 1713, entre a França, Inglaterra, Prussia, Hollanda, Saboia, Hespanha e Portugal.

Mais tarde, a datar de 1755 a 1762 com a guerra chamada dos *Sete annos*, recomeçaram os grandes

combates e batalhas navaes. E dessa época em diante até 1807, em que navegou o primeiro barco a vapor construido na America sob a direcção do grande *Fulton*, feriram-se as maiores batalhas navaes conhecidas: foi nesse tempo que se deram os grandes combates de S. Vicente, Aboukir, Compenhague, Finis-Terra, Trafalgar e Navarino.

O uso do vapor nos navios de guerra fez modificar inteiramente a tactica naval dos combates e sobre tudo depois que as rodas dos navios a vapor foram substituidas em grande parte pelo *helice*.

Depois da guerra da Criméa e ataque de Sebastopol e mais tarde na guerra civil dos Estados-Unidos de 1861 a 1865, em que appareceram os navios encouraçados, o esporão e a artilharia raiada, as casamatas, os monitores e os torpedos, tornou-se patente a desnecessidade das grandes esquadras d'outrora; e tudo, a não ser navios de guerra do ultimo systema e bons transportes, ficou condemnado a desapparecer entre todas as nações maritimas do mundo.

Os Brazileiros, ao fazerem a sua independencia em 1822, receberam como typo para seu navios de guerra o antigo navio de véla da esquadra portugueza, typo que era então adoptado pelas diversas nações do mundo. E', pois, com esse typo de navios que vamos encetar a Historia Naval Brazileira que se segue.

I

SUMMARIO

Vinda de Familia Real Portugueza para o Brazil.— Estabelecimento da séde da Monarchia no Brazil.— Organisação do Arsenal de Marinha.— Creação da Intendencia, Contadoria, Secretaria de Marinha, Quartel General, Academia de Marinha, Conselho Supremo Militar, Fabrica da Polvora, Hospital de Marinha, Auditoria, e Archivo Militar.— Declaração da Independencia do Brazil.— Nomeação do primeiro Ministro da Marinha.— Designação das côres e feitio da bandeira Nacional.— Acquisição de Officiaes de Marinha.— Engajamento de Officiaes estrangeiros.— Acquisição de navios de guerra.

A' vinda da Familia Real Portugueza para o Brazil em 1808, se deve a creação dos estabelecimentos navaes que hoje em grande escala possuimos.

O estabelecimento da séde da Monarchia no Brazil, e a necessidade da conservação, fabrico e custeio dos muitos navios de guerra que de Portugal acompanharam a Familia Real para o Brazil, fizeram com que de prompto se cuidasse de regularisar e augmentar os estaleiros de construcção naval, que já existiam em pequena escala desde 1764, e dar-lhe a organisação e titulo de Arsenal de Marinha, no mesmo

lugar que ainda hoje existe e que naquelle tempo se chamava a praia de S. Bento; organisar-se, por Alvará de 13 de Maio de 1808, uma Intendencia e Contadoria; crear-se, por Decreto de 13 de Março de 1808, uma Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha; e por Decreto de 13 de Maio de 1808, um Quartel General, dirigido por um Principe da Familia Real, com o titulo de Almirante General da Armada; estabelecer-se, por Decreto de 5 de Maio de 1808 a Academia dos Guardas-marinhas no antigo Mosteiro de S. Bento; crear-se o Conselho Supremo Militar por Alvará de 1.º de Abril de 1808; crear-se uma Fabrica de Polvora, por Decreto de 13 de Maio de 1808; montar-se um Hospital de Marinha, por Decreto de 24 de Junho de 1808; e crear-se o lugar de Auditor Geral da Marinha, por Decreto de 13 de Maio de 1809; e a todas essas repartições deram-se sabios e prudentes regulamentos, organisados todos sob as immediatas vistas e direcção do Visconde de Anadia, primeira pessoa que no Brazil exerceu o cargo de Ministro da Marinha, nomeado por Decreto de 11 de Março de 1808. Na mesma occasião creou-se tambem, por Decreto de 7 de Abril de 1808 um Archivo Militar.

Todas essas repartições foram tão bem organisadas que, declarando-se o Brazil independente de Portugal a 7 de Setembro de 1822, continuaram todas a funccionar com a maior regularidade, substituindo-se apenas alguns de seus empregados.

Logo que foi declarada a Independencia e acclamado Imperador do Brazil o Principe D. Pedro, que então se achava na Regencia do Reino do Brazil, foi nomeado Ministro da Marinha, por Decreto de 28 de Outubro de 1822, o Capitão de Mar e Guerra Luiz da

Cunha Moreira; e por Decreto de 1.º de Dezembro do mesmo anno designadas quaes as côres e o feitio da bandeira nacional.

O primeiro cuidado do Ministro Luiz da Cunha foi saber com quantos Officiaes da marinha portugueza podia contar para a nascente marinha de guerra brazileira, e para o conseguir nomeou uma commissão composta dos Vice-Almirante José Maria de Almeida, Chefe de Divisão Francisco Maria Telles e Capitães de Mar e Guerra Diogo Jorge de Brito, Pedro Antonio Nunes, Tristão Pio dos Santos, e Rodrigo Monteiro da Luz, e do 1.º Tenente João Henriques de Paiva, como secretario.

A Commissão deu começo a seus trabalhos dirigindo-se, por escripto, a cada um dos Officiaes superiores e subalternos que se achavam em serviço no Brazil, e perguntando-lhes: se adheriam á causa da Independencia e desejavam servir ao novo Imperio, ou se queriam retirar-se com suas familias para o Reino de Portugal.

Responderam immediatamente e em termos os mais enthusiastas e honrosos a favor da Independencia, declarando igualmente que queriam ficar ao serviço do Brazil, os seguintes Officiaes, superiores e subalternos:

Capitães de Mar e Guerra: Tristão Pio dos Santos, Diogo Jorge de Brito, Joaquim Raymundo de Moraes de Lamare, Paula Freire de Andrade, Joaquim Martins, Pedro Antonio Nunes, Bernardino de Souza Corrêa Freire, Francisco Agostinho de Mello, e Candido Francisco de Brito Victoria.

Capitães de Fragata: Miguel de Souza Mello e Alvim, José Maria de Abreu, Antonio Gomes de Moura, Desiderio Manoel da Costa, Faustino José Schultz, José

Luiz Ciriaco, Luiz Severiano da Veiga, Guilherme Cypriano Ribeiro, José Domingues Moncorvo, José Maria Pinto, Pedro Maria de Souza Sarmento, José Caetano Filgueiras Negrão, João Antonio dos Santos, José Ignacio Maia, João Baptista Lourenço da Silva, Fidelis José da Silva Ribeiro Velloso, Joaquim José Pires, Luiz Antonio da Silva Neves, Manoel Gonçalves Luiz da Cunha, João Ferreira do Reis Portugal, e João Bernardino Gonza.

Capitães Tenentes : Theodoro de Beaurepaire Rohan, Antonio Joaquim do Couto, Fernando José de Mello, D. João Carlos de Souza Coutinho, Felix Joaquim dos Santos Cassão, D. Joaquim José da Silveira, Antonio Salema Freire Garção, José Maria da Cunha Cabral, Antonio José Falcão da Frota, João dos Santos Sazes, José Manoel de Lima, D. Francisco de Souza Coutinho, Francisco Rebello da Gama, Pedro José Corrêa Vianna, Joaquim Bento da Fonseca, José de Santa Rita, João Justino Gomes da Silva, e Fernando Liborio Rodrigues.

1.os Tenentes : Francisco Bibiano de Castro, Feliciano Ignacio Maia, Sebastião José Ribeiro, José dos Santos Primeiro, Joaquim José de Souza, Joaquim José de Araujo, Estevão do Valle Baptista, Luiz Antonio Ribeiro, João Manoel de Lemos, Carlos dos Santos Laranja, Antonio Pedro Coelho, João Henrique de Paiva, José Joaquim Faustino, José dos Santos Vieira, Joaquim Guilherme Rodrigues de Souza ;

2.os Tenentes : Antonio Pedro de Carvalho, Joaquim Leal Ferreira, Augusto Wenceslau da Silva Lisbôa, Sabino Antonio da Silva Pacheco, Camillo Caetano dos Reis, Joaquim Leão da Silva Machado, Joaquim Agostinho Pecurario, Antonio Alberto dos Santos Lopes,

Agnello Petra de Bittencourt, José Corrêa Picanço, Pedro da Cunha, João Baptista de Souza, Manoel Marques Pereira Delfim, Raphael José de Carvalho, Francisco da Silva Lobão, Joaquim Martins, João Evangelista de Araujo Pitada, Antonio Firmo Coelho, Rodrigo Theodoro de Freitas, Lourenco José de Souza, José de Deus, José Mamede Ferreira, Francisco Candido de Vellovy Sayão, Antonio Joaquim de Souza, Jacinto Alves Branco Muniz Barreto, Manoel Ignacio dos Santos, Francisco Miguel Pires, e José Victorino.

Os Officiaes generaes que se achavam no Brazil, não esperaram o convite da Commissão : apresentaram-se de prompto ao Ministro da Marinha, e declararam a sua adhesão á causa de Independencia.

A companhia dos Guardas-marinha, e alguns dos Lentes da Academia adheriram tambem á causa brazileira. Os Lentes que não quizeram adherir á causa da Independencia, retiraram-se com suas familias para o Reino de Portugal. Quer os Officiaes de marinha, quer os Guardas-marinha e Lentes da Academia, prestaram juramento em livro proprio e o assignaram.

Apesar do grande numero de Officiaes que adheriram á causa do Brazil, o Governo Imperial entendeu ser de bom conselho engajar no estrangeiro mais alguns Officiaes e marinhagem, para com elles guarnecer os navios de guerra que houvessem de operar contra a nação portugueza, na luta que sobre a Independencia do Brazil se ia travar.

E de facto foram engajados os seguintes: João Taylor, Lord Cochrane, Thomaz Sackville Crosbie, João Pascoe Greenfell, Jaime Sheperd, Estevão Carlos Cleuley, James Northon, Samuel Gillet, Jorge Clarense, João Roger Gledou, Carlos Watson, Guilherme James Inglis,

Duncan Macrieght, Ambrosio Challes, Jorge Cowan, Raphael Wrigth, Carlos Mosselen, José Litscottan, Carlos Jell, Ricardo Hayden, David Jevett, Bourwell John, Jones Wilson, Carlos Rosse, Ricardo Murphi, Guilherme Jackson, Guilherme March, David Carter, Matheus Welch, Jorge Mensou, Bartholomeu Hayden, Guilherme January, Guilherme Parker, Alexandre Ryde, Diogo Walles, Jayme Thompson, Benjamim Kelmar, Vicente Jorge Chrofton, Francisco Clare, Samuel Chester, James Nicoll e Jorge Broon.

A Lord Cochrane o Governo Imperial concedeu a patente de 1.º Almirante, e aos outros, conforme as recommendações ou a reputação militar que gozavam, concedeu-lhes patentes do posto de Capitão de Fragata para baixo.

Tambem foi admittido ao posto de 2.º Tenente, por Decreto de 21 de Maio de 1823 o ex-Guarda-marinha Pedro Ferreira de Oliveira, que achando-se em Lisboa ao tempo em que se declarou a Independencia do Brazil, pedio immediatamente a sua demissão do posto de Guarda-marinha, recolhendo-se ao Brazil, sua patria.

Alguns dos navios de guerra portuguezes, que se achavam em fabrico e não poderam acompanhar a Familia Real para Portugal, ficaram pertencendo ao novo Imperio; e foi com alguns desses navios que se deu começo á luta da Independencia nas Provincias do Norte do Imperio.

E sendo, poucos os navios de guerra aproveitados, forçoso foi ao Governo Imperial tratar de prompto da acquisição de alguns navios de guerra e transportes. Ao distincto patriota Martim Francisco Ribeiro de Andrada que se achava dirigindo a pasta da Fazenda, coube a feliz idéa de uma subscripção

nacional e mensal, para com ella se acudir ao fabrico e á compra de navios; e por Decreto de 24 de Janeiro de 1823, foi posta em pratica essa idéa.

O povo brazileiro não se fez esperar, e de toda a parte appareceu dinheiro; e em breve tempo seguio para o Norte do Imperio uma soffrivel esquadra ao mando do 1.º Almirante Lord. Cochrane.

II

SUMMARIO

Luta da Independencia nas Provincias do Norte do Imperio. — Perseguição dos navios da esquadra portugueza até a embocadura do Téjo, pela Fragata brazileira *Nictheroy.*

Na Provincia da Bahia a luta da Independencia promettia ser renhida: alli existiam alguns navios de guerra portuguezes, e uma força de aguerridos soldados ao mando do General Madeira.

Por Decreto de 29 de Março de 1823 foi declarado em bloqueio o porto da Bahia e nesse mesmo dia seguio do Rio de Jadeiro, para effectuar o dito bloqueio, uma Esquadra brazileira, ao mando do 1.° Almirante Lord Cochrane, e composta dos seguintes navios: Náo *Pedro I* (antiga *Martins de Freitas*), Fragatas *Piranga, Nictheroy,* e *Carolina;* Corvetas *Maria da Gloria,* e *Liberal;* Bergantim *Guarany;* Escunas *Real* e *Leopoldina.*

Navegava essa Esquadra no dia 3 de Abril das 6 para 7 horas da manhã ao rumo de *O*¼° *SO* e vento moderado de *E*, quando distante apenas umas 8 ou 9 leguas da Ponta de Santo Antonio da Bahia, avistou alguns navios ao rumo de *SO*, e logo depois reconheceu ser a Esquadra portugueza que tinha sahido do porto da Bahia. Com effeito eram, a Náo *D João VI,*

duas Fragatas de linha, duas Corvetas, duas Charruas, um Bergantim, uma Escuna, e quatro navios Transportes de diversos lotes e armação.

A Esquadra portugueza vinha amurada por *EB* e á bolina, e disposta da seguinte forma: a Náo, uma das Fragatas, uma Corveta, e o Bergantim, formavam a vanguarda; a outra Fragata, uma Charrua e tres diversos navios, formavam o centro; e duas Corvetas formavam a retaguarda.

O Almirante Cochrane ao reconhecer os navios portuguezes fez logo o signal de preparar para o combate.

Ao meio dia, mais ou menos, distavam entre si as duas Esquadras de 2 1/2 a 3 milhas.

A esse tempo um outro signal do Almirante brazileiro mandou atacar o centro e a retaguarda inimiga.

A Fragata *Nictheroy* dirigio immediatamente o rumo para as duas Corvertas da reta-guarda inimiga; e a Fragata *Piranga*, Corveta *Maria da Gloria*, e Náo *Pedro I*, investiram o centro. Nesta investida uma das Charruas portuguezas foi tocada, arriou a bandeira, porem arribando toda, fugio.

A vanguarda da Esquadra portugueza vendo a manobra dos navios brazileiros, tomou bordo opposto, veio em protecção dos navios da retaguarda, e travou luta com os navios brazileiros. O fogo tornou-se vivissimo; as Fragatas brazileiras *Nictheroy* e *Piranga* despejavam já bandas inteiras: os estragos eram immensos.

Aproximava-se porem a noite, e um máo tempo cahira repentinamente, forçoso foi interromper o combate A Esquadra portugueza, fazendo força de vela recolheu-se toda ao porto da Bahia; e os navios

brazileiros tomaram o ancoradouro do morro de S. Paulo, e alli foram reparar as grandes avarias que soffreram.

Feitos os necessarios concertos, o Almirante Cochrane a bordo da Náo *Pedro I*, acompanhado de diversos navios, seguio a fazer um reconhecimento ás posições do inimigo, e nesse reconhecimento chegou a penetrar no porto da Bahia, onde pretendeu atacar a Náo portugueza *D. João VI*, o que não levou a effeito por ter escassiado o vento e repontado a maré. Desejava dar uma outra investida á Náo ou a outro qualquer dos navios, porem nenhum conhecimento tinha do porto da Bahia, e os praticos que tinha a bordo não se queriam prestar nem responsabilisar senão pela entrada da barra, e chegar, quando muito, ao ancoradouro.

Mister foi portanto esquecer esse intento, até chegarem do Rio de Janeiro as cartas e mappas que então se exigiram, e occupar-se a bloquear o porto, tornando esse serviço o mais rigoroso. A este tempo reuniram-se á Esquadra brazileira um grande numero de embarcações pequenas, armadas e preparadas no reconcavo da Bahia, e todas foram postas sob o commando do Chefe de Divisão Tristão Pio dos Santos, que viera do Rio de Janeiro com a nomeação de Intendente e Inspector do Arsenal de Marinha da Bahia, e aguardava occasião de se impossar nos ditos lugares, occupados na occasião por forças portuguezas.

A Esquadra portugueza temia muito qualquer golpe inesperado, mesmo no ancoradouro onde se achava: tinha por noticia a valentia e ousadia do Almirante Cochrane, e desejava furtar-se quanto antes ás suas tentativas. Fez portanto adiantar, e talvêz mesmo precipitar, os acontecimentos, de sorte a poder escapar-se das perseguições da Esquadra brazileira.

E com effeito, no dia 2 de Julho, á 11 horas da manhã, quando achava-se á vista apenas a Náo *Pedro I* e uma Corveta, e todos os mais navios brazileiros fundeados no ancoradouro do morro de S. Paulo; bem como todas as Canhoneiras e Bombardeiras do commando de Tristão Pio, fundeadas no Porto das Mercês, a Esquadra portugueza, acompanhada de diversos Transportes, em numero talvez de 80 velas, suspendeu e fez-se ao mar, abandonando o porto da Bahia, sem que os brazileiros o podessem impedir.

A Náo *Pedro I*, onde se achava o Almirante Cochrane, seguio nas aguas da Esquadra portugueza, e o resto da Esquadra brazileira, avisada em tempo, achava-se á vista do inimigo fugitivo ao amanhecer do dia 4 de Julho.

A Esquadra portugueza tinha com effeito abandonado o porto e a cidade da Bahia, seguindo para Portugal. A bordo de seus navios tinha embarcado toda a tropa, commandada pelo General Madeira, e as familias que se quizeram retirar; bem assim tambem tinham embarcado e seguiam para Portugal todos os objectos de prata e ouro encontrados em diversas Igrejas e edificios publicos.

O Arsenal de Marinha tinha sido arrasado e incendiadas ou mettidas a pique todas as embarcações pequenas ao serviço do dito Arsenal. A propria ferramenta dos operarios fôra embarcada ou inutilisada.

Os navios brazileiros seguiram de perto o comboio portuguez, apresaram alguns dos navios mais retardados na marcha, fazendo-os conduzir ao porto da Bahia ou a Pernambuco.

Lord Cochrane entretanto não podia ir muito além na perseguição dos navios do comboio inimigo: tinha

tambem a missão de restabelecer o socego nas demais provincias do Norte, e forçoso lhe foi abandonar os fugitivos, entregando com tudo á vigilancia da fragata *Nictheroy* o seguimento da derrota de taes navios.

A Esquadra brazileira, voltando á sua missão pacificadora do Norte, teve de operar no Maranhão e Ceará, não contra Esquadras nem mesmo navios soltos, porém em diversos desembarques que foram precisos dar e no ataque de alguns fortes existentes. Os Officiaes e guarnições prestaram relevantissimos serviços, e a Independencia foi reconhecida em todo o Norte do Imperio.

No dia 9 de Novembro de 1823 o Almirante Cochrane dirigio ao Governo Imperial o seguinte officio:

« Illm. e Exm. Sr. — As cartas que tive a honra de dirigir a V. Ex. pelos varios navios despachados do Maranhão, já terão informado a V. Ex. que seguimos a força naval do inimigo para além da Linha; do desbarato do seu comboio; da tomada dos seus Transportes com tropa destinada a continuar a guerra nas provincias do Maranhão e Pará; da chegada desta Náo ao Maranhão; da entrega das forças navaes e militares; de ter deitado abaixo o Governo portuguez em ambas as provincias; da libertação dos patriotas brazileiros que estavam presos pelas autoridades portuguezas, da declaração da Independencia pelas provincias libertadas, da união dellas ao Imperio do Brazil, da eleição de Governos temporarios, do embarque e sahida da tropa portugueza para a Europa e do enthusiasmo com que o povo, aliviado do terror da oppressão, aceitara e proclamara em toda a parte Sua Magestade Imperial, Imperador Constitucional do Brazil.

« Tendo feito todos os arranjos que me pareceram,

precisos, larguei daquelle Porto na Não *Pedro I* no dia 20 de Setembro, e aqui me acho hoje em frente á Barra do Rio de Janeiro, certo de que se acham expulsos todos os inimigos da Independencia do Brazil, e que a Autoridade de Sua Magestade o Imperador felizmente se estende sem embaraço até os ultimos limites do Imperio.

« Deus guarde a V. Ex.

« Bordo da Não *Pedro I*, na Barra do Rio de Janeiro, em 9 de Novembro de 1823.— *Cochrane.*»

Na mesma data em que o Almirante Cochrane partecipava ao Governo Imperial o resultado de sua missão no Norte do Imperio, chegava á Bahia o valente e distincto Capitão de Fragata João Taylor de volta da sua importante commissão dando caça, apresando navios, e perseguindo o comboio portuguez até ás aguas do Téjo.

É uma pagina brilhante da historia da Marinha de Guerra Brazileira a dos feitos do Commandante John Taylor, e por isso damos em seguida a sua descrição, feita pelo punho do proprio Immediato da Fragata *Nictheroy*, o distincto Capitão de Fragata Luiz Barroso Pereira.

Esse documento, que vamos transcrever em sua integra, não traz os *gryphos* que agora lhe aplicamos; o que muito de proposito fizemos para chamar a attenção dos leitores e justificar-mos as palavras com que como, opinião nossa, terminamos este escripto.

« *Relação Nautica-militar da viagem da Fragata do Imperio do Brazil, a* Nictheroy *a cargo do Capitão de Mar e Guerra João Taylor, Commandante ; sendo Official Immediato o Capitão de Fragata Luiz Barroso Pereira.— Comprehendendo o periodo de sua sahida do morro de S. Paulo em* 2 *de Julho, até* 9 *de Novembro, dia em que afferrou no porto da Bahia,* 1823.

« A Esquadra brazileira, que com inesperada fortuna, e como por evidente protecção da Providencia largou do Rio de Janeiro debaixo do commando do illustre e bravo 1.º Almirante Lord Cochrane Marquez do Maranhão, para libertar a Bahia da oppressão e tyrannia dos satellites da facção revolucionaria das Côrtes de Portugal, não tinha podido preencher o seu fim por concussão de fataes circumstancias: occorreram outras que fizeram estacionar parte das embarcações dentro do morro de S. Paulo, e bem que eram corollarios das primeiras:

« Eis a razão porque a Fragata *Nictheroy* se achava separada da Náo *Pedro I,* e não gozava da gloriosa tarefa de bloquear a Bahia : o seu Commandante porém com os Officiaes e marinhagem ingleza teve a fortuna de acompanhar S. Ex. o Sr. Marquez do Maranhão nas suas operações a bordo da Náo, ficando a Fragata com o resto da guarnição brazileira :

« Assim bem que innocentemente o Official immediato padeceu immersão no serviço militar durante aquella época da campanha, todavia não deixou de lhe tocar sobejo trabalho, e de attendivel consideração.

« Apurados porém os inimigos, e conhecendo, que o desastre militar era inevitavel obstinando-se na sua louca e criminosa defesa, decidiram evacuar; apesar

porém de todos os estratagemas, seus intentos e projectos não escaparam nem podiam sorpreender a penetração e agudo talento do 1.º Almirante; e sem duvida com tal receio elles promoveram antecipar a evacuação, antes da época decretada: e todavia assim mesmo dando á véla no dia 2 de Julho não conseguiram illudir o Almirante brazileiro, mas desgraçadamente não estava ao alcance de S. Ex. crear recursos do nada, nem fazer effectivas suas sabias providencias no meio de insuperaveis obstaculos.

« Neste conceito e estado de cousas appareceu no morro o Commandante da *Nictheroy* com os seus Officiaes inglezes e marinhagem, e alem de chegar inopinadamente no dia 1.º trazia ordem terminante para dar a véla no seguinte dia 2 de Julho.

« Considerado o estado da Fragata, a escassez dos meios, póde bem avaliar-se quaes difficuldades se venceriam, qual trabalho, e energica actividade era necessariamente correspondente para cumprir a ordem, mas sobrava a disciplina, *o amor da gloria e o patriotismo*: assim bem que falta de muitos artigos a Fragata estava fóra no dia apontado; seria injusto negar os louvores merecidos a toda a guarnição, naquella época *com maioridade de Brazileiros.*

« Reunida a pequena Esquadra no dia 3, e não se compondo senão da Náo *Pedro I,* Fragatas *Nictheroy* e *Real Carolina,* Corveta *D Maria da Gloria,* e Bergantim *Andrade,* velejou em alcance do inimigo tendo todos os Commandantes recebido suas instrucções e ordens particulares acerca de seus destinos e operações; ignora-se quaes fossem, mas pelo resultado, pelo modo de navegar do Navio General, se póde sem erro concluír que S. Ex. queria operar sobre si, para não

ser constrangido a acceitar um combate que não lhe conviesse em attenção aos interesses do Brazil naquelle entonces: confiando no demais na pericia, coragem e honra dos Officiaes que tinham a seu cargo *embarcações de guerra*, deixando-os por isso manobrar a seu arbitrio e vontade: soprando vento favoravel, perto das cinco horas da tarde appareceu em vista o comboio inimigo navegando ao Nordeste, não com força de véla para se conservar reunido, cautela que não lhe valeu, pois em breve teve sinistra separação.

« Uma noite escura chuvosa e de tempestade veio após de um dia aprazivel, foi favoravel ao inimigo que conseguio roubar-nos o rumo, mas foi ao mesmo tempo para elles gravemente prejudicial por não poderem conservar-se reunidos; o mesmo aconteceu á Esquadra brazileira, porém em razão de obrarem e navegarem cada um Commandante sem preceito de comboio por taes serem suas instrucções.

« Assim no seguinte dia só estavam em vista a *Real Carolina* e *Maria da Gloria*, e mesmo em distancia tal, comtudo que se vio fazer fogo sobre embarcações inimigas separadas do comboio e tomal-as.

« Indeciso o Commandante a que rumo lhe demoraria o Almirante e o inimigo, e achando-se proximo da costa pairou bordejando até a meia noite.

« Fez-se na volta de Lesnordeste a uma hora da madrugada, e não tardou muito que se não vissem luzes, que se suppuzeram ser do comboio luzitano, demorando ao Nornordeste; e ao amanhecer com effeito se divisaram grande numero de vélas: de tarde claramente se distinguio sua força e qualidade; a Náo, duas Fragatas, tres Corvetas, um Bergantim, nove Galeras e uma Sumaca, todavia na distancia não se

podia affirmar com moral certeza, o que no dia seguinte se verificou pelo registo da Sumaca *S. José Triumpho*, que se remetteu para o Rio com officios: do seu Mestre constou serem as mesmas embarcações de guerra acima referidas, suppondo-se já tomados os Transportes que faltavam, ou ao menos extraviados; constou mais serem as ordens das Côrtes que parte das embarcações e tropa passassem ao Maranhão:

« Esta circumstancia se possivel é, dobrou o cuidado do Commandante, e seu zelo para não desamparar o inimigo conserval-o sempre em susto e cuidado pelo temor dos vasos do Imperio do Brazil, observando seus movimentos, por cujo motivo na tarde do mesmo dia se approximou o mais possivel, e era sem duvida uma scena bem extraordinaria vêr uma pequena Fragata navegar a rumo de caça de uma força tão superior, e esta conservar-se em indolente permanecia, quando o Commandante da *Nictheroy*, montado dias inteiros sobre a verga do velaxo parecia escarnecer do seu poder; aliás lhe restava o pezar e a toda a guarnição de não se offerecer opportuna occasião de os hostilisar, e provar-lhe a *boa disposição da importuna embarcação brazileira*, que felizmente para elles se achava só

« Attendendo ao informe do Mestre da Sumaca, mesmo não sendo certo, era de razão, e como tal julgou o Commandante acertado ir ao Maranhão, logo que a Esquadra inimiga se fizesse na volta da Europa, mas emquanto isto não tinha execução quiz o Commandante a todo o risco tentar algum golpe atrevido, mesmo que não tivesse muito fructo.

« Achava-se a Fragata na latitude de nove para dez gráos, dia 7, entrou de noite no comboio que

navegava em linha, passou o tiro de fuzil, da vanguarda, e correndo para a retaguarda sempre a distancia de fogo despejou toda a banda de estribordo sobre o ultimo navio, que depois se soube ser o *S. Gualter.*

« Ha neste passo cousas raras a notar; não ser caçada a Fragata passando tão perto da Náo; o arrojo do Commandante, o denodo da guarnição, a certeza e silencio das manobras, e a reciproca confiança, rivalisando a guarnição com o Commandante, este no seu denodo e temeridade, aquella na firmeza e alegre obediencia em satisfazer as ordens; pois apezar de ser feliz não se deve escurecer o risco e perigo, nem negar o louvor a tenção e motivo de fazer *brilhar a gloria da Marinha Brazileira.*

« Não podia deixar de causar na alma do Commandante, a mais grata sensação o vêr dar uma tão primorosa banda no meio das trevas sem o mais leve borborinho: a não ser louca temeridade o Commandante tentaria cortar a linha, e no momento de supreza despejaria uma banda pelo poupa de uma das Fragatas ou mesmo saudaria a Náo, pois segundo confessou, por vezes o investio vehemente tentação, suffocada porém pela responsabilidade de uma embarcação do Estado a elle entregue com plena confiança.

« Navegou a Fragata sempre em caça de observação até que na tarde de 10 de Julho achando-se já na latitude de seis para cinco gráos pareceu quasi certo que o inimigo seguia para Portugal: em virtude do que passou o Commandante a pôr em execução o seu projecto de ir á altura do Maranhão: moveu o maior dissabor ao Commandante receber neste tempo parte de achar-se bem ferido o mastro grande. rendido e arruinado o mastro da mezena, isto além de todo o panno

da Fragata se achar summamente diafano e dilacerado, pois do Rio sahio com elle velho, parecia fazer impraticavel a briosa derrota, que se projectava: com actividade se cuidou em remediar a avaria e cerrando os olhos a sustos e receios proceder na carreira já incetada com tão felizes auspicios.

« Correu-se pois com vento forte pelo canal de S. Roque não sem paciente cuidado dos seus perigosos baixos, em attenção á extraordinaria corrente que se encontrou, e ao tempo ser tempestuoso; tudo superou a fortuna do Brazil.

« Na tarde de 11 encontramos uma Sumaca presa da *Maria da Gloria*, o tempo não permittio ir a bordo, mas passando á falla duas vezes o Commandante prevenio o joven e inexperiente Official que a commandava, da sua perigosa posição, pois bordejava para tomar Pernambuco, o que sendo impossivel, lhe fez dizer demandasse o Ceará, como no seguinte dia se não a vistasse, pungente receio existe da sua sort', talvez bem funesta.

« Com feliz viagem se avistou o Ceará na tarde de 12, e ancioso o Commandante de enviar embarcação á terra, tanto para tomar lingua, quanto para espalhar a grata noticia da salvação da Bahia quando aliás o embaraçava o receio da demora, e de outras não pensadas occurrencias um venturoso acaso deparou sobre a costa um Cutre que vinha de Pernambuco; fez-se vir a bordo o Mestre, bem que com custo, pois nos tomava por Lusitanos. Sem a menor demora o Commandante escrevendo ao Governo uma civil carta remetteu para ser derramada pelas Provincias a seguinte Proclamação:

— « Valerosos habitantes das Provincias do Norte do Brazil.

— « Livre da tyrania exulta já a malfadada Bahia agora feliz por ser lançado nos braços do melhor dos Soberanos: Os vis e crueis oppressores constrangidos pelo valeroso Exercito brazileiro, e pela denodada Esquadra a cargo do benemerito 1.º Almirante Lord Cochrane pisam em fuga sobre o Oceano: é porém doloroso que vão carregados de despojos, bem como vão carregados de crimes e de maldições.

— « Nem os Vasos Sagrados, nem as Santas Reliquias escaparam á sua sacrilega avareza! Deve comtudo, consolar-nos que o valeroso Almirante vai em seu alcance: a Fragata *Nictheroy* debaixo de meu commando tem a mesma commissão; é de esperar haja occasião de os hostilisar o mais possivel.

— « A' honra e gloria de tal empreza eu sou bem feliz de ajuntar o prazer de levar ao vosso conhecimento tão aprazivel nova: Successo que immediatamente decide da sorte do Brazil. Tudo se deve primeiro á Providencia, e depois aos disvelos sabios e augustas medidas do Nosso Adorado Imperador.

— « Em breve do Amazonas ao Prata só retumbarão os venturosos e gloriosos vivas — *Ao primeiro Imperador do Brazil Pedro o Grande.*

— « Bordo da Fragata *Nictheroy*, a véla, á vista do Ceará, 12 de Julho de 1823. — *João Taylor*, Capitão de Fragata Commandante. » —

« Deve-se fazer a justiça que não foi vaidade ou orgulho que deu nascimento á anterior peça, mas sim a intima convicção de que seria util aos interesses do Imperio, devendo o publico relevar o apparecer sem o

cunho da eloquencia digna do objecto, e por ser obra de um momento. Bordejava o Cutre para tomar o Ceará, e já a Fragata demandava o Maranhão com força de véla, embellezada a guarnição em seus futuros destinos.

« Preenchida a altura do Maranhão com navegação proxima da costa conservou-se a Fragata cruzando sem que apparecesse véla alguma até o dia 14; era portanto certo que vistas as circumstancias do tempo e vento favoravel, ou as embarcações que eram destinadas para o Maranhão já estavam dentro, ou tinham tomado differente destino, e portanto se fazia inutil a demora e prejudicial quanto ao alcance do inimigo; deitou-se a caminho para cortar a linha quanto antes: com effeito na noute seguinte pela vez primeira sulcou o Oceano do Norte *uma embarcação de guerra do Imperio*, salvo, se a Náo *Pedro I* não o praticou algum dia antes.

« Se o coração de todo o bom Brazileiro não póde deixar de palpitar com alegre sensibilidade ao reflexionar em tal passo, julgue-se do que deviam sentir os que a bordo da Fragata iam com intrepidez *buscar o inimigo á Região das Ursas*, não deixando com tudo de soffrer magua e saudade ao vêr mergulhar o Augusto Cruzeiro.

« Com ventos prosperos em veloz carreira seguia a Fragata sem que occorresse novidade, quando no dia 21 fallou-se a um Bergantim, navegando de Pernambuco para Gibraltar, deu noticia de terem entrado naquelle porto varios Transportes apresados pela Náo *Pedro I*; e no dia 24 a uma Galera da mesma nação, que deu a espantosa noticia da contra-revolução em Portugal, e de terem sido derribadas as Côrtes pelo Partido Realista anti-constitucional.

» No dia 7 de Agosto porém, estando em vista uma

grande embarcação, e tendo sido reconhecido o pavilhão portuguez julgou-se seria *um dia de gloria para a Nictheroy* batendo uma Fragata luzitana, e era tal a confiança do Commandante, que não duvidava da victoria, e mais de que esta seria declarada sem longo combate; fallou á guarnição não para a incorajar, era superfluo, *vendo os semblantes e a disposição,* mas sim para lhe fazer entender que não seria contente se o combate em dez minutos não estivesse finalisado, protestando da sua parte pôr a Fragata a beijar os laizes da inimiga: quanto ao demais o entregava á honra e *coragem da sua valerosa guarnição:* é de crêr não se equivocasse, mas a fortuna deparou em vez de Fragata o Transporte *Grão Pará.*

« Eram as ordens passadas ás baterias só fazer tres tiros para intimar arriassem a bandeira, e se rendessem: quiz porém a fatalidade que louca temeridade e pouca pericia sem nenhuma prudencia levasse o commandante da tropa do Transporte ao delirio de querer bater-se: ao aproximar-se foram vistos soldados a postos, rectificando as pontarias, e tendo outros promptos para a taifa.

« Sendo do dever de um Official em commando poupar a effusão de sangue, não sacrificar a de seus subditos para minorar a perda do inimigo, e emfim decidir a acção o mais prompto possivel, o Commandante levado de taes reflexões, apesar que repugnasse a seu generoso coração, immediatamente alterou as ordens, e em minutos de intervallo foi *arriada a bandeira ingleza que estava içada,* para tremular a brazileira: ainda bem não tocava o penol, quando choveu sobre o inimigo uma banda clara de bala raza; saudavel medida; aterrados nem um só tiro dispararam:

foram bem felizes de ter poucos mortos, devido isto ao despreso ou pouco interesse que os artilheiros tomaram contra um mercante, bem que tivesse montadas e promptas oito peças por banda, era debil competidor para o seu orgulho.

« Perplexo se achou o Commandante sobre o destino que daria á tal presa, carregada de duzentos e setenta soldados e grande numero de passageiros, sobre a latitude de quasi 31 gràos Norte : a Fragata não podia prescindir dos poucos mantimentos que tinha a bordo, e menos de agua : o Transporte não tinha os sufficientes para regressar ao Brazil : e nem era conveniente despir a Fragata de gente para o guarnecer, quando ia buscar combates sobre a costa de Portugal.

« Assim mandou arrojar ao mar toda a sua artilharia, tomou-lhe a polvora, e todo o armamento, fez que todos assignassem termo de prisioneiros de guerra, e como taes não poderiam tomar armas contra o Brazil durante a presente guerra : isto concluido os despedio.

« Deve acreditar-se que este era o melhor arbitrio, e o mais proprio das circumstancias; seguindo na mesma derrota registrou-se no dia 11 uma Galera franceza vindo da India para a Europa : não communicou novidade de consequencia.

« Achando-se a Fragata proxima á altura das Ilhas, e não havendo aguada para que se podesse demorar sobre a costa, pareceu acertado refrescar, e fazer agua na ilha das Flôres, onde ella aportou no dia 19 do mesmo mez; conservou-se sempre sobre véla *e com a bandeira ingleza*, afim de evitar contestações desagradaveis, bem que tendo alli chegado já de officio a certeza da queda das Côrtes, e liberdade de El-Rei S. M. F. é muito de suppôr não houvesse implicancia, mesmo

que se içasse a bandeira brazileira : todavia não se deixou apparecer senão *a porção da guarnição ingleza*; houve reciproca hospitalidade, sem a menor diplomacia; e superando mil difficuldades conseguio-se progredir na derrota para Portugal a 24.

« Logo ao separar-se da ilha a Fragata, se registrou um Bergantim inglez, que nada disse de que se deva fazer menção: era da tenção do Commandante tocar no Faial onde deviam ter arribado muitas embarcações inimigas, mas não dando o vento, cedeu-se a esta má fortuna; correu-se quasi no parallelo da Roca como derrota mais obvia a encontrar embarcacações que o deviam demandar.

« A 26 deu-se caça e tomou-se o Hiate *Alegre*, que apezar de não ser de valor, o Commandante aproveitou para remetter para o Rio officios dirigidos a S. Ex. o Sr. Marquez do Maranhão e ao Ministerio, cujos conduzio um Official; correndo para a costa na manhã de 29 e apparecendo á vista duas embarcações, uma pela prôa e outra pela pôpa, decidio-se a caça pela primeira; a calma porém não consentio approximar-se a Fragata, *que tendo bandeira ingleza*, o navio caçado içou bandeira inimiga: não estando a atmosphera clara não se pôde bem conhecer a qualidade da embarcação, sendo certo ser muito grande, quasi ao sol posto deu todas as idéas de ser a Náo *D. João VI:* logo por conseguinte devia ser Fragata a que navegava pela nossa pôpa.

« Então se multiplicou a vigilancia do Commandante na sua navegação nocturna, sendo o vento variavel não valeu a falsa derrota, pois de noite em bordo opposto vinha tambem a Náo cortar o caminho da Fragata, e tão proxima que foi preciso arribar para

dar passagem a tão superior competidor, sendo esta Fragata mui debil para disputar o passo: tão proxima que evidentemente se conheceu o tombadilho e as baterias, apesar disso não se deixou de procurar a Roca, e assim ao amanhecer vio-se a Náo velejada e a Fragata atravessada; motivou alguma desconfiança, e por isso se paralisou a tomada do Hiate *Correio de S. Miguel*, que logo depois se effectuou mesmo tendo em vista os inimigos; foi enviado para o Rio, pois não apparecendo presas de valor não se queria desgostar a tripolação despresando as que o sorte apresentava: e havendo-se ao mesmo passo registrado o Bergantim inglez *Elisabeth*, que ia para Gibraltar, á rogos do Commandante, e com sacrificio de quarenta pesos por cada um em metal ou mantimentos, recebeu o Capitão 25 prisioneiros: dois dias depois igualmente se apresou o Hiate *Esperança*, que foi dirigido para o Rio: ao mesmo passo se registrou uma Galera ingleza que não deu novidade.

« Foram consecutivamente apresados os Hiates *Vigilante* e *Bom Succcsso*, e o Bergantim *União*, estes dois foram destruidos, o ultimo queimado, e o penultimo mettido a pique, depois de se aproveitar o possivel, o primeiro foi guarnecido e velejou para o Rio, bem como a 8 a Galera *Prazeres e Alegria* vinda do Pará: é bem singular que ao mesmo passo que se guarnecia a Galera e se mettia a pique o Hiate apparecesse em vista e se aproximasse parte da esquadra inimiga, composta de tres Corvetas e duas Charruas: assim tendo já feito duas presas em vista da Náo e Fragata *Perola* que a esse tempo corriam para Lisboa, o mesmo se repetio com geral contentamento da tripolação á vista

das referidas embarcações: pode julgar-se dos sentimentos do Commandante e Officialidade brazileira vendo assim tremular e escarnecer do poder dos Luzitanos o pavilhão brazileiro guardado por uma Fragata de pouca força. *Sem risco de adulação se pode acreditar que com tal guarnição se poderia tentar alguma cousa contra o inimigo*, e o Commandante não estando alheio de tal projecto esperava ir inopinadamente sobre elle na seguinte noite julgando de presente o dever proteger a presa, pois que o inimigo só appareceu pela meia tarde; estavamos em distancia de o caçar antes de poder entrar no Téjo.

« Um acontecimento imprevisto e singular fez desvanecer tal idéa; era noite escura, dá-se parte de embarcação proxima por sotavento, não custou chegar a postos a guarnição, pois dormio nessa noite junto das peças inclusivamente o Commandante da bateria do convez; sóbe á tolda o Commandante e julgando ser embarcação das que iam na retaguarda das Corvetas manda metter o leme de encontro, em tres minutos estavamos a tiro de pistola da Náo *D. João VI*; tres vezes nos fallou com arrogancia em claro portuguez, e outras tantas o silencio foi a unica resposta, fallou em inglez, então o *Commandante respondeu Fragata britanica Commandante F.*, indo com amura contraria ao momento se apartou: loucura seria idéar combate, mas a não ser a consideração de que na sua retaguarda viria a Fragata que dias antes se achava na sua conserva, é muito natural que virando a Fragata de bordo a fosse saudar pela pôpa com uma banda, como se desejava fazer no dia 7 do mez anterior; por instantes se esperava encontrar a Fragata, e como cumpria intrepidamente se achava prompta para acção; vã

esperança, a *Perola* se achava junto de Lisboa, como depois nos constou.

« Nada tardou que não apparecesse outra embarcação, que se pensou ser o Bergantim *Audaz*, e com a maior presteza se caçou, infelizmente era estrangeiro amigo: virou-se para demandar a Roca, apezar de termos moral certeza que ao mesmo rumo corria o inimigo em forças tão superiores: de caminho apresou-se o Hiate *S. José*, e de tarde avistamos o Cabo.

« *Poderia talvez sem augmentar o perigo ir mostrar-se o augusto pavilhão estrellado ás fortalezas do Téjo*, mais isso não daria lugar a que podessemos *continuar o corso por muito tempo*; assim na distancia de vinte e quatro milhas viramos.

« Eis para a gloria do novo Imperador uma pequena Fragata á vista do promontorio illusorio escolho da liberdade brazileira, arrostando as bandeiras da oppressão e tyrannia e fazendo tremular o nacional e imperial pavilhão: tal empreza com tanta presteza effeituada não podia deixar de sensibilisar todos os honrados Brazileiros e aterrar os oppressores; e será sempre digno honroso e glorioso laurel para o primeiro Official brazileiro que cooperou e para o Commandante que o executou. Graças sejam dadas ao Imperador em tudo Primeiro — Pedro o Grande.

« Pairando se conservou a Fragata, assim apresou o Hiate *Providencia*, e a Galera *Nova Amazona*, recem-sahida de Lisboa, Presas que ambos foram logo para o Rio: contava-se 10 de Setembro, estava preenchida a Commissão da Fragata, pois pelo Capitão da *Amazona* com certeza constava ter entrado no Téjo o resto da Esquadra, cuja segurança queria o Commandante trazer á Côrte; aberto o Prego de S. Ex. o Sr. 1.º

Almirante, parece que era concebido em ordens terminantes de regressar ao Rio immediatamente; iam-se incurtando os bastimentos, achava-se o panno da Fragata o mais arruinado possivel, havia em Portugal mudança politica e ministerial relativamente ao Brazil: assim todas estas considerações e razões imperiosamente decretavam que a Fragata regressasse para o Austral Hemispherio: neste supposto tendo registrado um Bergantim inglez que ia para Faro, nelle se deitaram varios prisioneiros, e sem demora no dia seguinte 11 se aproximou a Fragata do Norte de Lisboa para lançar em terra o resto: cumpre advertir que na altura de Lisboa se registraram varias embarcações amigas e neutraes, e que se deixou seguir para o seu destino um triste Hiate portuguez, em razão de ser todo o seu carregamento de propriedade ingleza, e navegava para a Irlanda.

« Com a maior fortuna no seguimento da costa apresou de tarde o Hiate *Paquete de Setubal*, meteu-se-lhe agua e mantimentos a bordo e nelle se lançaram á noite os prisioneiros para seguirem para a sua Patria no dia 12, assignando um termo analogo ao que prestaram os Officiaes a bordo do *Grão Pará:* este Hiate fez delle doação o Commandante a dois Mestres prisioneiros, e deu ordem que entrassem na Figueira; a um delles entregou o Commandante a seguinte carta de Officio, cuja julgou acertado dirigir ao Ministerio.

— « Illm. e Exm. Sr.— Os meus sentimentos, o decoro e delicadeza de um Official honrado, que pelo amor da gloria abraçou e jurou defender a causa sagrada do Brazil, a bem posta opinião da Brava e Generosa navegação brazileira que tão primorosamente e

tão gloriosamente proclamou a sua Independencia, debaixo dos auspicios de um heroe seu Augusto Imperador; fazem que eu tome a penna para produzir a V. Ex. os justos motivos e irrefragaveis razões que me tem levado a obrar hostilmente contra a Nação Portugueza, victima de seu delirio em acreditar demagogos carbonarios, Deve V. Ex. porém fazer-me a honra de se persuadir quanto pesa a meu coração vêr ateada uma guerra tão superflua e prejudicial a Portugal, e tão contraria aos Filiaes e Paternaes Sentimentos de tão Altos e Augustos Soberanos.

— « Abrindo mão de entrar em axiomas politicos, ou questões de direito publico, que não me pertencem, e são superfluas, logo que á luz publica appareceu, e á face do mundo o generoso e brioso Manifesto de Sua Magestade Imperial, me limito a ponderar a V. Ex. o seguinte: primeiro, o mesmo manifesto a formal declaração de guerra, com os fundamentos que a motivaram, cujo seria sem effeito no caso das Côrtes revolucionarias se não obstinarem o seu louco e barbaro systema, ou a Nação não corresse allucinada apoz de uma ideal soberania sobre o Brazil; em segundo lugar o infame comportamento de parte das tropas luzitanas na Bahia, mesmo quando foram constrangidas a evacuar a cidade, barbara obstinação de seus chefes, e as instrucções que receberam para no Maranhão ir proseguir na guerra de vandallagem, caso evacuassem a cidade que dominavam, procurando sempre semear nas nossas felizes regiões o veneno do systema carbonario e oppressor, tanto para adulterar a religião dos incautos Brazileiros, quanto para enthusiasmar ingratos europeus.

— « Finalmente o vêr Sua Magestade Fidelissima conservar o titulo vão e injusto de Reino Unido, e

não dar-se nos despachos das embarcações que seguem viagem para o Brazil a gloriosa categoria que merece e possue, isso com desdouro da Nação Brazileira e seu Augusto Soberano.

— « Á vista de claras reflexões não encontro a menor duvida de qual devera ser o meu comportamento, dever e conducta, tendo a honra de commandar um vaso de guerra da Armada do Imperio: e tendo preenchido as militares e guerreiras funcções inherentes a tal commando, posso sem vaidade applaudir-me da maneira humana e generosa com que tratei e fiz tratar os prisioneiros, bem que neste ponto eu terei a satisfação que V. Ex. será inteirado pela voz publica, e por elles pessoalmente, dando uma clara prova que a Nação Brazileira segue na presente guerra por violencia, e não por vingança ou rancor apesar de ter altos queixumes.

— « Certo porém na alta e augusta magnanimidade de Sua Magestade Imperial, tenho até com sacrificios e despezas feito regressar para sua patria os prisioneiros constantes da inclusa relação, obrigando-se sem violencia todavia pela sua palavra de honra de não servirem hostilmente, nem tomarem armas contra o Brazil e sua Independencia, durante a presente guerra e assignando termo as pessoas qualificadas, por si, e pelos seus subditos os que commandavam; neste estado eu considero como prisioneiros de guerra, que podem só ser riscados desta qualidade, ou havendo troca ou feita a Paz, e para tal fim é que se remette a V. Ex. a relação acima referida.

— « Tenho toda a honra e prazer em offerecer a V. Ex. os meus respeitos, com sinceros votos por uma prompta e feliz Paz.

— « Deus Guarde a V. Ex. muitos annos.

—«Bordo da Fragata *Nictheroy*, á vela, 18 milhas da Roca, aos 12 Setembro de 1823.

—«Illm. e Exm. Sr. Ministro e Secretario de Estado das Relações Estrangeiras.—*João Taylor*, Capitão de Fragata e Commandante.»—

«Ao passo que o Hiate navegou para a Costa, a Fragata se fez na volta da. Madeira, contava-se 12 de Setembro, foi neste dia que a *Nictheroy*, começou a sua viagem de regresso para o Brazil.

«Não tardou muito que não apresasse o Hiate *Santo Antonio Triumpho* que foi remettido para o Rio, e logo depois a Escuna *Emilia*, que depois de se lhe tirar o que convinha á Fragata recebeu os prisioneiros do *S. José*, e se deixou seguir o seu destino: no mesmo dia 15 quando se deixou a Escuna tomou-se o Hiate *Harmonia*, cujo igualmente se não guarneceu e se deixou por não convir despir mais a Fragata de tripolação, necessaria para algum encontro, se não provavel ao menos possivel: ia a Fragata na volta dos Açores quando se fizeram estas ultimas presas, tendo o Commandante variado de projecto, por querer ainda de caminho hostilisar o commercio portuguez; constando porém pelos individuos das mesmas presas todos contestes que na estação das Ilhas nada havia já, resolveu o commandante outra vez demandar directamente o Brazil, estando já, em longitude 15 gráos a Oeste de Greenwich: prospero vento nos favorecia, e com rapidez nos aproximavamos das Canarias quando na latitude de 28 gráos se apresou o Bergantim *S. Manoel Augusto*, que guarnecido seguio immediatamente para o Rio em vez de ir para Pernambuco sua directa descarga: continuava a viagem com felicidade, porém temendo-se o contratempo de larga viagem e

que a escassez d'agua viesse augmentar os males da guarnição ja falta de differentes artigos de bastimento pareceu acertado arribar á ilha de S. Nicoláu, o que se praticou, preferindo este porto levado o Commandante dos exagerados informes roteiros: achamos o contrario do que se esperava; máo ancoradouro, um paiz afflicto ha dois annos com a praga da fome, em razão de secca, uns habitantes por assim dizer meio selvagens: todavia fomos tratados com toda a hospitalidade, nem houve dissonancia por ser vaso de guerra do Brazil, por terem ahi aportado as novas occurrencias do systema politico de Portugal em os publicos papeis.

« É comtudo impossivel descrever o trabalho insano que custaram doze toneis d'agua que sómente podemos conseguir, tal era a exasperada secca das fontes do paiz !

« Estavamos a 7 de Outubro, dia aprazado para darmos á véla, dia que ia sendo bem fatal á *Nictheroy* : importuno e violento Sueste soprava ha dias, neste porém se declarou terrivel, tanto que fazendo diligencia para suspender foi impraticavel executar-se, e sendo arriscada e temeraria a demora por ser provavel variar o vento, e não ser então possivel salvar a Fragata, foi forçoso picar a amarra, o que se effectuou sem demora.

« Ainda bem não estavamos livre do cuidado penoso de montar as Ilhas, correndo já com as gavias nos ultimos e gata ferrada, quando de improviso em mar desencontrado a Fragata vem arremessada de guinada para bombordo, ao mesmo passo um terrivel furacão a toma e a arroja sobre o costado de estibordo : não levava véla de estay de prôa, por não haver a

bordo, achava-se supprida por uma mui pequena tomada a uma Escuna: o traquete ia carregado á barlavento por pouco antes se ter rasgado: assim não era facil obedecer ao governo, mesmo que se podesse dar agua ao leme; a muita agua que sorveu pelas portas da bateria, ainda que bem fechadas não causou sustos, pois de antemão se achavam já condemnadas as escotilhas, com xadrezes e encerados pregados: assim nada havia a receiar, senão o peor, era de ser a Fragata tragada pelo mar, pois apesar de mui valente era impraticavel poder-se resistir ao mar, que a golfadas entrava por cima da borda.

« Neste conflicto não é para estranhar que o pavor, os sentimentos religiosos e o natural instincto de olhar a morte com horror, apoucasse a coragem de parte da tripolação mas é por isso mesmo mais apreciavel a intrepidez de alguns Inglezes Brazileiros, dignos de todo o elogio: não queria o Commandante lançar mão dos extremos recursos se não na ultima crise, mas parecendo a Fragata querer esquecer-se adormecida, á voz do Commandante caem machados sobre a enxarcia da mezena, e em um momento é precipitado no mar o mastro, na sua queda faz em pedaços e desmonta a roda do leme, mas já se tinha prevenido prudentemente, tendo talhas em baixo, o que valeu para governar até que novamente se montou a roda, mesmo assim quebrada : não foi necessario senão cortar os cabos principaes, a força de mar, e a velocidade da Fragata fez o resto estalando até alguns fusis da abatucadura de estibordo.

« Emquanto a rascada se não desenvolveu, fomos obrigados a capear; todo o panno rasgado e despedaçado se espalhou pelo Oceano; havendo a carga do

porão sido arrojada a estibordo pelo rapido e forte embate, foi necessario precipitar ao mar a artilharia da tolda do mesmo lado, para de algum modo manejar o equilibrio da Fragata na sua fluctuação.

« Assim resurgio a *Nictheroy*, e não quiz a Providencia roubal-a ao serviço do Imperio, não podendo governar com o velaxo, unica véla que nos ficou. Assim pretendia vingar a injuria recebida o genio de Portugal, mas triumphou o grande genio protector do Brazil.

« Doze horas afrontada correu a Fragata, mas propicia alluvião de chuva rebatia a furia dos mares : foi socegando a tempestade, e com o começo de bonança se foi remediando a avaria ; bem feliz de não ter contrario vento até altura de 7 gráos Norte e 26 gráos de longitude, a cujo tempo se contavam 16 de Outubro : nesse dia depois de tomar uma Sumaca que de Cabo Verde ia para o Maranhão, com generosidade a deixamos por ser mui natural estar já aquella provincia unida á causa do Imperio, e por não ser de propriedade positivamente europea : dias antes se tinha fallado a dous Bergantins estrangeiros, um seguia para o Rio, e outro para Buenos Ayres : ao dissabor do acontecimento occorrido á Fragata veio ajuntar-se a falta de vento nesta occasião, tanto que sómente no dia 23 podemos outra vez sulcar o oceano Antartico, e já na longitude de 30 gráos e meio Oeste de Greenwich ; parecia que as Nereidas do Sul se recusavam a receber-nos : ou escramentados os genios do Brazil dos males aportados pelas embarcações vindas do Téjo, receavam receber uma filha sua : Mas não ; tinha razão ; a *Nictheroy* tinha preenchido seus deveres mas não tinha feito assaz pela gloria do Brazil : crea-se faltou-lhe a fortuna da boa occasião.

« Vencida se duvidava se seria a costa, temivel occurrencia; pois nem havia agua nem viveres para fazer a conquista bordejando; propicia brisa porém no dia 31 nos livrou de susto e com alegria se determinou aportar á Bahia: não foi o vento tão favoravel como se devia esperar em tal monção, e portanto o que no principio era arribada de prudencia foi ao fim de necessidade urgente.

« Emfim com difficuldade aferrou a Fragata no desejado porto a 9 de Novembro, não tendo mais que dois dias d'agua e um resto de máo legume, nada mais, nem lenha havia; tudo porém com satisfação se esqueceu encontrando um paiz de hospitalidade, um activo e benefico Intendente; um Governo liberal e generoso, e além das esperanças concebidas vai a Fragata regenerada brilhantemente e digna de apparecer na Côrte Imperial.

« Eis a tosca narração fructo de rude talento de um Guarda-Marinha brazileiro, feita porém com singelo coração e pura verdade, com a mesma póde proclamar ao mundo os fieis, verdadeiros e patrioticos sentimentos que naquelle existem pelo Brazil e pelo seu mui alto e Augusto Imperador. »

Em verdade, João Taylor prestou relevantes serviços nesta trabalhosa commissão: é, talvez, o facto mais importante de nossa Marinha de Guerra no periodo da luta da Independencia.

Foi uma empreza gloriosa, na qual, em cada dia as difficuldades e os perigos cresciam de vulto, sempre superadas pelo denodo e pela pericia de um Commandante realmente bravo, e de uma guarnição cheia de devotamento.

Porém forçoso é confessar que, se o Capitão de Fragata João Taylor, Commandante da *Nictheroy*, em toda esta commissão e seus gloriosos feitos, conservasse sempre içada no lugar de honra da Fragata *Nictheroy*, a bandeira Imperial auri-verde, os seus serviços teriam dobrado merecimento, e as glorias conquistadas para a nascente Esquadra brazileira seriam de um effeito real.

O que entretanto não se deu, usando e abusando constantemente aquelle Commandante da bandeira ingleza, esquecendo-se completamente de que não era simplesmente Commandante de um *navio de corso*, e sim Commandante de uma Fragata de Guerra Brazileira, que tinha a seu bordo uma guarnição *valente, enthusiasmada e ávida de glorias.*

III

SUMMARIO

Revolução de Pernambuco. — Demissão do Capitão de Mar e Guerra João Taylor. — Revolta do Ceará. — Revolta e Pacificação do Maranhão.

Em Março de 1824 já se achava de novo o valente João Taylor encarregado pelo Almirante Lord Cochrane da importante missão de pacificar a Provincia de Pernambuco, que então se achava em desordem e anarchia.

Achava-se o Commandante Taylor prestando os melhores serviços na pacificação de Pernambuco quando, por exigencias do Governo inglez fôra demittido do posto de Capitão de Mar e Guerra da Armada Brazileira e substituido na commissão em que se achava pelo Chefe de Divisão David Jewett, que seguio do Rio de Janeiro para Pernambuco no dia 24 de Agosto de 1824.

David Jewett, acompanhado do valente Capitão de Mar e Guerra James Northon, prestaram os melhores serviços na revolução de Pernambuco, e na occasião do ataque e desembarque do dia 15 de Setembro de 1824, em que se decidio a pacificação da Provincia de Pernambuco.

O General Francisco de Lima e Silva, Commandante em Chefe do exercito de operações em Pernambuco, dirigio, no dia 17 de Setembro, um officio ao Chefe Jewett, constante dos seguintes termos:

« Participando a V. S. achar-se de todo restaurada a capital desta Provincia, eu me congratulo com V. S. por este feliz successo, devido ás forças de mar e terra de Sua Magestade Imperial e Constitucional. Já existe a paz e não tardará o inteiro restabelecimento da tranquillidade e socego.

« Por tão plausivel motivo ha de celebrar-se amanhã na cathedral de Olinda um solemne *Te-Deum*, e nessa occasião tenho ordenado que as fortalezas desta cidade salvem com cento e um tiros, esperando que V. S. augmentará a magnificencia deste acto com uma igual salva dada pelas embarcações da Divisão ao Commando de V. S.

« Deus guarde a V. S.

« Quartel General no Palacio do Governo de Pernambuco, 17 de Setembro de 1824. — *Francisco de Lima e Silva*, Brigadeiro General. »

Seguindo-se á pacificação do Ceará, ahi tambem a marinha praticou actos do maior louvor. Presos os revoltosos, e entre elles os chefes Coronel Bezerra de Menezes, Padre Ignacio de Loyola, Ibiapinas, Ferreira Sucupira e outros, e morto o principal dos revoltosos Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, deu-se por finda a revolta, e pacificada toda a Provincia nos fins de Novembro de 1824.

Na Provincia do Maranhão tambem a marinha prestou relevantes serviços, e a ordem ficou quasi de todo restabelecida em fins de Dezembro de 1824.

IV

SUMMARIO

Motivos que levaram o Brazil á guerra com os Estados do Prata. — Batalha de India Muerta, Cerro Largo e Catalã. — Occupação de Montevidéo. — Batalha de Taquarembó. — Pretenções da Hespanha. — Congresso em Montevidéo. — Adhesão e encorporação de Montevidéo aos Estados do Brazil. — Missão de D. Valentim Gomes. — Protecção de Buenos-Ayres aos revoltosos da Cisplatina. — Manifesto de 10 de Junho de 1825. — Declaração de guerra a Buenos-Ayres.

Terminada a luta da Indepencia, e pacificadas as diversas Provincias do Norte do Imperio, uma nova campanha se empenhou nas aguas do Prata; a principio, para abafar uma rebellião na Cisplatina, Provincia Brazileira; e mais tarde, contra a Republica Argentina. Antes porém de entrar-mos na narração dos feitos da Marinha de Guerra Brazileira naquelles lugares, cumpre fazer um resumo historico dos motivos que levaram o Brazil ao estado de se declarar em guerra e empregar a sua Esquadra e o seu Exercito contra os Estados do Prata.

Tendo se mallogrado o plano de uma Monarchia Constitucional nos Estados do Prata, os individuos mais

exaltados daquelles Estados entenderam dever apressar uma revolução, com o fim de se emancipar da Hespanha o Vice-Reinado de Buenos-Ayres; levaram a effeito essa revolução, e proclamaram a independencia dos Estados do Prata em 25 de Maio de 1810.

Ao tempo daquella revolução, um audaz guerrilheiro por nome Artigas, trazia toda a campanha Oriental do Prata em um perfeito estado de subversão, preponderava inteiramente sobre as Provincias de Entre-Rios e Corrientes, e gozava de grande influencia nas de Cordova e Santa Fé.

Devido a esse estado da campanha Oriental, todo o territorio brazileiro confinante com ella, soffria os maiores prejuizos e vexames: era victima de continuas invasões e pilhagem.

Um anno apenas depois de declarada a emancipação ou independencia daquelles Estados, já os Brazileiros eram obrigados a empregar grande força armada para defender suas propriedades e repellir a massa de aventureiros que infestava as fronteiras do Rio Grande do Sul.

E nada menos do que um Exercito de 8.000 homens, ao mando dos Generaes D. Diogo de Souza, Curado e Manoel Marques, teve de invadir a campanha Oriental, bater e levar de vencida a gente de Artigas, nas diversas pelejas a que foram forçados em S. Borja, Ibiroacahy, Corembé e Arapehy; e d'alli se retirarem sómente depois de um accôrdo, celebrado e assignado em 26 de Maio de 1812.

Os mesmos effeitos que em 1811 reclamaram a presença das tropas brazileiras na campanha Oriental, manifestaram-se mais tarde e com maior incremento em 1816. As fronteira brazileiras continuávam em perene

sobresalto, e o celebre Artigas então appellidado o *Chefe dos Orientaes* e *Protector dos Povos livres*, muito ancho de si e das victorias que havia alcançado contra Buenos-Ayres, ameaçava arrogantemente o povo e o territorio brazileiro.

Foi mister portanto fazer de novo entrar no territorio Oriental as forças brazileiras que estavam estacionadas na Provincia do Rio Grande do Sul, ao mando dos Generaes João de Deus Mena Barreto e José de Abreu (Barão do Serro Largo); e reunindo a essas forças, a Divisão de Voluntarios Reaes Portuguezes, que acabáva de chegar de Lisboa, Commandada pelo General Lecór, se formou um sofrivel exercito do qual tomou o Commando o dito General Lecór: foi invadido o territorio Oriental, e alli se feriram as memoraveis batalhas de *India-Muerta* e *Catalã* [1]; occupou-se a cidade

---

[1] *Batalha da India-Muerta.* — Parte Official. — Illm. e Exm. Sr.—Em consequencia do officio que recebi de V. Ex., datado de 9 do corrente, e das disposições de marcha já communicadas a V. Ex. no meu officio de 12, sahi de Angustura no dia 16 e vim ficar no Passo Real de Castilhos, aonde principiaram a avistar-se, sobre as alturas em direcção de Chafalote, algumas espias que observavam a nossa marcha. E, tendo eu noticia que Fructuoso Ribeiro estava acampado no Sacco do Alferes, julguei necessario reconhecer as suas forças, antes de adiantar até Rocha as tropas do meu commando; para o que pedi ao Brigadeiro Pizarro, que marchasse até o Passo do Conselho com a sua brigada no dia 17, e que occupasse, no dia 18, o campo do Passo do Chafalote. Mandei igualmente que se lhe unisse a artilharia e um piquete de 60 cavallos, assim como tambem que ficasse com elle o commissariado.

de Montevidéo, em 20 de Janeiro de 1817; e mais tarte,

Acoberto deste movimento marchei no dia 17, ao cerrar a noite, com a vanguarda de meu commando, duas companhias de caçadores da 2.ª brigada, e um obuz, fazendo tudo a força de 957 homens, com direcção ao mencionado Sacco do Alferes. Na madrugada do dia 18 encontrei proximo á casa de Antonio de Souza, duas partidas inimigas, que se retiraram pelas alturas, observando miudamente a minha marcha e forças; e eu pude, encobrindo-lhes a infantaria, chegar nesse mesmo dia á costa do arroio de India-Muerta; passado este no dia seguinte, cheguei ás 11 da manhã ao Passo de Manoel Patricio, repellindo as espias e partidas do inimigo, que appareciam já em maior força.

Ao meio dia principiaram a aproximar-se á posição que eu occupava duas partidas inimigas, uma de 50 homens, pela minha frente, e outra de 140 no flando esquerdo, e, meia hora depois, appareceu nas alturas de India-Muerta, na minha retaguarda, o corpo do inimigo do commando de Fructuoso Ribeiro, em força superior a 2,000 homens a cavallo.

Este corpo tinha marchado toda a noite desde a costa do Arroio do Alferes, pela cochilha deste nome, com o fim de atacar a minha retaguarda, e postou na altura de Villa Velasques uma peça de artilharia de calibre 4, protegida por treis companhias de negros. Julguei então conveniente deixar a posição que occupava e atacar a linha do inimigo que era assaz extensa, antes que este mudasse de cavallos.

Ordenei, portanto, que dois esquadrões de cavallaria da Divisão, e uma companhia de caçadores passassem immediatamente além do passo que ha entre as duas posições e successivamente o passou toda a tropa, deixando ficar no

mencionado Passo, como era de necessidade, um destacamento commandado pelo Major Mac Gregor, para repellir as tentativas que alli faziam já as duas partidas mencionadas.

As quatro companhias de granadeiros commandadas pelo Tenente-Coronel Antonio José Claudino de Oliveiro Pimentel, marcharam com o obuz na direcção de Villa Velasques, e dois esquadrões da Divisão commandada pelo Tenente-Coronel João Vieira Tovar, cobriram a direita da linha; e o Major Jeronymo Pereira de Vasconcellos commandava um corpo de caçadores que, formando á minha esquerda, devia atacar o flanco do inimigo, sendo protegido pelos esquadrões da Legião de S. Paulo e Milicias do Rio Grande.

As cavalhadas da reserva dos esquadrões ficaram na retaguarda da columna do Tenente-Coronel Antonio José Claudino, com uma escolta de cavallaria. O inimigo principiou a fazer em toda a sua linha um fogo activo, mas sem ordem, e tentou flanquear os esquadrões do Tenente-Coronel João Vieira Tovar, ao qual ordenei que o fizesse repellir por um esquadrão.

Era então necessario fazer marchar alguma cavallaria para o Passo, que defendia o Major Mac Gregor e foi reforçado com 30 cavallos; o inimigo que o atacava tratou de unir-se á sua direita, o qual manobrava para envolver-nos; mandei então encorporar ao destacamento do Major Jeronymo Pereira de Vasconcellos, uma companhia de caçadores e lhe ordenei que fizesse avançar toda a direita dos seus atiradores.

O inimigo fez alguns tiros com a peça que tinha, mas sem effeito; pelo contrario, o obuz da columna do Tenente-Coronel Antonio José Claudino fez tiros muito bons.

Mandei a este tempo atacar a columna da esquerda pelos esquadrões de cavallaria da Divisão, que se conduziram com

o valor mais decidido, distinguindo-se mui particularmente os Officiaes.

Ao Tenente-Coronel Antonio José Claudino determinei que occupasse a posição da casa com os granadeiros do seu commando; o que elle executou com tanta firmeza como se fôsse em parada.

O combate se havia entretanto, ateado mais em toda a linha, porém o inimigo sendo roto e batido, fugio em desordem, e, querendo fazer alto a uma legua do lugar aonde o combate começara, foi desalojado por tres descargas de mosqueteria do corpo de granadeiros e não foi perseguido até mais longe por causa do cançaço dos cavallos e da tropa, tendo durado a acção, quatro horas e meia.

Tenho o maior prazer em significar a V. Ex. que toda a officialidade manifestou o seu valor e sangue-frio, e com particularidade o serviço de S. M. deve muito á cooperação do Tenente-Coronel Antonio José Claudino, cuja bravura e prestimo são bem conhecidos de V. Ex., e aos esforços do Tenente-Coronel João Vieira Tovar, do Major Jeronymo Teixeira de Vasconcellos e do Major Manoel Marques de Souza commandante dos esquadrões de S. Paulo e Milicias do Rio Grande, os quaes se conduziram com o valor e disciplina que era de esperar.

Foi tambem muito distincto o comportamento do Capitão João Nepomuceno, que tomou o commando dos esquadrões de cavallaria da Divisão, pouco depois da primeira carga; em consequencia das feridas do Tenente-Coronel Tovar e da morte do Major Duarte de Mesquita, assim como do 2.º Tenente de artilheria, Gabriel Antonio Franco de Castro, que dirigio o obuz.

Não devo omittir por esta occasião o dizer a V. Ex. que o Major Jeronymo Pereira de Vasconcellos, estando tão doente que vinha em uma carreta, me fez repetidas instancias para

ir á acção aonde com effeito se distinguio, commandando a força mencionada acima.

Sinto muito a perda que experimenta o serviço de S. M. pela morte de alguns Officiaes benemeritos e pela privação temporaria das feridas que receberam conforme V. Ex. verá na lista que tenho a honra de remetter inclusa; porém este sacrificio, ainda que muito consideravel, em razão da qualidade das pessoas não tem comparação com a perda e destroços do inimigo, a quem ficaram no campo perto de 200 mortos, deixando em nosso poder a peça de artilheria, que tinha, 30 prisioneiros na maior parte negros, 280 cavallos, muitas munições e armamentos, 2 caixas de guerra; e a correspondencia do chefe Fructuozo Ribeiro; e não levam menos de 350 a 400 feridos conforme o póde calcular-se, e que o dizem os prisioneiros.

Estou muito obrigado ao meu Ajudante de Ordens, Antonio Maria de Lacerda, a quem tocou expór-se mais vezes e que sempre o foi com vantagem para o bom exito deste dia.

O Cirurgião-Mór José Pedro de Oliveira é digno dos maiores elogios, por ficar exposto em todo o tempo da acção afim de ser util no exercicio do seu emprego, como foi, dando novas demonstrações do zélo que sempre o fez distincto.

Dois paisanos affirmam, que os dispersos de Fructuozo Ribeiro, se reunem do valle de Mamerayo, vertentes do arroio de S. Carlos.

Deus guarde a V. Ex.

Quartel General no campo do Chafalote, 21 de Novembro de 1816.— *Sebastião Pinto de Araujo Correia*, Marechal de de Campo, Ajudante General.

Ao Illm. e Exm. Senhor Carlos Frederico Lecór.

Batalha de Catalã.— Parte official.— N. 1.— Illm. e Exm. Sr.— Tenho a levado ao conhecimento de Sua Magestade,

por intervenção de V. Ex. as operações deste Exercito destinado, conforme as ordens do mesmo Augusto Senhor, á defesa da Provincia de Missões, da Fronteira do Rio Pardo, e hostilisar Artigas, e julgo terão merecido a approvação de Sua Magestade. Foi em o dia 15 de Dezembro que o estado da minha saude me permittio reunir-me ao Exercito que se achava na margem direita do rio Ibirapuitã, e o inimigo, na distancia de 16 leguas, occupava uma posição extremamente forte na margem direita do rio Arapehy.

As acções gloriosas de S. Borja, Ibirocay, e Corumbé, expulsando o inimigo do territorio da Capitania do Rio Grande, o havia escarmentado de maneira tal que era de presumir não tivesse a ousadia de apparecer; informaram-me, porém, os meus espias que, havendo recebido reforços, projectava atacar-me: nada convinha tanto como trazel-o a uma acção geral, e separal-o da posição que occupava; para o conseguir tentei-o com forças inferiores, fazendo marchar 500 homens de cavallaria commandados pelo Brigadeiro Thomaz da Costa Corrêa Rebello e Silva para os serros de Santa Anna, ordenando-lhe que, depois de se fazer ver dos espias, e partidas do inimigo, se reunisse ao Exercito, occultando a direcção da sua marcha.

Emquanto se executava este movimento eu marchava com o Exercito para o Paço do Faria no rio Quarahim, 8 leguas abaixo dos serros de Santa Anna, para o qual ponto, acreditando o inimigo a nossa marcha, se dirigio com a força de 3.400 homens debaixo do commando do Major-General La Torre; Artigas, porém, ficou na sua posição de Arapehy com uma escolta de 400 homens, reserva de munições, cavallos, e bagagem.

Immediatamente á minha chegada a Quarahim fui completamente informado das disposições do inimigo, e procurei adiantar-me para cortar á communicação de Artigas com o seu exercito, o que consegui, sendo esta posição vantajosa,

assim para esperar o inimigo, como para tentar um golpe de mão sobre Artigas; com esse fim puz em marcha na noite do dia 2 o Tenente-Coronel José de Abreu com 600 homens de infantaria, cavallaria, e duas peças de artilharia, e fiz marchar o regimento de dragões a postar-se na estrada de Arapehy para Santa Anna, observando os movimentos do inimigo por este lado e reforçando o Tenente-Coronel Abreu se o necessitasse.

Ao amanhecer do dia 3 atacou este Tenente-Coronel com o seu costumado valor a posição de Artigas, e depois de algum fogo carregou com a baioneta, e espada, e foi levada a posição, escapando-se, porém, Artigas; a perda do inimigo consistio em 80 mortos, alguns prisioneiros, quantidade de petrechos de guerra, inutilisando-se os que não se podiam transportar, e 1.400 cavallos.

Em o mesmo dia executando o que eu lhe tinha ordenado, reunio-se ao exercito o Tenente-Coronel Abreu, e juntamente o regimento de dragões. Conhecendo o inimigo o movimento falso que tinha feito sobre o serro de Santa Anna, passou para a margem direita do Quarahim para seguir-nos, e cumprir com a ordem positiva que tinha de atacar-nos; em o dia 3 tornou a passar para a esquerda do Quarahim, tomou uma posição na distancia de 3 leguas da nossa.

Em o dia 4 ao amanhecer deram parte os postos avançados da proximidade do inimigo, que não tardou em apresentar-se, apoiando os flancos com a artilheria, e cavallaria cobrindo os seus movimentos com grande numero de lanceiros de Indios Charruas, Minuanos, e Gaicurús, e nesta ordem atacou impetuosamente toda a linha.

Pretendia o inimigo, pela superioridade numerica das suas forças, desenvolver-se para voltear-nos; julguei por isso necessario que a esquerda da linha se limitasse por alguns momentos á defensiva, e, dirigindo-me do centro á

direita, mandei atacar o flanco esquerdo do inimigo; a carga pelo regimento de dragões, um esquadrão da cavallaria da Legião de S. Paulo, e o ataque de baioneta da mesma infantaria da Legião, são dignos dos maiores elogios, atrevendo-me a dizer gue nenhuma tropa do mundo póde exceder á intrepidez com que foi executada esta manobra, habil, e valorosamente secundada por uma carga feita pelo Tenente-Coronel Abreu, á testa de um esquadrão de milicias de Entre-Rios.

Consegui voltear o inimigo ainda empenhado contra a nossa esquerda, e fazendo um fogo mais vivo de artilheria, e mosquetaria, continuava na teima de voltear-nos por este lado: o segundo batalhão de infantaria da Legião de S. Panlo, a artilharia do mesmo corpo, o regimento de milicias do Rio Pardo, e nm esquadrão de Milicias de Porto-Alegre, sustentaram valorosamente a posição.

O Tenente-Coronel Joaquim Marianno com 100 homens de infantaria occupou um pequeno bosque que cobria a retaguarda da nossa esquerda, e, levando eu alli uma parte do esquadrão da minha guarda, e um esquadrão da cavallaria da Legião de S. Paulo, ordenei que esta cavallaria atacasse, protegida pela infantaria; foi este ataque simultaneo com todas as tropas da esquerda, e poz em fuga o inimigo em todas as direcções.

Mandei immediatamente o Tenente-Coronel Abreu a perseguir o inimigo, o que executou na distancia de 3 leguas.

A batalha de Catalã, a primeira na historia militar do Brazil, custou ao inimigo a perda de 900 mortos, 290 prisiosioneiros, 2 peças de artilharia de calibre 4, 1 bandeira, 7 caixas de guerra, 6.900 cavallos, 600 bois, um numero consideravel de armas, espadas, munições e bagagens; a perda de nossa parte constará a V. Ex. da relação que incluo, e, ainda que diminuta, sei quanto ha de affectar o animo piedoso de Sua Magestade, cuja incomparavel beneficencia eu

imploro em favor das familias dos mortos que foram victimas do seu extraordinario valor e lealdade.

As noticias que tenho do inimigo todas me induzem a crêr que a sua reunião será na Villa da Purificação, e em officio separado terei a honra de communicar a V. Ex. o que me parece conveniente nas actuaes circumstancias.

Faltam-me as expressões para elogiar devidamente a conducta de toda a tropa, e é grande o meu embaraço tendo de particularisar os que mais se distinguiram; seja-me, porém, licito, sem offuscar a gloria de que se cobrio todo o Exercito, mencionar especialmente o Tenente-General Joaquim Xavier Curado, cujos honrados e distinctos serviços em toda esta campanha justificam o conceito que me mereceu desde que principiou a servir debaixo de minhas ordens; foi muito distincto o comportamento do Brigadeiro graduado Joaquim de Oliveira Alvares, chefe da Legião de S. Paulo, e do Brigadeiro graduado João de Deus Menna Barreto, chefe do regimento de Milicias do Rio-Pardo, e não é esta a vez primeira que por motivos similhantes eu ponho na presença de Sua Magestade os nomes destes dignos Officiaes.

O Coronel agregado ao regimento de Milicias de Porto-Alegre, e Commandante dos dous esquadrões deste corpo existentes no exercito Bento Corrêa da Camara, ferido gravemente, continuou a acção, retirando-se depois de lhe haverem ferido o caval-o, e mudando-se para outro entrou de novo no combate.

O Sargento-mór Sebastião Barreto Pereira Pinto, commandando o regimento por molestia do Brigadeiro Chefe, e do Tenente-Coronel, conduzio-se valorosamente.

Ainda que no presente officio já fizesse menção da conducta do Tenente-Coronel Abreu, eu faltaria a um dever para mim tão agradavel, se o seu nome deixasse de apparecer neste lugar.

deu-se a importante batalha de *Taquarembó* [2], com a

Compunha-se o meu Estado-Maior no dia da acção do Coronel Ajudante de Ordens João Maria Xavier de Brito, o Tenente-Coronel graduado Lourenço Maria de Almeida Portugal, o Capitão com exercicio ás minhas ordens Boaventura Delfim Pereira, o Tenente de cavallaria da Legião de S. Paulo João Pedro da Silva Ferreira empregado ás minhas ordens, e muito confesso dever á intelligencia e desembaraço que estes Officiaes mostraram na distribuição das minhas ordens; a conducta do Sargento-Mór engenheiro João Vieira de Carvalho não é menos digna de louvor.

E' o portador deste officio o Tenente-Coronel graduado Lourenço Maria de Almeida Portugal, e elle apresentará a V. Ex. a bandeira, que pelos emblemas de que é pintada eu tive trabalho em fazer escapar á raiva dos soldados, dando assim mais uma prova do seu apego á Augusta Pessoa que os governa, e até á fórma do governo.

Queira V. Ex. beijar em meu nome a mão Augusta de Sua Magestade, podendo dizer com verdade ao mesmo Senhor que só me não lamento de estar a seus pés quando tenho a incomparavel honra de expôr a minha vida no seu serviço.

Deus guarde a V. Ex.

Quartel General no Catalã, 8 de Janeiro de 1817. — Illm. e Exm. Sr. Marquez de Aguiar.— *Marquez d'Alegrete.*

[2] *Batalha de Taquarembó.* — Parte Official. * — Illm. e

---

* Além das batalhas de *India Muerta*, *Catalã* e *Taquarembó*, feriram-se, nas campanhas de 1811 a 1816, outras não menos importantes pelejas, ganhas por parte do Brazil, como as de *S. Borja*, *Ibiroacay*, *Corumbé* e *Arapehy*. Inserimos, porém, sómente as primeiras, porque foram as decisivas: abrindo-nos as de India Muerta e Catalã as portas de Montevidéo e aniquilando completamente a de Taquarembó o poder e fama de Artigas.

qual ficou de uma vez acabado o poder e a fama do celebre Artigas.

A Hespanha que de ha muito havia abandonado á sorte de suas colonias na America aos horrores da revolta e da guerra civil, e jámais poude conter as

---

Exm. Sr. — Os gloriosos successos que as tropas desta Capitania obtiveram debaixo do meu commando na batalha do dia 22 do corrente, na margem esquerda do Taquarembó, não devem ser demorados um só momento a V. Ex. para os fazer chegar ao soberano conhecimento de Sua Magestade.

O inimigo se achava acampado em uma posição que de sua natureza é forte, por estar guarnecida a sua frente por um profundo banhado, e os flancos por um ramo do Taquarembó, e por este mesmo rio, que descrevia uma curva, sendo as passagens de ambos poucas e difficultosas pelas muitas aguas que os inundavam.

A sua força era de 2.500 homens, commandados em chefe por La Torre, que tinha por seus segundos Pantaleon Sotello (commandante general das Missões hespanholas depois da prisão de André Artigas), e Manoel Cahiré.

Ordenei immediatamente ao Brigadeiro José de Abreu que marchasse com a sua Divisão e atravessasse o banhado para atacar o inimigo de frente, e fiz passar o Brigadeiro Bento Corrêa da Camara com a Divisão do seu commando o ramo do Taquarembó para atacar o flanco.

A este tempo já o inimigo se achava formado no seu acampamento, e collocadas quatro peças de artilharia que nos faziam grande fogo; porém á minha voz de avançar o Brigadeiro Abreu executou o seu movimento com tanta impetuosidade, apezar do grande fogo de fuzilaria e artilharia do inimigo, que desde logo o obrigou a perder a sua primeira posição e a retirar-se para outra ainda mais forte,

depredações de Artigas e as suas incursões nas fronteiras do Brazil; nem tão pouco se importou nunca com o damno que soffria o commercio brazileiro e portuguez com as cartas de marca e corso que Artigas expedia em seu nome; tornou-se entretanto toda

---

defendida pelo rio, que se achava então mui cheio; porém alli presenciei com a maior satisfação o valor destas tropas, que, ao verem-me ao seu lado, em altos gritos davam vivas a Sua Magestade, e ao som desta musica passaram o rio, conseguindo desde logo a derrota total do inimigo, que fugia precipitadamente, largando armas, deixando artilharia, munições, cavalhadas, e grande numero de mortos, feridos e prisioneiros.

O General Pantaleon Sotello ficou morto no campo, e pela seguinte relação verá V. S. a perda do inimigo:

Mortos: 1 General, 4 Officiaes superiores e subalternos, 795 Officiaes inferiores e soldados. Total 800.

Feridos: 15 Officiaes inferiores e soldados.

Prisioneiros: 21 Officiaes superiores e subalternos, 469 inferiores e soldados. Total 490.

Somma total da perda: 1 General, 25 Officiaes superiores, e subalternos, 1.279 inferiores, e soldados. Total 1,305.

Tomou-se a seguinte presa: peças de artilharia 4, cartuchos de bala e metralha 70, velas de misto 24, libras de murrão 16, cartuchos de clavina 1.180, bandeira 1, caixas de guerra 4, cavallos 5.408 (em máo estado), bestas muares 90, gado vaccum 430.

Haveria grande numero de armamento em meu poder, se o inimigo não o lançasse ao rio, donde se não póde tirar pela muita agua.

A nossa perda consistio em 1 morto, e 5 feridos.

La Torre fugio em tal desordem, que perdeu cavallo, pistolas, e salvou-se á garupa de um indio.

susceptivel pela occupação da cidade de Montevidéo pelas tropas brazileiras, e começou desde logo a agitar reclamações por parte de algumas Nações Estrangeiras, pretendeu e pedio a entrega do Estado Oriental — á *Corôa de Hespanha!*

Emquanto porém duraram as reclamações e as notas diplomaticas, o Exercito ao mando do General Lecór conseguíra a grande pacificação de todo o Estado Oriental. Todos os povos viviam tranquillos, sob

---

José Artigas (dizem os prisioneiros) que só vira principiar a batalha, e que logo se retirára para Matoojo onde, tem algumas familias, e bagagens. Já fiz marchar 200 homens commandados pelo Tenente-Coronel Joaquim José da Silva com destino áquelle ponto, a tomar toda a cavalhada e bagagens. que achem naquelle acampamento, emquanto eu amanhã faço seguir o Brigadeiro José de Abreu com a sua Divisão para limpar o resto do acampamento até o Uruguay, e de uma vez acabar neste lado o partido Artiguenho, e eu sigo pelo interior da fronteira do meu commando para destinar os lugares proprios que devem ser guarnecidos pelos guardas sobre a costa do Uruguay, e Arapehy.

Tendo concorrido para tão feliz resultado alguns Officiaes, levo os seus nomes, e postos ao conhecimento de V. Ex. para serem presentes a Sua Magestade, afim de que este Augusto Senhor use da sua generosa contemplação para com elles, como sempre se tem dignado praticar em casos identicos.

Deus Guarde a V. Ex.

Quartel-general na margem esquerda do Taquarembó, 23 de Janeiro de 1820.—Illm. e Exm. Sr. Thomaz Antonio da Villanova Portugal.—*Conde da Figueira.* (Segue-se a lista dos officiaes que se distinguiram na acção.)

um regimen de ordem e respeito, e todos os direitos eram garantidos.

As tropas de Artigas tinham sido todas vencidas e desbaratadas : os Departamentos de Canelones e S. José, tornaram-se submissos ao Cabildo de Montevidéo e ao General Lecór : Frutuoso Rivera, prestimoso chefe da campanha tambem se tinha submettido ; e o proprio Artigas tinha-se retirado para o Paraguay, e lá se achava detido pelo Dictador Francia.

As pretenções e planos da Hespanha foram afinal burlados, e a occupação de Montevidéo e seu regular governo foram continuando sem obstaculo algum.

Corria já o anno de 1821 quando o Governo do Brazil entendeu que era occasião asada de se dar aos povos do Prata uma posição definida.

Insinuou ao General Lecór que convidasse aos povos da Banda Oriental a se declararem, com franqueza e expontaneidade, se desejavam ficar encorporados ao Reino Unido de Portugal Brazil e Algarves, constitucional.

Feito esse convite, reunio-se no dia 10 de Junho de 1821 um Congresso, na cidade de Montevidéo, com o fim de se responder ao convite e á pergunta do Governo do Brazil.

A resposta não se fez esperar, e foi a seguinte e que á vista do estado em que se achava o povo da Banda Oriental, era de sua expontanea vontade ficar annexada ou encorporada ao Reino Unido de Portugal Brazil e Algarves, mediante certas e reciprocas condições. Deste accôrdo e resposta lavrou-se uma acta de approvação em 31 de Julho de 1821 ; e dahi em diante a Banda Oriental tomou o titulo de *Provincia Cisplatina* ; e os povos aplaudiram com o maior enthusiasmo, a nova sorte que os aguardava.

Declarada em 1822 a Independencia do Brazil, e acclamado Imperador o Principe D. Pedro, o povo, o cabildo e as autoridades civis e militares da Provincia Cisplatina por intermedio do syndico Thomaz Garcia de Zuninga, dirigiram-se ao Imperador para felicital-o por sua elevação ao throno brazileiro; e, mais tarde aquelle mesmo povo, cabildo e autoridades acceitaram e juraram satisfeitos a Constituição Politica do Imperio, e pediram licença para inaugurar na sala principal do cabildo, como signal da sua grande reverencia e submissão, a effigie do Sr. D. Pedro I; e, finalmente, elegeram em seguida aquelle acto, os Deputados que deviam representar a Provincia de Cisplatina no Parlamento Brazileiro.

Ao passo que tudo isto se dava na Cisplatina, o Governo da Republica de Buenos-Ayres, que até então tinha tolerado e acceitado como facto consummado a encorporação da Banda Oriental ao Imperio do Brazil, mostrou-se repentinamente arrependido do seu proceder, e talvez esperançado ainda de dominar a Banda Oriental, declarou-se *Representante da Federação das Provincias do Prata,* e logo em seguida mandou ao Rio de Janeiro, D. Valentim Gomes, em missão especial com o fim de reclamar do Brazil a desocupação e a entrega de Montevidéo e campanha Oriental *á Federação das Provincias do Prata,*

A missão de D. Valentim Gomes teve máo resultado. O Governo Brazileiro, no final da sua nota de 6 de Fevereiro de 1824, assim dizia :

« Portanto, não póde o Governo de Sua Magestade o Imperador entrar com o de Buenos Ayres em negociação que tenha por base a cessão do Estado

Cisplatino, cujos habitantes não deve abandonar, principalmente quando a convicção reciproca dos interesses provenientes da incorporação, os empenhos mutuamente contrahidos, a fidelidade que tanto distingue os Cisplatinos, e a dignidade do Imperio Brazileiro, são outros tantos obstaculos a qualquer negociação que os comprometta. »

Logo que foi sabido em Buenos Ayres o resultado da missão Valentim Gomes, tratou o Governo daquelle Estado de crear na Cisplatina um partido de descontentes contra o Imperio, e isso lhe foi facil fazer atiçando os odios e estimulando as paixões e o espirito nacional daquelles povos, figurando-lhes os seus brios desautorados pela juncção que haviam feito com o Brazil.

E essa propaganda foi angariando proselitos, tomando grande vulto, e tornando-se em uma immensa conflagração, á testa da qual achavam-se João Antonio Lavalleja e outros, protegidos todos por Buenos Ayres.

No dia 14 de Junho de 1825 estabeleceram um Governo Provisorio em *Villa Florida*, e logo em seguida convocaram uma Camara de Representantes para o dia 20 de Agosto do mesmo anno.

E o Governo de Buenos Ayres não só protegeu a rebellião como tambem reconheceu de prompto a Camara congregada em Villa Florida, e assim o communicou ao Governo do Brazil em nota que lhe dirigio em Novembro de 1825.

E não se contentou sómente com isso, consentio que se armassem e tivessem livre sahida do porto de Buenos Ayres muitas embarcações, baleeiras e balandras, para perseguirem os navios de commercio

brazileiro; consentio tambem que com a maior ostentação se organisasse dentro da propria cidade de Buenos Ayres uma commissão com o titulo de Oriental para obter e fazer remessa, de todo o armamento e mais objectos necessarios aos caudilhos e rebeldes que contra o Brazil se achavam na campanha Cisplatina. Fez mais ainda, consentio que fossem insultados impunemente os Agentes brazileiros, e que dentro do proprio porto de Buenos Ayres se preparassem e recebessem armamento varios corsarios contra o Brazil.

Todos esses factos pois deram em resultado, o Manifesto de 10 de Junho de 1825, e a declaração de guerra a Buenos Ayres, por parte do Imperio do Brazil.

V

SUMMARIO

Navios que se achavam no Rio da Prata ao declarar-se a guerra a Buenos-Ayres. — Organisação da Esquadrilha de Buenos-Ayres. — Primeiro encontro das duas forças navaes inimigas em 9 de Fevereiro. — Ataque de 24 de Fevereiro. — Ataque da Colonia do Sacramento.— Abandono da ilha de Martim Garcia pelos Brazileiros. — Demissão do Commandante em Chefe Almirante Rodrigo Lobo. — Ataque de 11 de Abril de 1826. — Ataque á Fragata *Imperatriz* em 27 de Abril. — Ataque de 3 de Maio. — Prisão e Conselho de Guerra do Almirante Rodrigo Lobo. — Demissão do 1.º Almirante Lord Cochrane.

Ao declarar-se a guerra a Buenos-Ayres tinha o Brazil, nas aguas do Prata, os seguintes navios de guerra: Fragata *Thetis*, Corveta *Liberal*, Brigues *Real João* e *Real Pedro*, Barca *Dom Sebastião*, Escunas *Leopoldina*, *Maria Thereza*, *Oriental*, *Camões*, *Reino Unido*, *Izabel Maria*, *Dom Alvaro*, *Seis de Fevereiro*, *Ilha das Flôres*, *D. Anna de Jezus*, *Manuelina*, e *Maria Izabel*, além de 8 lanchões armados e artilhados.

Todos esses navios estavam sob o Commando do Capitão de Mar e Guerra Pedro Antonio Nunes.

Em pouco tempo foram esses navios reforçados com

as Fragatas *Imperatriz* e *Paula*, as Corvetas *Itaparica* e *Maceió*, o Brigue *Vinte e Nove de Agosto*, e outras pequenas embarcações. E toda essa força passou a ser commandada pelo Vice-Almirante Rodrigo José Ferreira Lobo.

Ao passo que o Brazil assim se preparava para a guerra, os Argentinos faziam, por seu lado a mesma cousa.

Não tendo Officiaes nem marinhagem, procuraram engajal-os no Estrangeiro, e facilmente o conseguiram; e até acharam de prompto um titulado Almirante por nome William Brown, valente e bom marinheiro, e antigo companheiro de Lord Cochrane nas guerras do Pacifico.

Não tendo tambem navios de guerra mandaram-n'os comprar no Estrangeiro, e de prompto fizeram acquisição, armaram e artilharam diversos navios mercantes, escolhidos entre os mais veleiros e de melhor construcção que lhe foram na occasião offerecidos.

As duas forças navaes inimigas tiveram occasião de fazer o seu primeiro encontro e bater-se no dia 9 de Fevereiro de 1826.

A força Argentina compunha-se nessa occasião dos seguintes navios: Corveta *Vinte Cinco de Maio*, Brigues *Republica Argentina*, *Congresso*, *Balcarce* e *Belgrano*, Escuna *Sarandy*, e 12 grandes Lanchões armados.

A força brazileira era a seguinte: Fragata *Imperatriz*, Corvetas *Jurujuba*, *Maria da Gloria*, *Liberal*, *Maceió* e *Itaparica*; Brigues *Independencia ou Morte* e *Real João*; Barca *Paulistana*; Brigue-escuna *Januaria*; Escunas *Maria da Gloria*, *Isabel Maria*, *Itaparica* e *Providencia*; Hiates *Vinte Nove de Agosto e Sete de Setembro*; Canhoneiras *Dez de Dezembro*, *Doze de Outubro*, *Dous de Dezembro* e *Nove de Janeiro*.

Os navios argentinos eram inquestionavelmente mais veleiros e faceis de manobrar que os da Esquadra brazileira, e por isso não só no combate do dia 9 de Fevereiro, como em todos os outros encontros e combates, escaparam-se sempre a bom correr.

Ao romper do dia 9 de Fevereiro appareceram os navios argentinos velejados e com a amura por *BB*. Os brazileiros suspenderam immediatamente e, ás 6 horas e 45 minutos, velejavam todos na mesma amura do inimigo e sempre a barlavento. Soprava vento brando de *NNE*, e difficil era engajar-se combate; ás 10 horas da manhã a Esquadra brazileira virou de bordo e continuou a navegar com a amura por *EB*, com papafigos, gaveas e joanetes largos.

A 1 1/2 hora da tarde o Almirante brazileiro fez o signal de preparar para o combate, e logo em seguida outro signal ordenando que, cada navio atacasse o inimigo que mais proximo lhe estivesse; e finalmente, o signal de força de vela.

As 2 1/4 da tarde as Corvetas *Liberal* e *Itaparica*, que eram os mais veleiros navios da força brazileira presente, achavam-se proximos da Corveta argentina *Vinte e Cinco de Maio*, navio onde se achava embarcado o Almirante inimigo, e muito proximos a essa Corveta e como de protecção á ella, tres Bergantins. As Corvetas brazileiras romperam o fogo, e os inimigos não se fizeram esperar na resposta, e durante mais de uma hora, foi vivissimo de parte a parte o combate.

Os tres navios argentinos foram afrouxando o fogo e retirando-se velozmente. As Corvetas brazileiras tanto quanto lhes era possivel foram os acompanhando e tão felizmente que ás 5 horas da tarde ainda os alcançou de novo se travou o combate que durou por espaço

de uma hora, e tão bem dirigido que a victoria seria certa por parte dos navios brazileiros se ás 6 horas da tarde a Corveta *Liberal* não desarvorasse como desarvorou do mastaréo da gata e não houvesse tambem necessidade de se cuidar de prompto em tapar um grande rombo recebido ao lume d'agua.

Sendo portanto necessario afrouxar um pouco o tiroteio d'artilheria e a marcha que levava o navio, os inimigos aproveitaram-se disso e ganharam espaço, afastando-se velozmente. A Corveta *Itaparica* que continuava a perseguil-os, a final perdeu as esperanças de mais os encontrar virou no bordo de *E* com a amura por *BB* e procurou o ancoradouro, onde chegou na manhã seguinte, tendo só ella feito 266 tiros d'artilheria contra os tres navios inimigos.

A maior parte dos navios brazileiros eram ruins de vela e poucos se aproximaram do inimigo: aquelles porem que se poderam aproximar fizeram-lhe todo o damno e só os abandonaram ao cahir da noite.

Os navios argentinos retiraram-se ao seu ancoradouro no porto de Buenos-Ayres, e os brazileiros ficaram alguns em observação á Leste dos bancos de Ortiz e Chico, e outros foram se reunir á Força, denominada Esquadrilha do Uruguay, que se achava junto á ilha de Martim Garcia, occupada então por forças brazileiras.

Os navios brazileiros soffreram grandes avarias e perda de gente.

Na Corveta *Itaparica* o seu Commandante Chefe de Divisão Diogo Jorge de Brito ficou ferido em um pé e com dois dedos perfeitamente esmagados.

No Brigue-Barca *Vinte e Nove de Agosto* morreu o

seu Commandante 1.º Tenente João Rodriques Glidon, atravessado por uma bala, no peito.

No Brigue-Escuna *Januaria*, morreu o Mestre, tambem atravessado por bala, alem de dois marinheiros.

Na Corveta *Maceió* morreram tres marinheiros.

O apparelho, panno e costado das duas Corvetas soffreram as maiores avarias; e quasi todos os escaleres ficaram inutilisados, pelo grande numero de balas e estilhaços que receberam.

A 24 de Fevereiro sahiram de novo os navios argentinos do seu ancoradouro em Buenos-Ayres, e aproveitando-se da neblina ou cerração que havia vieram procurar os navios brazileiros que se achavam fundeados a Leste dos Bancos de Ortiz e Chico, com o fim de surpreender a guarnição da Corveta *Liberal*, onde se achava embarcado o Almirante brazileiro; sendo porem presentidos já muito proximo, a Corveta *Liberal* largou immediatamente a amarra por mão e procurou reunir-se á Fragata *Imperatriz* que se achava fundeada mais ao largo afim de pôr-se ao seu abrigo e melhor poder-se defender do assalto inimigo.

Os argentinos vendo mallogrado o seu plano, e todos os navios brazileiros em movimento, fizeram-se ao largo, e protegidos pela grande neblina em pouco tempo desappareceram das vistas e perseguição dos navios brazileiros, que voltaram para o seu fundeadouro a Leste dos Bancos.

Desta vez porem os inimigos não se retiraram, como de costume, ao porto de Buenos-Ayres; enganaram a vigilancia dos navios brazileiros e tomaram o rumo do porto da Colonia do Sacramento, praça de guerra guarnecida por uma pequena força brazileira ao Commando do Brigadeiro Manuel Jorge Rodrigues. E favorecidos

pelo vento chegaram em frente ao dito Porto da Colonia, no dia 25 pelas 11 horas da manhã.

Achavam-se fundeados no porto da Colonia tres navios de guerra brazileiros ao mando do Capitão-Tenente Frederico Mariath; sendo, o Brigue *Real Pedro* commandado por Mariath, o Brigue-Escuna *Pará* commandado pelo 1.º Tenente França, a Escuna *Liberdade do Sul* commandada pelo 1.º Tenente Regis, e a Escuna *Conceição* commandada pelo 2.º Tenente Thomaz Thompson.

O Commandante Mariath que não esperava e nem podia esperar uma semelhante surpreza, ao avistar tamanha força inimiga e não podendo com ella aceitar combate, e nem perder tempo, tratou immediatamente, de combinação com os outros Commandantes, de encalhar tres navios de guerra, de maneira a offerecerem os costados ao inimigo, e a poderem ser protegidos pelos fortes de Santa Rita e baluarte do Carmo.

Desembarcou apressadamente 8 peças de artilheria e com ellas formou duas baterias, uma no lugar denominado Tambor que dominava o desembarque, e a outra no intervallo do forte e baluarte, e assim dispostas as cousas Mariath esperou pelo movimento do inimigo.

As 2 horas da tarde aproximou-se dos navios brazileiros um escaler do inimigo trazendo bandeira branca á prôa. Atracando a bordo do Brigue *Real Pedro* e recebido o Parlamentario pelo proprio Commandante Mariath, soube-se que trazia um officio do Almirante Brown, dirigido ao Commandante da Praça, declarando verbalmente o dito Parlamentario que, para a resposta, o Almirante Brown só concedia meia hora.

O officio foi immediatamente entregue ao Brigadeiro Manuel Jorge, e dizia o seguinte:

« A bordo de la Fragata de Guerra, *Vinte e Cinco de Mayo*. — Febrero 25 de 1826. —

« El General en Gefe de la Republica Argentina a nombre de su Gobierno, intima al Sñr. Gobernador de la Colonia del Sacramiento de entregar la dicha y fuerzas maritimas que se hallan en ese puerto en el término preciso de 24 horas, previniendo-se al Sñr. Gobernador que si asi lo hiciese ofrece el respetar todas las propriedades en general que se hallen en dicha plaza, y de no incendiar la poblacion y buques.

« El que subscribe espera del Sñr. Gobernador que en obsequio de la humanidad evitará toda efusion de sangue, y accederá á la intimacion que se le hace, pues asi lo exige la superioridad de mis fuerzas navales en el Rio de la Plata.

« Con este motivo saludo al Sñr. Gobernador con toda consideracion. — *W, Brown*. — Exm. Sñr. Gobernador de la colonia. —

O Brigadeiro Manuel Jorge deu de prompto a resposta seguinte:

« Colonia do Sacramento, 25 de Fevereiro de 1826.

« O Brigadeiro dos Exercitos Nacionaes e Imperiaes, Governador da Praça, responde em seu nome, e de toda a guarnição que tem a honra de commandar, á intimação do Sr. General em Chefe da Esquadra da Republica Argentina, que: a sorte das Armas é que decide da sorte das Praças.

« Saudo ao Sr. General em Chefe com toda consideração. — *Manuel Jorge Rodrigues*.

« Exm. Sr. General em Chefe da Esquadra da Republica Argentina. »

Esta resposta foi entregue ao Parlamentario e este sem se demorar seguio, porem poucos momentos depois, arribou ao Brigue brazileiro *Real Pedro*, e ahi ficou até o dia seguinte em virtude do máo tempo que cahira repentinamente.

Nessa mesma noite Mariath conseguio fazer sahir a Escuna *Conceição* afim de levar officios ao Almirante brazileiro, participando-lhe a chegada da Esquadra argentina e o estado da Praça da colonia.

As 9 horas e 45 minutos da manhã do dia 26 mandaram os inimigos um outro Parlamentario com o seguinte officio:

« Me parece que se llega el momento, que tendrá efecto el ofrecimiento que dice al Sñr. Gobernador en el dia de ayer, por conseguiente espero que en el momento se decida por la justa intimacion, y se no sufrirá toda severidad que merece la tenacidad del Sñr. Gobernador.

« Dios Guarde á V. Ex. muchos años. — Febrero 26 de 1826. — *W. Brown.* — Exm. Sñr. Gobernador de la colbnia. »

A este officio deu o Briguadeiro Manuel Jorge a seguinte resposta (vocal):

« Diga ao seu General em Chefe que, o *dito, dito.* »

Desde o dia 25 até o dia 28 a Esquadra argentina não se moveu do fundeadouro que tinha tomado, na

tarde do dia 28 porem, tendo-se-lhe encorporado mais 1 Escuna, 6 Canhoneiras e 1 Lancha armada, suspendeu, fez-se á vela e veio fundear dentro do porto da colonia quasi ao alcance da artilharia dos fortes, e ahi se conservaram sem tomar resolução alguma até o dia 1.º de Março.

Neste dia porém, ás 11 1/2 horas da noite largaram do ancoradouro inimigo 6 Canhoneiras, varias lanchas e botes carregados de gente armada e prompta para um desembarque, vindo em um dos botes o proprio Almirante Brown, e dirigiram-se para o lado do Molhe, em frente e guardando o qual se achavam os tres navios brazileiros encalhados.

Aquelle ponto escolhido por Brown para o seu desembarque, estava bem defendido pelo reducto que se havia levantado no Tambor e pelo baluarte do Carmo, e bem assim pela marinhagem e tropa das embarcações de guerra postada no Molhe, e por duas companhias do 11.º batalhão de caçadores postas uma em frente do barracão alli existente, e a outra na boca da rua que dava para a muralha.

Chegadas que foram as embarcações inimigas ao alcance da artilharia e do fuzil, rompeu-se sobre ellas vivissimo fogo, e apesar da metralha e mosquetaria, conseguiram abicar em terra tres Canhoneiras e desembarcar a tropa que trasiam. Acodindo a esse lugar mais duas companhias do 11.º de caçadores commandadas pelo proprio Brigadeiro Manuel Jorge, sustentaram o fogo e não deixaram o inimigo avançar d'alli, e durante duas horas de grandes esforços por parte dos assaltantes não conseguiram fazer abicar em terra outras Canhoneiras.

O Almirante Brown que se achava dentro de um

dos botes dirigindo a acção, vendo a impossibilidade do desembarque projectado, fez-se ao largo e em seguida a elle e precipitadamente as Canhoneiras e botes.

Antes porém dessa retirada tinha o Almirante Brown mandado alguns botes atracar ao Brigue *Real Pedro* e deitar-lhe fogo em tres diversos lugares, e tão pricipitada foi a fuga dos botes que atracaram ao Brigue, que deixaram dentro delle 4 pobres marinheiros, 3 dos quaes morreram e 1 ficou prisioneiro.

O Brigue ardeu todo, em pouco tempo, apesar de se procurar todos os meios de o salvar e extinguir o incendio.

As tres Canhoneiras que tinham abicado a terra foram aprisionadas pelo Capitão-Tenente Mariath e pela marinhagem que intrepida e corajosamente o seguia.

Grande parte dos marinheiros e soldados dessas Canhoneiras atiraram-se á agua e ahi pereceram, e o restante em numero de 89 praças ficaram prisioneiras.

Encontraram-se a bordo 38 pessoas mortas a tiro de fuzil ou metralha, e entre estes achavam-se 4 Officiaes. Em terra ficaram tambem muitos mortos e feridos.

Ao todo perderam os Argentinos 300 homens mais ou menos, sendo 129 o numero dos mortos, feridos e prisioneiros, entre os quaes 5 de seus melhores Officiaes.

O Brigue *Belgrano* tendo garrado e encalhado, foi pelos Argentinos abandonado, e a sua guarnição quasi toda morta, pretendendo escapar a nado. A perda por parte dos Brazileiros andou por 20 praças, além de 16 feridos mais ou menos gravemente.

O Almirante Brown continuou fundeado dentro do

porto e ao alcance da artilharia dos fortes, e estabeleceu communicações com o Povo do Real, d'onde recebia todos os viveres frescos e mais necessarios. Dia e noite bombardeava a Praça, e com isso muito damno causou ás casas alli existentes. Pelos lados do Real recebia Brown communicações dos diversos movimentos da Lavalleja, e de sua aproximação para atacar a Praça da Colonia, o que a todo o momento se devia esperar.

Dentro da Praça sabia-se da aproximação de Lavalleja para o assalto, porém não se tinham acobardado, e apesar da grande falta de viveres e munições de guerra, a guarnição estava enthusiasmada: tinha as maiores esperanças no valor e sangue-frio do distincto Brigadeiro Manuel Jorge Rodrigues.

O enthusiasmo e as esperanças da guarnição da Praça cresceram muito quando viram aproximar-se a Esquadra brazileira.

Com effeito a 6 de Março estavam á vista da Praça da Colonia os seguintes navios de guerra brazileiros: Corvetas *Liberal*, *Itaparica*, e *Maceió*; Brigue *Caboclo*, Brigue Escuna *Januaria*, Brigue *Rio da Prata*, Escunas *Conceição*, e *Alcantara*, 1 Cuter armado a Brulote, e 1 grande Lanchão armado, além de 5 diversos navios mercantes carregados de mantimentos e munições de guerra; e todos esses navios fundearam na distancia de 9 a 10 milhas do porto, por duvidarem se a Praça estaria ou não em poder dos inimigos, e ignorarem, o que já se havia passado.

No distancia de mais tres ou quatro milhas achava-se tambem fundeada a Fragata *Imperatriz* que com esforço poude conseguir passar nos Bancos de Ortiz e vir em soccorro da Colonia.

O Almirante brazileiro apesar de ter visto a bandeira brazileira içada nos fortes e no Brigue *Real Pedro*, receou que o quizessem enganar, e não se sugeitou a entrar com os navios para dentro do porto: conservou-se portanto de observação e bloqueio aos navios inimigos.

Só no dia 10 é que se poude furtar a vigilancia dos navios inimigos, e mandar á terra uma Balieira com o 2.º Tenente da Armada, Antonio Conrado Sabino, que para isso se havia offerecido, acompanhado do Tenente de caçadores 10, Joaquim de Magalhães; e só quando esses bravos voltaram no dia seguinte, é que o Almirante brazileiro soube do verdadeiro estado da Praça.

O primeiro cuidado do Almirante foi vêr se podia fazer entrar dentro da Praça alguns viveres e munições de guerra, e o conseguio na manhã do dia 13, a bordo da Escuna *Conceição*, apesar de contra ella seguirem, sete embarcações do inimigo.

Nesse mesmo dia tinham tido os defensores da Praça da Colonia, de bater-se com as forças commandadas por Lavalleja, e que se achavam sitiando a Praça pelo lado de terra; perdendo os Brazileiros 1 major e 11 soldados mortos, e ficado feridos gravemente 15 soldados.

Os inimigos deixaram no campo 30 soldados mortos, e carregaram em carretas grande quantidade de feridos. A força de Lavalleja era de 1.000 homens pouco mais ou menos.

E nesse mesmo dia 13 á noite, os navios inimigos conseguiram burlar a vigilancia da Esquadra brazileira e seguiram a seu salvo para o porto de Buenos Ayres. Eis as palavras do proprio Almirantebrazileiro dirigidas por esse motivo ao Ministro da Marinha:

« Tenho o sentimento de participar a V. Ex. que no dia 13, vendo que o inimigo andava á espia dentro do porto da Colonia, desconfiei que quizesse fugir de noite por entre as ilhas de Hornos, e ouvindo a dois praticos que tenho a bordo, foram de parecer que, lhe parecia impossivel que pudess sahir a Corveta inimiga e o Brigue grande por entre os Ilhas; sem embargo disto no principio da noite mandei a Escuna *Alcantara* e a Escuna *Conceição* que fossem estar de vigia ao inimigo, e logo que o vissem dar á vela atirassem um tiro de peça e acendessem uma tigellinha para eu saber que o inimigo sahia do porto, afim de os perseguir e bater.; porém infelizmente os Commandantes das duas embarcações fizeram tão mal a sua obrigação, que o inimigo fez-se á vela sahindo por entre as Ilhas, sem que elles vissem isto, em uma noite serena e vento regular, em que elles podiam estar o mais proximo possivel das ditas Ilhas, e não devia sahir o inimigo sem que elles o vissem, e pela manhã dando-me parte o Official do quarto, que não vio o inimigo, subi acima, e a este tempo passava pela pôpa da Corveta a Escuna *Alcantara*, e perguntando-lhe eu pelo inimigo, respondeu que o tinha visto dentro do porto, e então lhe disse que tinha feito muito mal a commissão de que o tinha encarregado, e lhe mostrei o inimigo que ia pela nossa pôpa em grande distancia.

« Immediatamente mandei pôr sobre a vela todos os navios e fomos danda caça, porém não foi possivel apanhal-os pela distancia a que iam já, e deram fundo no ancoradouro de Buenos Ayres, e eu o dei tambem á vista delles, porém em grande distancia. »

No dia 15 de Março chegou ao porto da Colonia a Esquadrilha do Uruguay, commandada pelo Capitão de Fragata Jacintho Roque, que por ordem do Almirante brazileiro fôra chamada á soccorrer a Praça da Colonia, abandonando a ilha de Martim Garcia que então estava guardando.

A ilha de Martim Garcia, que estava naquella occasião guarnecida por forças brazileiras, fôra com effeito abandonada, por ordem do Almirante Rodrigo Lobo, destruida a fortificação nella existente, e encravada a artilheria! A respeito deste facto, o Almirante disse ao Governo Imperial o seguinte:

« Eu tomei o expediente de abandonar a ilha de Martim Garcia, porque de nada nos serve perdida a Praça da Colonia; e perdida esta, está perdida a margem Oriental, restando sómente Montevidéo; e salva a Colonia, e a margem Oriental pode-se tomar aquella Ilha outra vez indo alli uma expedição. »

Na Flotilha do Uruguay embarcaram as praças do destacamento da ilha de Martim Garcia e bem assim 119 Officiaes e praças Brazileiros que tinha aportado áquella Ilha vindos do Paraná e Santa Fé, e fugitivos dos Argentinos que nos ultimos ataques os haviam aprisionado.

O que se passou durante a viagem e fuga desses Brazileiros até chegar a Martim Garcia, consta do officio seguinte:

« Illm. e Exm. Sr.— Tenho a honra, e o mais completo prazer de participar a V. Ex. que tendo embarcado no dia 5 do corrente eu, e os mais Officiaes e soldados constantes da relação junta, na villa do Paraná, capital da Provincia de Entre-Rios, para a de

Santa-Fé, formei a distancia de 3 leguas daquellas capitaes, e sobre as aguas do mesmo Paraná, o feliz projecto de libertar-nos dos nossos inimigos : para verifical-o preveni ligeiramente ao Tenente-Coronel Pedro Pinto de Araujo, para segurar-se do Tenente-Coronel Lauriano Marques, Commandante da escolta; ao Major Theodoro Burlamarque, para que com 12 Officiaes, que se achavam sobre o convés, se arremeçassem ás mãos limpas a um Alferes, e trinta e quatro sargentos e soldados que armados de clavinas e espadas guarneciam as amuradas do barco em nossa segurança : ao Tenente do 5.º regimento de cavallaria Felisberto Fagundes de Souza, para a segurança do Capitão Felix Brucellario, que um pouco apartado estava da referida escolta.

« Esta operação devia ser determinada por um viva a Sua Magestade Imperial : com effeito eu o pronunciei com vehemencia a meio navio, com enihusiasmo foi ouvido e a obra ficou feita.

« A escolta que se defendeu valorosamente, deu motivo a ferir-lhe o Capitão, o Alferes, um sargento, e eu tive feridos o Major dos esquadrões de lanceiros de Uruguay, Lourenço José Ferreira; o Capitão do 5. de cavallaria, Manoel Ribeiro de Moraes, e o Tenente de milicias de Serro Largo Pedro José d'Avila, que sendo muito mortal, existe ainda : estes Officiaes se portaram com muito valor.

« Concluido assim este primeiro impulso, tive de forçar o mestre, e o pratico do navio, a tomar a direcção que lhe dei do Paraná, de onde 10 leguas abaixo tinha de me apresentar no lugar chamado la Bateria, onde seis bocas de fogo, e sua guarnição a distancia de uma quadra do Canal, nos ameaçava o maior

perigo : todavia aqui fraquêa o vento, o barco faz prôa a terra, atravessa, e á força de esforços somos favorecidos pelas aguas que nos põe a salvo daquelle iminente perigo.

« Sigo as aguas do mesmo rio, e sirvo-me da bandeira da *Patria*, não só para passar aquella bateria, mas tambem poder enganar as povoações de S. Lourenço e Rosario situadas na barranca austral do Paraná, restando-me vencer a sahida pelos canaes de S. Nicolau, cujas baterias o atravessam, e sabendo de certo que alli estariam Lanchões artilhados á nossa espera, bem como em S. Pedro e Sorate (para o que havia tempo de participações), furto-lhe á noite aquelle rumo; e entro no rio Pavão, sem mais certeza que o correr das aguas, porque a marinhagem desconhece aquelle rio, passamos deste ao Guassú da mesma fórma desconhecido, e temendo o encontro de Canhoneiras artilhadas, de que tinha fundadas desconfianças, apezar de promptos para metter-lhe a prôa e abordagem, foi neste rio onde encontrei embaraços maiores, que os vencidos.

« Tenho inimigos a bordo, já conto então tres dias e duas noites de viagem, não tenho mantimentos, os seis feridos são alimentados com caldos de carne salgada, e sem ter curativo as suas feridas, acaba-se a pouca carne secca, com que em cada 24 horas dou ração de onça a cada uma das 170 praças, vejo-me obrigado á pesca, mas eu não devo ter demora na sahida.

« E' nesta occasião que lembrando-me da grandeza e munificencia do Nosso Augusto Imperador faço vir os Officiaes e soldados da escolta ao convéz, e com

toda a. energia lhes digo : — Que Sua Magestade Imperial o Muito Alto e Poderoso Senhor D. Pedro I, é tão Grande e Beneficente, que eu em nome do mesmo Augusto Senhor os mandava pôr a salvo no seu paiz, fazendo saber áquellas Provincias que Sua Magestade Imperial sabe, mesmo por entre os estrondos da guerra, derramar beneficencia e grandeza.

« Aqui reunindo nossos poucos dinheiros liberalisamos com elles, bem com o resto da nossa roupa e arreios, e elles tudo receberam derramando lagrimas de gratidão, e no povo de Gualiguay os mandei lançar ficando em meu poder 25 clavinas, 22 espadas, cananas e cartuchos com que estavam armados.

« Alliviado desta maneira tento seguir pelo arroio Guttierres; as aguas deste riacho me difficultam a sahida, e exponho a varar o barco esperançado de encontrar na barra navios imperiaes, não encontramos estes, mas encontramos aguas, e fazendo sahida ao Uruguay, pondo a prôa a Martim Garcia vencemos em quatro dias e tres noites e poucas horas ver tremular bandeiras Imperiaes na Flotilha do Uruguay; faço calcar aos pés a *da Patria* de que até alli usava para engano, e ao momento fizemos tremular uma feita dos forros de nossos ponches, erguida no mastro grande ao som de vivas a Sua Magestade Imperial.

« O insignificante barco, que nos conduzio, barco desarmado de conduzir madeiras de commercio, em nome do mesmo Augusto Senhor o cedi á marinhagem sem cujos homens seria impraticavel a nossa salvação.

« Este projecto felizmente realisado me assegura alguma importancia na justiça e reconhecida imparcialidade de V. Ex. sempre que se pondere ter sido

feita á vista das capitaes daquellas provincias, sem combinação, sem auxilio de terceiro, sem armas, sem mantimentos, em um barco desarmado, sem um homem morto, ou ao mar, a 140 leguas de Martim Garcia, me dá toda a confiança de recommendar á protecção de V. Ex. muito particularmente o Tenente-Coronel Pedro Pinto de Araujo, que verificando a segurança do Tenente-Coronel Commandante da escolta, volta a desarmar ainda soldados, trabalha, como Official, como soldado, e até como marinheiro; ao Major Theodoro Burlamaque que arrojado com enthusiasmo desarma o Alferes e a escolta, e trabalha sem descanço na salvação de todos: ao Tenente Felisberto Fagundes de Souza que seguro do Capitão continua a desarmar soldados, e presta-se em tudo no que pode fazer o homem.

« O menos quinhão desta empreza, Ex. Sr.; é o que me toca e o que eu cedo a favor dos mais Officiaes, e soldados que unidos ao seu entusiasmo e bravura, o respeito que me deviam se fazem credores dae minha recommendação.

« Entre o prazer que me corôa na salvação de 119 homens provo o desgosto de não poder resgatar a 260 soldados, que em differentes barcos passaram a Santa-Fé, e com os quaes sempre me foi prohibida a communicação.

« Tenho detalhado veridicamente a V. Ex. os successos deste facto, resta-me pedir encarecidamente a V. Ex. duas cousas, a primeira supplicar a Sua Magestade Imperial me perdôe o arbitrio que tomei de lançar aquella escolta em terra, e conceder o ordinario barco á marinhagem, a quem tanto deviamos a nossas salvação, e a segunda permittir V. Ex. quantos antes

que eu e estes valorosos Officiaes e soldados, não tenham por mais tempo ociosos uns braços que armados saberão empregar na defesa da Patria, pugnar pela prosperidade e grandeza do Imperio, e defender, e sustentar a Magestosa Dignidade do Nosso Augusto Imperador.

« Deus Guarde a V. Ex. muitos annos.

« Ilha de Martim Garcia, 12 de Março de 1826.— Illm. e Exm. Sr. Francisco de Paula Maggessi Tavares de Carvalho, General em Chefe do Exercito do Sul.— *Joaquim Antonio de Alencastro*, Coronel graduado de 1.ª linha. »

Relação nominal dos Officiaes e mais praças do Exercito do Brazil que no estado de prisioneiros de guerra se libertaram com a maior braveza no dia 5 *de Março de* 1826.

Coronel Joaquim Antonio de Alencastro, de 1.ª linha.

Tenente-Coronel Pedro Pinto de Araujo Corrêa, do 6.º regimento de cavallaria.

Dito João Marques de Souza Prates, de milicias do Rio Grande.

Dito Manoel Soares da Silva, idem, idem.

Major Simão da Silva Figueiredo, do 9.º batalhão de caçadores.

Dito Theodoro Burlamaque, do 3.º regimento de cavallaria.

Dito Ignacio José Cabral, de milicias do Rio-Grande.

Dito Lourenço José Ferreira, dos lanceiros do Uruguay.

Capitão Francisco Fernandes Anjo, do 5.º regimento de cavallaria.

Dito Martinho Rodrigues, do 6.º regimento de cavallaria.

Dito Manoel Ribeiro Moraes, do 5.º regimento de cavallaria.

Dito Manoel José de Abreu, de milicias de Entre-Rios.

Dito Candido José de Abreu, idem, idem.

Dito Antonio Gonçalves Meirelles, de milicias do Serro Largo.

Dito João Baptista Meirelles, idem, idem.

Dito Manoel José Cavalleiro, idem, idem.

Dito Gabriel Cavalleiro, idem, idem.

Dito Manoel Blanco, de guerilhas de Montevidéo.

Tenente Antonio Lopes de Siqueira, do 3.º regimento de cavallaria.

Dito Sebastião José de Brito, idem, idem.

Dito Zeferino Domingues, do 4 º regimento de cavallaria.

Dito José Joaquim da Cruz, do 5.º regimento de cavallaria,

Dito Felisberto Fagundes de Souza, idem, idem.

Dito José Antonio de Oliveira, do 3.º regimento de cavallaria,

Dito Mathias José de Barros, Quartel-mestre.

Dito Francisco Pinto Bandeira, de milicias do Porto-Alegre.

Dito Marcos Gularte Pinto, de milicias de Entre-Rios.

Dito João Antonio Serpa, dos lanceiros do Uruguay.

Dito Pedro d'Avila, de milicias do Serro Largo.

Dito Joaquim de Brum, idem, idem.

Dito José Silveira de Azevedo, de milicias do Rio-Grande.

Alferes José Antonio Baptista, do 3.º regimento de cavallaria.

Dito Ponciano Gomes de Leivas, do 4.º regimento de cavallaria.

Dito José Victoriano Pereira Coelho, do 5.º regimento de cavallaria.

Dito João Manoel Belmudes, do 6.º regimento de cavallaria.

2.º Tenente José Joaquim de Paiva, do trem de Montevidéo.

Dito Joaquim Ferreira Barbosa, do 2.º corpo de artilharia.

Alferes-Ajudante Sebastião Francisco de Sá, de milicias do Rio Grande.

Dito Fermiano José de Oliveira, idem, idem.

Dito Francisco José de Lemos, idem, idem.

Dito Albano Baptista Soares, idem, idem.

Dito Ignacio Alves da Costa, do regimento de Guaranys.

Dito Agostinho Antonio de Mello, de milicias do Rio Pardo.

Dito João Borges do regimento do Lunarejo.

Dito Francisco Solano, de lanceiros do Uruguay.

Dito Francisco Pinto de Moraes, da guarda de honra de Sua Magestade o Imperador.

Dito Theodoro d'Avila, de milicias do Serro Largo.

Dito Joaquim Gomes de Araujo, idem, idem.

Dito Antonio Leite de Siqueira, de milicias de S. Paulo.

Todos os Officiaes.	49
Cadetes e Porta-Estandartes.	2
Sargentos, Furrieis, Cabos e Soldados.	58
Todas as Praças.	119

« Ilha de Martim Gracia, 12 de Março de 1826.— *Joaquim Antonio de Alencastro*, Coronel de 1.ª linha. »

« Declara-se ás Ordens de S. Ex. o Sr. Commandante em Chefe, o Alferes do 6.º regimento de cavallaria da 1.ª linha, Luiz Pedro Lecór.— *José Ferreira da Cunha*, Coronel e Ajudante General. »

Chegada que foi a Esquadrilha do Uruguay, julgou-se a Praça da Colonia bem defendida, e o Capitão Tenente Mariath tomou o commando do Brigue *Caboclo*, em substituição do *Real Pedro* que fora incendiado pelo inimigo.

Logo que chegou ao Rio de Janeiro a noticia do ataque da Colonia do Sacramento, o Governo Imperial mandou que se recolhesse á Côrte o Almirante Rodrigo Lobo entregando o commando geral interino das forças navaes ao Chefe de Divisão Diogo Jorge de Brito.

Esta ordem porem chegou ao Rio da Prata quando já o Chefe Diogo Jorge tinha dalli sahido em viagem para a Côrte, por ter peiorado dos ferimentos que recebera no combate de 9 de Fevereiro.

O Almirante Rodrigo Lobo mostrando-se sentido por ser chamado á Côrte, enviou ao Ministro da Marinha o officio seguinte:

« Respondendo ao officio de 19 de Março em que V. Ex. me ordena entregue o commando das forças navaes ao Chefe de Divisão Diogo Jorge de Brito, e

que me retire quanto antes para a Côrte; cumpre-me dizer a V. Ex. que sinto muito que os serviços prestados neste rio por mim, que não são poucos, nao tenham merecido a approvação de Sua Magestade Imperial.

« Resta-me tão sómente como fiel vassallo e como General servir com o mesmo zelo, com a mesma actividade, e, com o mesmo interesse que tenho servido por espaço de 43 annos, até aquelle momento que chegue o dito Chefe de Divisão para lhe entregar o commando como V. Ex. me ordena, e sinto muito que não se me determinasse na mesma occasião, que escolhesse a embarcação em que me devia retirar, pois que não estou de accôrdo de ir a minha custa como succedeu a ultima vez que me retirei daqui e o que não é praticavel em Nação nenhuma do Mundo.

« Outro sim me cumpre dizer que na occasião em que tenho forças sufficientes para tentar qualquer ataque e que talvez o resultado seja bastante favoravel, seja o momento em que me manda que entregue as forças que commando, porém como o resultado e conclusão desta campanha poderá ser mais feliz rematada por aquelle General, desejo quanto antes que elle chegue, porque eu só desejo o bem do serviço e a gloria do Imperio.

« E' quanto se me offerece participar a V. Ex.

« Deus Guarde a V. Ex.

« Bordo da Corveta *Liberal*, em frente a Buenos Ayres, 6 de de Abril de 1826.—*Rodrigo José Ferreira Lobo.* »

Continuando entretanto no commando até chegar o Chefe Diogo Jorge, ou outro que o Governo Imperial

houvesse por bem mandar, o Almirante Rodrigo Lobo teve de assistir ainda a alguns combates.

No dia 11 de Abril pelas 11 horas da manhã avistaram os navios brazileiros um grande navio de tres mastros redondos e bandeira franceza, dando caça a uma Sumaca brazileira que pretendia ganhar o porto de Montividéo, e logo depois reconheceram ser a Corveta argentina *Vinte Cinco de Maio*, onde costumava a andar o Almirante Brown, e immediatamente a Fragata *Nictheroy*, acompanhada das Escunas *Maria Thereza*, *Conceição*, *Providencia*, e *Maria da Gloria*, se fizeram á vela em demanda da Corveta inimiga, e esta, assim que vio o movimento dos navios brazileiros, arriou a bandeira franceza e içou a argentina. Mais ao largo navegava, nas aguas da Corveta o Brigue *Calipso*.

As 3 horas da tarde achava-se a Fragata *Nictheroy* em distancia de poder fazer fogo contra o inimigo e apesar de estar distanciada das Escunas e a Sotavento da Corveta de Brown rompeu o fogo contra ella, e durante quasi tres horas bateram-se os dois navios com o maior enthusiasmo causando-se reciprocas avarias.

Eram quasi 6 horas da tarde quando a Corveta de Brown arribando toda pretendeu empregar uma banda inteira de sua artilheria contra a prôa da *Nictheroy*, porém esta percebendo em tempo a manobra inimiga arribou ao mesmo tempo que a Corveta e descarregou sobre ella uma banda de artilharia carregada quasi toda de metralha.

A Corveta de Brown cessou o fogo e seguio na mesma bordada; e a Fragata *Nictheroy* seguio-lhe tambem no encalço não cessando de atirar-lhe com as

peças de prôa. A Corveta era de melhor marcha que a *Nictheroy* e facilmente ganhou espaço, conseguindo entrar no ancoradouro de Buenos Ayres.

A Fragata *Nictheroy* voltou ao porto de Montevidéo e ahi deu fundo as 7 horas da manhã do dia 12, trazendo 14 homens feridos gravemente, e entre elles o 1.º Tenente João da Silva Lisboa, e 6 mortos, todos por bala de artilheria e fuzil.

Neste combate muito se distinguio o Capitão-Tenente Greenfell, Commandante do Brigue *Caboclo*, que, achando-se o seu navio em fabrico, offereceu-se para seguir a bordo da Fragata *Nictheroy*, acompanhado do 2.º Tenente Rose e mais 20 praças da guarnição do *Caboclo*, e alli tomaram a si a guarnição de tres peças e fizeram bravuras.

No dia 27 de Abril, pouco antes da meia noite, os navios argentinos vieram surprehender e atacar a fragata *Imperatriz*, que se achava fundeada em frente a Montevidéo.

Os Argentinos, em numero de seis navios, dos quaes duas Corvetas, foram presentidos quando já muito proximos da Fragata.

De bordo da Fragata fallaram em inglez para dois navios, e elles nada responderam, seguindo por *BB* da Fragata e voltando depois por *EB*. Quando se acharam pela alheta da Fragata romperam vivo fogo de artilharia e mosquetaria,

A Fragata que estava prevenida, com as velas de prôa içadas e as gavéas largas e prompta a largar a amarra sobre boias, nada entretanto pôde fazer, porque com as primeiras bandas do inimigo ficaram cortados todos os cabos de laborar, não só das gavéas como do mais panno.

Apezar disso a guarnição não desanimou, combateu e defendeu-se com todo o valor, ora a *EB*, ora a *BB*, conforme a flanqueavam os navios inimigos, sustentou vivissimo fogo durante mais de 1 1/2 hora. Os Argentinos, vendo mallogrado o seu intento, retiraram-se.

O Commandante da *Imperatriz*, o bravo e distincto Capitão de Fragata Luiz Barroso Pereira, foi ferido no peito por bala de metralha logo no principio do combate, e morreu poucos momentos depois: morreram mais, duas praças da guarnição e ficaram gravemente feridas dez outras, entre marinheiros e soldados.

Os mastaréos de gavéa e gata, as vergas de gavéa e secca, a carangueja e páo da giba, foram passados de balas e planqueta, e o apparelho cortado em sua maior parte, além de diversos rombos nas obras mortas do navio.

Ao romper do dia 3 de Maio a Esquadra argentina veio de novo procurar os navios brazileiros fundeados em frente a Montevidéo.

Sendo vistos muito ao longe ainda, a Esquadra brazileira fez-se immediatamente á vela e foi ao encontro do inimigo, e este virou logo de bordo e foi procurar os baixos de Ortiz.

A Fragata *Nictheroy*, que mais perto seguia o inimigo, encalhou, e pouco adiante, porém longe do alcance da artilharia daquella, encalhou tambem a Corveta inimiga *Vinte e Cinco de Maio*. As Corvetas *Liberal* e *Maria da Gloria*, que seguiam nas aguas da Fragata *Nictheroy*, encalharam tambem. A Corveta *Maceió* foi a unica que pôde vencer os baixos e approximar-se mais da Corveta inimiga, porém a tempo que esta tinha podido safar-se e se retirava protegida por 1 Brigue e 1 Escuna.

As difficuldades do lugar, a noite que se approximava e o acharem-se os navios inimigos do lado opposto á restinga que faz os baixos de Ortiz, obstaram a que se podessem de prompto perseguir os navios inimigos quando desencalharam os navios brazileiros. Mesmo assim, a Escuna *D. Paula*, commandada pelo Tenente Antonio Leocadio, fez muitos tiros contra os navios inimigos e seguio sobre elles um grande espaço, porém sem resultado conhecido. Os navios argentinos voltaram ao seu ancoradonro em Buenos Ayres.

Tendo sido nomeado pelo Governo Imperial um novo Commandante em Chefe das forças em operações no Rio da Prata, o Almirante Rodrigo Lobo passou o commando interino das ditas forças, ao Chefe de Divisão Pedro Antonio Nunes, e retirou-se para o Rio de Janeiro.

Pouco tempo depois chegou ao Rio da Prata o Commandante em Chefe nomeado, Rodrigo Pinto Guedes (Barão do Rio da Prata), e tomou conta da Esquadra.

Antes de tratar-mos, ou continuar-mos a narração dos feitos da marinha brazileira na guerra da Cisplatina, convem dizer o que se passou com o Almirante Rodrigo Lobo, depois da sua chegada ao Rio de Janeiro,

Chegado que foi á barra do Rio de Janeiro o Governo Imperial o mandou recolher preso á fortaleza de Santa Cruz, e poucos dias depois passar para a fortaleza da ilha das Cobras, e alli esperar a occasião de responder a um conselho de guerra, palas faltas que, no entender do Governo Imperial, havia commettido durante o tempo que commandou em chefe as forças do Rio da Prata.

No dia 11 de Setembro foi nomeado o conselho

de guerra, a cujo Presidente o Governo Imperial dirigio o aviso seguinte:

« Manda Sua Magestade o Imperador nomear a V. Ex. Presidente do conselho de guerra de que são Vogaes o Vice-Almirante Francisco Antonio da Silva Pacheco, e os Tenentes-Generaes Visconde de Barbacena, José da Nobrega Botelho, Francisco Maria da Silva e Mello, e Manuel Martins do Couto Reis, e se deve fazer quanto antes ao Vice-Almirante Rodrigo José Ferreira Lobo, que foi Commandante das forças navaes do Rio da Prata e óra se acha preso na ilha das Cobras, afim de nelle responder pelos acontecimentos mais notaveis que alli tiveram lugar durante o seu commando, como são:

« 1.º Os dous combates com o inimigo no dia 9 de Fevereiro do corrente anno, nos quaes deixou de destruir, pelo menos, grande parte das forças deste, como era facil, e elle mesmo o Vice-Almirante confessa em seu officio n. 76.

« 2.º Não ter atacado o inimigo no dia 24 do referido mez, quando este o procurava com 1 Corveta, 4 Brigues e 1 Escuna; retirando-se elle Vice-Almirante com 2 Corvetas, 2 Brigues, 1 Brigue-Escuna, 1 Escuna, 1 Sumaca e 1 Escuna com mantimentos, para o abrigo da Fragata *Imperatriz*, que estava á vista no horisonte, segundo sua propria confissão, dando semelhante retirada lugar a que o inimigo fosse intimar o rendimento da Praça da Colonia que se achava desprovida e sitiada por terra (officios ns. 80 e 84).

« 3.º Não haver tambem atacado as forças inimigas depois que chegou á vista da Colonia e as reconheceu, indo fundear na distancia de 9 a 10 milhas;

e muito mais, quando tendo communicação com a Praça soube exactamente o estado desgraçado, e aperto em que se viam os sitiados, assim como a pouca força que o inimigo tinha então, pois que havia perdido já muita gente e parte das suas embarcações nos ataques que fizera, ao mesmo tempo que as forças brazileiras eram superiores, conforme tudo consta dos officios juntos do Governador da dita Praça e do Capitão-Tenente Frederico Mariath, expondo com semelhante falta a esta ser tomada á vista da mesma Esquadra, e finalmente não evitar a que as embarcações inimigas se evadissem a seu salvo, como conseguiram, em uma noite serena, sahindo entre as ilhas de Hornos, apesar de saber o mesmo Vice-Almirante no dia 13 que o inimigo andava dentro á *espia*, e de desconfiar por isso, como elle proprio confessa no seu officio n. 85, que quizesse fugir por entre as ditas ilhas.

« 4.º O abandono da ilha de Martim Garcia guarnecida e fortificada com tanto empenho como ponto importante, e até como tal recommendado pelo proprio Vice-Almirante em seus officios ns. 54 e 77, e desamparada logo em um momento com toda a sua artilharia.

« 5.º A sahida de Brown sem ser visto até chegar defronte de Montevidéo no dia 11 de Abril, e retirar-se da mesma sorte, tomando na ida a Escuna de guerra *Izabel Maria*, 1 Cuter e 3 embarcações mercantes que ião para a Colonia, durante que o Vice-Almirante estava fundeado a Leste dos Bancos de Ortiz e Chico (officio n. 100).

« 6.º A surpreza da Fragata *Imperatriz* com a maior affronta do pavilhão brazileiro em a noite clara de 27

para 28 de Abril, estando ella e a Esquadra fundeada defronte de Montevidéo (officio n. 101).

« 7.º O encontro com o inimigo no dia 3 de Maio, no qual, segundo o mesmo Vice-Almirante communica em seu officio n. 103, podia ter destruido a Corveta *Almirante* quando esta encalhou e era muito facil a não ser o procedimento indigno do Commandante da Corveta *Maceió* ao qual accusa mais esta vez, e todavia o conserva no commando,

« 8.º Finalmente, pela má direcção, uso e applicação que fez de grande numero de forças que se confiaram á sua disposição contra os inimigos do Imperio.

« O que tudo melhor e mais exactamento consta dos officios ns. 45, 54, 57, 62, 64, 65, 75, 76, 77, 78, 81, 83, 84, 85, 88, 90, 98, 100, 101, 102, 103, e mais papeis juntos, que formam o corpo de delicto e que deverá examinar para formar o processo em vista no seu julgado.

« Deus guarde a V. Ex.

« Paço, em 11 de Setembro de 1826.—*Visconde de Paranaguá.*—Sr. Almirante Graduado José Maria de Almeida. »

O Conselho de Guerra depois de 14 sessões e da substituição de alguns de seus membros, deu uma sentença que terminava da seguinte fórma :

« Em summa, não se provando como se não provam, as arguições parciaes, formadas á vista dos officios do Réo nos precedentes artigos, muito menos se poderá provar a geral, que se lhe argúe no art. 8.º do mesmo Aviso, por estar a favor do Réo o presumpção juridica do bom desempenho dos seus deveres na commissão de que fôra encarregado, emquanto o contrario se lhe não provar.

« Portanto, e o mais dos Autos, absolvem o Réo por uniformidade de votos por falta de prova.

« Rio, em Conselho de 6 de Fevereiro de 1827.—*José Francisco Leal*, Auditor.—*Rodrigo Antonio Delamare*, Chefe de Esquadra, Vogal.—*Joaquim Mourão Pinheiro*, Chefe de Esquadra reformado.—*Miguel Lino de Moraes*, Marechal de Campo.—*José da Nobrega Botelho*, Tenente General.—*Francisco Manoel da Silva e Mello*, Tenente-General.—*José Maria de Almeida*, Almirante Graduado e Presidente. »

Esta sentença foi pelo Conselho Supremo Militar confirmada, e pela fórma seguinte :

« Confirmam a absolvição do Réo, porque examinados os autos, ponderadas as testemunhas e officios, e consideradas as provas das razões do estado das embarcações, seus Commandantes e tripolação, e a impropriedade daquillo, porque todos manobrassem em diversos pontos, onde ha menos agua, que a necessaria para elles navegarem e manobrarem, e pesadas as providencias dadas pelo mesmo Réo, não apparece criminalidade alguma no Réo.

« Rio, 27 de Março de 1827.—*Portella.* — *Oliveira Alvares.* — *Oliveira Pinto,* — *Telles,* — *Muniz Barreto,* — *Gouvêa,* — *Veiga.* — *Cunha.* »

Ao tempo que isto se dava com a missão confiada ao primeiro Vice-Almirante, que commandou uma Esquadra brazileira ao Sul do Imperio, dava-se facto igual senão peor com o 1.º Almirante da Armada Nacional e Imperial que commandava a Esquadra brazileira na luta da Independencia e pacificação de algumas Provincias do Norte do Imperio.

Lord Cochrane, Marquez de Maranhão e 1.º Almirante da Armada Nacional e Imperial, que tinha organisado a Esquadra de Operações, mostrado sempre zelo pela disciplina das guarnições, bom exito das commissões que lhes foram confiadas, e prestado ao Brazil os mais importantes serviços na luta da Independencia ; e a quem o Governo Imperial concedera as maiores honras, distincções honorificas e gratificações pecuniarias, direitos do meio soldo da Patente (no caso de morrer no serviço do Imperio)á sua viuva tornou-se entretanto um ingrato aos olhos e pensar do Governo Imperial ; porquanto, tendo recebido ordem para se recolher á Côrte, a fim de prestar contas de sua missão nas Provincias do Norte do Imperio, entendeu ser melhor, e sem licença, retirar-se para a Europa, a bordo de uma Fragata brazileira (*Piranga*) das que estavam sob seu immediato commando, abandonar o serviço do Imperio, e seguir para uma outra commissão a chamado ou por convite da Grecia. E desse irregular proceder de Lord Cochrane, resultou afinal o seguinte Decreto.

« Hei por bem Demittir do serviço deste Imperio ao 1.º Almirante da Armada Nacional e Imperial Marquez do Maranhão, por se ter ausentado do mesmo, sem a competente autorisação.

« O Conselho Supremo Militar o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios.

« Palacio do Rio de Janeiro, em 10 de Abril de 1827. Com a rubrica de Sua Magestade Imperial.—*Marquez de Maceió*, »

VI

SUMMARIO

Primeiros feitos do Commandante em Chefe Almirante Pinto Guedes (Barão do Rio da Prata). — Batalha de 11 de Junho de 1826.— Combates de 30 de Julho.— Ferimentos do Commandante Greenfell.— Condecorações pelos feitos de 30 de Julho.

O Governo Imperial quando nomeou o Almirante Pinto Guedes para commandar as Forças do Rio da Prata fez-lhe sentir a necessidade que havia de maiores commettimentos por parte da Esquadra brazileira, que tão forte e bem provida então se achava.

O Almirante respondendo ao Governo Imperial prometteu empregar todos os meios afim de obrigar o inimigo a combater, pois que nisso é que enxergava a terminação da guerra.

O primeiro passo do Almirante Pinto Guedes foi dar uma nova organisação ao serviço da Esquadra já formando Divisões e escolhendo para ellas os mais idoneos Commandantes, já estabelecendo constantes cruseiros, já emfim ordenando o mais rigoroso bloqueio e vigilancia contra os navios inimigos.

E sendo o seu grande plano de campanha desafiar

o inimigo, offerecer-lhes combates, e obrigal-o a aceitar a luta, ordenou a todos os Commandantés de Divisões que, sempre que houvessem de offerecer combate ou mesmo de os aceitar, o fizessem com forças taes que ao inimigo não parecessem superiores ás suas. E com esse plano o Almirante Pinto Guedes conseguio fazer o inimigo aceitar desafio e bater-se.

Desde os primeiros encontros com o inimigo vio-se que outra Estrella mais feliz estava presidindo os destinos da Esquadra brazileira: embora houvessem muitos damnos, graves prejuizos e a perda de muitas vidas, o triumpho e a gloria d'ahi em diante pertenceu sempre aos Brazileiros.

No dia 10 de Junho de 1826 parte da Esquadra de Buenos-Ayres achava-se á vista dos navios da Divisão commandada pelo bravo James Northon.

Seguindo as ordens e plano do Almirante, Northon dividio os seus navios em duas turmas ou subdivisões, e ordenou que os navios *Caboclo*, *Maceió*, *Independencia ou Morte*, *Januaria*, *Providencia*, e *Sete de Março*, debaixo das ordens de Greenfell seguissem a esperar e bater os inimigos, se a sua direcção fosse para os lados das ilhas de Hornos, como se suppunha; e com o resto dos navios, sob seu immediato commando pretendia bater os inimigos em outro qualquer ponto de encontro.

Mudando porém de resolução e pretendendo com um golpe de mestre inutilisar toda a esquadra de Buenos-Ayres, a um signal fez reunir todos os navios, e dirigio-se para o porto de Buenos-Ayres com o fim de bater ahi mesmo, á vista da cidade, todos os navios armados que fossem encontrados.

Infructiferos foram entretanto todos os planos e

boa vontade do valente Northon, os seus navios eram todos de calado superior ao fundo onde se achavam os navios inimigos, e nada pôde conseguir.

Na parte official dada ao Almirante acha-se perfeitamente explicado esse temerario commettimento, e porisso transcrevemos o que a tal respeito nella se diz:

« A's 4 horas da tarde chegamos a vista da cidade; ás 5 horas mandei dar fundo: pela manhã do dia 11, ao romper do dia, fiz-me de vela para Buenos-Ayres, avistamos logo fundeados nas balizas exteriores desta cidade as cinco embarcações mencionadas e sete canhoneiras; e apesar de ter mandado dar reboque ás embarcações peiores, o pouco andar das barcas nos atrasou bastante: sem embargo ao meio-dia estavamos nas balizas exteriores, mandei a minha lancha sondar pela prôa, e continuei com esta Fragata até quasi chegar a distancia de tiro de bala do inimigo, que estava fundeado em linha e com regeiras passadas: a falta d'agua para a Fragata ,me obrigou a dar fundo assim como a Corveta *Maria da Gloria*; as mais embarcações seguiam; fiz signal de atacar o inimigo e o fogo principiou: passei immediatamente a bordo da Corveta *Itaparica* (que demanda 14 pés d'agua) e continuei nella e até que, quasi tocando no fundo, fui obrigado a virar.

« As Corvetas *Liberal Maceió*, os Brigues *Pirajá*, *Vinte e Nove de Agosto* e *Independencia ou Morte* tiveram de fazer o mesmo: deixei a *Itaparica* e passei a bordo do *Caboclo*, e de lá a bordo da *D. Paula*, onde estava o Sr. Jacintho, para combinar com elle atacar o inimigo com as embarcações pequenas; porém vendo que parte dellas se achavam atrazadas e sotaventeadas,

julgamos que o exito era, ao menos, duvidoso e, portanto, mandei as embarcações de pouca agua dar caça a barlavento ao resto da Esquadra de Buenos-Ayres, que apparecia vindo das ilhas de Hornos, atravessando o Banco de Palmas; o pouco andar das barcas fez ainda infructuoso esse ataque, e apesar de bastante fogo, de uma e outra parte as embarcações entraram em Buenos-Ayres; durante esse tempo, as Canhoneiras inimigas, que estavam fundeadas, julgando provavelmente que esta Fragata estava encalhada (quando dei fundo, a cathedral de Buenos-Ayres demorava ao *SO* 4 1/2 *S*, distancia de..... milhas) aproximaram-se a remos e fizeram algum fogo, porém foram obrigados a retirar-se. A' noite mandei reunir e encorporar as nossas forças e fui dar fundo com ellas nas balizas exteriores, na distancia de 2 1/2 a 3 milhas do inimigo.

« No dia dia 12 pela manhã consultei com o Sr. Jacintho e os Commandantes das embarcações maiores Srs. Beaurepaire, Greenfell, Mariath, Heyden e Eyre e estivemos de unanime opinião que não se podia atacar o inimigo na posição que tinha tomado..... Bordo, 14 de Junho de 1826.—Aasignado—*James Northon.* »

Na noite de 29 de Julho o Almirante Brown sahio com os seus navios e veio ao largo mostrar aos navios brazileiros, commandados por Northon, que não tinha medo de se bater, e esperou até a seguinte manhã.

O Commandante Northon por seu lado mostrou aos Argentinos que os seus desafios eram serios.

A descripção deste encontro está tão bem feita, nas participações officiaes do Almirante Pinto Guedes, que, não a resumiremos.

Eis o que diz o Almirante:

« Emquanto não recebo parte do Capitão de Mar e Guerra Northon, Commandante da Divisão sobre Buenos-Ayres, e dos Commandantes das embarcações alli empregadas para dar a V. Ex, miuda conta do combate que teve lugar entre a nossa Divisão e a Esquadra daquella Republica na noite de 29 de Julho e na manhã seguinte, posso adiantar a certeza de se haverem batido com forças iguaes, ou com pouca differença, porque eu as tinha posto assim, por baldar qualquer invenção, visto que o inimigo não desaferrava do porto, não obstante a vista da cidade onde a nossa Divisão foi ancorar em frente da barra.

« Brown vio-se assim obrigado a aceitar a luva, e sahio á noite, fazendo, e recebendo algum fogo, e na manhã seguinte bateram-se sempre correndo, e fugindo com força de vela, sem admittir combate regular em distancia propria de quem sustenta o lugar e ponto de honra, e sempre perto dos Bancos para fugir em se vendo posto em aperto; e sem lhe importar o pundonor, que anda annexo aos Officiaes das Marinhas regulares, toma sempre a vereda de *guerrilheiro*, ou salteador.

« Assim mesmo nestas escaramuças, ficaram em tal estado, que elle por fim apenas respondia, ás bandas que lhe davam os nossos, com tiros interpolados. o que annunciava grande numero de mortos: a Corveta parecia um crivo, e a sua mastreação e velame consistia no mastro grande sem vergas nem mastaréos, e na gata, velaxo e traquete: e com estes restos dando á pôpa com vento forte aproou á barra tão preciptadamente e em tal confusão que encalhou na entrada.

« Todos assim, mais ou menos, bem fustigados fugiram com o favor do vento, que se augmentou, e fez

tão forte pampeiro, que a nossa Divisão não o podendo supportar á vela deu fundo em frente do porto; e alli se conserva á excepção do *Cabocolo* que passada á força de vento veio a Montevidéo trazer o Commandante.

« Nós tivemos grande perda. Como o Bergantim *Coboclo*, por demandar menos agua podia chegar-se mais á 'barra, ia acossando a Corveta na fuga, e passando um dos Bergantins inimigos, que seguia com os outros, a precipitada fugida da sua Almirante, disparou alguns tiros, e vieram as balas de uma pyramide matar um marinheiro do Bergantim *Caboclo*, e ferir cinco pessoas; mas entre estas acha-se o valeroso e emprehendedor Grenffell, que ainda vive, porém mal prognosticado; e desta fórma nos fica um vacuo que senão encherá facilmente.

« O Tenente Taylor tambem foi passado no ventre pelo lado direito, com offensa dos intestinos, e suppõe-se ferida mortal.

« O 1.º Tenente Raphael José de Carvalho, Commandante do Bergantim *Vinte e Nove de Agosto*, foi ferido com metralha no braço esquerdo. Ha mais feridos, e alguns mortos da classe da marinhagem, de que ainda não tenho informação exacta.

« Em outro officio disse a V. Ex. a razão porque o inimigo navega em menos agua que os nossos navios. Para poderem fugir e metter-se para dentro dos Bancos, andam á tona da agua; e como sahem com escolha de tempo, sem se affastarem dos Bancos, não receiam fazel-o e mettem artilharia maior do que fariam se tivessem de guardar o mar. Os que devem sustentar-se á vela e fazem o bloqueio desde a Colonia até a Enseada, se fizessem o mesmo correriam grande risco.

« Bordo da Fragata *Piranga*, 3 de Agosto de 1826. — *Rodrigo Pinto Guedes.* »

Em outro officio do 11 de Agosto disse o Almirante o seguinte:

« Pouco posso accrescentar ao que já escrevi a V. Ex. no meu officio n. 50, sobre os successos do dia 30 de Julho, em que a nossa Divisão e as Forças navaes de Buenos-Ayres se bateram; para intelligencia, porém, do motivo que os occasionou, permitta V. Ex. que eu faça nárração de uma historieta que anda com alguma alteração da verdade no *Corréio de Buenos-Ayres* de 14 de Julho.

« No dia 3 de Julho uma senhora de Buenos Ayres chamada D. Maria Mendeville, Secretaria da Sociedade de Beneficencia, offereceu a Brown no meio de grande ajuntamento, convidado para isso na casa das sessões, uma bandeira da Republica, feita de seda e bordada, acompanhando a dadiva com um discurso analogo ao assumpto.

« Brown agradecendo, respondeu com outro (creio que de igual eloquencia), e penhorou a sua palavra de que dentro de dois mezes o commercio de Buenos Ayres estaria livre, o que vinha a ser equivalente a não se ver mais a bandeira Imperial no Rio da Prata.

« Grandes vivas e applausos teve esta deliberação, tomada á noite, porém, o gazeteiro mudou esta insustentavel ufania em — que a bandeira jámais cahiria nas mãos do inimigo — tomou disto motivo para trazer á memoria os grandes feitos dos heróes Romanos, enxovalhados pela comparação, e accrescentou que esta

scena arrancara lagrimas de todos os espectadores; fez elogios aos dois actores e tributou a Brown a alcunha de — Heróe de 11 de Junho — aquelle dia para elle de maior vergonha, como V. Ex. veria pelos meus officios ns. 21 e 23, em que soffreu ser desafiado desde a manhã até a noite, recebendo balas que só lhe podiam chegar por elevação, mas que assim mesmo lhe fizeram o estrago que relata a carta de Buenos-Ayres, cuja cópia tambem enviei a V. Ex. naquella occasião; e em que o Bergantim *Caboclo*, por ser o que demanda menos agua, correu a linha inimiga na distancia a que póde chegar por cima da borda de fóra do Banco, dando uma banda da artilharia a cada navio inimigo, que nem incitado desta fórma se resolveu a sahir, foi o dia escolhido para o titulo de — Heróe de 11 de Junho.

« Com os dados acima réferidos, extrahidos do periodico sobremencionado, havia eu esperanças de que Brown sahisse dos poços para cumprir sua palavra; porém, tendo-se passado boa parte do praso marcado por elle para a conclusão do projecto, sem dar a menor demonstração de aggredir, reciei que a força da Divisão, que havia posto defronte de Buenos-Ayres, lhe servisse de desculpa, e se perdesse a boa occasião que elle affiançava por aquella asserção.

« Antes que expirasse o tempo assignalado tratei de lhe aplainar as difficuldades, pondo a Divisão quasi na mesma força da sua Esquadra, confiando muito na disciplina da nossa, e mui pouco na sua composta de Officiaes sem disciplina nem pericia militar, que só vão para diante emquanto não acham estorvo, e difficuldades a vencer.

« Tirei da Divisão e empreguei fóra dos Bancos

para *E* — a Corveta *Maria da Gloria*, o Bergantim *Independencia ou Morte*, o Brigue-Escuna *Januaria*, e as Escunas *Maria Thereza* e *Providencia*.

« Ficou a *Nictheroy* que andará com pouca differença pela força da Corveta *Vinte e Cinco de Maio* onde Brown tinha a sua bandeira, e que montava 22 peças de calibre doze na bateria corrida de convéz, e 12 de calibre 24 na coberta, onde para esse fim abrio seis portas por banda: tinhamos mais tres Corvetas, *Liberal* que foi Bergantim, *Itaparica* e *Maceió* de menor porte; trez Bergantins, *Pirajá*, *Caboclo* e *Vinte e Nove de Agosto*; e os inimigos cinco (a embarcação que elles denominam Barca é da força de um Bergantim, e só differe na mastreação); tinhamos tres Escunas, *D. Paula*, *Conceição* e *Itaparica*; os inimigos tinham tambem tres, *Sarandy*, *Pepa* e *Rio*; tinhamos apenas quatro Barcas armando-as com gente de todas, deixando só um numero sufficiente para os remos das que ficaram na Colonia; e os inimigos tinham oito.

« Desta fórma fica evidente que as forças estavam equilibradas, ou por ventura a favor dos inimigos que ficavam com mais quatro Barcas, e uma Escuna pelo que abaixo direi.

« Nem se diga que os seus navios são fracos por terem sido do commercio, pois muitos dos nossos tiveram esse exercicio: por exemplo, a *Nictheroy*, *Pirajá*, *Vinte e Nove de Agosto*, *Independencia ou Morte*; e outros que não estavam alli como a *Carioca*, *Gentil Americana*, *Beaurepaire*, etc.

« Por uma casualidade tinha alli chegado na vespera a Corveta *Maria da Gloria* com 74 praças á disposição do Capitão de Fragata Jacintho Roque de Senna Pereira, para o fim que participei a V. Ex. no meu

officio n. 45; mas para que essa differença não pareça extraordinaria deve entrar em linha de conta a montar um dos Bergantins dos inimigos, além da bateria corrida, quatro peças de calibre vinte e quatro na coberta, onde para isso se abriram portas, ao que deu occasião ser, muito alteroso; e armado desta forma não deverá ser reputado muito inferior áquella Corveta.

« Eis aqui o estado das forças que entraram em acção no dia 30 de Julho proximo.

« A nossa Divisão reduzida como fica expendido foi ancorar á vista dos navios inimigos, que vendo-se assim desaffiados começaram a lançar foguetes ao ar, e foi tal a algazarra, que se ouvia a grande distancia.

« Continuarei a narrar os successos do dia, fazendo ao mesmo tempo uso de que vim a saber depois.

« Julgou Brown que sahindo de noite, como estava escuro podesse abordar a *Nictheroy*, para o que, dizem, mettera mais de quinhentos marinheiros na Corveta; porém Northon tinha posto as Escunas *D. Paula* e *Conceição*, na bocca do canal, para darem parte da sahida, se esta se effectuasse.

« Depois das dez horas sahio Brown e abalroou a Escuna *D. Paula* desarvorando-a de um mastro, e portanto ficou impossibilitada de entrar em acção: mas a *Conceição* fez immediatamente o signal ordenado.

« Estando por este modo todos prevenidos, Brown não pôde pôr em pratica o seu projecto, e depois de alguns tiros de parte a parte os inimigos afastaram-se até que o dia os fez descobrir, e foram obrigados a combater, porém com a vantagem da proximidade da barra para a fuga em caso de aperto, como é sempre seu costume, bem que nesta occasião Brown por se achar separado não o pôde fazer a seu salvo.

« Foi a sua Corveta denominada *Vinte Cinco de Maio* atacada pela *Nictheroy*, e diz Northon que recebeu na acção toda a assistencia possivel dos Capitães de Fragata Greenfell, Commandante do *Caboclo*, e Jacintho Roque de Senna Pereira, que nesse dia embarcára a bordo da *Leal Paulistana:* que não podendo a *Nictheroy* entrar mais dentro, porque tocou, e esteve alguns minutos encalhada, não podendo a Corveta *Maria da Gloria*, commandada pelo Capitão de Fragata Theodoro de Beaurepaire, que segundou a *Nictheroy*. continuar o vivissimo fogo que lhe havia feito, pela mesma razão de demandar muita agua, e tendo desarvoado do mastaréo de velaxa a Corveta *Itaparica*, commandada pelo Capitão Tenente Guilherme Eyre, que nesse estado foi atacado pelos Bergantins que iam fugindo para dentro, dos quaes se deffendeu com uma bravura extraordinaria, fez signal á *Liberal* commandada pelo Capitão de Fragata Bartholomeu Hayden, por se achar e esse tempo mais proxima, que se aproximasse ao navio desamparado para acabar de destruil-o; não foi este signal executado, dando o Commandante por motivo não ter achado agua para se aproximar a ponto de o poder fazer.

« A *Maria da Gloria* e outras tinham estado a perseguir os Bergantins inimigos, que sustentavam barlavento, e nem se quer se aproximaram a tiro regular de canhão, assim mesmo na fuga receberam damnos, e um perdeu o mastaréo de joannete de prôa.

« Para se conhecer o estado em que ficou a Corveta *Vinte Cinco de Maio*, que fugindo á pôpa com a gata, velaxo e traquete, quando chegou a encalhar apenas tinha os mastros reaes muito maltratados, e a verga e véla do traquete, bastará transcrever aqui

a conta official que Brown deu ao Ministro de Estado da Guerra e Marinha: é como se segue:

— « Exm. Sr. Provocados para sahir temos batido mas não rendido aos inimigos: permitta V. Ex. que o informe que os navios da Nação estão livres. É-me sensivel assegurar que são muitos os mortos e feridos; e entre os ultimos o meu bravo Capitão Espora.

« A *Vinte e Cinco de Maio* está completamente destroçada: far-se-ha uma lista dos mortos e feridos e se enviará com a promptidão possivel.

« Sou de V. Ex. o obediente e humilde servidor. — *Guilherme Brown.* »

« Depois desta confissão official de Brown, publicaram as gazetas serem só vinte os mortos, e trinta os feridos: acharam contas certas, e mais acertadas em dezenas! Ainda que se não soubesse que tinham entrado no hospital para cima de noventa, o que não deve admirar pela numerosa tripolação da Corveta, onde a bateria de cima estava calada ha mais de uma hora antes de encalhar, fazendo fogo só com a da coberta, bem se vê que a mentira está mal calculada.

« Não é natural que havendo vinte mortos houvesse só trinta feridos: ou mais feridos ou menos mortos: isto é o que tem mostrado a experiencia em todos os combates. Os que d'alli sahirem dirão dos mortos, passado mais algum tempo, assim como já disseram dos feridos. As expressões de Brown que talvez não sejam exactas dão uma idéa do resultado do dia.

« Têm desafogado os gazeteiros em nos chamar — *escravos*, e até fracos: o que sendo opposto aos seus relatorios, mostra que a dôr ainda os afflige, e que a lição foi com rigor,

« Dão pôr certo que as nossas embarcações eram 23; nem contando o Brigue *Real João*, que não estava, e sim perto da Colonia, a Escuna *D. Paula* que não entrou pelo successo referido; e as Barcas e as duas Lanchas que sahíram da Colonia, e que não entraram no fogo, nem estiveram ao alcance disto e só appareceram para rebocarem alguma embarcação se fosse necessario; e mesmo para isso só chegaram a ponto de o poderem fazer, muito depois de estar o inimigo batido e refugiado nos poços, se poderia contar aquelle numero.

« Não me julguei habilitado a fazer uso da autotoridade que me foi concedida pela Carta Imperial de 10 de Abril deste anno, e mesmo alguns dos Officiaes que se distinguíram estão com patentes de Capitães de Fragata, cujo accesso não comprehende a minha possibilidade: julgo comtudo um dever de justiça propôr o Capitão de Mar e Guerra graduado Northon, os Capitães de Fragata Theodoro Beaurepaire, Pascos Greenfell, Jacintho Roque de Senna Pereira, o Capitão Tenente Guilherme Eyre, o 1.º Tenente Antonio Carlo-Ferreira (que conduzio a *Leal Paulistana* com o mesmo valor com que o havia antes feito o Capitão de Fragata Jacintho Roque, quando este passou para o Bergantim *Vinte e Nove de Agosto*, depois da ferida que o Commandante recebeu) e o 2.º Tenente Thomaz Thompson, Commandante da Escuna *Conceição*, para que Sua Magestade a Imperador, haja por bem conceder-lhes alguma mercê honorifica.

« Bordo da Fragata *Piranga*, 11 de Agosto de 1826. — *Rodrigo Pinto Guedes.* »

Os ferimentos recebidos por Pascoe Greenfell tendo-se aggravado, e achando-se o enfermo em estado

muito debilitado pela muita supuração, foi mister de prompto fazer-se-lhe a amputação a retalho, do braço direito, o que se effectuou no dia 19 de Agosto pelas 11 horas da manhã, operação esta feita pelo Physico Mór do Exercito José Pedro de Oliveira, como meio unico de se salvar a vida de tão benemerito Official.

Pelos feitos praticados no combate de 30 de Julho, o Governo Imperial condecorou com a Dignitaria do Cruzeiro os Capitães de Fragata John Pascoe Greenfell e Theodoro de Beaurepaire, com o Officialato os Capitães de Mar e Guerra James Northon, Capitão de Fragata Jacintho Roque de Senna Pereira e Capitão Tenente Guilherme Eyre, e com a Gráo de Cavalleiros os 1.os Tenentes Antonio Carlos Ferreira e 2.º Tenente Thomaz Thompson. E na mesma data concedeu ao Capitão de Fragata Greenfell uma pensão annual de *seis centos mil reis* (13 de Setembro de 1826).

VII

SUMMARIO

Viagem do Imperador D. Pedro I ao Rio Grande do Sul em 1826.— Abordagem ao Brigue de guerra *Rio da Prata* em 16 de Dezembro de 1826. — Batalha de Ituzaingo em 20 de Fevereiro de 1827.— Ocupação da ilha de Martim Garcia pelos Argentinos.— Batalha do Juncal.—Expedição á Patagonia.

Ao passo que a phase da guerra melhorára na Esquadra, pelo acerto com que o Almirante Pinto Guedes (Barão do Rio da Prata) a dirigio, no Exercito brazileiro, que se achava na Campanha, as cousas não iam bem : era até desanimador o estado das tropas.

O General Francisco de Paula Damasceno Rozado, que commandava então o Exercito em operações, era pouco feliz em seus planos e combinações, e forçoso foi tambem destituil-o do commando, como se havia feito ao Almirante Rodrigo Lobo, e substituil-o pelo General Marquez de Barbacena, que tomou conta do Exercito achando-se elle acampado na Capella do Livramento, no dia 11 de Janeiro de 1827.

Pouco tempo antes da destituição do General Damasceno Rozado o Imperador D. Pedro I resolveu-se a ir em pessoa á Provincia do Rio Grande do Sul, e

dalli passar até onde se achasse acampado o Exercito brazileiro. E com effeito, no dia 24 de Novembro de 1826 seguiam do Porto do Rio de Janeiro a Náo *Pedro I*, a Fragata *Izabel*, a Corveta *Duqueza de Goyaz* e a Escuna *Primeiro de Dezembro*, sob o commando do Almirante Conde de Souzel. A bordo da Náo *Pedro I* ia Sua Magestade o Imperador e a sua comitiva.

No dia 30 do referido mez chegou a Santa Catharina a Náo *Pedro I*; seguindo por terra o Imperador e a sua comitiva para o Rio Grande do Sul.

O Imperador foi recebido no Rio Grande, com o maior enthusiasmo. Não havia rio-grandense que não manifestasse o desejo de querer acompanhar o Imperador até á Campanha : as subscripções avultaram, e por toda a parte só se observava enthusiasmo popular e rasgos de patriotismo.

Tudo isso entretanto esfriou e desapparecen logo que se soube que o Imperador, por motivos ponderosos que sobrevieram, tinha resolvido não passar dalli, e regressar de prompto ao Rio de Janeiro.

Só o Barão do Serro Largo não arrefeceu em seu elevado patriotismo e enthusiasmo ; tudo quanto elle havia promettido ao Imperador em pessoa, cumprio em sua ausencia.

Poz-se em campo, arrigimentou a gente que pôde, chamou os desertores e prometteu-lhes o Imperial perdão, e lá se foi acompanhado desse punhado de Brazileiros, reforçar o exercito em campanha.

Infelizmente o Marechal Barão do Serro Largo, foi buscar a morte logo no primeiro combate dado pelo novo General Marquez de Barbacena, nas visinhanças do Passo do Rosario, no lugar denominado *Itusaingo*,

no dia 20 de Fevereiro de 1817 [1] combate que durou 11 horas e em que ficaram mortos 242 brazileiros, além

---

[1] *Batalha de Itusaingó.* — Parte Official. — Illm. e Exm. Sr. — No dia 20 do corrente encontrei o inimigo nas vizinhanças do passo do Rosario, pelas 6 horas da manhã, e desde logo começou o fogo. O Marechal Barão do Serro Largo fazia a vanguarda com uma brigada de 560 homens, por elle escolhidos, e, segundo sua expressão, todos de fazer pé. Longe, porem, de fazer pé, ou a menor resistencia a quatro esquadrões inimigos, fugiram sem dar um tiro, ou tirar pelas espadas, e em tal debandada, que causaram alguma desordem no quinto regimento, destinado a sustental-os, teriam cahido sobre o quadrado dos batalhões 13 e 18, se não fizessem fogo sobre elles. Alguns destes tiros mataram ao Marechal. Esta desordem, expondo a Divisão do Brigadeiro Callado a ser flanqueada, obrigou o referido Brigadeiro a occupar-se em repellir, como fez, os repetidos ataques do inimigo por este lado, deixando por isso de cooperar com a 1.ª Divisão, onde a victoria duas vezes se declarou a nosso favor, mas onde tambem tivemos a desgraça de ver recuar o regimento n. 24; entretanto que o inimigo, por sua superioridade numerica, não só mandava reforço a todos os pontos atacados, mas destacava esquadrões, que nos flanqueavam pela direita e esquerda, lançando fogo nos campos ao mesmo tempo. Os lanceiros do Uruguay (Guaranys) e os conductores tambem se portaram mal, lançando-se sobre as nossas bagagens, que roubaram.

Com taes acontecimentos, com as tropas fatigadas, com seis horas de continuado fogo, e o inimigo dispondo cercar-nos, forçoso foi retirar-me, posto que até então tivessemos vencido em todos os ataques feitos, ou recebidos. Os cinco batalhões fizeram prodigios de valor, a elles se deve a respeitavel attitude que o Exercito póde conservar

de um grande numero de extraviados: em que foram levadas pelo inimigo as bandeiras de diversos batalhões

---

na retirada: eu só perdi uma peça de artilharia por causa dos conductores, e 242 homens entre mortos e prisioneiros. O numero dos extraviados é maior, mas deixei esquadrões de cavallaria para os receber na garupa, e assim se vão reunindo. Estando com a cavallaria mal montada, e com a infanteria cansadissima, procuro algum ponto menos exposto, em que possa receber os soccorros indispensaveis de calçado, fardamento, munições de guerra, e cavallos; quanto a mim, só póde ser o passo de S. Lourenço, em Jacuhy: a pluralidade dos Officiaes foi de opinião que S. Sepé era preferivel por causa do sustento da gente, e dos cavallos, concluindo, porem, todos que nós deviamos occupar o passo de S. Lourenço, logo que o inimigo avançasse. Ora, estando o inimigo unicamente distante de 4 marchas, e devendo a passagem do rio Jacuhy occupar-nos um, ou dous dias, vem a ser manifesta contradição demorar-se em S. Sepé. Recebendo em tempo os soccorros de que preciso, espero tirar-me da luta. Não devo omittir o quanto brilharam na acção os regimentos de cavallaria de Lunarejo, e 20, assim como uma parte da Brigada do Coronel Bento Gonçalves. Na relação junta achará V. Ex. o numero dos mortos, feridos, e prisioneiros. Em outro officio darei conta a V. Ex. dos Officiaes que mais se distinguiram, porque, supposto tivessemos de abandonar o campo da batalha, os heróes, que tanto se illustraram durante onze horas de combate, vinte e quatro de marcha sem descanso, e quarenta e oito sem comer, são, na minha opinião, tão dignos das boas graças de S. M. I., como se aos seus esforços tivesse acompanhado a victoria.

Deus guarde a V. Ex.

Vacacahy, 25 de Fevereiro de 1827. — Illm. e Exm. Sr. Conde de Lages. — *Marquez de Barbacena.*

de caçadores, que estavam juntos com o instrumental das musicas, nos transportes de bagagem: bandeiras essas que depois passaram a figurar, por muito annos, na Igreja Cathedral de Buenos-Ayres como tropheos, *tomados em combate.*

Continuando a narração dos feitos da marinha de guerra, temos que, no dia 16 de Dezembro de 1826, pelas 3 horas da madrugada, achando-se fundeado no porto de Maldonado o Brigue de guerra *Rio da Prata,* commandado pelo 2.º Tenente Jezuino Lamego Costa, vio-se repentinamente atacado e abordado por um grande Lanchão armado e tripulado por 48 homens escolhidos, e mais 8 balieiras tambem armadas e abarrotadas de gente para emprehender uma abordagem.

Os assaltantes eram commandados pelo Francez *Fournier,* o mais ousado dos bandidos estrangeiros que então por alli existiam, o chefe dos corsarios e navios piratas que os inimigos do Brazil tinham armado no porto de Buenos-Ayres.

Durou o assalto e acção mais de 1 hora, e a defeza afinal foi toda á arma branca.

Fournier e o grupo de assaltantes que de perto o seguiam chegaram a penetrar e ganhar terreno até junto do mastro grande, vindo de prôa; ahi porém o combate tornou-se o mais renhido, e os Brazileiros cantaram victoria.

Fournier atirou-se à agua e desappareceu, pelo que foi julgado morto; porém mais tarde se soube que tinha ganho uma das balieiras e fugido a salvo. O Lanchão foi apresado, e da sua guarnição só escapou com vida um marinheiro Americano.

A perda do inimigo foi calculadada em mais de

100 homens. As balieiras fugiram, reduzidas á simples guarnição.

Entre os mortos e feridos, encontrados dentro do Brigue estavam tambem 8 praças brazileiras, pertencentes á sua valente guarnição.

Foi este um feito muito importante e da maior gloria para a Marinha de Guerra Brazileira,

O Commandante do Brigue 2.º Tenente Jezuino Lamego Costa, foí, logo no dia seguinte, promovido no posto de 1.º Tenente, em virtude da autorisação que para isso tinha o Almirante Barão do Rio da Prata.

Na data deste glorioso feito tinha o Brazil perto de 50 embarcações de guerra no Rio da Prata, assim divididas: em frente a Buenos Ayres, 3 Fragatas, 2 Corvetas, 3 Brigues, e 2 Escunas; na Colonia do Sacramento 5 embarcações de diversos lotes e armação; no Uruguay 17 embarcações com 60 bocas de fogo; no Maldonado 4 navios pequenos em cruzeiro; e o resto da Esquadra prompta a seguir em commissão para a Patagonia e outros pontos.

Em principios do anno de 1827 querendo o Almirante Barão do Rio da Prata auxiliar o Exercito brazileiro em suas operações contra o inimigo, e obter que de Entre-Rios e Corrientes elles passassem a outros pontos incumbio á Divisão commandada por Jacintho Roque, de subir o rio Uruguay, com o fim de prestar ao Exercito todo o auxilio de que necessitasse. A Divisão partio, levando a ella annexados, muitos Lanchões armados.

O Almirante Brown que andava sempre bem avisado do movimento das forças brazíleiras, resolveu ir atacar os navios commandados por Jacintho Roque, e

para melhor conseguir o seu intento, dirigio-se á ilha de Martim Garcia (que se achava abandonada desde o tempo em que o Almirante Rodrigo Lobo fez, erradamente, retirar dalli as nossas forças, para com ellas augmentar a defeza da Praça da Colonia do Sacramento), desembarcou gente e artilharia, fortificou convenientemente toda a Ilha, e pôz os seus navios ao abrigo das fortificações alli estabelecidas.

Formou então o plano de esperar ahi a descida dos navios de Jacintho Roque para os bater. Dividio os navios sob o seu commando, destacando alguns para pequenas distancias, e junto de outras pequenas ilhas.

Chegando este facto ao conhecimento do Almirante Barão do Rio da Prata, e querendo este livrar a Divisão de Jacintho Roque da emboscada e ataque que o Almirante Brown projectava, encarregou ao Capitão de Fragata Frederico Mariath de ir, com a Corveta *Macció* e outros navios prestar os soccorros necessarios a Jacintho Roque.

As forças de Mariath partiram immediatamente, e, apesar do máo tempo, do pouco fundo para navegação de seus navios, apesar mesmo de ter arrastado muitas vezes e mesmo chegado a encalhar a Corveta *Maceió*, Mariath conseguio romper caminho, acompanhado apenas da Escuna *Dois de Dezembro* e achar-se á vista dos navios inimigos fundeados junto ás ilhas de Santa Anna, no dia 17 de Janeiro.

As outras embarcações que acompanhavam Mariath tinham ficado a grande distancia, lutando com o máo tempo, com os parseis e o pouco fundo.

O máo tempo continuava, e entretanto os navios de Brown não se fizeram esperar: em pouco tempo

tinham largado do seu ancoradoro e rodearam a Corveta *Maceió* do commando de Frederico Mariath. Nada menos de que 1 Brigue, 3 Escunas, 1 Barca, diversos Lanchões e Sumacas mostraram-se promptos a bater a Corveta *Maceió*, e abriram sobre ella nutrido fogo.

Mariath respondeu immediatamente á inesperada e prompta agressão. De ambas as baterias, do castello de prôa, e das gavêas o fogo tornou-se vivissimo contra os inimigos: a abordagem parecia imminente, os inimigos tentaram-na por diversas vezes. Afinal, da Corveta *Maceió* já se descarregavam baterias inteiras sobre os navios que mais se aproximavam.

As avarias, de parte a parte, eram muito sensiveis. Mariath sem abandonar nunca o seu posto de honra, vio cahir a seu lado o Guarda-marinha Justiniano e pouco adiante ferido gravemente o 2.º Tenente Oliveira Figueiredo.

Descarregada uma banda sobre uma das Escunas, o Almirante fez signal de retirada, e todos os navios seguiram nas aguas da *Sarandi* onde se achava o dito Almirante.

Parece que Brown desconfiando da aproximação de mais alguns navios brazileiros em soccorro de Mariath, e com isso mallograr-se a sua missão contra os navios de Jacintho Roque, no Uruguay, deixou a Corveta *Maceió* e a *Dois de Dezembro*, lutando com o temporal e pouco fundo, e acompanhado de todos os seus navios seguio a encontrar e surprehender os navios da Esquadrilha do Uruguay.

E com effeito no dia 8 de Fevereiro de 1827 ás 11 e meia horas da manhã, em frente ao Juncal e ás ilhas denominadas Duas Irmãs, com vento *SSE* as duas Esquadras romperam entre si vivissimo fogo, causando

grandes avarias de parte a parte, e este fogo durou por espaço de 1 hora e 40 minutos, sem cessar. Cahindo porem um vento forte do *SO*, suspenderam o tiroteio.

No dia seguinte, porém, ás 8 horas e 20 minutos da manhã, o inimigo emprehendeu novo ataque. A confusão estabeleceu-se entretanto na Esquadrilha de Jacintho Roque, e alguns navios em lugar de executarem o signal de *orçar e conservar o ló*, arribaram todos. Nessa occasião sustentavam todo o fogo do inimigo a Escuna *Oriental* e a Barca *Bertioga* commandada pelo valente Jorge Brown. O Brigue-Escuna *Januaria* commandado pelo 1.º Tenente Antonio Pedro de Carvalho desarvorou do mastaréo do velaxo e partio a verga do traquete, e mister foi abandonar por algum tempo o combate.

O Almirante Brown investia sobre o navio de Antonio Pedro de Carvalho, porem este vendo-se perdido, mandou a guarnição embarcar na Lancha e abrir os grandes rombos que se tinham acabado de tapar, lançar fogo no porão do navio, e depois de todas as praças se acharem dentro da Lancha, e os Officiaes dentro do Escaler, seguio a ganhar a bocca do rio Guaçú.

A Escuna *Oriental* e a Barca *Bertioga* encalharam afinal, e sendo abordados pelo inimigo, feridos alguns dos Officiaes de seu bordo, mortos muitos marinheiros e prisioneiros todos os restantes.

As Escunas *Liberdade do Sul*, *Sete de Março* e *Itapoam* tambem foram abordadas, as suas guarnições prisioneiras, e a final, alli mesmo incendiadas. Muito poucos foram os navios da Esquadra do Uruguay que poderam escapar-se do inimigo, entrando pelo Guaçú. Tudo foi desbaratado e prisioneiro o proprio

Commandante Jacinto Roque e todos aquelles que puderam escapar á morte.

Os navios de Brown, soffreram muitas avarias e perda de gente, e a propria Escuna *Sarandi* teve de voltar a remos para puder ganhar a ilha de Martim Garcia afim de reparar as grandes avarias que soffrera.

E os navios de Mariath á vista, porém em grande distancia, sem nada poderem fazer em soccorro da Divisão de Jacintho Roque!

As primeiras noticias deste desgraçado acontecimento foram recebidas pelo Almirante, em data de 12 de Fevereiro, quando ao porto da Colonia do Sacramento aportaram os fugitivos, commandados pelo 1.° Tenente Antonio Pedro de Carvalho.

A Escuna *Oriental*, a Barca *Bertioga* e outros navios, foram trasidos pelo inimigo para junto da ilha de Martim Garcia, afim de reparar as avarias soffridas.

Tendo chegado ao conhecimento do Almirante Barão do Rio da Prata, que no Rio-Negro da Patagonia achavam-se alguns navios do inimigo concertando e armando, e entre elles a Corveta *Chacabuco* e um grande Corsario, resolveu-se a mandar uma expedição áquelle lugar, com o fim de destruir e incendiar taes navios.

Com effeito, seguiram para o Rio-Negro da Patagonia as Corvetas *Duqueza de Goyaz* e *Itaparica*, e as Escunas *Escudera* e *Constança*, sob as ordens do Capitão de Fragata Sheperd.

Logo ao entrar á barra do Rio-Negro perdeu-se a Corveta *Duqueza de Goyaz*, salvando-se a custo parte da sua guarnição, e um pouco mais adiante, encalhou a Corveta *Itaparica*, que por muitos dias assim se conservou, com grande prejuiso para a Commissão de que se achava encarregada.

O Commandante Sheperd bastante contrariado, não só pela perda da Corveta como pelo máo tempo que continuava, resolveu adiantar a commissão seguindo por terra a surprender o inimigo na Villa del Carmen e no Forte.

Com effeito, escolheu a melhor gente e os Officiaes que o deviam acompanhar, sendo um destes o Tenente Joaquim Marques Lisbôa (Visconde de Tamandaré) que commandava a Escuna *Constança*, e nomeou para interinamente commandar a dita Escuna o 2.º Tenente Joaquim José Ignacio, (Visconde de Inhaúma).

Preparada assim a expedição, seguio Sheperd e toda a gente que o acompanhava, por lugares desconhecidos e sem saber ao certo se o inimigo teria por alli alguma das suas forças.

Sheperd acreditava, bem como o Almirante acreditou, que no Rio-Negro da Patagonia tudo estaria desprevenido e talvez mesmo desarmado. Entretanto bem depressa se conheceu o erro em que todos estavam.

Nada menos de 5 navios armados e bem tripolados, cahiram inesperadamente no dia 5 de Março sobre a Escuna *Escudera*, commandada pelo valente 1.º Tenente Pontier, que, depois de tenaz resistencia e ser ferido gravemente no peito e no braço foi obrigado a render-se.

Convergindo então os inimigos para a Escuna *Constança*, commandada interinamente pelo 2.º Tenente Joaquim José Ignacio, este mandou descarregar sobre elles a sua artilharia, porém vendo-se só, mal armado e quasi sem guarnição, entendeu que melhor seria salvar o navio, e o procurou fazer, velejando em procura da

protecção da Corveta *Itaparica* que se achava encalhada a algumas milhas de distancia.

Nessa occasião porém encalhou, foi abordado pelos inimigos, e tanto elle como as poucas praças de sua guarnição ficaram prisioneiras.

O Commandante Sheperd ao tempo em que os navios eram atacados, estava abarbado com as guerrilhas inimigas; porém mesmo assim, procurou retroceder com prestesa para o lugar onde se achavam os navios, e nessa occasião foi morto por uma bala.

Coube ao Capitão-tenente Eyre commandar a retida, porém já sem nenhuma vantagem nem para os navios, nem para a gente que o seguia.

Os campos e capinsaes por onde os Brazileiros tinham de atravessar foram incendiados pelo inimigo: ardiam em grandes labaredas, e isso obstava inteiramente a retirada.

Os navios tinham sido todos apresados, e, forçoso foi que esse punhado de valentes Brazileiros, se entregassem á discripção dos inimigos, como prisioneiros de guerra.

Uma grande parte desses Brazileiros prisioneiros foram mettidos a bordo do Brigue *Anna*, e mandados para o *Salado*.

Em caminho projectaram e levaram a effeito um levantamento contra a guarnição do Brigue que os conduzia, e conseguiram ser transportados para Montevidéo. Esses passageiros eram os seguintes;

Capitão-Tenente Guilherme Eyre, 1.os Tenentes Joaquim Agostinho Pecurario, e David Carter; 2.os Tenentes Ricardo Hayden, Izidoro Antonino Nery, Gori Whitiloch Ouseley, Joaquim José Ignacio, e Joaquim

Marques Lisboa; 1 Guarda-marinha, 3 Voluntarios Praticantes, 3 Praticos Pilotos, 2 Commissarios e 4 Escrivães, 8 Officiaes de Cavallaria, 2 Officiaes do Corpo de Artilharia de Marinha, 4 Mestres de Sumacas anteriormente apresadas, 4 Officiaes marinheiros e 54 marinheiros e soldados: ao todo 93 praças.

VIII

SUMMARIO

Missão de D. Manuel Garcia. — Tratado de 24 de Maio de 1827.— Continuação da guerra com Buenos-Ayres.— Corsarios na costa do Brazil. — Naufragio da Fragata *Paula.* — Expedição á bahia de S. Braz. — Ataque ao Brigue *Congresso.* — Convenio de paz em 27 de Agosto de 1828. — Continuação da guerra. — Feitos da Divisão de Northon. — Tratado de paz definitivo em 1828.

Apesar de ter sido batida a Esquadrilha do Uruguay, commandada pelo Capitão de Fragata Jacintho Roque; apesar mesmo do mallogro da expedição da Patagonia, os Argentinos não se deixaram illudir: tinham consciencia da injustiça de sua causa, da falta de recursos com que lutavam, do estado de ruina da maior parte de seus navios, da perda sensivel de dois dos seus principaes navios o *Republica* e o *Independencia,* no encontro que as forças commandadas pelo valente Northon, teve com as forças argentinas commandadas por Brown nos dias 7 e 8 de Abril, a Leste dos Bancos de Santiago, e, procuraram a paz, enviando para esse fim ao Rio de Janeiro o Plenipotenciario D. Manuel Garcia, o mesmo individuo que na qualidade de

Ministro das Relações Exteriores tinha enviado ao Governo do Brazil, em Novembro de 1825, a celebre Nota, reconhecendo, a Camara e o Governo de villa Florida, e a Banda Oriental fazendo parte das Provincias Unidas!

Recebido pelo Governo Imperial o Enviado Garcia, e depois de diversas conferencias entre elle e o Marquez de Queluz, Ministro dos Negocios Estrangeiros do Brazil, accordaram nas bases do Tratado de 24 de Maio. [1]

---

[1] *Tratado de paz entre o Senhor D. Pedro I, Imperador do Brazil, e a Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata, assignado no Rio de Janeiro em 24 de Maio de* 1827. [1]

A Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata e S. M. o Imperador do Brazil, desejando sinceramente pôr termo ás desavencias suscitadas entre ambos os Estados, fazer cessar quanto antes as calamidades da guerra e restabelecer a harmonia, amizade e boa intelligencia, que devem existir entre nações vizinhas, especialmente quando a riqueza e prosperidade dellas são tão inteiramente ligadas; resolveram ajustar uma convenção preliminar que sirva de base ao tratado definitivo de paz, que deve celebrar-se entre ambas as altas partes contractantes, e para esse effeito nomearam por seus Plenipotenciarios, a saber:

A Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata ao cidadão Manoel José Garcia.

---

[1] Esta convenção não foi ratificada pelo governo de Buenos Ayres. E' transcripta dos *Annaes da Provincia de S. Pedro*, pelo Visconde de S. Leopoldo.

E no dia 28 de Maio remetteu o Governo Imperial ao Almirante Barão do Rio da Prata o aviso seguinte:

S. M. o Imperador do Brazil aos Illustrissimos e Excellentissimos Marquez de Queluz, do seu Conselho de Estado, Senador do Imperio, Gran-Cruz da Ordem Imperial do Cruzeiro, Commendador da de Christo, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros; ao Visconde de S. Leopoldo, seu Conselheiro de Estado, Grande e Senador do Imperio, Official da Imperial Ordem do Cruzeiro, Cavalleiro da de Christo, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, e ao Marquez de Maceió, do seu Conselho, Gentil-Homem da Imperial Camara, Official da Ordem Imperial do Cruzeiro, Commendador da de Christo, Cavalleiro da Torre e Espada e de S. João de Jerusalem, Tenente-Coronel do estado-maior do Exercito, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha.

Os quaes, depois de haverem trocado seus plenos poderes, que foram achados em boa e devida fórma, concordaram e convieram nos artigos seguintes:

Art. 1.º A Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata reconhece a independencia e integridade do Imperio do Brazil, e renuncia a todos os direitos que poderia pretender ao territorio da Provincia de Montevidéo, chamada hoje Cisplatina. S. M. o Imperador do Brazil reconhece igualmente a independencia e integridade da Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata.

Art 2.º S. M. o Imperador do Brazil, promette, do modo o mais solemne, que, de accôrdo com a Assembléa Legislativa do Imperio, cuidará em regular com summo esmero a Provincia Cisplatina, do mesmo modo ou melhor ainda do que as outras provincias do Imperio, attendendo a que

« Nesta occasião regressa para Buenos-Ayres D. Manuel Garcia, levando o Tratado de paz que negociara com o Governo Imperial, o qual deve ser ratificado em Montevidéo.

---

seus habiiantes fizeram o sacrificio da sua independencia, pela incorporação ao mesmo Imperio, dando-lhes um regimem apropriado a seus costumes e necessidades, que não só assegure a tranquillidade do Imperio, mas tambem a de seus vizinhos.

Art. 3.º A Republica das Provincias Unidas retirará as suas tropas do territorio Cisplatino depois da ratificação desta convenção; as quaes principiarão a sua marcha vinte e quatro horas depois que forem notificadas. A mesma Republica porá as ditas tropas em pé de paz, conservando sómente o numero necessario para manter a ordem e tranquillidade interior do paiz. S. M. Imperial, da sua parte, fará outro tanto na mesma provincia.

Art. 4.º A ilha de Martim Garcia se porá no *statu quo ante bellum*, retirando-se della as baterias e petrechos.

Art. 5.º Em attenção a que a Republica das Provincias Unidas tem empregado corsarios na guerra contra o Imperio do Brazil, acha justo e honroso pagar o valor das presas que se provarem terem os ditos corsarios feito aos subditos brazileiros, commettendo actos de pirataria.

Art. 6.º Nomear-se-ha uma commissão mixta de subditos de um e outro Estado para a liquidação das acções que resultarem do artigo antecedente. Concordar-se-ha entre ambos os governos o termo e modo que se julgar mais conveniente e equitativo para os pagamentos.

Art. 7.º Os prisioneiros tomados de uma e outra parte, por mar e terra, desde o principio das hostilidades, serão postos em liberdade immediatamente depois da ratificação desta convenção.

« Segundo a sua letra cessarão as hostilidades depois da ratificação. Logo que esta se verifique V. Ex. deverá communicar-me, expedindo para esta Côrte a

---

Art. 8.º Com o fim de segurar mais os beneficios da paz, e evitar promptamente todo o receio até que se consolidem as relações, que devem existir naturalmente entre ambos os Estados contractantes, os seus governos se compromettem a solicitar junto ou separadamente do seu grande e poderoso amigo o Rei da Gran-Bretanha (soberano mediador para o restabelecimento da paz) *que se digne garantir-lhes*, por espaço de quinze annos, a livre navegação do Rio da Prata.

Art. 9.º Cessarão as hostilidades por mar e terra, desde a data da ratificação da presente convenção: as do mar em dois dias até Santa Maria; oito a Santa Catharina; quinze á Cabo-Frio; vinte e dois a Pernambuco; quarenta até á Linha; sessenta á costa de Leste; e oitenta aos mares da Europa. E ficará restabelecida a communicação e commercio entre os subditos, e territorios de ambos os Estados no pé em que se achavam antes da guerra: convindo desde já as altas partes contractantes em celebrar, com a brevidade possivel, um tratado de commercio e navegação, com o fim de dar a estas relações toda a extensão e ordem que exige o seu mutuo interesse e prosperidade.

A presente convenção preliminar será ratificada por ambas as partes, e as ratificações serão trocadas em Montevidéo no espaço de cincoenta dias desde a sua data, ou antes se fôr possivel. Verificada que seja a troca, as altas partes contractantes nomearão immediatamente seus respectivos Plenipotenciarios para ajustarem e concluirem o tratado definitivo de paz.

Em testemunho do que nós abaixo assignados, Plenipotenciarios da Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata, e de S. M. o Imperador do Brazil, em virtude de

noticia pela embarcação mais veleira da Esquadra sem que nem o Commandante mesmo saiba o objecto da sua vinda.

---

nossos respectivos plenos poderes, assignamos a presente convenção com nossos punhos, e lhe fizemos pôr o sêllo de nossas armas.

Feita na Cidade do Rio de Janeiro, aos 24 do mez de Maio do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1827.

(L. S.) *Manoel José Garcia.*—(L. S.) *Marquez de Queluz.*—(L. S.) *Visconde de S. Leopoldo.*—(L. S.) *Marquez de Maceió.*

ARTIGO ADDICIONAL E SECRETO (*)

No caso de levantarem-se chefes que pretendam mover guerra ou continual-a contra qualquer das altas partes contractantes se obrigam a vedar por todos os meios possiveis, que elles sejam soccorridos por quaesqner dos habitantes ou residentes nos seus respectivos Estados; castigando severamente aos infractores com todo o rigor das leis.

O presente artigo addicional, e secreto terá a mesma força e valor como se houvera sido inserto palavra por palavra na convenção celebrada nesta data.

Em testemunho do que nós abaixo assignados, Plenipotenciarios da Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata, e de Sua Magestade o Imperador do Brazil, em virtude de nossos respectivos plenos poderes, assignamos o presente artigo addicional, e secreto, e lhe puzemos o sêllo de nossas armas.

(*) Este documento está inserto no 4.º tomo da *Bibliotheca do Commercio do Prata.*

« O mesmo praticará V. Ex. quando se não effectue a ratificação; e neste caso V. Ex. levará ao maior apuro as hostilidades contra Buenos-Ayres na fórma já ordenada.

Feito na Cidade do Rio de Janeiro, aos 24 de Maio do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1827.

(L. S.) *Manuel J. Garcia.* — (L. S.) *Marquez de Queluz.* — (L. S.) *Visconde de S. Leopoldo.*— (L. S.) *Marquez de Maceió.*

RESOLUÇÃO DO GOVERNO

Vista em Conselho de Ministros a antecedente convenção preliminar, celebrada pelo Enviado da Republica na Côrte do Brazil; e attendendo a que o dito Enviado não só ultrapassou as suas instrucções mas até contraveio á letra, e espirito dellas; e a que as estipulações que contem a dita convenção destroem a honra nacional, e atacam a independencia e todos os interesses essenciaes da Republica, o Governo accordou, e resolve revogal-a, como de facto fica revogada.

Communique-se esta resolução ao soberano congresso nacional, na fórma accordada.

Buenos-Ayres, 25 de Junho de 1827. — *Rivadavia.* — *Julian S. de Agnero.* — *Francisco de La Cruz.* — *Salvador M. Del Carril.*

RESOLUÇÃO DO CONGRESSO GERAL APPROVANDO A DO PRESIDENTE DA REPUBLICA

Excellentissimo Senhor. — Com não menor sorpresa, e assombro que V. Ex., vio o congresso a convenção preliminar, celebrada, e firmada pelo Plenipotenciario desta Republica D. Manuel José Garcia com os de igual caracter do Imperio do Brazil, cuja cópia acompanhou a nota de

« Com maior vagar se expedirão a V. Ex, as precisas ordens sobre o destino das Forças de seu commando, no caso de realisar-se a paz : entretanto fique V. Ex. na intelligencia de que tendo a mesma lugar

---

V. Ex. datada de 25 do corrente com todos os documentos que vieram annexos, e que foram attentamente examinados.

Affectado este congresso de um sentimento profundo, não vacillou um momento em manifestal-o com unanime acclamação em apoio da justa repulsa com que V. Ex. não ratificou a citada convenção. Felizmente nota-se esta mesma impressão em todos os habitantes, e só se houve uma voz de indignação em geral, e uniforme consonancia contra ella.

Ao contrario de que este incidente animoso possa produzir resultados funestos, fará elle antes brotar um novo enthusiasmo, que, augmentando a gloria de nossos triumphos, faça sentir ao inimigo todo o peso da colera excitada por um forte contraste. E dest'arte estimulado o espirito publico, redobrando de esforços, os levará até o heroismo.

V. Ex. está nestas mesmas idéas, e sentimentos, e o congresso de conformidade com ellas se apressa a patentear-lhe a disposição em que se acha de cooperar efficazmente pelas medidas que V. Ex. houver de propôr, e promover, de sua parte, dentro da esphera de suas attribuições.

O Presidente, que em nome do congresso nacional subscreve esta resolução, tem a honra de reiterar a V. Ex. os protestos de sua maior consideração. — *José Maria Rojas*, Presidente. — *João C. Varella*, Secretario. — Exm. Sr. Presidente da Republica.

INSTRUCÇÕES QUE DEVERÃO REGER AO SR. D. MANOEL JOSÉ GARCIA NO DESEMPENHO DA COMMISSÃO QUE SE LHE CONFERIO JUNTO Á CORTE DO RIO DE JANEIRO.

O objecto principal, que se propõe conseguir o governo

poderá a pouco e pouco deminuil-as, enviando para aqui alguns navios que as compõem.

« Rio de Janeiro, 28 de Maio de 1827.— *Marquez de Maceió.* »

---

por meio da missão do Sr. Manuel José Garcia á Côrte do Rio de Janeiro, é accelerar a terminação da guerra, e o restabelecimento da paz entre a Republica, e o Imperio do Brazil, segundo exigem imperiosamente os interesses da nação. O Governo deixa á habilidade, prudencia, e zelo do Sr. Manuel Garcia a adopção dos meios que podem empregar-se para a execução deste importante objecto; e, portanto, se reduz só a fazer as seguintes prevenções:

1.º Logo que o Sr. Garcia chegar ao porto do Rio de Janeiro, no caracter de que é revestido, de Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario da Republica junto de S. M. Imperial, se porá em communicação com o Sr. Gordon, Ministro Plenipotenciario da Gran-Bretanha na Côrte do Brazil, e logo que obtiver por seu intermedio a segurança de ser dignamente recebido por S. M. Imperial para tratar da paz, e em consequencia o passaporte competente, procederá a seu desembarque, e a dar os demais passos, que forem necessarios para cumprir sua missão. Se desgraçadamente se não puder obter isto, voltará para esta capital em um navio de guerra de Sua Magestade Britannica, para cujo effeito pedirá os auxilios necessarios ao expressado Sr. Gordon.

2.º No caso que o Governo do Brazil se preste a tratar da paz, o Sr. Garcia fica plenamente autorisado para ajustar, e concluir qualquer convenção preliminar, ou tratado, que tenda para a cessação da guerra e para o restabelecimente da paz entre a Republica, e o Imperio do Brazil, em termos honrosos, e com reciprocas garantias a ambos os paizes, e que tenha por base a entrega da Provincia

Dois mezes depois de haver o Almirante recebido o Aviso de 28 de Maio, recebeu o seguinte:

« Devendo continuar a guerra com a Republica de Buenos-Ayres em consequencia de se não ter realisado a paz: previno a V. Ex. de que providenciarei sobre o supprimento dessa Esquadra com força, dinheiro e mantimentos que precisar para o melhor desempenho

---

Oriental, ou a erecção, e reconhecimento do dito territorio em um Estado separado, livre, e independente, debaixo da fórma, e regra que seus proprios habitantes elegerem, e sanccionarem; não devendo exigir-se neste ultimo caso por nenhuma das partes belligerantes compensação alguma.

3.º O Sr. Garcia poderá assegurar ao Governo do Brazil que, aplanado este passo, se entrará seguidamente a tratar da regulação dos limites entre a Republica, e o Imperio do Brazil, e estabelecer, e regular as relações de amizade, commercio, e navegação de um modo que attenda á prosperidade, e engrandecimento de ambos os paizes.

4.º Celebrada que seja a convenção preliminar, ou o tratado de paz, que se expressa no art. 2.º, o Sr. Garcia o remetterá ao Governo pelo secretario da legação, dando as informações necessarias, e esperará a sua ratificação, e ordens.

5.º Se degraçadamente o Governo do Brazil, sem dar lugar á razão, se negar absolutamente a uma transacção honrosa e digna, o Sr. Garcia pedirá o seu passaporte, e voltará para esta capital, para instruir o seu governo.

Buenos-Ayres 27 de Abril de 1827. — Assignados, *Rivadavia.* — *Francisco da Cruz.*

Está conforme ao original, que se acha inserto no registro das instrucções que existe no Ministerio dos Negocios Estrangeiros. — Assignado, *Domingos Oliveira.*

da commissão em que se acha empregada; e aproveitando esta occasião remetto a V. Ex. as 2.as vias das ordens mais importantes que lhe foram ultimamente dirigidas por esta Secretaria de Estado ácerca das hostilidades que convém praticar-se contra o inimigo, pois que não tendo ainda tido noticia da sua recepção supponho-as perdidas; significando a V. Ex. que Sua Magestade o Imperador ampliando o que elles contém, ordena que V. Ex. prohiba rigorosamente toda a communicação com aquella Republica, seja porque titulo fôr, ainda pelo de espionagem nossa, fazendo queimar todas as embarcações que se mostrarem empregadas neste serviço, quando mesmo nos pertençam.

« Autorisando outrosim a V. Ex, a metter a pique uma ou duas embarcações carregadas de pedra na barra de Buenos-Ayres e em todos os portos da Republica por onde possam entrar as referidas embarcações, e onde V. Ex. tem julgado necessario o bloqueio, conforme me referio em officio de 11 de Junho ultimo; devendo porem antes de assim praticar, tentar com embarcações pequenas e bem armadas deitar fogo nas do inimigo que estiverem dentro de Buenos-Ayres: escolhendo para esse effeito Officiaea e gente de confiança, e emfim dar um golpe sobre aquelle porto seja de que modo fôr.

« Julgo conveniente lembrar a V. Ex. que ponha em actividade o Capitão de Fragata Mariath, embora elle queira a isso subtrahir-se, e bem assim o Tenente Souza que acho ser bravo e intelligente.

« Deus guarde a V. Ex.

« Em 1.º de Agosto de 1827.—*Marquez de Maceió.* »

Emquanto no Rio de Janeiro se tratava da paz

com os Argentinos, o Almirante Brown tinha aproveitado o ensejo, ordenando a sahida de alguns de seus navios, em protecção dos Corsarios que infestavam a costa brazileira.

E de facto, mesmo nas proximidades do Rio de Janeiro, os Corsarios, protegidos pelos navios de Brown, deram um desembarque em S. Sebastião, arrasaram a casa da Fazenda do Sargento-Mór Bento Francisco Vaz de Carvalhaes, saquearam, e conduziram para bordo tudo quanto poderam pilhar na Fazenda, e suas immediações. E seguindo d'ahi, fizeram muitas presas em navios de commercio, e foram quasi ao extremo Norte do Imperio.

No Ceará só em um dia tomaram o Brigue *D. Pedro* carregado de algodão e couros, pertencente ao negociante brazileiro Antonio Cerqueira Carvalho, e mais tres Sumacas, de diversos outros negociantes : na barra da *Tutoia* no Maranhão apresaram dois Brigues, duas Escunas, e um Lúgar pertencentes aos negociantes brazileiros Joaguim Francisco dos Santos e Capitão Antonio Marques de Oliveira.

Ao Sul da Bahia e em distancia de 45 milhas do porto daquella cidade, o Corsario *Patagonia*, que navegava armado com um rodísio de bronze de calibre 24, e mais 5 caronadas de 12, apresou o Patacho *Pojuca*, que sahira da Bahia no dia 20 de Setembro e seguia na qualidade de Correio para o Rio de Janeiro, e passou para elle a necessaria guarnição, recebendo a seu bordo como prisioneiros os tripolantes brazileiros que estavam no Patacho.

Sendo perseguidos pelo Brigue de guerra brazileiro, *Imperial Pedro*, commandado pelo valente 1.º Tenente Joaquim Leal Ferreira, depois de quasi duas horas de

combate, foi afinal apresado o *Patagonia*, a sua guarnição, e Officialidade, conseguindo fugir o Patacho *Pojuca*.

Do Corsario morreram, além do Commandante, 15 praças: e ficaram feridas muitas outras: dos Brazileiros morreram 4 praças, e ficaram feridas 3.

Em frente ao porto do Rio de Janeiro e á vista dos navios cruzadores brazileiros, o celebre Corsarista *Fournier*, bateu, tomou e incendiou diversos navios do commercio.

Na perseguição de um desses Corsarios argentinos perdeu-se a Fragata brazileira *Paula*, ao Norte do Rio de Janeiro, nos principios de Outubro de 1827. Era Commandante dessa Fragata o Capitão de Mar e Guerra Candido Francisco de Brito Victoria, e seu Immediato, o Capitão de Fragata Antonio Gomes de Moura.

Continuando entretanto a guerra, visto ter-se mallogrado a paz intentada, e não ser ratificado o Tratado de 24 de Maio de 1827, o Almirante Barão do Rio da Prata procurou dar exacto cumprimento ás ordens recebidas.

Constando ao Almirante Barão do Rio da Prata que na Bahia de S. Braz, existiam diversos navios argentinos em fabrico, e entre elles o Brigue *Condessa da Ponte*, fez seguir para aquelle lugar uma Divisão composta de 1 Corveta e 2 Brigues de Guerra, ao mando do Capitão de Fragata Eyre; com o fim de incendiarem os navios inimigos que alli se encontrasse.

No dia 20 de Novembro de 1827, achando-se a Divisão brazileira a sete milhas de distancia da *Ponta Rubia* na entrada da Bahia de S. Braz, a Corveta *Maceió* e Brigue *Indepencia ou Morte* tocaram no Banco

do Colorado, porém como o mar estava manso e havia boa brisa os navios safaram-se do Banco, sem experimentar prejuizo algum.

O Commandante Eyre reconhecendo por esse facto, a incapacidade do pratico que trazia para tão arriscada commissão, pretendeu immediatamente voltar, e fez signal aos dois navios, para os informar da sua resolução.

O Commandante *Claire*, do Brigue *Independencia ou Morte*, passando á falla da Corveta *Maceió*, declarou que a seu bordo tinha um pratico que se responsabilisava a levar os navios a salvamento para dentro da Bahia.

Chamado o Pratico da *Maceió* á conferenciar com o outro Pratico a quem parecia tão facil a entrada que até offerecia a sua cabeça como garantia do bom exito da commissão, resolveu-se a entrada.

Seguiram portanto os tres navios, bordejando para ganhar a entrada da Bahia, prumando-se porém em uma das bordadas e encontrando-se só 4 braças d'agua. deram fundo os tres navios.

O Commandante Eyre vendo então o perigo em que se achavam os navios ordenou immediatamente ao Commandante do Brigue *Caboclo*, Capitão *Inglis*, que suspendesse e se afastasse o mais depressa e para longe do perigo, visto que a posição em que fundeara lhe favorecia a retirada. Esta ordem pôde, felizmente, ser em tempo executada.

Pouco depois tanto a Corveta como o Brigue *Independencia* estavam perfeitamente encalhados, e mais tarde ambos perdidos apesar dos esforços inauditos empregados pelo Commandante Eyre.

O *Independencia* fez-se em pedaços ás 9 horas da

noite de 21 de Março, e a *Maceió* partio-se em duas metades na noite de 22.

A muito cus o poderam-se salvar 83 praças que se recolheram para bordo do Brigue *Condessa da Ponte*, que se achava fundeada dentro da Bahia e ahi ficaram, considerados como prisioneiros; sendo no seguinte dia passados para uma prisão em terra, onde junto a outros presos malfeitores, se conservaram não só o Commandante Eyre, como as demais praças.

No Brigue *Caboclo* foram recebidos e salvos algumas praças da guarnição da *Maceió*, sendo, o 1.º Tenente Joaquim Marques Lisboa, o Tenente de artilharia de marinha Theotonio da Silva, o 2.º Cirurgião Manoel José de Queiroga, o Commissario João Antonio de Amorim, o Escrivão José da Cunha Coutinho, e mais 17 praças entre soldados e marinheiros.

Apezar de todos estes desastres e prejuizos, o Almirante Barão do Rio da Prata não esmoreceu. A Esquadra brazileira, sempre em movimento, trazia os inimigos em continuo desasocego.

Os Capitães de Mar e Guerra Northon e Prytz, foram os Commandantes escolhidos pelo Almirante para fazer debandar, ou procurar destruir, ou incenpiar os navios inimigos, onde quer que elles fossem encontrados.

Prytz dirigio-se immediatamente para o *Salado*, onde lhe constava acharem-se diversos navios do inimigo. Perto do *Cabo do Indio* avistou uma Galera e um Brigue, que fugiram para o *Salado*. Correu immediatamente sobre elles e os fez encalhar, procurando abordal-os logo em seguida. Era a Galera *Santista* e uma Sumaca. As guarnições atiraram-se á agua e fugiram, depois de largarem fogo aos navios.

O Commandante Northon tendo sahido no dia 6 de Dezembro, comboiando 18 embarcações do Commercio, e trazendo ás suas ordens o Lúgar *Principe Imperial*, a Barca *Greenffell*, as Escunas *Paula*, *Rios* e *Bella Maria*, avistou ao pôr do sol, dois Bergantins junto á Ponta de Lára, vigiou-os toda a noite, e ao amanhecer, acompanhado da Barca *Greenffel* e Escunas *Paula* e *Rios*, atacou os dois Bergantins com toda a força.

Eram o Brigue *Congresso* commandado pelo celebre Corsarista *Fournier* e o Brigue *Harmonia dos Anjos*, apresado pelo *Congresso* em Santa Catharina.

A guarnição do Brigue *Congresso* salvou-se a nado e em dois escaleres, em um dos quaes fugio o proprio *Fournier* bastante ferido. A bordo ficaram 35 pessoas, entre as quaes 24 mortalmente feridas. Os dois navios foram, por ordem de Northon, incendiados.

O Brigue *Congresso* passava pelo melhor e mais veleiro navio dos inimigos, e estava armado com 20 bocas de fogo, de grosso calibre.

O povo de Buenos-Ayres vivia em constante sobresalto, com medo do bombardeio que se dizia proximo.

Alguns de seus navios foram batidos dentro do proprio porto de Buenos-Ayres, e outros obrigados a encalhar debaixo das baterias de terra para poderem escapar á perseguição: os navios brazileiros já ancoravam onde pouco tempo antes estavam em linha ancorados os navios de guerra argentinos! A muito custo escapava-se um ou outro pequeno navio, quando encontrava vento muito á feição: acabavam de perder, tomado pelos navios brazileiros, o seu maior navio, a Corveta *General Dorego*.

Tudo parecia portanto, indicar o proximo desenlace da guerra da Cisplatina.

Entretanto quando tudo parecia annunciar a terminação da luta com esplendido triumpho das armas brazileiras, o Ministro Plenipotenciario da Inglaterra, apresentou-se como medianeiro de uma paz, entre as duas nações!

E logo em seguida o Governo de Buenos-Ayres enviou ao Brazil os Generaes Balcarce e Guido para tratarem e ajustarem a dita paz; e a convenção preliminar da paz foi com presteza assignada, no Rio de Janeiro, em 27 de Agosto de 1828, [1] ratificada por parte do Brazil em 30 do mesmo mez, e pelo Governo da Republica de Buenos-Ayres em 29 de Setembro do mesmo anno!

---

[1] *Convenção preliminar de paz entre o Senhor D. Pedro I Imperador do Brazil, e a Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata afim de pôr termo á guerra existente entre o Imperio, e aquella Republica, assignada no Rio de Janeiro em 27 de Agosto de 1828, e ratificada por parte do Brazil em 30 do mesmo mez, e pela da referida Republica em 29 de Setembro do dito anno.* (*)

EM NOME DA SANTISSIMA E INDIVISIVEL TRINDADE

Sua Magestade o Imperador do Brazil, e o Governo da Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata, desejando pôr termo á guerra, e estabelecer, sobre principios solidos e duradouros, a boa intelligencia, harmonia, e amizade, que deve existir entre Nações vizinhas, chamadas pelos seus interesses a viver unidas por laços de perpetua alliança, accordaram, pela mediação de Sua Magestade Britannica, ajustar entre si uma Convenção preliminar de paz, que servirá

(*) Segue á Convenção o Artigo Addicional do mesmo dia 27 de Agosto, relativo á livre navegação do Rio da Prata, e de seus affluentes.

Se não fosse aceito e ratificado este Tratado de paz, a guerra teria continuado com duplicada força, por parte do Brazil; assim o declarou o *Imperador Pedro I no Discurso da Corôa em 1828; nas seguintes phrases:*

---

de base ao Tratado definitivo da mesma, que ha de celebrar-se entre ambas as altas partes contractantes. E para este fim nomearam por seus Plenipotenciarios, a saber:

Sua Magestade o Imperador do Brazil aos Illustrissimos e Excellentissimos Senhores: Marquez do Aracaty, do seu Conselho, Gentil-Homem da sua Imperial Camara, Conselheiro da Fazenda, Commendador da Ordem de Aviz, Senador do Imperio, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros; Dr. José Clemente Pereira, do seu Conselho, Desembargador da Casa da Supplicação, Dignitario da Imperial Ordem do Cruzeiro, Cavalleiro da de Christo, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, e interinamente encarregado dos Negocios da Justiça; e Joaquim de Oliveira Alvares, do seu Conselho e do da Guerra, Tenente-General dos Exercitos Nacionaes e Imperiaes, Official da Imperial Ordem do Cruzeiro, Commendador da de Aviz, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Guerra:

E o Governo da Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata, aos Senhores Generaes Dom João Ramon Balcarce, e Dom Thomaz Guido; os quaes, depois de haverem trocado os seus plenos poderes respectivos, que foram achados em boa e devida fórma, convieram nos artigos seguintes:

Art. 1.º — Sua Magestade o Imperador do Brazil declara a Provincia de Montevidéo, chamada hoje Cisplatina, separada do territorio do Imperio do Brazil, para que possa constituir-se em Estado livre, e independente de toda e qualquer Nação, debaixo da fórma de Governo, que julgar mais conveniente a seus interesses, necessidades e recursos.

« Entabolei bases para uma Convenção justa, e

Art. 2.º — O Governo da Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata concorda em declarar pela sua parte a independencia da Provincia de Montevidéo, chamada hoje Cisplatina, e em que se constitua em Estado livre, e independente, na fórma declarada no Art. antecedente.

Art. 3.º — ambas as altas partes contractantes Obrigam-se a defender a independencia, e integridade da Provincia de Montevidéo, pelo tempo, e pelo modo, que se ajustar no Tratado definitivo de paz.

Art. 4.º — O Governo actual da Banda Oriental, immediatamente que a presente Convenção fôr ratificada, convocará os Representantes da parte da sobredita Provincia, que lhe está actualmente sujeita: e o Governo actual da Praça de Montevidéo fará ao mesmo tempo uma convocação igual dos cidadãos residentes dentro desta: regulando-se o numero dos Deputados pelo que fôr correspondente ao dos cidadãos da mesma Provincia; e a fórma das eleições pelo Regulamento adoptado para a eleição dos seus Representantes na ultima Legislatura.

Art. 5.º — A eleição dos Deputados correspondentes á população da Praça de Montevidéo será feita precisamente *extra muros*, em lugar que fique fóra do alcance da artilharia da mesma Praça, sem nenhuma assistencia de força armada.

Art. 6.º — Reunidos os Representantes da Provincia, fóra da Praça de Montevidéo, e de qualquer outro lugar, que se achar occupado por tropas, e que esteja ao menos dez leguas distante das mais vizinhas, estabelecerão um Governo Provisorio, que deve governar toda a Provincia, até se installar o Governo permanente, que houver de ser creado pela Constituição, Os Governos actuaes de Montevidéo, e da Banda Oriental, cessarão immediatamente que aquelle se installar.

decorosa, como exigem a honra nacional, e a dignidade

Art. 7.º — Os mesmos Representantes se occuparão depois em formar a Constituição Politica da Provincia de Montevidéo; e esta, antes de ser jurada, será examinada por Commissarios dos dois Governos contractantes, para o unico fim de ver se nella se contém algum artigo, ou artigos, que se opponham á segurança dos seus respectivos Estados. Se acontecer este caso, será explicado publica, e categoricamente pelos mesmos Commissarios; e, na falta de commum accôrdo destes, será decidido pelos dois Governos contractantes.

Art. 8.º—Será permittido a todo e qualquer habitante da Provincia de Montevidéo sahir do territorio desta, levando comsigo os bens de sua propriedade, salvo o prejuizo de terceiro, até o tempo do juramento da Constituição, se não quizer sujeitar-se a ella, ou assim lhe convier.

Art. 9.º—Haverá absoluto, e perpetuo esquecimento de todas, e quaesquer opiniões politicas, ou factos, que os habitantes da Provincia de Montevidéo, e os do territorio do Imperio do Brazil, que tiver estado occupado por tropas da Republica das Provincias Unidas, tiverem professado, ou praticado, até a época da ratificação da presente convenção.

Art. 10.— Sendo um dever dos dois Governos contractantes auxiliar, e proteger a Provincia de Montevidéo, até que ella se constitua completamente, convem os mesmos Governos em que, se antes de jurada a Constituição da mesma Provincia, e cinco annos depois a tranquillidade, e segurança publica fôr perturbada dentro della pela guerra civil, prestarão ao seu Governo legal o auxilio necessario para o manter, e sustentar. Passado o prazo expressado, cessará toda a protecção, que por este artigo se promette ao Governo legal da Provincia de Montevidéo; e a mesma ficará considerada no estado de perfeita, e absoluta independencia.

Art. 11.— Ambas as altas partes contractantes declaram muito explicita, e categoricamente que, qualquer que possa

do meu Imperial Throno, Se esta Republica não acquiescer ás proposições mui liberaes, e generosas que

---

vir a ser o uso da protecção, que, na conformidade do Artigo antecedente, se promette á Provincia de Montevidéo, a mesma protecção se limitará, em todo o caso, a fazer restabelecer a ordem, e cessará immediatamente que esta fôr restabelecida.

Art. 12.— As tropas da Provincia de Montevidéo, e as tropas da Republica das Provincias Unidas, desoccuparão o territorio brazileiro, no preciso, e peremptorio termo de dois mezes, contados do dia em que forem trocadas as ratificações da presente Convenção; passando as segundas para a margem direita do Rio da Prata, ou do Uruguay; menos uma força de 1.500 homens, ou maior, que o Governo da sobredita Republica, se o julgar conveniente, poderá conservar dentro do territorio da sobredita Provincia de Montevidéo, no ponto que escolher, até que as tropas de Sua Magestade o Imperador do Brazil desoccupem completamente a Praça de Montevidéo.

Art. 13.— As tropas de Sua Magestade o Imperador do Brazil desoccuparão o territorio da Provincia de Montevidéo, incluida a Colonia do Sacramento no preciso e peremptorio termo de dois mezes, contados do dia em que se verificar a troca das ratificações da presente Convenção ; retirando-se para as fronteiras do Imperio, ou embarcando: menos uma força de 1,500 homens, que o Governo do mesmo Senhor poderá conservar na Provincia de Montevidéo, até que se installe o Governo Provisorio da sobredita Provincia: com a expressa obrigação de retirar esta força dentro do preciso, e peremptorio termo dos primeiros quatro mezes seseguintes á installação do mesmo Governo Provisorio, o mais tardar: entregando, no acto da desoccupação, a expressada Praça de Montevidéo *in statu quo ante bellum* a Commissarios autorisados competentemente *ad hoc* pelo Governo legitimo da referida Provincia.

attestam á face do mundo a boa fé, e a moderação

Art. 14.—Fica entendido, que tanto as tropas de Sua Magestade o Imperador do Brazil, como as da Republica das Provincias Unidas, que, na conformidade dos dois Artigos antecedentes, ficam temporariamente no territorio da Provincia de Montevidéo, não poderão intervir por forma alguma nos negocios politicos da mesma Provincia, seu Governo, Instituições, etc.; ellas serão consideradas como meramente passivas, e de observação; conservadas alli para proteger o Governo, e garantir as liberdades, e propriedades publicas, e individuaes: e só poderão operar activamente se o Governo legitimo da referida Provincia de Montevidéo requisitar o seu auxilio.

Art. 15.—Logo que a troca das ratificações da presente Convenção se effectuar, haverá inteira cessação de hostilidades por mar, e por terra; o bloqueio será levantado no termo de 48 horas, por parte da Esquadra Imperial: as hostilidades por terra cessarão immediatamente que a mesma Convenção, e suas ratificações forem notificadas aos Exercitos; e por mar dentro de dois dias até Santa Maria; em oito até Santa Catharina; em quinze até Cabo-Frio; em vinte e dois até Pernambuco; em quarenta até a Linha; em sessenta até a costa de Léste; e em oitenta até os mares da Europa. Todas as tomadias, que se fizerem por mar ou por terra, passado o tempo que fica aprasado, serão julgadas más presas, e reciprocamente indemnisadas.

Art. 16.—Todos os prisioneiros de uma e outra parte, que tiverem sido feitos durante a guerra, no mar ou na terra, serão postos em liberdade, logo que a presente Convenção fôr ratificada, e as ratificações trocadas; com a unica condição de que não poderão sahir, sem que tenham segurado o pagamento das dividas, que tiverem contrahido no Paiz aonde se acharem.

do Governo Imperial. ainda que meu Imperial Coração

Art. 17.— Depois da troca das ratificações da presente Convenção, as altas partes contratantes tratarão de nomear os seus respectivos Plenipotenciarios, para se ajustar, e concluir o Tratado definitivo de paz, que deve celebrar-se entre o Imperio do Brazil, e a Republica das Provincias Unidas.

Art. 18.— Se, o que não é de esperar, as altas partes contractantes não chegarem a ajustar-se no sobredito Tratado definitivo de paz, por questões que possam suscitar-se, em que não concordem, apesar da mediação de Sua Magestade Britannica, não poderão renovar-se as hostilidades entre o Imperio, e a Republica, antes de serem passados os cinco annos estipulados no art. 10, e mesmo depois de passado este prazo as hostilidades não poderão romper-se sem prévia notificação feita reciprocamente seis mezes antes, com conhecimento da Potencia mediadora.

Art. 19. — A troca das ratificações da presente Convenção será feita na Praça de Montevidéo dentro do tempo de setenta dias, ou antes se fôr possivel, contados do dia da assignatura. (*)

Em testemunho do que nós os abaixo assignados Plenipotenciarios de Sua Magestade o Imperador do Brazil, e do Governo da Republica das Provincias Unidas, em virtude dos nossos plenos poderes, assignamos a presente Convenção, e lhe fizemos pôr o sello de nossas armas.

Feita na cidade do Rio de Janeiro, aos vinte e sete do mez de Agosto do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e vinte oito.— (L. S.) *Marquez do Aracaty.*— (L. S.) *José Clemente Pereira.*— (L. S.) *Joaquim*

(*) A troca das ratificações teve lugar em Montevidéo a 4 de Outubro de 1828, entre o Barão do Rio da Prata, e Miguel de Azcuénaga.

muito se penalise, é mister continuar a guerra, e continual-a com duplicada força: tal é a minha immutavel resolução. »

---

de Oliveira Alvares.— (L. S.) *Juan Ramon Balcarce.*—(L. S.) *Thomaz Guido.*

Artigo Addicional.— Ambas as altas partes contractantes se compromettem a empregar os meios ao seu alcance, afim de que a navegação do Rio da Prata, e de todos os outros que nelle vão sahir, seja conservada livre para uso dos subditos de uma, e outra Nação, por tempo de quinze annos, pela fórma que se ajustar no Tratado definitivo de paz.

O presente artigo addicional terá a mesma força e vigor como se fôsse inserido palavra por palavra na Convenção preliminar da data de hoje.

Feito na cidade do Rio de Janeiro, aos vinte e sete dias do mez de Agosto do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e vinte oito.— (L. S.) *Marquez do Aracaty.*— (L. S.) *José Clemente Pereira.*— (L. S.) *Joaquim de Oliveira Alvares.*— (L. S.) *Juan Ramon Balcarce.*— (L. S.) *Thomaz Guido.*

E sendo-nos presente a mesma Convenção, cujo teor fica acima inserido, e sendo bem visto, considerado, e examinado por nós tudo o que nella se contém, tendo ouvido o nosso Conselho de Estado, a approvamos, ratificamos, e confirmamos, assim no todo, como em cada um dos seus artigos, e estipulações; e pela presente a damos por firme e valiosa; promettendo em fé, e palavra Imperial observal-a, e cumpril-a, e fazel-a observar, e cumprir por qualquer modo que possa ser. Em testemunho, e firmeza do sobredito fizemos passar a presente Carta por nós assignada com o sello grande das armas do Imperio, e referendada pelo nosso Ministro, e Secretario de Estado abaixo assignado.

Dada no Palacio do Rio de Janeiros, aos trinta dias do mez de Agosto de mil oitocentos e vinte e oito. — PEDRO IMPERADOR, com guarda.— *Marquez do Aracaty.*

IX

SUMMARIO

Abdicação do Imperador D. Pedro I. — Acclamação do Imperador D. Pedro II. — Navios de guerra de que se compunha a Armada brazileira em 1831. — Revolução nas Provincias do Norte do Imperio, de 1835 a 1837. — Revolução do Rio Grande do Sul. — Ataque da Laguna em 1839. — Viagem de uma Divisão brazileira a Napoles em 1843. — Guerra contra o Dictador Rosas, 1851. — Passagem do Tonelero em 1857.

Corria o anno de 1831 quando, no dia 7 de Abril, o Imperador D. Pedro I, devido a circumstancias politicas, entendeu dever abdicar a corôa do Brazil em seu filho primogenito o Principe D. Pedro que, logo em seguida foi acclamado pelo povo 2.º Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil. Sendor porém o Principe D. Pedro de menor idade, foi mistespque uma Regencia dirigisse o Estado durante a menoridade daquelle Principe.

Ao tempo da abdicação do primeiro Imperador a Armada brazileira compunha-se dos navios seguintes: Náos *Pedro I*, fabricada em Portugal onde tinha o nome de *Martim de Freitas*, e *Imperador do Brazil*, fabricado na Bahia; Fragatas: *Constituição*, fabricada na

America do Norte com o nome de *Amazonas*; *Principe Imperial*, fabricada na America do Norte, onde tomou o nome de *Baltimore of Baltimore*; *Imperatriz*, fabricada no Pará; *Piranga*, fabricada da Bahia onde tomou o nome de *União*; *Paraguassú*, fabricada em Damão onde tomou o nome de *Carolina*; *Thetis*, antigo navio do commercio; *Nictheroy*, antigo navio de commercio e reconstruido á custa de particulares; *Campista*, construida no Arsenal de Marinha da Côrte; *Defensora*, construida no Arsenal da Bahia; *Bahiana*, construida no Arsenal da Bahia; Corvetas: *Carioca*, antigo navio portuguez *Leal*; *Regeneração*, antigo navio americano chamado *Robert Fulton*; *General do Rego*, tomado aos inimigos no Rio da Prata; *Liberal*, antigo Brigue de guerra *Gaivota*; *Bertioga*, antigo navio mercante chamado *Aristides*; *Amelia*, depois *Sete de Abril*, construida no Arsenal da Côrte; *Santa Cruz*, construida em Paranaguá; *Dona Paula*, construida em Santos; *Olinda*, construida na America do Norte, onde tomou o nome de *Aguia do Brazil*, passando logo depois á chamar-se *Duquzza de Goyaz*; *Maranhão*, era o antigo Brigue de guerra portuguez *Infante D. Miguel*; *Pirajá*, era o antigo Brigue *Carvalho VI*; *Beaurepaire*, era o antigo Brigue *Constituição ou Morte*; *Quinze de Agosto*, era um Brigue americano chamado *Sparech*; *Vinte Nove de Agosto*, era o antigo Brigue do commercio da Bahia chamado *Serqueira*; *Caboclo*, era o *Maipú*, que o Imperador Pedro I doara á Marinha de guerra, *Imperial Pedro*, era o ango Brigue americano *Bolivar*; *Tres de Maio*, Brigue do commercio no norte da America; *S. Christovão*, foi construida nas Alagôas; *Constança*, era o antigo Brigue sueco *Assumpto*, tomado na guerra do Rio da Prata; *Niger*, foi apresada no Rio da Prata; Brigues-Escunas:

Leopoldina e *Januaria* foram construidos no Pará; *Patagonia*, era um antigo navio chamado *Escudero*; *Athalante*, foi comprado e armado na Bahia; *Feliz*, foi corsario tomado em Buenos Ayres; *Nove de Janeiro*, era a Escuna *Coquito*, tomada no Rio da Prata; *Rio da Prata*, era uma Escuna americana chamada *Shillach*, tomada no Rio da Prata; *Dous de Julho*, construido na Bahia; *Pojuca*, tomado no Rio da Prata; *Emprehendedor*, era o antigo Brigue Americano *Eerefin*; *Bela Maria*, construido em Genova para o commercio; *União*; tomado no Rio da Prata; *Maria da Gloria*, comprado na praça de Pernambuco; *Itaparica*, construido na Bahia; *Alcantara*, comprado ao commercio inglez; *Carolina*, *D. Francisca* e *Fluminense*, construidos no Pará; Canhoneiras: *Greenffell*, construida em Santos; *Despique Paulistano*, construida em Santos; Bombardeiras ns. 1 e 2, construidas no Pará; *Jacuipe*, construida na Bahia; *Jagueripe*, comprada na Bahia; *Bembinda*, tomada no Rio da Prata; *Porto Alegre*, *Dezenove de Outubro*, *Taquarembó*; *Oito de Dezembro*, *Vigilante*, *Diligente* e *Valeroso*, comprados e armados no Rio Grande do Sul; Transportes: *Animo Grande*, *Jurujuba*, *Trinta de Agosto*, *Bomfim*, *Alcides*, *Providencia*, *Independencia Feliz*, *Estafeta*, *Paquete da Bahia*, *Doze de Outubro*, *Mercurio*, *Venus*, *Leopoldina* e *Conceição*, comprados todos em diversos pontos commerciaes.

Alem de todos estes navios de guerra, possuia mais a Armada brazileira uma Barca de vapor chamada *Correio Brazileiro*, comprada em Inglaterra com o nome de *Britannia*.

Existiam tambem e em grande quantidade Lanchas de grande porte, que se armavam com um rodisio e prestavam os melhores serviços.

Durante o periodo da Regencia o Brazil foi fertil em dissenções politicas.

Em Pernambuco, Alagôas e Pará se manifestaram sedições e todas ellas cheias de actos de crueldade.

A' marinha de guerra coube em grande parte o papel de principal apasiguador daquellas sedições.

Com quanto não houvessem forças de mar a bater, houveram muitos desembarqües a dar, e nesses desembarques, tanto Officiaes de marinha como marinhagem muito se distinguiram, com sacrificios é verdade, de grande numero de preciosas vidas.

Embora não houvessem, como de facto não houveram, combates navaes, houveram entretanto ocurrencias taes e tão meritorios feitos, prestados pelos navios de guerra, que convêm á Historia Naval Brazileira, narral-os com alguma minuciosidade.

Na pacificação das revoltas que se deram em Pernambuco e Alagôas pouco fizeram os navios de guerra; porem na revolução do Pará em 1835, bastantes serviços praticaram.

Achavam-se presentes na revolução do Pará os seguintes navios guerra: Fragatas *Imperatriz* e *Campista*, Corveta *Regeneração*, Brigue *Constança*; Brigues Escunas *Patagonia*, *Moderado* e *Cacique*; e as Escunas *Independencia*, *Mondurucú*, *Bella Maria* e *Guajará*. E toda essa força commandada pelo Chefe de Divisão John Taylor.

No começo da revolução porem só estiveram presentes 1 Corveta, 1 Brigue, 3 Escunas e 1 Hiate, sob o commando do Capitão Tenente Guilherme Inglis. Um dos primeiros actos de barbaridade praticados pelos revoltosos durante o commando de Inglis foi o assassinato do Presidente da Provincia, do Commandante

das Armas, e do proprio Commandante das forças navaes Guilherme Inglis.

No dia 18 de Maio de 1835 tiveram as forças navaes o seu primeiro desembarque, dirigido pelos 1.os Tenentes Elisiario Antonio dos Santos e Ferreira da Veiga.

Durante o desembarque sustentaram os navios nutrido fogo contra as baterias fortificadas pelos rebeldes, e ao chegar ao lugar do desembarque foram recebidos por vivo fogo de artilharia collocada nas embocaduras das ruas da cidade. O desembarque entretanto effectuou-se, embora resultando delle a morte de um Piloto, o ferimento grave de 4 Officiaes e 1 Guarda-marinha, a morte de 2 marinheiros e o ferimento mais ou menos grave de 36 praças.

No dia 14 de Agosto foi necessario mais um desembarque, e esse foi dirigido então pelos Capitães de Fragata Eyre e Jorge Manson. Ficaram feridos gravemente o dito Capitão Eyre e o 1.º Tenente Morphi. E desde esse dia até o dia 23 em que os rebeldes entraram na cidade e se apoderaram do trem de guerra, contaram-se 33 praças mortas, e 66 feridas, mais ou menos gravemente, pertencentes ás forças que houveram de desembarcar, além de 15 extraviados.

A revolução continuava, com grandes proporções, e a todos os lados era preciso soccorrer, e mandar forças para desembarcar. Mister foi portanto, augmentar o numero das navios de guerra: o que se effectuou com os seguintes: Brigue *Brazileiro*, Brigue Escuna *Dous de Março*, Escunas *Pelotas*, *Desenove de Outubro*, *Porto Alegre* e *Rio-Grandense*, e o Patacho *Januaria*.

E nessa occasião foi substituido o Chefe de Divisão John Taylor, pelo Capitão de Fragata Frederico Mariath.

Em um desembarque dado em fins de Abril de 1836, foi morto o 1.º Tenente Luiz Sabino, depois de ter victoriosamente se apossado de Vizeu e batido a mais de 300 rebeldes que alli se achavam fortificados.

A esse mesmo tempo outros desembarque se deram em Igarapemerim, Guajará, Capim, e outros lugares occupados pelos rebeldes. onde os 1.os Tenentes Francisco de Paula Osorio e Francisco Manoel Barroso prestaram actos da maior bravura e abnegação da vida.

Em outros desembarques dados no Acará, Marajós, e Oeiras muito se destinguio tambem o 1.º Tenente Carlos Rose, Commandante do Brigue *Brazileiro*; e, só da guarnição de seu Brigue, morreram em acção 8 praças e ficaram gravemente feridas 16, entre soldados e marinheiros, os quaes vieram a fallecer.

Em principios de 1837 estava felizmente pacificada toda a Provincia do Pará, e terminada a celebre revolução conhecida com o nome de *Cabanada*, em que tão celebres se tornaram os irmãos Antonio e Pedro Vinagre, Eduardo Angelim e outros, que a dirigiam,

Emquanto parte da Esquadra brazileira estava occupada contra os rebeldes do Pará, outra parte se achava empenhada contra a revolução que se declarara na Provincia do Rio Grande do Sul.

No correr do anno de 1835 uma revolução capitaneada pelo Coronel Bento Gonçalves da Silva, tinha feito refugiar-se a bordo da Escuna de guerra *Rio-Grandense* o Presidente daquella Provincia; e poucos mezes depois, em principios de 1836, se achavam na Provincia do Rio Grande ás ordens de um novo Presidente, e com o fim de suplantar a revolta, os navios seguintes: Brigue Barca *Sete de Setembro*, Brigues *Tres de Maio* e *Niger*, Patacho *Pojuca*, Lugar *Caboclo*, Escunas

Bella Americana, *Itaparica* e *Jacohipe*. Brigue Escuna *Leopoldina*, e Patacho *Venus*; além de diversas Canhoneiras, Hiates e Lanchas armadas com um rodizio á prôa.

E todos esses navios sob o commando do Capitão de Mar e Guerra John Pascoe Geenffell.

Antes porem da chegada desses navios de guerra e da nomeação de Greenffell, tinham-se comprado e armado em guerra diversas embarcações, Hiates e Lanchas, e por mais de uma vez foram esses navios atacados pelos rebeldes como aconteceu no dia 2 de Março e nos principios de Junho de 1836, no rio S. Gonçalo, em que importantissimos serviços prestaram taes navios commandados por Joaquim Raymundo de Lamare e outros distinctos Officiaes.

Foi no correr da revolução do Rio Grande do Sul que, no Brazil, se principiaram a empregar navios a vapor para o serviço de guerra, e convem desde já dizer que os pequenos vapores que alli se empregaram prestaram os mais relevantes serviços.

O primeiro feito importante dos navios de guerra ás ordens de Greenffell foi o assalto dado e a tomada do forte de Itapoam em Agosto de 1836, sendo o desembarque dirigido pelo Capitão Tenente Guilherme Parker, e em cujo feito muita valentia e sangue frio mostraram os Officiaes de marinha.

Em Outubro do mesmo anno um importantissimo serviço prestaram os navios de guerra, ajudados então pelo Vapor *Liberal* que a elles se reunio, a bordo do qual se achava o Commandante Greenffell. Devido ao prompto movimento de tropas e artilharia em navios rebocados pelo dito vapor. e da attitude dos navios de guerra se deveu a capitulação da Ilha do Fanfa, onde

se achava o chefe rebelde Coronel Bento Gonçalves, a deposição das armas, e a prisão de Bento Gonçalves e de todos os Officiaes que o acompanhavam; e tudo isto foi effectuado no dia 4 de Outubro de 1836.

Apezar da capitulação da Ilha de Fanfa e da prisão de Bento Gonçalves e seus Officiaes, a revolução do Rio Grande continuou, e em maior escala.

Na Campanha foi declarada a *Republica Rio Grandense*, e á testa do grande movimento republicano se achava o Coronel Antonio de Souza Netto ao qual se juntaram o Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, e outros Officiaes, até então pertencentes ao lado da legalidade.

A Republica Oriental do Uruguay, protegendo ostensivamente os movimentos revolucionarios do Rio Grande, tornava a luta muito seria, dalli em diante.

Foi preciso augmentar-se as forças navaes, e muitos Lanchões e Canhoneiras se armaram de momento, para o serviço dos rios e lagoas, A sorte das forças legaes ficou, dalli em diante, inteiramente dependente da marinha de guerra.

Os revoltodos não se esqueceram de formar tambem uma pequena marinha e o levaram a effeito, sob as ordens e direcção do valente marinheiro José Garibaldi, esse mesmo homem que, annos depois, foi o maior heroe da sua patria, a Italia,

Os navios que Garibalde conseguio armar, commandados por Italiannos, apenas serviram para apresar algum navio do commercio, encontrado desprevenido nas lagôas ou nos rios em grande distancia dos navios de guerra. Greenffell não deixava de os perseguir onde lhe constava que qualquer delles se achava.

Tendo os rebeldes cercado a cidade de Porto Alegre e se apossado de Caçapava e Pelotas, os legalistas só

ficaram dominando nos fins de 1837 em S. José do Norte e na cidade do Rio Grande, e por consequencia, ficou dependendo a sorte da guerra, da livre navegação dos rios e lagôas. Foi então que a esquadrilha de Greenffell teve de prestar os maiores serviços, quer no movimento de tropas, quer cortando as communicações e privando os rebeldes dos soccorros que lhe podiam vir da banda Oriental, quer finalmente impedindo a passagem dos rebeldes para os lados da cidade do Rio Grande.

O Chefe Greenffell, activo e intelligente como era, sabendo que dos navios sob seu commando estava naquella occasião dependendo — a Integridade do Imperio, dobrou de esforços na guarda e vigia dos diversos passos do rio de S. Gonçalo, e por ahi se conservou, enfrentando sempre o inimigo acampado em Piratinim e Pelotas.

Em um desses passos de S. Gonçalo estabeleceram os rebeldes um pequeno porte guarnecido com 6 peças de artilharia, e Greenfell immediatamente o mandou destruir, incumbindo dessa missão os 1.os Tenentes Bulhões Ribeiro e Paixão, que se portaram brilhantemente.

Era preciso a maior vigilancia a bordo dos navios de guerra, afim de evitarem os continuados ataques e tiroteios que de terra lhe faziam os inimigos, pela proximidade em que lhes era preciso fundear ou amarrar nas barrancas do rio.

E foi devido a um descuido, desses que Greenffell tanto recommendava se evitasse, que no 1.º de Fevereiro de 1838, duas Canhoneiras e 1 Lanchão que se achavam fundeados no passo do Contracto, no rio Cahy, foram victimas de uma surpreza e completamente

batidos por mais de 2.000 homens e uma bateria de artilharia, collocados sobre a barranca e commandados por Bento Manoel. Foi morto nessa occasião o 1.º Tenente Santos Bellíco, Commandante de uma das Canhoneiras, por uma bala que lhe atravessou a cabeça; foi prisioneiro o Commandante de outra Canhoneira, 1.º Tenente Pereira da Cunha; mortos quasi todos os marinheiros que guarneciam as tres embarcações; e salvos apenas um pequeno numero que se atirou a nado e pôde ganhar a margem opposta.

Nesta occasião estava commandando as forças navaes o Capitão de Mar e Guerra Frederico Mariath, em substituição do Chefe Greenffell que se havia recolhido ao Rio de Janeiro,

Regressando porém o Chefe Greenfell e tomando de novo o commando das forças em Maio de 1838, o seu primeiro cuidado foi procurar os navios de Garibaldi, com o fim de os destruir, visto lhe constar que tinham augmentado em numero e estavam melhor armados.

E com effeito sabendo que os ditos navios se achavam em *Camaquam*, alli os foi procurar, em Agosto de 1838, a bordo do vapor *Aguia*, acompanhado de diversas Canhoneiras e Lanchões, e conseguiram apresar 3 grandes Lanchões e 2 Lanchas; ahi porém teve a noticia de que o Commandante Garibaldi já batia longe, tinha seguido para Santa Catharina acompanhado de dois Lanchões bem armados, afim de proteger a occupação da Laguna, tentada pelas forças rebeldes do Rio Grande do Sul, commandadas por David Canavarro.

Deixando neste ponto os acontecimentos da Provincia do Rio Grande, vamos acompanhar Garibaldi nos feitos da Laguna.

No porto da Laguna achavam-se o Brigue-Escuna *Cometa*, a Escuna *Itaparica*, duas Canhoneiras e dois Lanchões, quando no dia 21 de Julho de 1839, inesperadamente lhe appareceram do lado do Sul da Barra os tres navios commandados por Garibaldi, e que sem darem tempo á menor defesa investiram sobre um dos Lanchões e o apresaram; dirigiram-se para a Canhoneira *Catharinense*, commandada pelo Piloto José de Jesus, que defendeu-se valorosamente e vendo-se sem mais cartuxame, lançou fogo ao navio a atirou-se a agua, acompanhado dos marinheiros que o quizeram seguir, e salvou-se na margem opposta. Em seguida Garibaldi dirigio rumo á outra Canhoneira e aos Lanchões, e a todos apresou com mais ou menos difficuldade. Só o Brigue-Escuna *Cometa* pôde velejar, ganhar a barra e safar-se dos inimigos.

Logo que este triste acontecimento foi sabido pelo Governo Imperial mandou-se para a Laguna 1 Corveta, 10 navios menores e alguns Lanchões armados, todos debaixo das ordens do Capitão de Mar e Guerra Frederico Mariath.

Ao aproximarem-se as forças commandadas por Mariath, Garibaldi fez-se á vela, acompanhado das Escunas *Libertadora*, *Caçapava* e Palhabote *Seival*, e cosendo-se com a terra e furtando-se ás vistas de Mariath, fez-se ao mar.

Logo no dia seguinte encontrou dois navios do commercio que demandavam a Laguna e os apresou, e em seguida encontrando-se com o Brigue-Escuna de guerra *Andorinha* travou com elle forte tiroteio, e retirou-se a tomar o porto da Imbituba onde deu fundo.

Tendo-se nessa occasião reunido ao Brigue-Escuna

Andorinha, o Patacho *Patagonia*, e a Escuna *Bella Americana*, mandaram por um Lanchão participar a Mariath que Garibaldi se achava em Imbituba, e pedir mais alguns navios para batel-o naquelle ponto; e seguiram os tres para o Porto da Imbituba.

Alli chegando e não podendo alcançar os navios de Garibaldi, fundeados em muito pouca agua, contentaram-se em canhoneal-os de longe, e vigial-os para que não se escapassem, antes da chegada dos soccorros pedidos a Mariath.

Nesse estado se conservaram até o dia 5 de Novembro de 1839 em que, cahindo vento rijo de *NE*, Garibaldi aproveitando-se da noite, fez-se á vela e cosendo-se com a terra foi de novo ganhar o porto da Laguna com os seus navios, e pôr-se ás ordens e em defesa dos rebeldes do Rio Grande commandados por David Canavarro, que já estavam senhores da Laguna.

Os navios commandados por Mariath tinham seguido em demanda de Imbituba, para baterem Garibaldi, pilharam grande temporal de *NNE*, viram-se quasi perdidos, e á alguns até, fôra preciso lançar artilharia ao mar para se poderem salvar, e, por lá andavam ainda.

Logo porem que voltaram da Imbituba e souberam que os navios de Garibaldi já achavam-se fundeados dentro do porto da Laguna, investiram a barra no dia 15 de Novembro em diversas divisões, uma de Canhoneiras e Lanhas ao mando do 1.º Tenente Manuel Moreira da Silva, e outra composta dos Brigues Escunas *Eólo, Cometa, e Bella Americana*, Patachos *Desterro, e S. José*, e Canhoneira *Bellico*, ao mando do proprio Mariath.

Garibaldi tinha-se prevenido para a defensiva, fundeando convenientemente os 5 navios de que então dispunha. A acção travou-se e mortifero foi o combate: o fogo era vivissimo quer dos navios quer das fortificações levantadas em terra pelos rebeldes. Os navios de Garibaldi bateram-se até a ultima, com a maior coragem e valentia.

Dos diversos Commandantes o Officiaes dos navios de Garibaldi nenhum escapou com vida. O proprio Garibaldi vendo-se afinal perdido, incendiou com suas proprias mãos a Escuna *Libertadôra*, que commandava, e seguio para terra a juntar-se com David Canavarro e sua gente.

Os navios de Mariath soffreram grandes avarias: todo o apparelho ficou cortado pelas balas do inimigo. Morreram 17 pessoas, e ficaram gravementes feridos 30 entre estes o Guarda-marinha Pereira Leal, que commandava um Lanchão.

Voltando aos acontecimentos da Provincia do Rio Grande do Sul onde deixamos Greenfell e seus navios prestando relevantes serviços á causa da Legalidade, encontra-se o brilhante resultado da batalha de Taquary, dada pelo General Manoel Jorge Rodrigues, resultado devido em sua maior parte á actividade dos navios commandados por Greenfell, e esse importante feito no *Passo dos Negros*: vê-se tambem os grandes serviços prestados pelos navios de guerra no ataque e defesa do S. José do Norte; onde tanto se distinguiram os navios commandados pelos Tenentes Pedro Garcia e Gama Rosa, e em cuja occasião morreu afogado, segundo se suppõe, o bravo e distincto Capitão Tenente Francisco Romano da Silva, quando de bordo do Brigue Escuna *Andorinha* que então commandava,

se dirigia para a terra em um pequeno Escaler afim de tomar parte mais activa, como desejava, no desembarque e assalto que estavam dando os seus companheiros de armas, que guarneciam os pequenos navios e lanchões armados. A morte ou desapparecimento deste digno Official foi geralmente sentida, e, até hoje ninguem ao certo póde dizer como se deu tão desgraçado facto.

Dez annos de pratica tiveram os Officiaes de marinha, sobre navegação de rios e lagôas, e ninguem se avantajou até hoje, aos Officiaes que serviram no Rio-Grande do Sul, na pratica dos serviços peculiares, á navegação de rios.

Em 1845 estava finda a rebellião na Provincia do Rio Grande do Sul.

Antes porém da terminação da guerra do Rio Grande do Sul, a marinha teve tambem de figurar e brilhantemente, na revolução da *Sabinada* em Novembro de 1837.

Em 1843, os navios de guerra brazileiros foram, pela primeira vez, mostrar o Pavilhão auriverde nas aguas de Napoles, sulcando galhardamente o Mediterraneo, onde receberam o comprimento de diversos navios e esquadras, que por alli bordejavam, salvando todos com 21 tiros, ao avistar o Pavilhão brazileiro.

Era uma Divisão composta da Fragata *Constituição* ao mando do Capitão de Mar e Guerra José Ignacio Maia, Corveta *Dois de Julho* commandada pelo Capitão de Mar e Guerra Pedro Ferreira de Oliveira, e *Euterpe* commandada pelo Capitão de Mar e Guerra Wandenkolk, e commandada em chefe, a dita Divisão, pelo Chefe de Esquadra Theodoro Beaurepaire.

Esta Divisão sahio do Rio de Janeiro a 5 de Março

de 1843 e foi a Napoles, receber e conduzir ao Brazil onde chegou a 4 de Setembro do mesmo anno Sua Magestade a Imperatriz a Sra. D. Thereza Christina.

Na sua volta veio acompanhada até ao Rio de Janeiro por uma Esquadra napolitana composta de 1 Náo e 4 Fragatas.

No correr do anno de 1845 foram diversos navios commandados pelo Chefe Greenfell acompanhar SS. Magestades Imperiaes, que em viagem de recreio foram á Provincia do Rio Grande do Sul.

Não tardaram muitos annos depois das rebelliões do Rio Grande e de Pernambuco que a Marinha de Guerra Brazileira não fôsse chamada de novo a empenhar-se em luta, a prestar relevantes serviços nas aguas do Prata.

Rozas o Dictador da Republica argentina, por intermedio de seu lugar-tenente Oribe, occupava o territorio da Republica Oriental do Uruguay, e punha em rigoroso sitio a cidade de Montevidéo onde se achavam recolhidas todas as autoridades e depositarios dos Direitos e Soberania da Republica do Uruguay, quando o Governo Brazileiro, por obrigação que tinha de sustentar e defender a Independencia daquelle Estado, e garantir a vida e a propriedade dos subditos brazileiros que nelle residiam e que estavam sendo victimados por Oribe e sua gente, celebrou, com o Governo legal de Montevidéo e o Governador de Entre-Rios, um convenio em 29 de Maio de 1851, com o fim de assegurar a Soberania do Estado Oriental e fazer expulsar do territorio Oriental o General Oribe e o seu exercito.

E para tornar effectivo o convenio e garantir os

brazileiros foi mister augmentar o numero de navios de guerra no Rio da Prata, e mesmo, organisar alli uma Esquadra de operações. Em breve tempo portanto achavam-se reunidos no porto de Montevidéo os seguintes navios: Fragata *Constituição*, Corvetas *Januaria*, *União*, *D. Francisca*, *Berenice*, *Euterpe*, *Bahia*, e *Bertioga*, Brigues *Capiberibe*, *Eólo*, *Caliope*, ; e os vapores *Affonso*, *Pedro II*, *Golphinho*, *Paraense*, *Recife*, e *D. Pedro:* todos esses navios commandados pelo Chefe de Esquadra João Pascóe Greenffell,

Estabelecido o mais rigoroso bloqueio, e guardados e bem vigiados os pontos por onde Oribe podia receber soccorros ou evadir-se com sua gente; e bem assim, organisado e estendido o sitio, por parte do Exercito ou forças alliadas; Greenfell subio por diversas vezes o rio Paraná a bordo do Vapor *Affonso*, e fez callar as baterias que por alli ia encontrando.

Na Colonia e no Buceu a vigilancia, por parte dos navios de guerra brazileiros, era a maior possivel, difficilima portanto se tornava a posição do General Oribe e seu Exercito, e forçoso lhes foi capitular no dia 11 de Outubro de 1851; cessando assim as calamidades que por tanto tempo soffreram os habitantes da cidade de Montevidéo.

O Governo de Buenos-Ayres, conforme se prevía, declarou guerra ao Brazil, e forçoso foi aceital-a.

E desde logo ficou assentado e combinado entre os dois Exercitos alliados, Brazil e Entre-Rios, que se deveria ir até Buenos-Ayres e alli ajudar o povo Argentino a sacudir o jugo nefando do Dictador Rosas.

Principiou desde então o movimento de tropas, e a marinha a prestar os melhores serviços.

Duas Divisões da Esquadra, compostas a primeira,

dos Vapores *Affonso*, *Pedro II*, *Recife* e *D. Pedro*, Corvetas *D. Francisca* e *União* e Briguo *Caliope*; e a segunda dos Vapores *Imperador*, *Paraense*, *Uruguay*, e a Corveta *D. Januaria*; seguiram immediatamente para a Colonia do Sacramento e alli receberam a seu bordo, para serem transportados ao territorio argentino uma parte do Exercito brazileiro ao mando do General Manoel Marques de Souza (Conde de Porto Alegre).

Singrava a 1.ª Divisão, dirigida pelo proprio Greenfell, em demanda do Diamante, no dia 17 de Dezembro de 1851, lugar onde as forças brazileiras deviam desembarcar e fazer juncção com as de Urquiza, quando se descobrio que no Passo de Tonelero existiam 16 peças de artilharia collocadas na barranca do Acevedo, guarnecidas por numerosa força, e parecendo querer impedir por alli a passagem dos navios brazileiros.

Era meio dia, pouco mais ou menos, quando da tal bateria de Acevedo romperam fogo contra os primeiros navios que se aproximavam. O Chefe Greenfell não se fez esperar com a resposta. E esses foram os primeiros tiros que como inimigos trocaram entre si Brazileiros e Argentinos, depois de 24 annos de perfeita paz entre os dois Paizes.

Os navios entretanto foram seguindo seu cami nho, e embora vagarosamente podessem os vapores romper a correnteza das aguas, porque levavam a reboque os navios de véla, em pouco mais de 1 hora conseguio a 1.ª Divisão pôr-se longe da artilharia do inimigo. Durante a passagem, uma nuvem de fumo envolvia todos os navios: tal era a presteza com que os tiros se seguiam.

Passado assim o Tonelero, dirigio-se a 1.ª Divisão ao lugar do Ramalho e ahi desembarcou a Força

que estava a bordo ás ordens do General Marques de Sousa

Fazendo immediatamente volta, com o fim de prestar soccorros á 2.ª Divisão, em sua passagem pelas baterias do Tonelero, Greenfell aproximou-se da barranca de Acevedo; e as forças inimigas ahi existentes, acreditando um desembarque, abandonaram precipitadamente a posição que occupavam e a artilharia que estavam guarnecendo, e fugiram, deixando passar incolume toda a força do Exercito brazileiro que vinha embarcada nos navios da 2.ª Divisão da Esquadra; o que tudo ficou effectuado no dia 18.

A passagem do Tonelero custou a vida de 6 homens e o ferimento grave de outros tantos, alem de algumas avarias importantes no aparelho e no casco de diversos navios.

Desembarcada toda a força do Exercito brazileiro, e feita a 19 do mesmo mez a juncção com o Exercito de Urquiza, passaram o Paraná a 23; e seguiram a libertar a Confederação Argentina da ignominiósa dictadura de Rozas: o que facilmente conseguiram em 3 de Fevereiro de 1852, com a batalha de Monte-Caseros; fugindo afinal o celebre dictador Rozas e sua familia, para bordo de um navio de guerra inglez, que os transportou para a Europa.

X

SUMMARIO

Guerra contra Montevidéo em 1864. — *Ultimatum* de 5 de Agosto de 1864. — Caça ao Vapor *Villa del Salto*. — Occupação de Paysandú. — Convenio de 20 de Fevereiro de 1865. — Aprisionamento do Vapor *Marquez de Olinda* pelos Paraguayos. — Invasão de Matto-Grosso. — Agressão do Paraguay contra os Argentinos. — Tratado da Triplice Alliança. — Ataque e occupação de Corrientes pelos Paraguayos.

Mais uma vez teve a Esquadra brazileira de voltar ás aguas do Prata, com o fim de bater os inimigos e perseguidores dos Brazileiros.

A guerra civil que jamais abandonou os Estados do Prata, lavrava com grande intensidade no Uruguay, e os Brazileiros eram de novo perseguidos e victimados, e as suas propriedades desrespeitadas.

Os dous partidos fortes daquella Republina estavam em campo e batiam-se. O General D. Venancio Flores estava á testa do partido *Colorado*, e Aguirre, do partido *Blanco*.

Os Brazileiros alli residentes recebiam de Venancio Flores maior protecção, e talvez por esse motivo, julgavam a causa de Flores mais justa e digna de ser

sustentada: e obtiveram, por tanto, que o Governo do Brazil se tornasse tambem favoravel á causa sustentada pelo General Flores.

E por isso foram mandadas ao Rio da Prata algumas Missões Diplomaticas, que nada poderam obter de Aguirre, senhor então da cidade e Praça de Montevidéo, que garantissse, como era devido, o bem estar e a propriedade dos Brazileiros; sendo afinal preciso enviar a Aguirre, em 5 de Agosto de 1864, um *ultimatum*, em que se lhe dizia: que a Esquadra brazileira e as forças do Exercito Imperial em observações na fronteira do Sul, iam proceder a represalias, até que o Governo de Aguirre se resolvesse á acceder ás reparações que eram devidas aos Brazileiros.

As forças navaes, augmentadas convenientemente, foram entregues á direcção do distincto Vice Almirante Barão de Tamandaré (Joaquim Marques Lisboa).

Desta data em diante principia a apparecer a moderna marinha brazileira. Póde e deve-se dizer que foi nesta occasião que ella nasceu, porquanto raro era o navio de guerra que não estivesse commandado por um moço brazileiro, ou, que os seus Officiaes não fossem todos moços, sahidos ha poucos annos dos bancos das Academias.

Foi tambem desta data em diante que appareceram nos navios da Armada brazileira os diversos melhoramentos, e tudo quanto de mais moderno ensinava a arte da guerra. Navios de ferro, navios de ferro e madeira, encouraçados, arietes, torpedos e peças raiadas: e tudo foi, dahi em diante, empregado com o mais feliz successo, por uma mocidade valente, estudiosa e illustrada; dirigida, é verdade. por distinctos

e abalisados mestres, taes como o souberam ser Tamandaté, Inhauma, Angra, Amazonas, Lomba e outros,

E a áquelle digno e valente Official fôra ordenado que como represalias não consentisse que os dois Vapores *General Artigas* e *Villa del Salto*, pertencentes á Republica do Uruguay, transportassem tropas de Aguirre de um para outro lado da margem do Uruguay, afim de, por esse meio, se tornar difficil e precaria a posição do dito Aguirre, e obrigal-o a prestar-se ás justas exigencias do Brazil.

Da mesma sorte se ordenou ao Exercito de observação na fronteira do Sul, que invadisse o territorio da Republica Oriental e occupasse algumas das villas proximas á linha confinante.

Com effeito no dia 7 de Setembro de 1864 ás duas horas da tarde as Corvetas a vapor *Belmonte* e *Jequitinhonha* deram caça ao Vapor oriental *Villa del Salto*, que tinha sahido da Concordia carregado de tropa e descia o rio, e obrigaram-no a lançar-se sobre a praia no porto de Paysandú, onde depois de desembarcada a tropa que conduzia, a propria guarnição o incendiou, com medo de que os Brazileiros o apresassem.

Este facto deu lugar a que o General Aguirre rompesse de todo as suas relações officiaes com o Governo do Brazil, e pedisse immediatamente a protecção do Dictador do Paraguay, Solano Lopes.

Declarado que foi o rompimento das relações officiaes por parte do General Aguirre, o Governo brazileiro reconheceu immediatamente como belligerante e alliado do Brazil ao General D. Venancio Flores, e mandou bloquear os portos orientaes no rio Uruguay, por julgar ser essa uma das medidas mais necessarias á prompta pacificação da Republica Oriental.

Ao passo que se estabelecia o mais rigoroso bloqueio, e alguns navios da Esquadra brazileira occupavam os portos do Salto e Paysandú para protegerem os subditos brazileiros, o Exercito da fronteira do Sul invadia o territorio Uruguay, e o General Flores á frente das tropas libertadoras sob seu commando, occupava a villa do Salto, e dalli marchava sobre a cidade de Paysandú, contando encontrar alli, como de facto encontrou, a protecção dos navios brazileiros ao mando do Barão de Tamandaré.

O Almirante brazileiro logo que soube que as forças do General Flores estavam acampadas nas immediações da cidade de Paysandú, pelo lado do Arroio Seco, e pretendia atacar a cidade, ordenou um desembarque das forças de bordo, para auxiliar o ataque da cidade.

Com effeito no dia 4 de Dezembro de 1864, desembarcaram dos navios brazileiros 400 praças, sendo 100 imperiaes marinheiros, 100 soldados do batalhão naval, e 200 do 1.º batalhão de infantaria de linha.

Esta força era commandada pelo Capitão Francisco Maria dos Guimarães Peixoto, e a ella seguia uma bateria de tres peças de calibre 12, commandada pélo 1.º Tenente de marinha Antonio da Silva Teixeira de Freitas: uma estativa de foguetes a congreve, á cargo do 2.º Tenente de marinha Miguel Antonio Pestana; e algumas ambulancias e caixas de instrumentos cirurgicos á cargo dos 2.ºs Cirurgiões da Armada Drs. Luiz Alves do Banho e Joaquim da Costa Antunes.

Desembarcada esta força, reunio-se-lhe logo uns 160 cavalleiros armados, que voluntariamente se offereceram para acompanhal-a dirigidos por um Estancieiro

brazileiro, residente naquellas immediações, chamado José Bonifacio Machado; e pediram apenas uma bandeira brazileira, que o Barão de Tamandaré lhes mandou immediatamente fornecer, e dispozeram-se a seguir o destino de seus compatriotas.

Na cidade de Paysandú achava-se o Coronel D. Leandro Gomes, bem intrincheirado e commandando perto de 1.500 homens, entre os quaes muitos Officiaes de reconhecido valor, taes como o Coronel Lucas Pires e outros de igual nomeada. A cidade estava resguardada por pequenos fortes guarnecidos com artilharia de calibre 18 e 12, e o seu centro era uma verdadeira Praça de guerra, acummulada de mantimentos e munições de guerra de toda a especie.

Antes da força desembarcada principiar a mover-se, o Almirante Tamandaré mandou por um Official intimar ao Coronel Leandro Gomes para render-se com as honras de guerra; e dizer ás familias que se quizessem retirar em tempo, e não se expôr ás eventualidades da guerra, o fizessem dentro do prazo improrogavel de 48 horas.

O Coronel Leandro Gomes, cheio de si e esperançado de grandes auxilios por parte dos Blancos, de alguns homens importantes de Entre-Rios, e do Dictador do Paraguay, repellio com toda a arrogancia a intimação que o Barão de Tamandaré lhe mandára fazer, declarando que a sua resposta a outro qualquer portador que alli se apresentasse seria o fuzil.

No dia 6, á hora em que terminava o prazo concedido para as familias se retirarem, moveu-se a força brazileira e investindo os postos avançados do inimigo, e fazendo recolher para dentro da Praça todas as partidas e guerrilhas que appareceram.

Logo na primeira carga contra os inimigos foi ferido por uma bala o Capitão Peixoto, commandante da força brazileira, porém esse bravo apesàr de ferido não quiz abandonar o seu posto e seguio sempre na frente dos seus commandados.

A artilharia dos fortes incommodava muito á marcha dos soldados brazileiros, e necessario foi fazer calar essa artilharia. Para isso ordenou o Barão de Tamandaré, que da Canhoneira *Araguay*, onde se achava o Pavilhão do Dhefe de Divisão Francisco Pereira Pinto (Barão de Ivinheima), se bombardeasse as fortificações, atirando sobre ellas bombas de 68; e o mesmo o fizessem de bordo da *Belmonte*, *Parnahyba* e *Ivahy*.

O effeito do bombardeio foi o melhor possivel: quasi todas as bombas iam arrebentar contra os fortes ou dentro da Praça. causando o maior estrago possivel, e matando muita gente. Mais de 150 homens foram postos fôra de combate, por um inimigo com que elles não contavam, — a artilharia dos navios de guerra collocados a tamanha distancia.

Tendo chegado nessa occasião mais um contingente de cavallaria colorada. o Almirante Tamandaré fez reunir a elle uns 100 imperiaes marinheiros, ao mando do 1.º Tenente Montaury, e mandou essa força seguír e tomar posição conveniente. Com essa força seguiram o 2.º Cirurgião Balduino Athanasio do Nascimento, o pratico da Esquadra, Etchebarne, e o Voluntario Joaquim Marques Lisboa Junior, que voluntariamente se offereceram para tomar parte na acção.

As duas horas da tarde o inimigo estava redusido somente ao recinto fortificado da Praça, e tudo o mais se havia calado. Entretanto os Brazileiros não

podiam seguir, precisavam descançar e comer: estavam fatigados de tantas horas de seguida marcha, do sol ardentissimo daquelle dia, e do fogo constante que houveram de sustentar; e preciso foi retirarem-se para o Porto afim de descançarem, deixando no emtanto guarnecidos todos os pontos que se haviam tomado ao inimigo.

No dia 7 desembarcaram mais duas peças de 32 e uma de 68, e foram collocadas, debaixo de vivo fogo do inimigo, na imminencia do morro da Bôa Vista. Esta arriscada operação foi executada pelo 1.º Tenente Antonio Carlos de Marriz e Barros, apoiado por 100 praças do 1.º batalhão de infantaria, commandadas pelo Tenente Eduardo Emilio da Fonseca.

O Almirante podia nesse mesmo dia tentar o ataque da Praça, porém sabendo que estava a chegar um novo reforço de tropa, esperou até o seguinte dia.

E com effeito no dia 8 chegaram e desembarcaram mais 100 praças de imperiaes marinheiros e batalhão naval, 2 peças raiadas de calibre 30 e outras duas de calibre 6, para desembarque; e toda essa força foi confiada ao commando do 1.º Tenente Henrique Francisco Martins.

Tendo nessa occasião chegado com Officios do Exercito o Major José Antonio Corrêa da Camara (Visconde de Pelotas), o Almirante Tamandaré o encarregou do commando geral das forças brazileiras que haviam desembarcado e estavam sitiando a Praça de Paysandú.

Entretanto um armisticio inesperado foi concedido aos inimigos encerrados em Paysandú, e a força que

os sitiava teve de retroceder, e por dois dias deixal-os entregues a si mesmo, e descançados se poderem refazer e preparar melhor defesa da sua praça.

Tinha chegado a noticia de que o General Sáa, commandando uma grande força inimiga, atravessara o Rio Negro: preciso era portanto, dirigir-se para aquelle ponto, a força brazileira de Paysandú. Entretanto, chegadas as forças brazileiras áquelles lugares, souberam que o General Sáa havia de novo repassado o Rio Negro para os lados do sul. E voltaram incontinente para o seu posto em frente á Praça de Paysandú.

Na volta já encontraram uma nova força de 1.200 homens, commandados pelo General Netto, acampada ao norte de Paysandú; e mais tarde chegara tambem o General Mena Barreto com uma grande Divisão de perto de 6.000 homens e um parque de artilharia.

Apezar da demora havida no ataque da Praça, e do tempo que involuntariamente fôra concedido aos sitiados para se prepararem, a sua posição era a mais critica.

No dia 31 de Dezembro, á hora marcada, 6 da manhã, romperam as forças brazileiras nutrido fogo contra o inimigo. Logo no principio desse tiroteio, a Marinha teve que chorar a morte de um de seus valentes Officiaes, o 1.° Tenente Henrique Martins, que uma bala inimiga levou-lhe a cabeça na occasião em que firmava a pontaria de uma das peças sob seu commando.

O fogo tornou-se tão vivo e certeiro que obrigou ao Coronel Leandro Gomes, a mandar um Parlamentario pedir uma suspenção de hostilidades por espaço de 8 horas, afim de se poderem enterrar os mortos, e cuidar dos feridos.

A resposta, como era de esperar, não annuia ao pedido de suspenção de hostilidades, salvo o caso de se querer a Praça entregar á discripção dos alliados. E sem diminuir o fogo, continuaram os alliados a investir a Praça, e quando já dentro della, e tudo em perfeita debandada, procurava o Coronel Leandro Gomes responder á intimação que recebera, e com effeito a estava escrevendo no momento em que se lhe apresentou o Coronel Bello e lhe intimou a prisão.

Não quiz entretanto Leandro Gomes entregar-se á prisão e ser conduzido pelo Coronel Bello, por pertencer ás forças brazileiras; e preferio entregar-se e seguir o Coronel Oriental Goyo Soares. Fez mal e não pensou bem; e o resultado foi o ser fuzilado, e mais dois outros Officiaes seus companheiros, em caminho para a prisão.

O Exercito brazileiro ficou indignado quando soube do proceder que tiveram com o prisioneiro Leandro Gomes e seus dois companheiros, e o Almirante Tamandaré exclamou: «.. *mancharam a mais esplendida victoria! Grande era por certo a afronta que o Brazil tinha a vingar, innumeros foram os insultos que os Brazileiros soffreram desse homem, porem era preciso que sua vida fosse respeitada, como tanto eu havia recommendado, para mostrar que eramos um povo civilisado, um povo religioso! Mas a fatalidade o arrastou ao seu destino, fazendo-o deixar, pelo seu orgulho, a protecção da bandeira brazileira, sem se recordar que os odios politicos, são sempre mais crueis que os Nacionaes,.*, ».

O General Flores mostrou-se tambem muito sentido por aquelle desagradavel acontecimento, e mandou proceder a um rigoroso inquerito.

Assim se concluio a grande faina do cerco e tomada da Praça de Paysandú, onde a marinha de guerra tomou a parte mais activa e della se sahio tão brilhantemente.

Ficaram prisioneiros 700 homens, e entre estes 97 Officiaes de diversas patentes, toda a artilharia, munições de guerra e bandeiras. A todos os Officiaes se concedeu liberdade, depois de um solemne promettimento de honra de mais não servirem naquella campanha, nem contra o General Flores, nem contra o Brazil.

O Exercito alliado e a marinha de guerra teve mais de 400 praças fóra de combate.

Estre os mortos da marinha conta-se o 1.º Tenente Henrique Francisco Martins; e entre os feridos, o Guarda-marinha Joaquim Raymundo de Lamare Sobrinho.

Terminaremos esta jornada gloriosa com alguns trechos escriptos pelo distincto Chefe de Saude da Esquadra Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier.

« A missão do Cirurgião principiava; grande numero de feridos reclamavam cuidados cirurgicos, e conseguintemente a creação de hospitaes onde recebessem os primeiros soccorros, e soffressem as mais urgentes operações.

« Difficuldades offereciam-se que não era possivel de momento debellar, e o tumultuar de um combate apresenta obstaculos que parecem invenciveis.

« A principio foram os feridos conduzidos para bordo do *Recife*, e estendidos no convez recebiam os cuidados dos Cirurgiões Claudio José Pereira da Silva, João Adrião Chaves, Balduino Athanasio do Nascimento,

Luiz da Silva Flores, Felippe Pereira Caldas, e Justiniano de Castro Rebello.

« A creação de um hospital improvisado em terra, fazia-se necessaria, e por ordem do Almirante Tamandaré foi este inaugurado em uma casa de palha que servia de quartel á guarda da capitania do porto, onde foram recebidos os feridos é collocados em tarimbas, e não tendo ainda chegado de Buenos-Ayres o material exigido para a organisação dos hospitaes, a necessidade fez apparecer recursos e os feridos tinham por cobertas os seus capotes.

« Era digna de vêr-se a abnegação de nossos Cirurgiões em presença desse espetaculo de horror, no qual brilhavam a caridade, o sangue frio, a palavra consoladora do sacerdote da sciencia, e os recursos da mesma sciencia.

« O numero dos feridos crescia e insufficiente se tornava este primeiro hospital, sendo outros inaugurados nas casas proximas a este, e então ahi já se encontravam lençóes, cobertores e roupas vindas de Buenos-Ayres. Ahi tambem haviam mais dois medicos o Dr. Joaquim Alves do Banho e Joaquim da Costa Antunes vindos do acampamento do Exercito libertador onde por ordem superior se achavam em serviço.

« A 5 de Janeiro entravam no porto de Fray Bento os Vapores *Recife* e *Parnahyba* trazendo a seu bordo 132 feridos do glorioso combate de Paysandú.

« Descrever o quadro lugubre que offerecia ao entrar nesses navios, onde os gemidos e ais dos feridos tocavam as fibras intimas do coração, seria impossivel!

« Durante toda a noite trabalhou-se, extrahindo grande numero de balas, e pensando todos os feridos,

e depois recolhidos ao hospital de Buenos-Ayres, inaugurado por ordem do Almirante Tamandaré.

« No dia 6, ás 3 horas da tarde, desembarcavam os feridos na cidade de Buenos-Ayres, em uma casa preparada na rua Esmeralda, onde só haviam accommodações para 80 doentes. E sendo preciso outro hospital, foi este inaugurado na rua Suipacha.

« O transporte destes doentes de bordo para terra foi feito com todo o esmero e cuidado, em presença do Almirante e do Ministro brazileiro, e de um immenso povo que saudava o triumpho de nossas armas.

« O povo corria em massa a visitar os hospitaes e feridos, e as enfermarias foram franqueadas aos medicos estrangeiros e brazileiros que nellas quizeram trabalhar. Apresentaram-se logo a offerecer os seus serviços os Drs. Nicoláo Tolentino de Gouvêa Portugal, João Montes de Oca, Director da Escola de Medicina de Buenos-Ayres, e seus filhos os Drs. Leopoldo Montes de Oca e Manoel Montes de Oca; apresentaram-se tambem os Drs. Manoel Martins Bonilla, Antonio Argeria e Adolpho Derseau.

« Quatro irmãs da caridade e o sacerdote benedictino Fr. Antonio da Conceição Gomes de Amorim, Capellão da Armada, com dedicação evangelica velavam noité e dia á cabeceira dos doentes.

« Foram chamados da commissão em que se achavam na boca do Paraná os Drs. José Caetano da Costa e Luiz Carneiro da Rocha, que prestaram excellentes serviços nos dois hospitaes de Buenos-Ayres.

« A cáridade estendeu seu manto por sobre os hospitaes. Familias distinctas do paiz enviavam diariamente aprestos para os curativos, e vinham visitar os doentes, trazendo-lhes o doce balsamo da consolação.

« As Brazileiras ouviram de bem longe os gemidos de seus compatriotas e enviavam por todos os vapores o que se fazia mais necessario aos curativos, além dos votos sublimes que faziam pelo restabelecimento de tantos benemeritos da Patria. »

Depois da tomada de Paysandú, os navios de guerra que alli se achavam desceram e foram fundear em frente a Montevidéo; e o Exercito contornando a margem do rio foi acampar em Fray-Bentos.

Chegados os navios de guerra em frente a Montevidéo, foi declarado aquelle porto em rigoroso bloqueio, e no dia 2 de Fevereiro notificadas as Nações Estrangeiras da existencia, motivos e fins de dito bloqueio.

Ao terminar o prazo concedido ou marcado para se começar o bloqueio notificado (15 de Fevereiro) já o Exercito alliado tinha tomado posição para o assedio da cidade de Montevidéo.

Acontece entretanto que, tendo naquelles dias terminado o periodo da administração do Aguirre, passasse elle immediatamente o Governo da Republica ao Presidente do Senado o Sr. Villalba, partidario muito moderado e de um genio todo conciliador: e por esse motivo se mudasse inteiramente a face da guerra. O primeiro passo da administração de Villalba foi intentar, servindo-se da bôa vontade do Ministro italiano em Montevidéo, um accôrdo pacifico para se terminar a questão com o Brazil. O accôrdo foi aceito, e logo em seguida assignado o Convenio de 20 de Fevereiro de 1865. [1]

---

[1] CONVENIO DE PAZ

Protocollo da negociação de paz celebrada na villa da

Montevidéo capitulou; foi reconhecido Governador

União. — Havendo S. Ex. o Sr. D. Thomaz Villalba, como Presidente reconhecido por um dos belligerantes, manifestado a S. Ex. o Sr. Brigadeiro General D. Venancio Flores como chefe reconhecido pela outra fracção de Orientaes, e a S. Ex. o Sr. Conselheiro Dr. José Maria da Silva Paranhos, como representante diplomatico do Brazil, seus desejos de fazer cessar quanto antes a guerra interra e externa em que se acha a Republica, evitando-se, se é possivel, nova effusão de sangue e novas desgraças entre irmãos e uma nação vizinha, cuja amizade deve ser um empenho honroso e grato para ambos os Governos;

E tendo S. Ex. o Sr. Ministro Residente de Italia D. Raphael Ulysse Barbolani, ao annunciar esses pacificos, illustrados e patrioticos sentimentos de S. Ex. o Sr. D. Thomaz Villalba, declarado que o fazia por encargo deste e em nome de todo o Corpo diplomatico de Montevidéo, e solicitado para a negociação de paz uma suspensão de armas, como reciprocidade do que por parte de um dos belligerantes já se havia ordenado á guarnição da praça de Montevidéo.

Foi esta medida ordenada por parte de S. Ex. o Sr. Brigadeiro General D. Venancio Flores, e de SS. EEx. os Srs. Vice Almirante Barão de Tamandaré e Marechal João Propicio Menna Barreto, Generaes em chefe da Esquadra e Exercito do Brazil; e manifestou-se ao mesmo tempo, pelos orgãos competentes dos belligerantes alliados, que as aberturas feitas por parte do outro belligerante seriam acolhidas com o mais sincero desejo de evitar á capital da Republica, se fosse possivel, as tristes consequencias de um assalto.

Verificando-se no dia seguinte ao daquellas aberturas de paz, que tiveram lugar a 16 do corrente mez de Fevereiro, a enviatura de S. Ex. o Sr. Dr. D. Manoel Herrera y Obes,

provisorio da Republica Oriental do Uruguay, e alliado

---

como orgão e negociador autorisado por S. Ex. o Sr. D. Thomaz Villalba para propôr e ajustar as condições da paz, que ambos os belligerantes desejavam celebrar antes de um novo recurso ás armas; reuniram-se nesta villa da União SS. EEx. os Srs. Brigadeiro General D. Venancio Flores, Conselheiro José Maria da Silva Paranhos e D. Manoel Herrera y Obes, para entenderem-se sobre tão importante assumpto.

Entre S. Ex. o Sr. Brigadeiro General D. Venancio Flores e S. Ex. o Sr. D. Manoel Herrera y Obes, foram ajustados os seguintes artigos de reconciliação e de paz, pelo que toca á dissidencia entre os Orientaes:

Art. 1.º — Fica felizmente restabelecida a reconciliação entre a familia oriental, ou a paz e boa harmonia entre todos os seus membros, sem que nenhum delles possa ser accusado, julgado ou perseguido por suas opiniões ou actos politicos e militares praticados na presente guerra.

Por conseguinte, desde esse momento fica em vigor a igualdade civil e politica entre todos os Orientaes, e todos elles no pleno gozo das garantias individuaes e direitos politicos que lhes confere a Constituição do Estado.

Art. 2.º — São exceptuados das declarações do artigo precedente, assim os crimes e delictos communs, como os politicos que possam estar sujeitos á jurisdicção dos tribunaes de justiça, por seu caracter especial.

Art. 3.º — Emquanto não se estabelece o governo e perfeito regimen constitucional, o paiz será regido por um governo provisorio presidido por S. Ex. o Sr. Brigadeiro General D. Venancio Flores, com um ou mais secretarios de Estado, responsaveis, livremente escolhidos pelo mesmo Sr. General e demissiveis *ad nutum*.

Art. 4.º — As eleições, assim para Deputados e Senado-

do Brazil, o General D. Venancio Flores, e promettidas

---

res, como para as Juntas economico-administrativas, terão lugar o mais breve possivel, e logo que o estado interno do paiz o permitta, não devendo em caso algum deixar de verificar-se na época designada pela lei.

Em ambas as eleições proceder-se-ha pelo modo e fórma que as leis especiaes tem determinado, afim de assegurar a todos os cidadãos as mais amplas garantias para a liberdade de seus votos.

Art. 5.º — Ficam reconhecidos todos os gráos e empregos militares conferidos até á data em que fôr assignado o presente Convenio.

Art. 6.º — Todas as propriedades das pessoas compromettidas na contenda civil, que tenham sido occupadas ou sequestradas por disposições geraes ou especiaes das autoridades contendoras, serão immediatamente entregues a seus donos e collocadas sob a garantia do Art. 144 da Constituição.

Art. 7.º Immediatamente depois de concluido o presente Convenio, todos os guardas nacionaes, que se acham no serviço activo de guerra, serão licenciados, e suas armas recolhidas e depositadas, na fórma do costume, nas repartições competentes.

Art. 8.º O presente convenio se considerará definitivamente concluido e terá immediata e plena execução, logo que conste por uma maneira authentica a sua aceitação por parte de S. Ex. o Sr. D. Thomaz Vilalba, a qual será dada e communicada dentro de vinte e quatro horas depois de firmado pelos negociadores.

Ouvido o Sr. Ministro de S. M. o Imperador do Brazil a respeito dos sobreditos artigos, declarou S. Ex. que o accôrdo celebrado pelo alliado do Imperio não podia ser senão applaudido pelo Governo Imperial, que nelle veria

por esse General as mais solemnes e plenas satisfações, ás justas reclamações do Imperio do Brazil.

---

bases razoaveis e justas para a conciliação oriental, e solida garantia dos legitimos propositos que obrigaram o Imperio á guerra que ia felizmente cessar.

Tendo sido antes offerecido ao Brazil por S. Ex. o Sr. Brigadeiro Geral D. Venancio Flores, como seu aliado, a justa reparação que o Imperio havia reclamado antes da guerra. e confiando plenamente o Governo Imperial no amigavel e honroso accòrdo constante das notas de 28 e 31 de Janeiro ultimo, espontaneamente iniciado pelo illustre General que vai assumir o Governo supremo de toda a Republica : o representante do Brazil declarou que nada mais exigia a esse respeito ; julgando que a dignidade e os direitos do Imperio ficam resalvados, sem a menor quebra da independencia e integridade da Republica, e de harmonia com a politica pacifica e conciliadora que se ia inaugurar neste paiz.

S. Ex. o Sr. Dr. D. Manoel Herrera y Obes declarou que lhe era grato ouvir os sentimentos moderados, justos e benevolos que S. Ex. o Sr. Ministro do Brazil tem expressado a respeito da Nação Oriental; que folgava de reconhecer que no accôrdo contido em as notas á que se referira o Sr. Ministro, e cujas cópias authenticas lhe agradecia, nada ha que não seja honroso para ambas as partes ; e que, sendo esse accôrdo um compromisso cuja satisfação caberá ao Governo provisorio, do qual será chefe S. Ex. o Sr. Brigadeiro General D. Venancio Flores, não podia elle offerecer a menor difficuldade á celebração da paz entre os Orientaes, e entre estes e o Brazil.

E achando-se todos concordes no presente protocollo, lavraram-se delles tres exemplares que foram assignados pelos negociadores.

E no dia 21 de Feverciro ao meio-dia o forte de

Feito na villa da União, aos vinte dias do mez de Fevereiro de mil oitocentos sessenta e cinco.

VENANCIO FLORES.
JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS.
MANOEL HERRERA Y OBES.

Notas de 28 e 31 de Janeiro, trocadas entre o Sr. General D. Venancio Flores e o Sr. Conselheiro José Maria da Silva Paranhos, a que se refere o protocollo acima.— Quartel-general do Exercito libertador.— Colorado, em 28 de Janeiro de 1865.— Senhor Ministro.— A alliança entre o Brazil e a grande maioria da Nação Oriental, que me cabe a honra de representar. como General em chefe do exercito libertador, está feita. Ella existe de ha muito nos sentimentos e nas conveniencias reciprocas, hoje existe tambem nos factos, porque o triumpho de Paysandú foi sellado com o generoso sangue dos bravos de uma e outra nacionalidade.

Sempre fiz justiça ás nobres intenções do Governo do Brazil, sempre confiei no seu respeito á independencia de minha patria, e na força dos principios de justiça e liberdade que professam o povo Brazileiro e o seu illustre Monarcha.

Hoje, porém, tenho novos penhores de seus generosos sentimentos para com o povo Oriental, que tanto amo, e sinto o dever de dar uma demonstração de meu reconhecimento, e de quanto desejo estreitar a solida amizade entre os Orientaes e os Brazileiros.

Como General em chefe dos Orientaes que compõe o Exercito libertador, e representam em nossa honrosa cruzada a grande maioria de meus compatriotas, cabe-me a honra de dar ao Brazil a segurança de que as suas reclamações, que motivaram o *ultimatum* de 4 de Agosto

S. José, içando a bandeira Brazileira, salvou com 21

---

ultimo, serão attendidas com rigorosa justiça e inteira lealdade, valendo esta minha declaração como empenho de honra e acto solemne e perfeito da soberania oriental, logo que esta seja libertada da facção que hoje a opprime.

Os autores e complices notorios de delictos commettidos contra as pessoas de subditos Brazileiros residentes em meu paiz, serão punidos com toda a severidade das leis da Republica, sendo destituidos immediatamente, e sem prejuizo dos respectivos processos criminaes os que ainda exerçam cargos publicos.

Serão suspensos de seus empregos civis ou militares, submettidos ao julgamento ordinario, todos os indiciados de delictos contra os mesmos residentes, uma vez que a Legação Imperial tenha fornecido ou forneça, a respeito de taes individuos, fundamento bastante para que o Governo do meu paiz possa conscienciosamente dar esse exemplo de sua sevéra justiça, e do grande apreço em que tem uma perfeita intelligencia e amisade com o Imperio do Brazil.

Os subditos Brazileiros que tenham sido forçados a qualquer serviço publico por autoridades da Republica, serão postos em liberdade e indemnisados dos prejuizos que tenham soffrido, tão depressa esta reparação possa ser ordenada pelo abaixo assignado ou por quem o substitua no exercicio do poder supremo da Republica.

Observar-se-ha strictamente o accôrdo celebrado pelos dous Governos em notas reversaes de 28 de Novembro e de 3 de Dezembro de 1857, a respeito dos certificados de nacionalidade, passados pelos respectivos agentes consulares; bem como o outro accôrdo semelhantemente estabelecido por notas de 1 e 7 do dito mez de Dezembro, relativo ao alistamento para o serviço militar dos dois paizes.

Considerar-se-ha com força de lei, e terá plena execução

tiros, que lhe foram correspondidos pela Corveta *Bahiana*, tendo esta içado no mastro grande a bandeira Oriental.

---

desde logo, o accôrdo de 8 de Maio de 1858, pelo qual o Governo da Republica, em virtude de um compromisso de honra, garantio as reclamações brazileiras provenientes de prejuizos da antiga guerra civil o mesmo processo e a mesma equidade que concedeu ás reclamações francezas e inglezas da mesma origem.

Os tratados, cujos autographos foram entregues ás chammas pelo furor dos dominadores de Montevidéo, continuarão a ser fielmente respeitados como leis da Republica a que está ligada a sua palavra de honra, e que ambos os paizes têm o dever de sustentar e cumprir.

O General em chefe do Exercito libertador não só cumprirá os ajustes preexistentes, acima indicados, mas ainda se prestará com igual boa fé a celebrar quaesquer outros accôrdos neccessarios para reatar as relações de boa vizinhança e de reciproca segurança entre os dous povos.

Contrahindo, Sr. Ministro, em nome da grande maioria da Nação Oriental, que represento, estes sagrados compromissos, eu o faço, como observei a V. Ex., levado pelos estimulos de nossa civilisação, e em cumprimento dos deveres internacionaes, taes quaes os comprehendeu sempre o Governo Oriental em suas épocas de grata recordação.

Ao transmittir a V. Ex. estas declarações, não peço nenhuma segurança de reprocidade, porque não desejo tirar a este acto o seu caracter de espontanea reparação devida ao Brazil, e porque estou certo de que o illustrado Governo brazileiro ha de attender com a mesma nobreza a quaesquer reclamações fundadas, que lhe tenham sido ou sejam de futuro apresentadas em nome da Republica.

Quando as tropas brazileiras entraram no territorio Oriental, logo depois do facto que se deu com o Vapor

---

O abaixo assignado assegura por ultimo ao Governo de S. M. o Imperador do Brazil, que a Republica Oriental, desde já, e com maior razão quando fôr de todo libertada de seus actuaes oppressores, prestará ao Imperio toda a cooperação que esteja ao seu alcance, considerando como um empenho sagrado a sua aliança com o Brazil na guerra deslealmente declarada pelo Governo paraguayo, cuja ingerencia nas questões internas da Republica Oriental é uma pretenção ousada e injustificavel.

O abaixo assignado se compraz em reiterar a V. Ex. as expressões de sua distincta consideração e apreço.

A S. Ex. o Sr. Conselheiro José Maria da Silva Paranhos, etc.— *Venancio Flores.*

Nota do Ministro brazileiro em missão especial ao Presidente do Estado Oriental. — Missão especial do Brazil,— Buenos-Ayres, em 31 de Janeiro de 1865. — Illm. e Exm· Sr.— O abaixo assignado, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario de Sua Magestade o Imperador do Brazil, acreditado em missão especial junto á Republica Argentina, teve a honra de receber a nota que S. Ex. o Sr. Brigadeiro General D. Venancio Flores lhe dirigio em data de 28 do corrente.

Pela referida nota o Sr. General manifesta seus sentimentos amigaveis e justos para com o Brazil, e contrahe em nome da Nação Oriental, como seu orgão fiel e competente, no caracter de autoridade suprema e discricionaria de que se acha revestido, o compromisso solemne de satisfazer ás reclamações do *ultimatum* brazileiro de 4 de Agosto, enumeradas na supracitada nota, e de fazer respeitar todas as estipulações vigentes entre o Imperio e a Republica.

Oriental *Villa del Salto* em Setembro de 1864, o Dictador da Republica do Paraguay D. Francisco Solano

---

No intuito de evitar futuros motivos de desavença entre os dous Estados e assentar sobre bases solidas as suas boas relações de vizinhança, o Sr. General assegura que o Governo Oriental se prestará de bom grado a quaesquer outros ajustes necessarios para conseguirem aquelles objectos, tão dignos da previsão e solicitude de ambos os governos.

O Sr. General accrescenta que considera um dever de honra, além de ser uma medida de segurança vital para a Republica a alliança desta com o Brazil na guerra já declarada pelo governo Paraguayo, o qual pela sua parte tem procedido como alliado do Governo de Montevidéo. Aquella alliança é tambem um empenho solemne contrahido pelo Sr. General, no seu caracter de poder supremo e discricionario, e se fará tão effectiva na pratica quanto fôr possivel á Republica, nos termos que ulteriormente se accordar entre os dois Governos.

O abaixo assignado leu com a mais intima satisfação a referida nota de S. Ex. o Sr. General D. Venancio Flores, e agradecendo em nome do Governo Imperial os conceitos justos e amigaveis em que abunda essa espontanea manifestação, aceita igualmente as declarações de S. Ex. nos termos e com o caracter de compromisso internacional que S. Ex. lhes deu. Essas declarações são dignas do espirito de justiça e de reciproca estima e confiança que devem presidir ás relações dos dois Governos.

O abaixo assignado assegura por sua parte ao Sr. General, ainda que S. Ex. o não exija, que o Governo do Imperador tomará sempre a peito garantir aos cidadãos orientaes a protecção de que elles careçam sob a jurisdicção do Brazil, e que nunca desattendeu, nem jámais

Lópes, tendo recebido a visita e o pedido de protecção que lhe fizera Aguirre, entendeu que era occasião

---

deixará de prestar-se de boa fé, a quaesquer legitimas e fundadas reclamações do Governo Oriental, ou de seus concidadãos. E' convicção do Governo Imperial que, fóra de tão razoaveis e honrosas condições, a paz dos dois Estados será um bem precario e seus mutuos interesses não poderão attingir o desenvolvimento que ambos os Governos devem desejar.

O abaixo assignado se compraz em aproveitar esta opportunidade para renovar a S. Ex. o Sr. General D. Venancio Flores as expressões de sua perfeita estima e alta consideração.

A S. Ex. o Sr. Brigadeiro General D. Venancio Flores, Commandante em chefe do Exercito libertador.—*José Maria da Silva Paranhos.*

APPROVAÇÃO DO CONVENIO PELO PRESIDENTE ELEITO THOMAZ VILLALBA.

Nota do Presidente da Republica ao Ministro brazileiro em missão especial. — Presidencia da Republica. — Montevidéo, 20 de Fevereiro de 1865. — Tenho a honra de participar a V. Ex. que prestei a minha approvação e ratifiquei as condições ajustadas entre V. Ex. e o Sr. General Flores para a pacificação da Republica por intermedio do meu commissionado *ad hoc* o Dr. D. Manoel Herrera y Obes.

Ao fazel-o, é-me grato manifestar a V. Ex. o meu reconhecimento pela parte importante que tomou na celebração dessa convenção, que põe termo ás calamidades por que a Republica estava passando, assim como pela valiosa garantia que o Imperio do Brazil dá ao ajustado por intermedio de V. Ex. que tão dignamente o representa.

asada de experimentar suas forças, e quão grande era tambem o poderio que elle imaginava e estava convencido de ter. E certo de encontrar o Brazil bastante desprevenido contra o Paraguay, atirou-se como verdadeira féra traiçoeira sobre os primeiros Brazileiros que encontrou.

O Cacique hereditario do Paraguay, despresando

Aproveito a opportunidade para manifestar a V. Ex. as seguranças de minha mais alta estima e consideração.

A S. Ex. o Sr. Dr. José Maria da Silva Paranhos, Representante de S. M. o Imperador do Brazil. — *Tomás Villalba.*

Nota do Ministro brazileiro em missão especial ao Presidente do Estado Oriental. — Missão especial do Brazil.— Villa da União, em 21 de Fevereiro de 1865. — Tenho a honra de accusar a communicação que V. Ex. dirigio-me com data de hontem, e que hoje, ás 9 horas da manhã, acabo de receber.

Por esta communicação fico inteirado de que V. Ex. acceitou o convenio de paz firmado hontem nesta villa por seu commissionado *ad hoc*, o Sr. Dr. D. Manoel Herrera y Obes.

Congratulo-me com V. Ex. pela paz que desde este momento fica restabelecida entre o Brazil e a Republica do Uruguay, assim como pela reconciliação dos Orientaes, que a V. Ex. devem o reconhecimento de um acto de acrysolado patriotismo nesse accôrdo patriotico.

Aproveito com muito prazer esta occasião para offerecer a V. Ex. os protestos de meu mais alto apreço.

A S. Ex. o Sr. D. Thomaz Villalba. — *José Maria da Silva Paranhos.*

os direitos de um Povo, desconhecendo a fé dos tratados respeitados por todos os Paizes, contando com o apoio servil da sua Tribu, aproveitando-se das commoções politicas suscitadas no Uruguay, e, em sua loucura confiando na sublevação das Provincias Argentinas, não hesitou em praticar um dos actos mais barbaros, que a historia moderna registrará, aprisionando o navio inerme que tranquillo sulcava as aguas do Paraguay, em direcção á Provincia de Matto-Grosso, rompendo assim, suas hostilidades contra o Brazil.

De facto, no dia 10 de Novembro de 1864, tinha fundeado no porto de Assumpção, capital do Paraguay, o vapor brazileiro *Marquez de Olinda*, commandado pelo 1.º Tenente reformado de marinha Manuel Luiz da Silva Souto, e pertencente a uma Companhia de Vapores que navegava entre Montevidéo e Corumbá, pelos rios Paraná e Paraguay.

A bordo desse vapor achavam-se de passagem o novo Presidente da Provincia de Matto-Grosso, Coronel Frederico Carneiro de Campos, e alguns empregados nomeados para a mesma Provincia; e como carga levava grandes sommas de dinheiro papel brazileiro, em diversos caixões, e cobre cunhado.

E depois de ter o dito vapor desembarcado a carga e correspondencia que trazia para o porto de Assumpção, tomado carvão e seguido rio acima, achando-se ao sul da cidade da Conceição, 30 milhas pouco mais ou menos distante da Assumpção, fôra repentinamente abordado pelo Vapor de guerra paraguayo *Tacuary*, tomado e trazido para o porto de Assumpção; e ahi posto sob a guarda de um grande numero de pequenas embarcações armadas e cheias de gente, e das baterias do dito Vapor de guerra *Tacuary*:

declarado no dia seguinte, *bôa presa*, e as pessôas nelle embarcadas *prisioneiros de guerra*; e finalmente a carga confiscada! E no dia 20, levados o Coronel Frederico Carneiro e seus companheiros para terra, onde foram mettidos em fortes prisões!

E não ficou só nisso o proceder de Francisco Solano Lopes. Estava certo que o Brazil, naquelle momento, entretido com a pacificação da Republica Oriental do Uruguay, não podia de prompto se voltar a occupar-se com o Paraguay; e adiantou-se em seus nefandos crimes, fazendo precipitar todos os acontecimentos.

No dia 14 de Dezembro de 1864 mandou formar a tropa que de ante mão tinha feito acummular na cidade e dirigio-lhes a seguinte proclamação:

« Soldados! Foram baldados todos os meus esforços para conservar a paz. O Imperio do Brazil pouco conhecedor do nosso valor e enthusiasmo, nos provoca á guerra: a honra e a dignidade nacional, e a conservação dos mais caros direitos manda que a aceitemos.

« Em recompensa de vossa lealdade e longos serviços, fixei a minha attenção em vós, escolhendo-vos dentre as numerosas legiões que formam os Exercitos da Republica, para que sejaes os primeiros a dar uma prova da pujança de nossas armas, recolhendo os primeiros louros que devemos reunir aos que nossos maiores collocaram na corôa da patria nas memoraveis jornadas de Paraguary e Tacuary.

« Vossa subordinação e disciplina, e vossa constancia nas fadigas, me respondem pela vossa bravura e pelo brilho das armas que a vosso valor confio.

« Soldadas e marinheiros!

« Levae este testemunho de minha confiança aos vossos companheiros que em nossas fronteiras do Norte se vão reunir a vós, marchae serenos ao campo da honra, e, colhendo gloria para a Patria e honra para vós e vossos companheiros de armas, patenteae ao mundo inteiro quanto vale o soldado paraguayo. »

Finda esta proclamação o Dictador Lopes fez embarcar nos vapores de guerra *Tacuary*, *Paraguary*, *Igurey*, *Rio Blanco* e *Iporá*, e Escunas *Independencia* e *Aquidaban*, Patacho *Rosario* e Lanchões *Humaytá* e *Cerro Leon*, uma divisão de cerca de 4.000 homens das tres armas, commandada pelo Coronel Barrios e o Major Luiz Gonzales em quem o Dictador depositava a maior confiança.

E na mesma occasião em que fazia embarcar esta Divisão, ordenava que outra Divisão de 6.000 homens em sua maior parte de boa cavallaria, commandados pelo Coronel Resquin, sahisse dos acampamentos de Cerro Leon e da Conceição, atravessasse o Apa e seguisse em demanda das colonias brazileiras dos Dourados, Miranda e Nioac, e a villa de Miranda. As duas Divisões levavam 18 peças de artilharia de campanha.

A esquadrilha paraguaya, commandada pelo Capitão de Fragata Mezza, seguio rio acima, e no dia 26 de Dezembro estava em frente do forte brazileiro Nova Coimbra.

Esta fortificação fôra traçada e construida em 1797, e está situada 40 pés acima dos mais elevados niveis de inundações do rio : tem seis bastiões e possue solidas muralhas, e essas bem revestidas.

No interior dessa fortificação estavam naquella occasião alojados e pertencentes á guarnição as seguintes praças ; Commandante, o Tenente Coronel Porto Carrera, Major Rego Monteiro, Capitães Ferreira Souto, e Augusto Conrado, Tenentes Camargo Bueno, Monteiro de Mendonça, Paulo Corrêa, Ferreira da Silva, Oliveira Barbosa, Fernandes de Andrade, e Oliveira Mello; o 2.º Cirurgião Pereira do Lago, e mais 115 praças, todas pertencentes ao corpo de artilharia de Matto-Grosso. Existiam tambem uns 10 indigenas Lixagatos, 5 Guardas nacionaes de Albuquerque, e 5 guardas da Alfandega, além de 10 soldados presos.

A esquadrilha fundeou na noite de 26 para 27, abaixo do forte e fóra do alcance da artilharia do mesmo; e pouco depois de dar fundo, principiou a desembarcar a tropa que trazia em ambas as margens do rio.

Ao amanhecer do dia 27 o Coronel Barrios, Commandante da força, fez seguir dentro de uma Chalupa o Coronel Vicente Depy ou Vicente Barrios, como outros o chamavam, afim de intimar ao Commandante do forte que se rendesse.

Apezar porém de não ser esperada semelhante visita nem estar o forte bastante provido, o Tenente Coronel Porto Carrera não quiz render-se, e com toda a dignidade repellio a intimação.

O Commandante paraguayo mandou desembarcar o resto da força, e nessa faina se occuparam os Paraguayos até ás 2 horas da tarde.

Pouco adiante do forte achava-se fundeada a Canhoneira de guerra brazileira *Anhambahy*, e junto a ella o pequeno Vapor *Jaurú*, que immediatamente accenderam seus fogos e foram postar-se no canal.

As tropas desembarcadas occultaram-se todos nas mattas e espessos bosques de tamarindos e a pouco e pouco se foram aproximando do forte, e os navios de guerra começaram a atirar bombas para o forte, porém felizmente sem resultado algum.

Ao meio-dia estava a força já mui proxima do forte e rompeu contra elle grande fuzilaria. Do forte responderam immediatamente, e assim, quasi sem interrupção de fogo, se conservaram as tropas cercando a fortificação até ás 7 horas da noite.

No seguinte dia logo ao amanhecer os Paraguayos pozeram em acção as chatas ou baterias fluctuantes, trasidas a reboque dos vapores. e essas chatas ou bateria mais proximas da fortificação principiaram a fazer fogo com as peças de 68 que traziam, e sem cessar atiraram balas até ao meio-dia.

A essa hora tentaram os Paraguayos um assalto ás trincheiras do forte, porém foram violentamente rechaçados e com grande prejuizo.

Mais tarde tentaram novo assalto, e como no primeiro foram repellidos pela fuzilaria e granadas de mão, e viram-se obrigados a retirar-se para o acampamento.

Á noite, sahiram do forte algumas patrulhas de observação e percorreram a esplanada do forte, encontando mais de cem cadaveres paraguayos e grande numero de feridos abandonados, os quaes foram recolhidos ao forte e ahi tratados conforme o permittia a occasião. Arrecadaram tambem mais de cem espingardas e espadas que encontraram abandonadas.

Nessa mesma noite o Tenente-coronel Porto Carrera Commandante do forte, reunindo todos os Officiaes em conselho, e convidando para essa reunião o Commandante do Vapor *Anhambahy*, Capitão-Tenente Balduino

Ferreira de Aguiar, fez-lhe ver a escassez de munições e viveres e as difficuldades para o prolongamento de qualquer resistencia, acrescendo a tudo isso a certeza de nenhuma protecção quer do interior da Provincia quer de outro qualquer ponto; e unanimente concordaram que morrer sem se bater era inglorio, e que visto não se poderem bater não só por falta de munições como pela diminuta força de que dispunham, em comparação da numerosa e bem provida força assaltante, melhor fôra retirarem-se d'alli para outro ponto onde podessem melhor bater-se em defesa da Patria.

E ás 11 horas da noite, embarcando-se todos no Vapor *Anhambahy*, sem serem presentidos pelos Paraguayos, seguiram rio acima, tendo antes feito seguir o pequeno Vapor *Jaurú* a procurar soccorros.

No dia seguinte ás 2 horas da tarde, os Paraguayos com todos os necessarios petrechos de assalto avançaram com o maior entusiasmo sobre as trincheiras do forte e escalaram as muralhas, ostentando o maior denodo e desprendimento da vida, porém quando chegaram ao interior ficaram sorpresos do espectaculo e solidão que encontraram. Ninguem havia para lhes fazer as honras da casa: nem os proprios Paraguayos feridos tinham ficado!

Tomaram, portanto, conta da fortaleza Nova Coimbra, abandonada pelos Brazileiros no dia 29 de Dezembro de 1864.

O Vapor *Anhambahy*, tendo sahido sem ser presentido pelos Paraguayos, navegou a toda a força até Albuquerque, e encontrando em caminho os Vapores *Corumbá* e *Jaurú* que vinham em socoorro de Nova Coimbra com 50 praças de artilheria, os fez voltar

para Corumbá, ordenando-lhes que primeiro desembarcassem a força em Albuquerque.

Em Albuquerque e Corumbá a noticia da tomada de Nova Coimbra causou grande desgosto e terror, tratando os habitantes de fugir logo que receberam tão desagradavel noticia. Foi de Corumbá que o Coronel Porto Carrera poude, no dia 30, escrever e mandar participar ao Governo Imperial todo o occorrido até alli.

Os Paraguayos, senhores de Nova Coimbra, seguiram rio acima em demanda de Albuquerque e Corumbá, e no dia 31 de Dezembro tomaram conta de Albuquerque foi abandonada pelos Brazileiros, e no dia 3 de Janeiro de 1865 tomaram conta de Corumbá, tambem abandonada pelos Brazileiros no dia 2, por ordem que receberam do Coronel Oliveira, Commandante das Armas de Matto-Grosso e presente naquelle dia em Corumbá.

A força que se achava em Corumbá e alguns de seus habitantes que ainda não se tinham internado e fugido, embarcaram nos Vapores *Anhambahy* e *Jaurú*, na Escuna argentina *Jacobina* e em algumas lanchas que por alli havia, seguindo juntos em demanda da capital da Provincia.

Quando esta pequena fróta subia o rio, avistou o fumo negro de dois vapores paraguayos; trataram portanto de encostar-se á terra, desembarcar a gente, para que se internassem e podessem escapar á morte; o que entretanto não lograram conseguir, porque, perseguidos na fugida, foram quasi todos passados á espada, e deixados no caminho, depois de os despirem e levarem as roupas e tudo o mais que comsigo levavam!

O Vapor *Anhambahy* continuou entretanto a navegar até Sára, e ahi desembarcou o Coronel Oliveira,

Commandante das Armas, que seguido de alguns soldados de artilharia marchou por terra, a ganhar Cuyabá.

Continuando em sua viagem o Vapor *Anhambahy* carregado ainda de passageiros de ambos os sexos e todas as idades, vio-se repentinamente no dia 6 perseguido pelos vapores de guerra paraguayos, *Iporá* e *Rio Apa* armados de grossa artilharia e muita fuzilaria.

O *Anhambahy* poude apenas descarregar a sua artilharia, porque fôra logo abordado, e si não fôra a casualidade que o fez ir de encontro ao barranco e dar occasião de saltarem os passageiros e quasi toda a guarnição, tudo teria sido victima dos Paraguayos, como foram os infelizes Piloto José Israel Alves Guimarães, o Commissario Fiuza, o Cirurgião Albuquerque e algumas praças da companhia de aprendizes marinheiros, que não poderam fugir em tempo.

Ás praças mortas, encontradas dentro do *Anhambahy*, e aos diversos passageiros que em virtude do grande tiroteio, cahiram mortos ou feridos, na occasião da precipitada fuga, os Paraguayos cortaram-lhes as orelhas e as enviaram ao Dictador Lopez!

Depois de apresado o Vapor *Anhambahy* os Paraguayos dirigiram-se aos Dourados onde os Brazileiros tinham um deposito de armamento e munições de guerra, guardado tudo por 16 praças commandadas pelo bravo e valente Tenente de Cavallaria Antonio João Ribeiro que valorosamente sucumbio com toda a sua gente, sem arredar pé do seu posto de honra, e sem querer entregar-se, dizendo então, e com o maior sangue frio: que só entregaria os objectos que esta vam sob sua guarda quando tivesse ordem para isso!

Quando os Paraguayos se aproximaram dos Dourados o Tenente Antonio João despachou dois proprios, um para a colonia de Miranda e outro para o Tenente Coronel Dias da Silva, aquartellado em *Nioac*, e a este ultimo dizia em bilhete escripto a lapis:

«*Sei que morro, mas o meu sangue e o de meus companheiros servirá de protesto solemne contra a invasão do sólo de minha patria—Antonio João Ribeiro*»,

Emquanto os Paraguayos estiveram nos Dourados não descançaram um só momento, ora em demanda de objectos preciosos, ora conduzindo a polvora alli encontrada, para os paióes de seus navios. Nesta occasiã' por descuido do Capitão-Tenente Herreras. Comman' nte do Vapor paraguayo *Iporá*, houve uma grande explosão, resultando a morte do dito Capitão-Tenente, dois outros Officiaes que com elle estavam dirigindo o embarque da polvora, e mais 23 soldados e marinheiros.

O Coronel Oliveira, Commandante das Armas da Provincia, que havia desembarcado em Sára, seguido de alguns soldados e diversos paisanos que o quizeram acompanhar, teve de atravessar matas espessas, pantanos e rios antes de chegar a Cuyabá nos principios de Março. Com elle chegaram 162 pessoas, tendo ficado muitas outras pelo caminho, devido ao cançasso e á fome.

O Tenente Luciano Pereira de Souza que tambem se havia internado com algumas praças e pessoas do povo, erdeu-se em caminho, e afinal foram encontradas 57 pessoas das que o acompanhavam, atiradas ao chão e sem poderem mais seguir, por fome e cançasso: as que faltavam tinham morrido no caminho.

O 1.º Tenente Oliveira Mello que tambem tinha desembarcado em Sára e dalli seguido, acompanhado de mais de 400 pessoas, entre mulheres, creanças e soldados, só depois de 4 mezes, de rigores e privações, pôde ganhar a Capital, tendo passado por lugares inteiramente desconhecidos, e perdido cerca de 30 pessoas, mortas por molestia que adquiriram na viagem.

Ao mesmo tempo que o Coronel Barrios e os navios de guerra paraguayos, faziam toda essa correria na grande estrada fluvial do Paraguay, a Divisão ao mando do Coronel Resquin marchava a Leste da Nova Coimbra em direcção á villa de Miranda, tendo atravessado a Colonia militar do Miranda e Nioac.

Na villa de Miranda achava-se o casco do batalhão de Mato-Grosso só com 89 praças incluindo os Officiaes, e mais algumas praças do 7.º batalhão de Guardas Nacionaes. A força de caçadores era commandsda pelo Capitão Pereira da Motta, e a de Guardas Nacionaes pelo Major Caetano de Albuquerque; e a força toda estava debaixo das ordens do Tenente Coronel Dias da Silva, que na occasião em que os Paraguayos se approximavam á villa, estava em Nioac, e apressadamente voltou, acompanhado então de 131 paisanos e Guardas Nacionaes, e no caminho teve de se bater com diversas guerrilhas inimigas, entre o rio Feio e a Ponte do Desbarrancado. Contra estas guerrilhas muito se distinguio o Capitão Pedro José Rufino.

Ao chegar o Coronel Dias ao Desbarrancado recebeu uma intimação dos Paraguayos, para depôr as armas e entregar-se á descripção: essa intimação porém, foi repellida com muita dignidade e energia.

E para que os Paraguayos, á vista do seu grande numero e armamento, não conseguissem o que desejavam

contra o Coronel Dias da Silva e sua gente, foi, por aquelle Coronel mandado cortar a ponte do Desbarrancado; e seguindo d'ahi até Santo Antonio e depois para o interior. Nesta retirada precipitada, por causa da proximidade e perseguição do inimigo, morreram e extraviaram-se muitos paisanos.

Logo porém, que o Coronel Dias da Silva chegou á villa de Miranda, tratou de a fazer abondonar antes que nella entrassem os Paraguayos. E de facto embarcando todos os paisanos e soldados que alli existiam, desceram precipitadamente o rio e foram se esconder no lugar chamado Salobra, e d'ahi seguiram por Souza até refugiarem-se nas fragosidades da serra de Maracajú, pouco se importando com os indios bravios que por alli existiam.

Parte dessa gente acompanhada de alguns soldados de cavallaria foram para Sant'Anna do Parnahyba.

O Major Caetano de Albuquerque que com a sua gente se conservava nas immediações de Miranda, assim que soube da sorte daquelles que se achavam escondidos no Maracajú, seguio com 70 homens a prestar-lhe soccorro, e nunca mais abandonou esse grupo de fugitivos, embora soffrendo com elles as maiores necessidades, grandes trabalhos e privações.

A villa de Miranda foi occupada pelos Paraguayos, bem assim tambem a Colonia de Coxim, e afinal abandonada, depois de devastada.

Os Paraguayos não quizeram passar além da embocadura do rio S. Lourenço, devido isso ao receio de que em Cuyabá, capital da Provincia, teriam recepção menos vantajosa. Elles já tinham por noticia de que o Presidente Albino de Carvalho chamara ás armas toda a povoação, afim de repellir a iniqua invasão, e pôr termo ás barbaras crueldades de tão feroz inimigo.

Contentaram-se em proclamar a incorporação da parte que haviam invadido e tomado, e deram-lhe o titulo de *Departamento do Alto Paraguay.*

Não deixaram porém de devastar e saquear todos os lugares occupados e suas immediações.

As cousas melhores que encontraram foram remettidas como trophéos de batalha ao Dictador Lopez.

Todas as mulhes encontradas escondidas, por não terem podido fugir, foram brutalmente maltratadas, sendo o proprio Coronel Barrios o primeiro a dar o exemplo da violencia e da crueldade: e os homens, castigados com pauladas, ou mortos á ponta de lança.

As propriedades do Barão de Villa Maria, o homem mais rico daquelles lugares, foram saqueadas, não escapando a propria mobilia e os quadros, entre os quaes se achava um contendo a Carta Imperial ou Diploma de Barão, daquelle rico proprietario; e tudo isso foi remettido a Lopez e a Madame Linche, (amasia do Dictador).

Todo o armamento encontrado nas diversas fortificações, foi remettido para a cidade d'Assumpção, e bem assim alguns milhares de rezes arrebanhadas dos Campos pertencentes ao dito Barão de Villa Maria,

Apesar porém das partecipações pomposas, presentes e trophéos remettidos pelo Coronel Barrios, o Dictador Lopez, não estava contente; elle via que só por aquelle lado, não alcançava os fins que desejava. Elle via tambem, que o Brazil não arrepiava carreira, e proseguia no seu honroso proposito: a tomada de Paysandú, o bloqueio do Estado Oriental e occupação de Montevidéo, pelo Exercito e Marinha brazileira, eram factos consummados.

Mudou portanto, de plano e opinião, e acreditou

que invadindo o territorio da Provincia do Rio Grande do Sul e chamando para alli as forças brazileiras que se achavam em Montevidéo e suas visinhanças, melhor poderia levar a effeito a sua protecção aos *Blancos* do Estado Oriental, e restaurar o dominio que haviam perdido, por causa dos Brazileiros.

Enviou portanto uma nota ao Governo de Buenos-Ayres solicitando permissão para que as tropas paraguayas podessem atravessar a provincia de corrientes em demanda do territorio brazileiro do Rio Grande do Sul, e encarregou desta nota e de obter promptamente resposta, o Consul paraguayo Luiz Caminos que se achava em Buenos-Ayres.

A resposta por parte do Governo argentino não se fèz esperar : a recusa ás solicitações de Lopez, foi clara e terminante.

Lopez contrariado com semelhante resposta, resolveu immediatamente em desforço, uma violencia contra os Argentinos. E acreditando, ao que parece, que suas tropas não só poderiam desbaratar os Brazileiros, como aos proprios Argentinos ; principiou desde logo a mover com ellas.

Concentrou grande numero de soldados em Humaytá e no Passo da Patria, e mais para Leste, em frente á Candelaria : fez atolhar de novo os acampamentos de Cerro Leon e Conceição com recrutas de todas as classes de seu povo, até á idade de 60 annos.

Em Buenos-Ayres pouco caso se fazia das noticias e ballelas que corriam a respeito de Lopez.

Todos acreditavam que estando como de facto já estava, estabelecido e garantido o Governo Collorado em Montevidéo, não havia mais razão para brigas.

E muito menos acreditavam no que se dizia a respeito de guerra, entre o dictador Lopez e a Republica Argentina.

Os Argentinos estavam tão certos de não guerrearem com Lopez, que desprezaram solemnemente um aviso que lhes mandou o General paraguayo Robles, por intermedio de um negociante seu amigo, e pertencente á Praça de Buenos-Ayres, dizendo-lhes quaes as intenções de Lopez e o seu prompto rompimento.

Bem cedo entretanto conheceram o seu engano e boa fé.

No dia 17 de Abril de 1865 chegou a Buenos-Ayres a noticia de que não só no porto de Assumpção fôra aprisionado o vapor mercante *Salto*, como tambem que no dia 13, achando-se os dois Vapores de guerra argentinos *Gualeguahy* e *Vinte e Cinco dc Maio*, fundeados em Corrientes, foram sorprendidos, abordados, tomados e levados para Humaytá, por 5 Vapores de guerra paraguayos, tendo ficado prisioneira toda a guarnição dos ditos Vapores argentinos que não pôde fugir a nado!

Mais tarde se soube tambem que os 5 Vapores paraguayos, que aprisionaram os dois argentinos, regressaram ao Passo da Patria e ahi tomaram 3.000 homens de Infantaria e 800 de Cavallaria, e que essa força commandada pelo General Robles tinha se apresentado no dia 14 em frente á cidade de Corrientes, onde facilmente desembarcou; e que o Governador daquella cidade (Lagraña) tinha-se retirado para o Campo com alguns soldados que existiam na cidade, ficando esta inteiramente abandonada á mercê dos invasores; e que, finalmente, as tropas paraguayas estavam senhoras da cidade, tinham distribuido guardas e sentinellas por

todos os pontos, e os habitantes, em sua maior parte aterrorisados e recolhidos no interior de suas casas, e outros fugitivos, em procura de abrigo seguro na campanha!

Poucos dias depois uma nova noticia trouxe a Buenos-Ayres a certeza de que os Federalistas inimigos do General Mitre e adversarios á preponderancia de Buenos-Ayres, residentes na cidade de Corrientes e suas immediações, se tinham apresentado ao General paraguayo, feito com elle uma liga, e de accordo, depois de ser ouvido o Dictador Lopez, nomeado um Governo provisorio de 3 membros, tendo recahido a escolha em Caseres, Gauna e Silverio: que dias depois de nomeado este Governo provisorio, chegara a Corrientes o Ministro Berges do Paraguay e por ordem do Dictador Lopez tomára a direcção suprema e o titulo de Governador geral de Corrientes, chamando para junto de sua pessoa os tres Argentinos Padre Bogado, Urdapileta e Miguel Haeda, cada qual mais audacioso e antipathico: que Robles, tendo deixado dois batalhões de guarda á cidade commandados pelo Major Martinez, tinha seguido com o restante da força margeando o Paraná a ver se descobria o movimento dos navios da Esquadra brazileira que supunha acharse proxima; e que a todos os momentos se esparavam em Corrientes mais 6.000 homens de infantaria e outros tantos de cavallaria requisitados pelo Ministro Berges.

Esta serie de desagradaveis noticias causou, como era de esperar, a maior animação em Buenos-Ayres, e o sentimento nacional foi despertado em alto gráo. Não havia motivo nem explicações para o inqualificavel procedimento do Dictador Lopez, e por isso o

povo em massa exigia do Governo declaração, e providencias decisivas contra a audaz e descommunal offensa feita pelo tiranno do Paraguay á honra nacional argentina.

Foi nessa occasião que o General Mitre, Presidente da Republica Argentina, pronunciando um enthusiastico e patriotico discurso, terminou com as seguintes palavras :

« Cidadãos ! Dentro de 24 horas estaremos em Quarteis, dentro de 15 dias em Campanha, e em 3 mezes na cidade de Assumpção ! »

A Republica Argentina entretanto, não estava preparada para a guerra : Corrientes já estava em poder dos Paraguayos, e haviam desconfianças de que o Governador de Entre Rios fosse favoravel á causa do Paraguay. Foi mister, portanto, recorrer-se á alliança com o Imperio do Brazil, e entre os dois grandes Estados offendidos por Solano Lopez e o Governo da Republica Oriental do Uruguay, se effectuou um tratado de triplice alliança. [1]

---

[1] TRATADO DE TRIPLICE ALLIANÇA.

O Governo de Sua Magestade o Imperador do Brazil, o Governo da Republica Argentina, e o Governo da Republica Oriental do Uruguay:

Os dois primeiros em guerra com o governo da Republica do Paraguay por lh'a ter este declarado de facto, e o terceiro em estado de hostilidade e vendo ameaçada a sua segurança interna pelo dito Governo, o qual violou a fé publica, tratados solemnes e os usos internacionaes das

Feito o tratado de alliança, o Almirante Tamandaré mandou immediatemente notificar o bloqueio de

---

nações civilisadas e commetteu actos injustificaveis depois de haver perturbado as relações com os seus visinhos pelos maiores abusos e attentados;

Persuadidos que a paz, segurança e prosperidade de suas respectivas nações tornam-se impossiveis emquanto existir o actual Governo do Paraguay e que é uma necessidade imperiosa, reclamada pelos mais elevados interesses, fazer desapparecer aquelle Governo, respeitando-se a soberania, independencia e integridade territorial da Republica do Paraguay;

Resolveram, com esta intenção, celebrar um tratado de alliança offensiva e defensiva e para esse fim nomearam os seus plenipotenciarios, a saber:

Sua Magestade o Imperador do Brazil ao Exm. Sr. Dr. Francisco Octaviano de Almeida Rosa, do seu Conselho, Deputado á Assembléa Geral Legislativa e Official da Imperial Ordem da Rosa;

S. Ex. o Sr. Presidente da Republica Argentina ao Exm. Sr. Dr. D. Rufino de Elizalde, seu Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros;

S. Ex. o Governador provisorio da Republica Oriental, do Uruguay ao Exm. Sr. Dr. D. Carlos de Castro, seu Ministro e Secretario dos Negocios Estrangeiros; os quaes depois de terem trocado seus respectivos poderes, que foram achados em boa e devida fórma, concordaram no seguinte:

Art. 1.º Sua Magestade o Imperador do Brazil, a Repupublica Argentina e a Republica Oriental do Uruguay, se unem em alliança offensiva e defensiva na guerra promovida pelo Governo do Paraguay.

Art. 2.º Os alliados concorrerão com todos os meios de guerra de que possam dispôr, em terra ou nos rios, como julgarem necessario.

todos os portos e aguas do Paraguay, e já no dia 3 de Maio se achava uma Divisão da Esquadra brazileira,

---

Art. 3.º Devendo começar as operações da guerra no territorio da Republica Argentina ou na parte do territorio Paraguayo, que é limitrophe com aquelle, o Commando em chefe e direcção dos Exercitos alliados ficam confiados ao Presidente da mesma Republica, General em chefe do exercito argentino, Brigadeiro-coronel D. Bartholomé Mitre.

Embora as altas partes contractantes estejam convencidas de que não mudará o terreno das operações da guerra, todavia, para salvar os direitos soberanos das tres nações, firmam desde já o principio de reciprocidade para o Commando em chefe, caso as ditas operações se houverem de transpassar para o territorio brazileiro ou oriental.

As forças maritimas dos alliados ficarão sob o immediato commando do Vice-almirante Visconde de Tamandaré, Commandante em chefe da Esquadra de Sua Magestade o Imperador do Brazil.

As forças terrestres de Sua Magestade o Imperador do Brazil formarão um exercito debaixo das immediatas ordens do seu General em chefe Brigadeiro Manoel Luiz Ozorio.

As forças terrestres da Republica Oriental do Uruguay, uma divisão das forças brazileiras e outra das forças argentinas, que designarem seus respectivos chefes superiores, formarão um exercito ás ordens immediatas do Governador provisorio da Republica Oriental do Uruguay, Brigadeiro-general D. Venancio Flores.

Art. 4.º A ordem e economia militar dos Exercitos alliados dependerão unicamente dos seus proprios chefes.

As despezas de soldo, subsistencia, munições de guerra, armamento, vestuario e meios de mobilisação das tropas alliadas serão feitas á custa dos respectivos Estados.

Art. 5.º As altas partes contractantes prestar-se-hão mutuamente, em caso de necessidade, todos os auxilios ou

commandada pelo Chefe Gomensoro, no lugar denominado Goya, e em communicação com Lagraña, Governador de Corrientes, afim de se combinar nos meios de

---

elementos de guerra de que disponham, na fórma que ajustarem.

Art. 6.º Os alliados se compromettem solemnemente a não deporem as armas senão de commum accordo, sómente depois de derribada a autoridade do actual Governo paraguayo; bem como a não negociarem separadamente com o inimigo commum, nem celebrarem tratados de paz, tregoa ou armisticio, nem convenção alguma para suspender ou findar a guerra, senão de perfeito accordo entre todos.

Art. 7.º Não sendo a guerra contra o povo do Paraguay e sim contra o seu Governo, os alliados poderam admittir em uma legião paraguaya os cidadãos dessa nacionalidade que queiram concorrer para derribar o dito Governo e lhes darão os elementos necessarios, na forma e com as condições que se ajustarem.

Art. 8.º Os alliados se obrigam a respeitar a independencia, soberania e integridade territorial da Republica do Paraguay. Em consequencia o povo paraguayo poderá escolher o Governo e instituições que lhe aprouverem, não podendo incorporar-se a nenhum dos alliados e nem pedir o seu protectorado como consequencia desta guerra.

Art. 9.º A independencia, soberania e integridade da Republica do Paraguay serão garantidas collectivamente de accordo com o artigo antecedente pelas altas partes contractantes durante o periodo de cinco annos.

Ar. 10. Concordam entre si as altas partes contractantes que as franquezas, privilegios ou concessões que obtenham do Governo paraguayo hão de ser communs a todos elles, gratuitamente se forem gratuitos ou com a mesma compensação ou equivalencia se forem condicionaes.

se expellir o inimigo que se achava acampado e de posse da cidade de Corrientes.

Ao passo que a Esquadra brazileira assim procedia,

Art. 11. Dirribado o actual Governo da Republica do Paraguay, os alliados farão os ajustes necessarios com a autoridade que alli se constituir para assegurar a livre navegação dos rios Paraná e do Paraguay, de sorte que os regulamentos ou leis daquella Republica não possam estorvar, entorpecer ou onerar o transito e a navegação directa dos navios mercantes e de guerra dos Estados alliados, dirigindo-se para seus territorios respectivos o para territorio que não pertença ao Paraguay; e tomarão as garantias convenientes para effectividade daquelles ajustes sob a base de que os regulamentos de policia fluvial, quer para aquelles dois rios, quer para o rio Uruguay, serão feitos de commum accordo entre os alliados e os de mais ribeirinhos, que dentro do praso que ajustarem os ditos alliados adherirem ao convite que lhes será dirigido.

Art. 12. Os alliados reservam-se combinar entre si os meios mais proprios para garantir a paz com a Republica do Paraguay, depois de derribado o Governo actual.

Art. 13. Os alliados nomearão opportunamente os Plenipotenciarios para a celebração dos ajustes, convenções ou tratados que se tenham de fazer com o Governo que se estabelecer no Paraguay.

Art. 14. Os alliados exigirão desse Governo o pagamento das despezas da guerra que se viram obrigados a aceitar, bem como reparação e indemnisação dos damnos e prejuisos ás suas propriedades publicas e particulares e ás pessoas de seus concidadãos, sem expressa declaração de guerra; e dos damnos e prejuisos verificados posteriormente com violação dos principios que regem o direito da guerra.

A Republica Oriental do Uruguay exigirá tambem uma

o General Caceres reunia toda a milicia correntina, e o General Paunero se aproximava com perto de dous mil

---

indemnisação proporcionada aos damnos e prejuisos que lhe causa o Governo do Paraguay pela guerra em que a obriga a entrar para defender sua segurança ameaçada por aquelle Governo.

Art. 15. Em uma convenção especial se marcará o modo e fórma de liquidar e pagar a divida procedente das causas mencionadas.

Art. 16. Para evitar as dissenções e guerras que trazem consigo as questões de limites, fica estabelecido que os alliados exigirão do Governo do Paraguay que celebre com os respectivos Governos tratados definitivos de limites sobre as seguintes bazes:

O Imperio do Brazil se dividirá da Republica do Paraguay; do lado do Paraná pelo primeiro rio abaixo do Salto das sete Quédas, que segundo a recente carta Mauchez é o Igurey, e da foz de Igurey e por elle acima a procurar as suas nascentes;

Do lado da margem esquerda do Paraguay pelo Rio Apa desde a foz até as suas nascentes;

No interior, pelos cumes das serras de Maracajú sendo as vertentes de Leste do Brazil e as de Oeste do Paraguay e tirando-se da mesma serra linhas as mais rectas em direcção ás nascentes do Apa e do Igurey.

A Republica Argentina será dividida da Republica do Paraguay pelos rios Paraná e Paraguay a encontrar os limites com o Imperio do Brazil, sendo estes da margem direita do Rio Paraguay a Bahia Negra.

Art. 17. Os alliados se garantem reciprocamente o fiel cumprimento dos convenios, ajustes e tratados que se devem celebrar com o Governo que se tem de estabelecer na Republica do Paraguay, em virtude do que foi concordado no presente tractado de alliança, o qual ficará sempre em toda

homens de tropas regulares e guardas nacionaes de Buenos-Ayres, para de combinação atacar os inimigos.

---

sua força e vigor para o fim de que estas estipulações sejam respeitadas e executadas pela Republica do Paraguay.

Para conseguir este resultado concordam que no caso em que uma das altas partes contractantes não possa obter do Governo do Paraguay o cumprimento do ajustado, ou no caso em que este Governo tente annullar as estipulalações ajustadas com os alliados, os outros empregarão activamente seus esforços para fazel-os respeitar.

Se estes esforços forem inuteis, os alliados concorrerão com todos os seus meios para fazer effectiva a execução daquellas estipulações.

Art. 18. Este tratado se conservará secreto até que se consiga o fim principal da alliança.

Art. 19. As estipulações deste tratado, que não dependam do Poder legislativo para serem ratificadas, começarão a vigorar desde que seja approvado pelos Governos respectivos, e as outras desde a troca das ratificações que terá lugar dentro do praso de quarenta dias, contados da data do mesmo tratado, ou antes, se fôr possivel, que se fará na cidade de Buenos-Ayres.

Em testemunho do que, nós abaixo assignados, Plenipotenciarios de Sua Magestade o Imperador do Brazil e de S. Ex. o Sr. Presidente da Republica Argentina e de S. Ex. o Sr. Governador provisorio da Republica Oriental de Uruguay, em virtude dos nossos plenos poderes, assignamos o presente tratado e lhe fizemos pôr os nossos sellos.

Cidade de Buenos-Ayres, 1.º de Maio do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1865.

(L. S.) *Francisco Octaviano de Almeida Rosa.*

(L. S.) *Rufino Elizalde.*

(L. S.) *Carlos de Castro.*

Reunidos perto de seis mil homens de milicias correntinos aos dous mil homens vindos de Buenos-Ayres, commandados por Paunero, deu-se começo a uma série de tiroteios e escaramuças com as avançadas dos Paraguayos estabelecidos em Corrientes.

Nesta occasião o Governo provis r o da cidade, a

PROTOCOLLO

Reunidos na Secretaria de Estado das relações exteriores da Republica Argentina os Exms. Srs. Plenipotenciarios de Sua Magestade o Imperador do Brazil, do Governo da Republica Argentina e do Governo da Republica Oriental do Uruguay, abaixo assignados, concordaram no seguinte:

1.º Que em cumprimento do tratado de alliança desta data se farão demolir as fortificações de Humaytá e não se permittirá levantar para o futuro outra de igual natureza, que possam impedir a fiel execução das estipulações daquelle tratado.

2.º Que sendo uma das medidas necessarias para garantir-se a paz com o Governo que se estabeleça no Paraguay não deixar armas, nem elementos de guerra, as que se encontrarem sejam divididas em partes iguaes pelos alliados.

3.º Que os trophéos e presas que forem tomados ao inimigo, se dividam entre aquelles dos aliados que tenham feito a captura.

4.º Que os chefes superiores dos Exercitos alliados combinem nos meios de executar estes ajustes.

E assignaram em Buenos-Ayres, em 1.º de Maio de 1865

Francisco Octaviano de Almeida Rosa.
Rufino de Elizalde.
Carlos de Castro.

testa do qual se achava Berges mandou uma intimação ao General Caceres e Paunero, e estes nenhuma resposta lhe mandaram.

O General paraguayo *Robles* não se achava a esse tempo na cidade de Corrientes: tinha se postado, com o grosso de seu Exercito, em um planalto perto da margem do Paraná e junto ao arroio Riachuelo, entre a cidade de Corrientes e Empedrado, e alli aguardava as ordens de Lopez.

No dia 11 de Maio porém, o General Robles poz-se em movimento contra Bella-Vista, onde então se achava a força argentina commandada por Paunero, apoiada pelos navios da Esquadra brazileira.

Robles antes de marchar teve a precaução de fazer constar ao General Paunero, por fingidos desertores, que a sua marcha era para a cidade de Corrientes, pretendendo assim enganar Paunero, fazendo-o abandonar Bella-Vista e a immediata protecção da Esquadra brazileira.

Robles com effeito deixou o acampamento em que estava e parecendo querer demandar a cidade de Corrientes, foi seguindo em marcha para Leste e internando-se pelo paiz dentro; porem repentinamente contramarchou para os lados de Bella-Vista, e o seu collega General Aguiar com a cavallaria acommetteu apressadamente pelo lado do Sul, suppondo assim cortar as communicações entre os Argentinos e a Esquadra brazileira.

Paunero porém, que tinha sabido quaes os planos e movimentos de Robles e Aguiar, embarcou-se com toda a sua gente a bordo dos navios de guerra brazileiros, desceu o rio, e veio atacar a cidade de Corrientes, onde pouca tropa paraguaya existia na occasião, e deixou que Robles ufano e triumphante atacasse Bella-Vista.

Então a força de Paunero estava arregimentada, já o Exercito brazileiro figurava em grande parte nessa força, já o seu todo se chamava Exercito alliado. Os navios de guerra tambem em maior numero, e providos de tropas de desembarque, achavam-se entregues á direcção do valente Chefe Francisco Manoel Barroso.

A cidade de Corrientes está construida em quadrados regulares : umas ruas correm perpendicularmente ao rio, e outras parallelamente. A tropa de Paunero desembarcou no lugar denominado Bateria del Naranjal, ao norte da cidade. Avançaram contra o quartel e contra a ponte, occupados esses lugares por tropas paraguayas, e á baioneta calada os tomaram. Ao passo que os alliados carregavam contra o inimigo, os navios de guerra brazileiros despejavam tambem sua grossa artilharia contra os pontos por elles occupados e causavam-lhes o maior damno.

As Canhoneiras de guerra *Mearim*, commandada pelo 1.º Tenente Elisiario José Barbosa ; *Itajahy*, commandada por Bittencourt Cotrim, e *Araguary*, commandada pelo Tenente Von Hoonholtz, quer na occasião do desembarque, quer no grande bombardeio, prestaram relevantissimos serviços.

O 9.º batalhão de infantaria de linha brazileiro, ao mando do Tenente-Coronel Silva Guimarães, com duas bocas de fogo do 1.º de artilharia, ao mando do 1.º Tenente Tiburcio de Souza, fizeram proezas, praticaram actos da maior bravura, no desembarque, no ataque á baioneta e na tomada do quartel e ponte. Os Paraguayos, vendo-se batidos e sem esperanças de prompto soccorro, abandonaram a cidade.

Nos lugares do ataque ficaram mais de 200 feridos, além de grande numero de mortos. Os feridos foram

todos recolhidos aos Vapores *Pavon* e *Pampeiro*, e Canhoneira *Araguary*, aonde os medicos dos navios da Esquadra concorreram e prestaram os melhores serviços.

Apezar da felicidade e completo exito das tropas de Paunero, no desembarque e tomada dos pontos occupados pelos Paraguayos na cidade de Corrientes, era difficil, impossivel mesmo, que aquellas tropas se conservassem por muito tempo naquelle ponto. E Paunero, reconhecendo isso, fez embarcar do dia 26 de Maio a sua tropa, nos navios de guerra, e desceu até o Rincon do Soto.

Os trophéos recolhidos por Paunero nesta jornada constaram de 3 excellentes peças de artilharia, 1 bandeira, grande quantidade de provisões de boca, munições e material de guerra, e 100 Paraguayos prisioneiros.

XI

SUMMARIO

Marcha das forças commandadas pelo Coronel Estigarribia. —Navios de que se compunha a força naval commandada pelo Chefe Barroso na occasião da batalha de Riachuelo. —Batalha de Riachuelo.— Passagem de Mercedes.—Morte do Commandante do Vapor *Beberibe.* — Passagem de Cuevas.

Logo que este inesperado acontecimento chegou por noticia ao Dictador Lopez, deixou elle immediatamente a Capital e dirigio-se para Hamaytá, e dahi seguio até o Passo da Patria, voltando logo depois, e desembarcando em Humaytá. Em todo este trajecto, Lopez foi acompanhado dos Vapores de guerra *Taquary*, *Paraguary*, *Igurey*, *Jejuy*, *Iporá*, *Salto*, *Rio Blanco* e *Paraná*; e todos esses vapores accumulados de tropa.

Chegado que foi a Humaytá o Dictador, fez seguir immediatamente o Coronel Estigarribia, commandando uma forte columna paraguaya, em demanda do Estado Oriental.

Duas cousas incommodavam então o espirito de Lopez : a Esquadra brazileira, e a opulenta região donde os alliados podiam obter os recursos de que necessitassem.

Julgava necessario e ainda muito possivel que os Blancos de Montevidéo galgassem o poder, e fosse deposto o General Flores da presidencia do Estado Oriental, garantido embora como se achava pelos Brazileiros : tinha muitas esperanças em seu amigo Urquisa de Entre-Rios, e acreditava que elle o auxiliaria em todos os seus planos; e vendo nisso tudo uma grande derrota aos alliados, foi que ordenou a Estigarribia que marchasse ao longo do Uruguay em demanda do Estado Oriental, em protecção decidida ao partido Blanco.

Na occasião em que isto se passava, tinha Lopez á sua disposição um Exercito de cerca de 80 mil homens, 30 mil dos quaes, estavam em Corrientes sob as ordens do General Robles.

Os alliados que pretendiam bater o Dictador Lopez, tinham naquella occasião, 17 mil Brazileiros, perto de 5 mil Argentinos, e uma pequena Divisão de soldados Orientaes; e toda a força ao mando do General Osorio, acampada no lugar denominado *Concordia.*

A cousa que mais encommendava o General Lopez, era justamente, a presença da Esquadra brazileira: procurar por tanto destruir essa força, era todo o empenho de Lopez.

Tentou por tanto uma investida de sorpreza, aos navios brazileiros, esperançado de os aniquilar.

Tem-se escripto e pintado muito a respeito da batalha naval do Riachuelo, por isso, escreveremos pouco a tal respeito; tendo entretanto a certeza de que consiguiremos tanto quanto os outros escriptores, offerecendo ao estudo de nossos leitores simplesmente as palavras officiaes do digno Chefe Barroso, e do Almirante Tamandaré.

Cerca de tres leguas abaixo da cidade de Corrientes desagua pelo lado do Léste no rio Paraná um arroio procedente da laguna *Maloya*, e que não tem designação propria, chamam-no *Riachuelo*, que é o diminuitivo de riacho. Nesse ponto o Paraná tem mais ou menos legua e meia de largura, mas a parte navegavel tem apenas mil pés de largo e ainda assim atravancado por divessas ilhas, das quaes duas são grandes e cobertas de mato. O Paraná abaixo e acima destas ilhas, dilata-se de novo consideravelmente.

A embocadura de Riachuelo está encoberta por uma ilha, que do Paraná apenas deixa avistar o pequeno regato. Ao norte da fóz de Riachuelo ergue-se sobre uma eminencia, chamada Rincon de Santa Catalina a vivenda de Santiago Derqui, em cujas proximidades os Paraguayos estabeleceram seus arraiaes, quando Paunero sorprendeu a cidade de Corrientes. Para ahi tinha ido o Tenente-Coronel Bruguez com algumas baterias para apoiar o ataque que Lopez pretendia contra os navios da Esquadra brazileira. Ao sul do Riachuelo descortinam-se as margens baixas e arenosas do Paraná, revestidas de vegetação acanhada; tem o nome de Rincon de Lagraña.

Diante deste Rincon estava fundeada a Divisão brazileira composta de 8 Vapores de guerra ao mando do Chefe de Divisão Francisco Manoel Barroso. Esta Divisão estava especialmente encarregada pelo Almirante Tamandaré de tornar effectivo o bloqueio nas aguas do Paraguay.

Os navios que compunham a Divisão do Chefe Barroso erão os seguintes:

Fragata *Amazonas* com 6 bocas de fogo, commandada pelo Capitão de Fragata Theotonio Raymundo

de Brito, sendo seu immediato o Capitão Tenente Delfim Carlos de Carvalho (Barão da Passagem). Tinha á bordo 149 praças de guarnição alem de 313 do 9.º batalhão de infanteria de linha ao mando do Coronel Bruce, que era tambem commandante geral da Brigada do Exercito que se achava embarcado nos diversos navios da Esquadra para auxiliar os desembarques que se houvessem de dar.

O Vapor *Jequitinhonha* com 8 bocas de fogo, commandado pelo Capitão-Tenente Joaquim José Pinto, sendo seu immediato o 1.º Tenente Lucio de Oliveira. Haviam a bordo 120 praças de guarnição e mais 166 praças do Exercito ao mando do Major Guimarães Peixoto.

O Vapor *Beberibe*, com 7 bocas de fogo, commandado pelo Capitão-Tenente Bonifacio Joaquim de Santa Anna, sendo seu immediato o 1.º Tenente E. Przewadowski. Tinha a bordo 178 homens de guarnição, alem de 110 do corpo de infanteria da Provincia do Espirito Santo e 33 do batalhão de artilharia tudo commandado pelo Major Souza Braga.

A Canhoneira *Parnahyba*, com 7 bocas de fogo, ao mando do Capitão-Tenente Aurelio Fernandes Garcindo de Sá, sendo seu immediato o 1.º Tenente Felippe Fermino Rodrigues Chaves. Tinha a seu bordo 141 praças de guarnição, e mais 122 praças do Exercito ao mando Tenente-Coronel Silva Guimarães.

A Canhoneira *Belmonte*, com 8 bocas de fogo commandada pelo 1.º Tenente Joaquim Francisco de Abreu, sendo seu immediato o 1.º Tenente Rollim. Tinha 109 praças de guarnição além de 96 praças do Exercito dirigidos pelo Capitão Santos Rocha e 1.º Tenente de artilharia Tiburcio de Souza.

A Canhoneira *Araguary*, com 4 bocas de fogo, commandada pelo 1.º Tenente Hoonholtz (Barão de Teffé), sendo seu immediato o 1.º Tenente Eduardo de Oliveira. Tinha 89 praças de guarnição e 83 do Exercito ao mando do Tenente Silva e Sá.

A Canhoneira *Ypiranga* com 7 bocas de fogo, commandada pelo 1.º Tenente Alvaro de Carvalho, sendo seu immediato o 1.º Tenente Joaquim Candido dos Reis. Tinha 106 praças de guarnição e 65 do Exercito, commandadas pelo Tenente do corpo policial da Côrte, Corrêa de Andrade.

A Canhoneira *Mearim* com 7 bocas de fogo, commandada pelo 1.º Tenente Elisiario José Barbosa, sendo seu immediato o 1.º Tetente Pires de Miranda. Tinha 125 praças de guarnição e 67 do Exercito commandadas pelo Capitão J. A. Cunha.

A Canhoneira *Iguatemy* com 5 bocas de fogo commandada pelo 1.º Tenente Macedo Coimbra, sendo seu immediato o 1.º Tenente Oliveira Pimentel. Tinha 96 praças de guarnição e 117 do Exercito ao mando do Tenente-Coronel João José de Brito.

Todos estes navios, dispunham de 59 peças de artilharia de diversos calibres, 79 Officiaes do Exercito, 1.113 praças de marinha, e 1.174 praças do exercito.

Com effeito no dia 11 de Junho ás 9 horas da manhã, hora em que as guarnições dos navios brazileiros almoçavam, avistaram-se 8 vapores de guerra Paraguayos que com velocidade maior de 12 milhas desciam o rio, procurando o lugar onde fundiados se achavam os navios da Divisão commandada pelo Chefe Barroso; e dentro de um quarto de hora passavam em frente da dita Divisão brazileira, e por ella eram

recebidos e comprimentados, em seu rapido passar, a tiro de bala e metralha.

Os navios Paraguayos traziam a reboque 6 chatas ou baterias fluctuantes, seguiram rio abaixo e foram-se collocar proximo ao Riachuelo, um pouco abaixo de Corrientes, protegidos pelos barrancos occupados pela tropa paraguaya, e cerca de 22 ou 25 peças de artilharia de grosso calibre.

Os navios paraguayos eram commandados pelo Chefe Mezza, vinham com o fito de sorprender os navios brazileiros, batel-os, e, segundo recommendação especial de Lopez, *de levarem para Humaytá o maior numero possivel de prisioneiros brazileiros.*

E desde as 9 horas da manhã até as 4 da tarde bateram-se com a maior coragem as duas Esquadras, ficando afinal derrotados os Paraguayos, mortos ou prisioneiros quasi todos os marinheiros e soldados que guarneciam os seus navios, e destes apenas um ou outro em fugida, para levar, não os prisioneiros recommendados por Lopez, porém tão sómente a noticia da derrota da Esquadra paraguaya na memoravel batalha naval do Riachuelo: devendo-se a maior gloria da acção á roda de prôa do Vapor *Amazonas* que, tornada na occasião um verdadeiro ariete, tinha mettido a pique quatro Vapores paraguayos. [1]

---

[1] PARTICIPAÇÃO OFFICIAL DO COMBATE DE RIACHUELO.

Commando da 2.ª Divisão da Esquadra do Brazil no Rio da Prata.—Bordo do vapor *Amazonas*, abaixo do Riachuelo, em Corrientes, 12 de Junho de 1865.

Viva Sua Magestade o Imperador!

Infelizmente os Brazileiros tiveram de sua parte 190 homens fóra de combate, sendo 87 mortos e 103

Viva o Imperio do Brazil!

Illm. e Exm. Sr. Almirante.— Não fizemos tudo quanto desejaramos, mas fizemos tudo quanto podiamos.

No dia 11 do corrente, domingo da Santissima Trindade, foram tomados pela Divisão sob meu commando quatro vapores de guerra paraguayos e seis Chatas ou baterias fluctuantes com rodizios de calibre 80.

Passo a expôr a V. Ex. rapidamente o occorrido, pois fatigado como fiquei, não me é possivel desde já dar uma parte circumstanciada.

Pelas 9 horas da manhã, á hora do almoço, fui avisado de que se avistavam vapores paraguayos. Dei logo ordem de safa geral em toda a Divisão e fogos despertos.

Desciam elles aguas abaixo, e com a correnteza do rio faziam provavelmente 12 milhas.

Dentro de um quarto de hora passavam em frente a nós 8 vapores paraguayos com 6 Chatas ou baterias fluctuantes a reboque.

Logo lhes fizemos as continencias que mereciam e elles nos responderam por igual modo. Choviam de parte a parte balas e metralha. Era uma chuva de respeito.

Seguiram abaixo e se collocaram proximo ao Riachuelo, pouco abaixo de Corrientes, protegidos pelos barrancos occupados tambem pelo inimigo.

Como chefe desta Divisão, que me foi confiada pelo Exm. Sr. Vice-Almirante Visconde de Tamandaré, preparei-me a dar um dia de gloria á nação Brazileira, fazendo respeitavel o nosso pavilhão. Tive de attender a mil circumstancias, e de vencer as difficuldades do nosso confuso regimento de signaes. Ou devia ficar estacionario ou descer com a esquadra sobre os vapores paraguayos; mas

feridos, mais ou menos gravemente. Entre os mortos achavam-se o 1.º Tenente da Armada Oliveira Pimentel,

---

esta descida podia malograr-se, porque elles poderiam subir dando volta a duas ou tres milhas entre as quaes ha um canal de agua escassa.

Resolvi todavia ir-lhes ao encontro aguas abaixo, indo na frente galhardamente a *Belmonte* com o seu Commandante interino Joaquim Francisco de Abreu, não seguindo logo os outros nossos vasos, porque não podiam acompanhar a bôa marcha do *Amazonas*, onde eu me achava.

O inimigo nos esperava e não fugia ; mas porque estava debaixo dos barrancos, tendo collocado as baterias fluctuantes convenientemente e havendo na parte de cima dos ditos barrancos baterias com 20 a 22 bocas de fogo que os protegiam.

Além disto, estas bocas de fogo eram apoiadas pela mosquetaria de mais de mil espingardas que faziam incessante e mortifero fogo sobre os nossos navios, ao qual correspondiam com a melhor vontade e inergia.

Nesta descida contra o inimigo encalhou infelizmente o *Jequitinhonha*, onde o chefe Segundino tinha a sua insignia.

A pouca largura do canal naquelle ponto não me permittia fazer as evoluções com a presteza desejavel, porém, tendo eu a bordo o pratico Bernardino Gustavino, que ha 10 annos está ao serviço nosso e que se póde chamar o chefe dos praticos, subi com a resolução firme de acabar de uma vez com a Esquadra paraguaya, o que eu teria conseguido se quatro dos seus vapores que estavam mais acima não tivessem fugido.

Assim puz a prôa sob o primeiro que mais proximo me ficava e com tal impeto, que o inutilisei completamente, ficando de agua aberta e indo pouco depois ao fundo.

o 2.º Tenente Teixeira Pinto, Guardas-marinhas Lima Barros, Torrezão e Greenhalg, o Capitão do 9.º batalhão

---

Segui a mesma manobra contra o segundo que era o *Marquez de Olinda*, e contra o terceiro que era o *Salto*, e à todos elles inutilisei. O quarto vapor, contra o qual me arremessei, o *Paraguary*, recebeu tal rombo no costado e caldeiras que foi encalhar em uma ilha em frente, para a qual fugio a sua gente abandonando-o.

Em seguimento aproei a uma das baterias fluctuantes que foi logo a pique com o choque e um tiro.

Todas estas manobras foram feitas pela *Amazonas*, debaixo do mais vivo fogo, quer dos navios e Chatas, quer das baterias e mosquetaria de terra. A minha intenção era destruir por esta fórma toda a Esquadra paraguaya antes que encalhassemos em movimentos de subida e descida. Mas os quatro restantes vendo a minha manobra e resolução de aproal-os a todos, trataram de fugir rio acima.

Concluida esta faina pelas 4 horas da tarde, tratei de tomar as Chatas, as quaes eram logo abandonadas assim que eu dellas me aproximava, saltando suas guarnições ao rio e fugindo a nado para terra que estava proxima.

A *Belmonte* recebeu taes rombos abaixo do lume d'agua, que teve de encalhar para não ir a pique! Já estou tratando dos primeiros concertos necessarios.

Infelizmente o *Jequitinhonha* ficou encalhado em lugar onde da bateria de terra se lhe fazia vivo fogo, que foi correspondido. Só ao pôr do sol diminuio o fogo, talvez por terem acabado as munições do inimigo.

Ordenei que a *Iguatemy* fosse coadjuval-o a desencalhar, que o *Ypiranga* permanecesse junto de um vapor paraguayo, que o *Amazonas* ficasse ao lado da *Belmonte*, que a *Mearim* fosse rebocar a *Parnahyba* que tem o leme partido para vir para a linha onde está a Esquadra.

de caçadores de linha Pedro Affonso Teixeira e o Tenente Feliciano Maia; entre os feridos, o Capitão de

---

Depois destas disposições, veio um escaler da *Jequitinhonha* com o 1.º Tenente Monte Bastos, o qual me informou que o Chefe Segundino precisava de mais uma canhoneira porque o *Ypiranga* que o fôra ajudar tambem encalhára e que a *Iquatemy* por si só nada podia fazer.

Ordenei que para alli seguisse a *Mearim*, depois que de bordo sahisse o Dr. Antunes, medico do *Amazonas*, que lá fôra prestar os soccorros da sua arte.

O *Parnahyba* está com o leme partido.

Quando este Vapor descia, quatro dos Vapores paraguayos procuraram a um só tempo abordal-o.

Seu Commandante, o Capitão-Tenente Aurelio Garcindo Fernandes de Sá, como vinha de aguas abaixo, aproou sobre o *Paraguary* e disparou-lhe um dos rodizios, com o que o inutilisou, dos outros tres um não o poude abordar pela grande resistencia que encontrou; mas dois pela pôpa puderam operar de modo que uma grande porção de Paraguayos occuparam a tolda da *Parnahyba*, mataram a nossa gente que alli se achava, e que lhes oppunha resistencia, entre a qual o Capitão do 9.º batalhão Pedro Affonso Ferreira e o Guarda-marinha Greenhalgh, que com grande bravura e coragem defendiam a bandeira nacional, e morreram no seu posto de honra. Avançaram então os reforços que tinham repellido a abordagem de prôa e puniram os Paraguayos da ousadia de terem pisado um navio brazileiro, pois que todos os que alli se acharam foram batidos e mortos. Antes deste conflicto uma bala tinha vindo partir o leme.

Na *Parnahyba* tivemos 33 mortos, 28 feridos e 20 extraviados, que se suppõe terem cahido ao rio.

Tivemos em toda a Esquadra, entre mortos e feridos, de 180 a 190.

Mar e Guerra Gomensoro, os 1.os Tenentes Joaquim Francisco de Abreu, Macedo Coimbra e Francisco José

Os mortos, Officiaes, marinheiros e soldados, hão de regular de 80 a 90.

O que direi a V. Ex. dos Commandantes?

Que quasi todos se portaram bem e me ajudaram mais ou menos, como eu o esperava.

Não faço distincções, pois que entretido com o desejo de aniquilar a Esquadra paraguaya, não pude fiscalisar attentamente cada navio de per si, e ás vezes até os perdi de vista nas voltas do rio.

Com mais vagar transmittirei a V. Ex. as informações que eu fôr colhendo.

Sei com evidencia, porque sempre se achou comigo, a meu lado, no posto de honra, sobre o passadiço do Vapor *Amazonas*, que o seu Commandante, o Capitão de Fragata Theotonio Raymundo de Brito, portou-se com bravura e sangue frio, dando sempre as disposições que no caso eram precisas.

Os seus Officiaes se portaram como deviam, e entre elles o 1.º Tenente José Antonio Lopes, encarregado da bateria de prôa.

O Coronel João Guilherme Bruce, Commandante da brigada, já conhecido por sua bravura, me coadjuvou fazendo dirigir a tropa aos lugares que mais convinha para offender o inimigo.

Logo que receba, remetterei as participações dos diversos commandantes.

Deus Guarde a V. Ex.

Illm. e Exm. Sr. Vice-Almirante Visconde de Tamandaré, Commandante em Chefe da Força Naval do Brazil no Rio da Prata.—*Francisco Manoel Barrozo.*

de Freitas, o 2.º Tenente Nogueira de Lacerda, o Guarda-marinha Castro e Silva; e os Officiaes do Exercito,

---

Parte official do Commandante da Corveta a helice PARNAHYBA, *sobre o combate do dia* 11 *de Junho, entre a Esquadra brazileira e a do Paraguay.*

Bordo da Corveta *Parnahyba,* abaixo das baterias de Riachuelo, em 13 de Junho de 1865.

Illm. e Exm. Sr.—Cabe-me a honrosa tarefa de levar ao conhecimento de V. Ex. o glorioso desfecho do combate travado entre alguns dos vapores da marinha paraguaya com a Corveta sob meu commando no ataque de 11 do corrente, entre as baterias do Riachuelo e a esquadrilha paraguaya de um lado, e a Esquadra brazileira ao mando de V. Ex. do outro.

Peço desde já permissão a V. Ex. para descrever o melhor que me fôr possivel, os brilhantes episodios de que foi theatro o convez deste vaso de guerra, procurarei fazel-o com laconismo, não deixando comtudo de attender ao merito daquelles que mais contribuiram para a sua final e brilhante solução.

No dia 11 do corrente mez, pelas 8 horas da manhã, estando a Esquadra brazileira formada em linha de combate abaixo de Corrientes, avistou-se o Esquadra paraguaya composta de 7 Vapores de rodas e 1 a helice, e Chalandas artilhadas cada uma com 1 canhão de grosso calibre. Fiz immediatamente tocar a postos e preparei-me para o combate.

A Esquadra inimiga formada em linha de combate, desceu o Paraná encostada á margem de Corrientes, fazendo alto no passo do Riachuelo, collocando-se sobre a protecção das baterias de terra, guarnecidas por soldados do Paraguay. Ao signal n. — (bater o inimigo, etc.), feito

Major Bandeira da Gouvêa, Tenentes Galvão Uchôa, Manoel Francisco Imperial, Alferes Ewerton. D. Francisco da Silveira e Sá Barreto.

---

pelo *Amazonas*, (navio chefe) rompeu o fogo desta Corveta sobre a esquadrilha inimiga, jogando com os 4 rodizios e as duas caronodas de *EB*. Pouco depois atracou V. Ex. a bordo e fez içar o seu pavilhão, e d'ahi partio o signal n. — (para que cada navio principiasse o combate com qualquer dos inimigos), o que executamos arreando a amarra sobre boia e seguindo nas aguas do *Amazonas*.

Durante todo o trajecto sustentamos vivo fogo de artilharia com as baterias do Riachuelo e a esquadrilha inimiga. Em consequencia de se ter adiantado os outros vasos da Esquadra, ficamos na cauda da linha e pela prôa do *Jequitinhonha*, que a fechava. O inimigo, percebendo que este ultimo havia encalhado, atacou a nossa linha cortando-a na altura da *Parnahyba*.

Avançaram sobre nós tres vapores paraguayos, que mais tarde reconheci serem o *Taquary*, *Paraguary* e *Salto*.

Sendo inevitavel a abordagem, ordenei que funccionasse a machina com toda a pressão do vapor, e dirigi-me sobre *Paraguary*, tendo a felicidade de mettel-o a pique.

O *Taquary* abordou-nos pelo lado de *BB*., e o *Salto* por *EB*.

Apenas guarnecido o segundo rodizio de *BB*, que disparou dois tiros de metralha, toda a guarnição defendeu a abordagem, inclusive as 1.ª e 6.ª companhias do 9.º batalhão de infantaria destacados a bordo desta Corveta sob as ordens do seu distincto commandante o Tenente-Coronel José da Silva Guimarães.

Nesta luta heroica em que cada Official, marinheiro e soldado cumprio com o dever de verdadeiro Brazileiro, muitas vidas preciosas foram sacrificadas no altar da patria.

E os Paraguayos perderam para cima de 1.500 homens, os quatro Vapores *Jejuy*, *Marquez de Olinda*, *Salto* e *Paraguary*; quatro Chatas tomadas e duás mettidas

---

O Capitão do 9.º batalhão de infantaria Pedro Affonso Ferreira e o Guarda-marinha João Guilherme Greenhalg, succumbiram defendendo o pavilhão nacional, que chegou a ser arriado por um Official do *Taquary*, conseguindo depois apoderar-se do leme, tendo sido acutilado nessa occasião quasi toda a guarnição do 4.º rodizio (de ré) que heroicamente lutou contra as hordas dos nossos inimigos, que superiores em numero apossaram-se da tolda.

Sendo a luta desesperada, e cada vez mais critica a nossa situação, por haver-nos abordado pela pôpa o *Marquez de Olinda*, e durando talvez já uma hora o combate de mosquetaria e ferro frio, fizemos todos um esforço supremo de patriotismo applaudindo com enthusiasmo a ordem transmittida pelo Official immediato o 1.º Tenente Felippe Firmino Rodrigues Chaves, de combinação comigo, para que se lançasse fogo ao paiol da polvora, ordem esta que ia ser immediatamente executada pelo corajoso Escrivão de 2.ª classe José Corrêa da Silva, quando felizmente ouviram-se gritos de — Viva a nação brazileira, o Imperador, o Almirante Tamandaré, o Chefe Barroso e a guarnição da *Parnahyba*.

Eram vozes de nossos marinheiros e soldados accomettendo resolutamente os Paraguayos, que se escapavam por haverem percebido que a *Amazonas* e a *Belmonte* vinham em nosso auxilio, e tambem a *Mearim*.

Grande foi nessa occasião a desordem do inimigo. Os trinta cadaveres deixados em nossa coberta, inclusive do atrevido official que profanou nossa bandeira, attestam bastantemente o revez soffrido por elles, devendo aqui addicionar que todos os outros Paraguayos, que então se acha-

a pique; e todos os quatro vapores conservando as bandeiras a flamulas de 4 navios de guerra paraguayos.

---

vam a bordo, precipitaram-se ao rio, e ganharam a margem do Chaco.

Içado agora o nosso pavilhão e serenados os animos, vimos então que nessa luta heroica em que muitos jogavam as armas pulso a pulso, bastantes tinham sido as victimas que com seu denodo concorreram para tornar memoravel nos annaes da Marinha brazileira o dia 11 de Junho de 1865.

Entre ellas não posso deixar de mencionar o bravo Tenente do 9.º batalhão de infantaria Feliciano J. de Andrade Maia, que sustentou-se no seu posto até cahir desfallecido pelos golpes do inimigo, tendo-se até então conservado como verdadeiro baluarte brazileiro. A sua memoria deve ser conservada como um brazão de honra e alto credito para o Exercito imperial.

O imperial marinheiro de 1.ª classe Marcilio Dias, que tanto se distinguira nos ataques de Paysandú, immortalisou-se ainda nesse dia. Chefe do rodizio raiado, abandonou-o sómente quando fomos abordados para sustentar braço a braço a luta do sabre com quatro Paraguayos.

Conseguio matar dois, mas teve de succumbir aos golpes dos outros dois. Seu corpo, crivado, de horriveis cutiladas, foi por nós piedosamente recolhido, e só exhalou o ultimo suspiro hontem, pelas duas horas da tarde, havendo-lhe prestado os soccorros de que se tornara digna a praça mais distincta da *Parnahyba*. Hoje pelas 10 horas da manhã, foi sepultado com rigorosa formalidade no rio Paraná, por não termos embarcação propria para conduzir seu cadaver á terra.

Longa seria a enumeração dos factos distinctos praticados a bordo deste navio pelas praças do meu commando,

O Commandante da Esquadra paraguaya, o velho Capitão Mezza, fôra atravessado por uma bala de fusil, e transportado a Humaytá alli morreu.

---

mas não posso eximir-me de citar os nomes daquelles que bem mereceram da patria.

O 1.º Tenente Felippe Firmino Rodrigues Chaves, immediato desta Corveta, houve-se com dignidade e bravura, animando a guarnição e dirigindo o fogo, tendo depois, de combinação comigo, ordenado que se lançasse fogo ao paiol da polvora no instante em que o perigo de succumbir se tornou imminente. Seus serviços são recommendaveis.

O 1.º Tenente Miguel Antonio Pestana portou-se com denodo e coragem pouco commum, commandando a guarnição que se havia entrincheirado no convez: a seus esforços e patriotismo se deve em parte a brilhante victoria alcançada pela *Parnahyba*.

Os 1.os Tenentes Antonio Pompeu de Albuquerque Cavalcanti e Miguel Joaquim Pederneiras, officiaes que commandavam os 2.º e 3.º rodizios, nunca os abandonaram, e a seus esforços se deve o vivo fogo de artilharia que tanto estrago produzio nos vapores *Taquary*, *Paraguay* e *Salto*.

O Guarda-marinha Affonso Henrique da Fonseca mostrou bastante valor, lutando a par do 1.º tenente Pestana, e animando com suas palavras cheias de patriotismo aos nossos marinheiros e soldados.

Ao muito distincto Escrivão de 2.ª classe José Corrêa da Silva se deve hoje a conservação desta Corveta; recebendo ordem de lançar fogo ao paiol da polvora, munio-se de um charuto aceso, e póde conter o seu enthusiasmo até o momento de se ouvirem os brados de triumpho de que fiz menção.

O Commissario de 2.ª classe Pedro Simões da Fonseca,

Nas participações officiaes dadas pelos diversos commandantes se encontram elogios especiaes aos 1.os Tenentes Felippe Firmino Rodrigues Chaves, José Hyppolito de Menezes, Miguel Antonio Pestava, Francisco

---

vendo que seus serviços eram de pouca importancia na coberta, subio ao convez, descarregou sobre o *Taquary* a caronada de bombordo-avante, empregando-se a metralha na caixa das rodas, que produzio estragos mortiferos em Officiaes que sobre o passadiço dirigiam a abordagem.

(A parte menciona com louvor os nomes de varias praças da tripolação da Corveta que por brevidade emittimos. Depois continúa).

O contingente do 9.º batalhão de infantaria, composto das 1.ª e 6.ª companhias, sob o immediato commando do muito distincto Tenente-Coronel José da Silva Guimarães, portou-se como era de esperar de soldados brazileiros. Enthusiasmo no acto da abordagem, valor e esforço denodado na luta travada braço a braço com o inimigo, excedem ao melhor elogio.

Foram incansaveis em bem dirigir os seus subordinados o capitão Timoleão Peres de Albuquerque Maranhão, o Tenente Leopoldo Borges Galvão Uchôa e o Alferes Francisco de Paula Barros. São ainda dignos de elogios os Alferes Pedro Velho de Sá Albuquerque e Francisco Antonio de Sá Barreto Junior. No mesmo caso se acham o 1.º sargento cadete quartel-mestre Luiz José de Souza, o 1.º cadete 2.º sargento Luiz Francisco de P. Albuquerque Maranhão, etc., etc.

(Supprimimos ainda os nomes de varias praças do exercito elogiadas. A parte continúa).

Desferrando o *Taquary* do costado de *BB*, onde se achava, seguio rio acima perseguido pelo *Amazonas;* o *Marquez de Olinda* e *Salto* desceram o rio vindo dar fundo abaixo do lugar da luta. . . . .

Goulart Rollim, José Antonio de Alvarim Costa, Annio Pompeu de Albuquerque Cavalcanti, João Gonçalves Duarte, Miguel Joaquim Pederneiras, Joaquim Candido dos Reis, José Gomes dos Santos, Augusto Cesar

---

Inteiramente livres de nossos inimigos procuramos perseguil-os, mas não fizemos como queriamos por haver-se desmontado o leme. Safando esta Corveta graças á boa direcção da machina.

Governando, porém, com a vela de estaes e latina conseguimos abordar o *Salto*.

Atracacados a elle fiz saltar o 1.º Tenente Miguel Antonio Pestana e o denodado imperial marinheiro de 2.ª classe Pedro Chaves, (condecorado com duas medalhas humanitarias de 1.ª classe), sendo aquelle nomeado commandante da presa, e este designado para içar o pavilhão brazileiro no tope grande, o que fez, recolhendo a bandeira paraguaya, que se achava abatida, o Guarda-marinha Affonso Henrique da Fonseca. Cadaveres mutilados, canhões desmontados e muribundos que exhalavam o ultimo suspiro, eis o que haviam deixado nossos encarniçados contendores.

. . . .

Duas horas depois atracou nosso escaler a bordo com as praças destacadas, por haver o Guarda-marinha Affonso reconhecido que o *Salto* ia á pique, como effectivamente foi, e por isso fez embarcar as praças que puderam saltar, havendo recolhido o Tenente João Vicente Alcaraz, Commandante do *Salto*, gravemente ferido, e dois marinheiros levemente.

Soube do Commandante do *Salto* que a Esquadra paraguaya era commandada pelo Capitão de Fragata Messa, que tinham sahido na vespera á meia noite de Humaytá, onde ficava o Presidente Lopez, e que os quatro vapores que nos atacaram continham 575 praças de abordagem.

. . . .

Pires de Miranda, José Antonio Lopes, e Leopoldo de Murinelly; 2.os Tenentes José Candido Guilhobel, Antonio Maria do Couto, e Felinto Perry; Guardas-marinhas Francisco Augusto de Paiva Bueno Brandão, Affonso Henrique da Fonseca; Commissarios D. José de Tavora, José Antonio de Souza Guimarães, e Pedro Simões da Fonseca; Escrivães Manoel Vicente da Silva Guimarães, João Carlos de Gouvêa Faria, João Evangelista de Menezes, e José Corrêa de Menezes; Cirurgiões Dr. Manoel Joaquim Saraiva, José Pereira Guimarães, e Dr. Soares Pinto; Capellão Padre Francisco do Carmo Gomes Diniz; e o Aspirante a Guarda-marinha Joaquim Candido do Nascimento.

É de suppôr e mesmo affirmam testemunhas oculares da maior competencia, taes como o Dr. José Caetano da Costa, com quem longamente conferenciamos sobre este assumpto, e que tomou parte no combate, na qualidade de Medico do Vapor *Beberibe*, que muitos Officiaes houveram que prestaram serviços importantissimos em aquelle grande feito, e que entretanto

---

Junto faço annexo o mappa dos mortos, feridos ou extraviados na abordagem de que acabo de fallar, e terminando este officio cumpro com o voto unanime desta guarnição depositando nas mãos de V. Ex. a bandeira paraguaya arriada do Vapor *Salto*, para que V. Ex. lhe dê o destino que mais conveniente julgar para o brilho de nossas armas e recordação desse dia tão notavel para nossa historia naval.

Illm. e Exm. Sr. Chefe de Divisão Francisco Manoel Barroso, Commandante da 2.ª Divisão da Esquadra.—*Aurelio Garcindo Fernandes de Sá*, Capitão-Tenente, Commandante.

não foram mencionados com especialidade nas participações officiaes do combate, e entre outros citaremos desde já, por nos occorrer de momento o então Capitão-Tenente Delfim Carlos de Carvalho, hoje Almirante Barão da Passagem.

O Almirante Tamandaré Commandante em chefe das forças navaes ao receber a participação official do cambate do Riachuelo, dirigio em resposta, ao Chefe de Divisão Barroso, o seguinte officio:

« Recebi cheio de jubilo a parte que me transmittio V. Ex, do grande combate naval dado pela força sob o commando de V. Ex. contra a Esquadra paraguaya apoiada na bateria de Riachuelo, no dia 11 do corrente.

« A explendida victoria alcançada por V. Ex. constitue o mais brilhante triumpho das armas Imperiaes.

« O heroico procedimento de V. Ex. naquella gloriosa jornada, tão bem secundado pelos intrepidos subordinados de V. Ex. é um exemplo edificante e magnifico para os novos esforços que tenham de empenhar nossos irmãos de armas.

« O Governo Imperial e a nação inteira devem a V. Ex. perennal reconhecimento. E eu por minha parte sinto-me desvanecido por ter debaixo de minhas ordens, chefes, commandantes, officiaes, marinheiros e soldados tão bravos e dedicados á causa nacional.

« Se algum acto de tão distinctos militares naquella acção memoravel mereceu censura de minha parte foi essa coragem excessiva com que se expuzeram no lugar mais descoberto dos navios, as pessoas cujas vidas são preciosas naquellas difficeis occasiões.

« Lembro a V. Ex. que quando se encouraçam os

navios para se resguardar as guarnições completamente expostas depois das armas de precisão, não ha desar algum em pouparem-se áquelles de quem depende a sorte de um combate. [1]

« Todos os sentimentos que vinha eu de manifestar e que já expressei ao Governo Imperial, queira V. Ex. aceitar e transmittir a todos os bravos que sobreviveram ao glorioso combate do dia 11 do corrente. — *Visconde de Tamandaré.* »

Quando as participações officiaes chegaram ao Rio de Janeiro, a Camara dos Deputados, por unanimidade de votos, resolveu o seguinte :

« . . . Que por intermedio do Governo Imperial fossem, em nome da dita Camara, felicitados os bravos que tomaram parte na brilhante batalha naval do Riachuelo, e que tambem fossem felicitados os que tomaram parte na tomada de Paysandú. »

A Esquadra brazileira, depois deste grande feito, desceu do Riachuelo no dia 18, por ter sabido que os Paraguayos occupavam posições á sua retaguarda. O Chefe Barroso soube que o General Robles tinha estabelecido baterias na barranca de Mercedes, um pouco acima do Empedrado: desceu o rio e forçou essas baterias no mesmo dia 18, e apezar do fogo de 36 canhões e 3.000 atiradores, os Brazileiros tiveram apenas fóra de combate umas 13 praças feridas, e morto o

---

[1] Foi durante a guerra do Paraguay que o Brazil possuio e empregou os primeiros navios encouraçados.

bravo Capitão-Tenente Bonifacio Joaquim de Santa Anna, Commandante do Vapor *Beberibe*, ferido por uma bala de fuzil, achando-se na tolda do seu navio a dar diversas ordens necessarias na occasião.

A respeito do ferimento e morte deste distincto Official da Armada Brazileira, o Medico de bordo Dr. José Caetano da Costa, disse o seguinte:

« A principio pensei que o ferimento só por si fôsse de pouco cuidado, comquanto a hemorrhagia, e o estado de exaltação nervosa, em que se achava, me viessem inspirar serios cuidados. O delirio manifestou-se logo, e uma affecção qualquer do cerebro parecia-me eminente. Sustei a hemorrhagia, procurei reanimar-lhe os sentidos, porém cada vez mais se agravavam os phenomenos de superexcitação nervosa, não obstante empregar tudo quanto de mais energico pude lançar mão dos recursos pequenos de bordo.

« Era já noite, o estado do ferido não permettia-me fazer-lhe um exame minucioso. Convoquei então uma conferencia, da qual fizeram parte os nossos collegas Drs. Antunes e Pereira Guimarães, expondo-lhes o meu tratamento, e o receio que inspirava-me o estado do ferido.

« No dia seguinte logo pela manhã pedi o auxilio do nosso illustrado collega o Dr. Saraiva, afim de praticarmos um exame rigoroso sobre o ferimento e fixarmos o diagnostico e prognostico. Procedemol-o com toda a minuciosidade, e encontramos fractura no osso correspondente á parte lesada, e uma pequena hernia de cellulas cerebraes. Cremos então, que a bala se achava encravada no cerebro, tinha havido lesão da arteria temporal, e occipital, e por conseguinte o

prognostico seria fatal, tratando de combater a encephalite, que já se manifestava, empregando tudo quanto a sciencia recommenda de mais energico.

« Porém debalde!

« Tenho o mais profundo pesar de registrar aqui o seu fallecimento, que veio encher de luto toda a Esquadra no dia 20 de Junho de 1865. »

Depois da passagem de Mercedes a Esquadra brazileira fundeou no Chimbolar, entre o Empedrado e a Bella-Vista, e ahi se soube que os Paraguayos estavam-se fortificando em Cuevas, e preciso era que a Esquadra não ficasse por muito tempo fundeada no Chimbolar.

Com effeito a 10 de Agosto a Esquadra deixou o Chimbolar, e no dia 12 passava a toda a força do vapor as baterias de Cuevas onde mais de 30 bocas de fogo de diversos calibres e 8 ou 10 estativas de foguetes a congréve, e cerca de 2.000 espingardas, despejaram seus fogos sobre os navios da Esquadra por espaço de 40 minutos, tempo maximo que levaram os navios em passar a fortificação. Só o vapor *Amazonas* recebeu no casco mais de 40 balas, Os Brazileiros tiveram 21 mortos e 38 feridos, entre os quaes 1 Guarda-marinha e 2 Officiaes de Exercito No vapor Argentino *Guarda Nacional* que nessa occasião acompanhava os navios brazileiros morreram 4 pessoas, sendo 2 Guardas-marinhas, e ficaram feridos 5 marinheiros,

A Esquadra brazileira tendo passado Cuevas fundeou, no Rincon del Soto.

Voltando ao General Robles, que se achava com o grosso do Exercito paraguayo em Corrientes, quando Lopez mandou atacar a Esquadra brazileira no Riachuelo; sabe-se que elle tendo marchado até Goya

e, ainda com esperanças do pronunciamento do General Urquisa de Entre-Rios, a favor da causa paraguaya, alli soubera no dia 13 de Junho qual o resultado da batalha do Riachuelo, e em continente voltou-se com o grosso de suas forças para o Empedrado : sabe-se tambem que nesse movimento retrogrado as forças de Robles foram acossadas pelas avançadas do General argentino Caceres em quanto que Paunero se internava e occupava diversos pontos do interior da Provincia de Corrientes.

Estes movimentos de Robles não tinham agradado ao General Lopez, e até lhe causaram desconfianças de traição por parte de Robles ; e sem se fazer esperar o mandou render pelo General Barrios, chegado de Matto-Grosso, e a quem Lopez acabára de nomear seu Ministro da Guerra.

Barrios chegando ao Empedrado onde estava o General Robles o fêz recolher a um Vapor de Guerra e conduzir a Humaytá, onde então se achava o Dictador, e alli algum tempo depois foi o dito General fuzilado, não só pela desconfiança de traição como pelo mallogro da expedição de Corrientes.

Pouco tempo depois foi substituido o General Barrios pelo General Resquin, mandado chamar a toda a pressa da Commissão em Matto-Grosso.

Muito soffreram então os correntinos. Todas as villas, aldeas e estancias foram saqueadas, a mandado de Resquin ; a ninguem se respeitava : tudo era violado : grande numero de mulheres e crianças foram enviadas em refens para o Paraguay.

E assim se foi conservando o General Resquin, esperando occasião para se retirar ao outro lado do rio, quando os navios brazileiros subissem de novo.

A força paraguaya que ao mando do Coronel Estigarribia marchara em fins de Maio ao longo do rio Uruguay, em demanda do Estado Oriental e protecção dos Blancos; recebeu ordens para invadir o territorio brazileiro na Provincia do Rio Grande do Sul, e apoiarse, quando o precisasse, no exercito que se achava em Corrientes ás ordens do General Robles.

Com effeito, nos primeiros dias do mez de Junho, o Coronel Antonio de La Cruz Estigarribia partira de Itapúa, em frente á Candelaria, com cerca de 12 mil homens e 6 peças de campanha, para atravessar o Paraná, occupar o territorio das Missões, e invadir a Provincia brazileira do Rio Grande do Sul.

XII

SUMMARIO

Invasão paraguaya na Provincia do Rio Grande do Sul. — Occupação de S. Borja.—Occupação de Itaqui.—Occupação da cidade de Uruguayana.—Chegada de S. M. o Imperador a Uruguayana em 11 de Setembro de 1865. —Rendição de Uruguayana em 18 de Setembro do mesmo anno.

Depois de forçada a bateria de Cuevas, em 12 de Agosto de 1865, o Almirante Tamandaré teve por noticia de que os Paraguayos ao mando do Coronel Estigarribia, já tinham deixado Itaqui no dia 18 de Julho, e seguiam em demanda de Uruguayana, na Provincia do Rio Grande do Sul.

Immediatamente a essa noticia, o dito Almirante, acompanhado do Cirurgião-mór da Esquadra Dr. Carlos Frederico e outros medicos, do 4.º batalhão de voluntarios da Patria, 11.º batalhão de linha, batalhão argentino Santa Fé, e os zuavos da Bahia, embarcaram-se nos Vapores *Taquary*, *Tramandahy*, *Onze de Junho e União*, levando a reboque duas Chatas, seguiram em protecção de Uruguayana.

Veja-se ainda que em ligeiros traços, o que se passou com as forças de Estigarribia desde que sahio

de Itapúa em começo do mez de Junho, até a sua chegada e rendição na Uruguayana:

As forças paraguayas depois que seguiram de Itapúa acamparam a margem do Pindapoy, perto da Candelaria, e ahi trataram de construir e aprompta carros e jangadas, e mandaram explorar e fazer reconhecimentos até S. Thomé onde collocaram uma força de observação, aboletada nas ruinas do antigo estabelecimento S. Carlos: d'ahi levantaram acampamento, e seguiram para S. Borja.

Em S. Borja tinham os Brazileiros perto de 2.300 homens ao mando do General Canavarro, porem essa força guarnecendo diversos pontos e esses muito separados entre si: os corpos provisorios 10, 11, 22 e 23 ao mando do Coronel da guarda nacional Fernandes Lima, estavam acampados no Passo das Pedras, cerca de 12 leguas ao Sul de S. Borja; o batalhão 23 estava em S. Matheus, barranca de Uruguay; o batalhão de reserva estava dentro da povoação de S. Borja; e o resto da força, cerca de 40 ou 50 leguas para os lados do Sul.

S. Borja é pouco distante de S. Thomé, na margem opposta do Uruguay; chegou alli a noticia da aproximação dos Paraguayos por algumas pessoas fugidas de S. Thomé, quando alli entraram as forças de Estigarribia. Os habitantes de S. Borja, acompanhados dos seus visinhos de S. Thomé, abandonaram immediatamente o povoado e ganharam a campanha.

No dia 10 de Junho ás 8 horas da manhã desceram os Paraguayos de S. Thomé para o rio Uruguay, e foram avistados do passo e da villa de S. Borja.

O Major Rodrigues Ramos Commandante de infantaria de guardas nacionaes estacionado no Passo, deu

immediatamente parte do occorrido ao Tenente-Coronel José Ferreira Guimarães Commandante da reserva estacionada dentro da villa, e este mandou incontinente avisar ao Coronel João Manoel Menna Barreto, Commandante do 1.º de voluntarios acampado duas leguas distantes de S. Borja, e despachou alguns proprios a avisar tambem ao Coronel Fernando Lima no Passo das Pedras, e Tenente-Coronel Tristão de Araujo Commandante do corpo provisorio de cavallaria n. 22 que estacionava em uma coxilha distante uma legua da villa.

Os Paraguayos atravessaram o Uruguay em canôas e jangadas e dirigiram-se para um porto acima do Passo de S. Borja. Ahi a infantaria do Major Rodrigues fez sobre elles varias descargas e os obrigou a retroceder e procurar outro ponto da margem para effectuar o seu desembarque,

As forças do Major Rodrigues seguiram a defender outros pontos de desembarque, e por mais intrepidez e valor, por mais coragem que apresentassem essas forças, tiveram afinal de ceder ao grande numero dos assaltantes Paraguayos e deixal-os desembarcar,

Nessa occasião teria sido victima uma das companhias do Major Rodrigues. se, chegando o Tenente-Coronel Tristão de Araujo com os seus lanceiros e atirando-se sobre os Paraguayos, não conseguisse cobrir a retirada da dita companhia.

Os Paraguayos formaram logo uma fileira de atiradores desde o Passo de S. Borja até á entrada da villa de S. Borja, e puzeram-se em marcha para a dita villa.

Em vão o Tenente-Coronel Tristão e o Major Dóca que o acompanhava, carregassem com os seus lanceiros

sobre a marcha e columnas paraguayas, não os fizerem parar, pouco se importando mesmo com os mortos que cahiam.

Chegando á entrada da villa, destacou-se da columna invasora uma grande força em direcção á rua principal e mais occidental da villa, tomando depois a direcção de Leste da mesma villa, como querendo cercal-a para impedir a sahida das familias.

Esta força porem estacou, e parou repentinamente os seus toques de marcha. Tinha ouvido a musica do 1.º batalhão de voluntarios, que, ao mando do Coronel João Manoel, se aproximava : formou um quadrado e procurou defender-se.

A infantaria brazileira carregou o inimigo pela esquerda, a cavallaria e lanceiros pela direita, e o 1.º de voluntarios pelo centro.

Apesar de muito numerosa, a força paraguaya presente, foi obrigada a retroceder em sua marcha e ir acampar junto ao Passo de S. Borja á espera que todo o Exercito invasor desembarcasse, para então assaltar a villa no dia seguinte,

Deste primeiro encontrou os Brazileiros tiveram 85 pessoas fóra de combate, entre feridos e mortos; e os Paraguayos deixaram mais de 100 cadaveres, e carregaram grande quantidade de feridos para o seu acampamento provisorio.

Emquanto se dava a acção procurando fazer os Paraguayos retroceder da villa, a população estremecia de medo : só se ouviam gritos e lamentações pelas ruas, onde um sem numero de mulheres e crianças corriam sem rumo certo, pretendendo esconder-se e fugir dos inimigos, ficando nessa occasião muitas creanças feridas e outras perdidas nas ruas, sem poderem seguir as mãis.

O Coronel João Manoel vendo este estado de confusão e desgraça, tomou a si a defesa das familias e a todas tratou de salvar; fazendo-as conduzir e acompanhar por seus soldados até a distancia de mais de 3 leguas de S. Borja ; e toda a noite se occupou nessa meritoria faina, conseguindo que nem uma só familia ficasse dentro da villa,

Ao amanhecer do dia 11 já as familias se achavam no capão de Santa Maria, estrada do Porto Alegre, salvas dos brutaes e fanaticos Paraguayos.

A' vista da grande força paraguaya desembarcada, o Coronel João Manoel e os mais companheiros entenderam dever evacuar a villa, depois de reconhecerem que ninguem mais podesse ser victima.

Os Paraguayos entraram sem resistencia e tomaram conta da villa no seguinte dia, principando logo o costumado saque, e ahi se conservaram até o dia 22, em que se puzeram em movimento para Itaqui.

O Coronel Fernandes Lima vindo com a sua gente do Passo das Pedras em soccorro de S. Borja, e sabendo em caminho que a villa já tinha sido occupada, e que os Paraguayos dalli se dirigiam para Itaqui, procurou fazer juncção da sua gente com a do Tenente-Coronel Sezefredo Alves Coelho de Mesquita, e flanquear os Paraguayos que se dirigiam para Itaqui.

Antes porém de se effectuar a juncção desejada, uma columna paraguaya veio sorprehender as forças avançadas da 1.ª Brigada brazileira, e travou luta com o Major Dóca, commandante dessas avançadas; e ao amanhecer do dia 25 estavam os Paraguayos na encosta de uma coxilha tendo em frente uma baixada, á direita um pantano, e á esquerda um espesso matto. Diante delles estava a 1.ª Brigada commandada pelo Tenente-

Coronel Fernandes Lima esperando que a 4.ª Brigada chegasse para com ella fazer juncção.

A Brigada brazileira, cheia do maior enthusiasmo atacou a columna paraguaya, e conseguio logo no primeiro impeto tomar a coxilha, travando depois renhido combate com os Paraguayos.

Estava o combate em seu maior encarniçamento, quando ao meio dia chega a 4.ª Brigada brazileira commandada pelo Coronel Sezefredo, e simultaneamente com a 1.ª ataca o inimigo, e o fazem recuar até a beira do pantano ou banhado, e obrigam-n'o a entrar no dito pantano para poderem escapar, ganhando o mato proximo.

Deixaram entretanto 130 mortos no lugar da acção, 2 bandeiras, grande quantidade de armamento e munições, e toda a cavalhada, além de cerca de 200 feridos, de envolta com os cadaveres. Os Brazileiros tiveram 29 homens mortos e 80 feridos.

O grosso das forças de Estigarribia seguia entretanto para Itaquí, assignalando os seus passos pela mais cruel devastação, pelo saque e pelo incendio de todas as propriedades que iam encontrando, tendo arrebanhado perto de doze mil cabeças de gado; perseguido embora, e muito de perto, pelas forças do Major Dóca, que por vezes, com os seus clavineiros e lanceiros, conseguio arrebatar do inimigo algumas presas, e só de uma vez tomou-lhes 120 bois.

No dia 7 de Julho realisaram os Paraguayos a sua entrada em Itaqui, saquearam com o mesmo enthusiasmo que em S. Borja, e destruiram e incendiaram grande numero de casas abandonadas pelos habitantes.

No dia 18 deixaram os Paraguayos a villa de

Itaqui e seguiram em demanda de Uruguayana, tendo de atravessar o Ibicuhy no Passo de Santa Maria, pouco distante da confluencia do mesmo com o rio Uruguay. E no dia 24, á margem meridional do Ibicuhy, festejaram os Paraguayos o anniversario do Dictador Lopez.

O General Canavarro, Commandante Geral da fronteira, logo que os Paraguayos atravessaram o Ibicuhy no Passo de Santa Maria, ordenou á 1.ª e 4.ª Brigadas que atravessando tambem o Ibicuhy no mesmo Passo de Santa Maria, seguisse na retaguarda do inimigo.

Os Paraguayos foram seguindo até o rio Toropasso: ahi fizeram uma especie de ponte e atravessaram para o lado opposto, e temendo que nesse ponto o pequeno Vapor *Uruguay* os incommodasse com a sua artilharia, collocaram sobre a barranca algumas peças de artilharia para repellir o fogo do Vapor. Seguiram logo depois e apressadamente, como quem procura uma base de operações mais segura.

Chegado no dia 3 de Agosto ao Passo do Indaha, pouco distante de Uruguayana, os Paraguayos encontraram-se com uma pequena força brazileira, commandada pelo Tenente-Coronel Bento Martins, soffreram della um forte tiroteio, porém sem vantagem alguma para os Brazileiros.

Nesse ponto se esperava uma grande batalha, e a demora dos Paraguayos; e não tendo se effectuado essa esperada batalha, os habitantes de Uruguayana trataram de evacuar a cidade com a mair precipitação.

E os Paraguayos entraram, e tomaram conta da cidade e principiaram logo o costumado saque nas

casas desertas. Trataram em seguida de reparar, concertar e mesmo augmentar as trincheiras e fortificações da cidade, e ahi estabeleceram a base, de suas futuras operações.

Chegados a Uruguayana não poderam os Paraguayos continuar a sua communicação com a outra columna que em protecção á de Estigarribia, marchava na margem opposta do Uruguay, no territorio de Corrientes. O vapor *Uruguay* não consentio nenhuma communicação. Estava portanto, o Coronel Estigarribia entregue sómente a si e aos recursos que fosse encontrando em Uruguayana e suas immediações.

Deixando por emquanto as forças de Estigarribia aboletadas e entrincheiradas em Uruguayana, veja-se o que dahi em diante, se passou com a Divisão ao mando do Major Pedro Duarte que na margem opposta do Uruguay, acompanhava a Divisão de Estigarribia, com o fim de prestar-lhe os necessarios soccorros.

A Divisão do Major Pedro Duarte tinha chegado no dia 1 de Agosto ás confluencias do pequeno rio Yatahy do lado correntino, com perto de 4.000 homens. entre os quaes perto de 200 Orientaes e Correntinos a titulo de emigrados.

Por uma combinação entre as forças alliadas do Brazil. a vanguarda do Exercito que estava acampado na Concordia, ao mando do General Flôres, a quem tambem se devia unir o General Pannero e seus soldados, tinha seguido com o fim de encontrar e bater as forças commandadas pelo Major Pedro Duarte. Esta vanguarda do Exercito alliado compunha-se de uma Brigada brazileira de 1.500 homens ao mando do Coronel Coelho Kelly, 2.440 Orientaes, e 4.500 Argentinos, com 32 bocas de fogo.

No dia 17 de Agosto as forças alliadas atacaram os Paraguayos, e apesar dos vallados e fóssos construidos para os resguardar, foram completamente batidos ou derrotados, e poucos poderam escapar ou fugir.

No campo da batalha ficaram 1.700 Paraguayos mortos e 300 feridos, e 1.200 prisioneiros, entre os quaes o proprio Major Pedro Duarte. Todo o armamento, bandeiras, munições e carretas ficaram em poder dos alliados.

As forças alliadas tiveram fóra de combate 188 Orientaes, 99 Argentinos e 53 Brazileiros. A Brigada brazileira compunha-se do 5.º de infantaria commandado pelo Major Camisão. o 7.º commandado pelo Major Herculano Pedra, o 3.º de voluntarios da Bahia commandado pelo Tenente-Coronel Rocha Galvão, e o 16.º de voluntarios commandado pelo Coronel Fidelis.

Conseguida esta derrota das forças do Major Duarte, o General Flôres escreveu uma carta ao Coronel paraguayo Estigarribia em Uruguayana, aconselhando-o que se rendesse, porquanto se o não fizesse teria por força de ser batido e derrotado, e encarregou desta carta um paraguayo prisioneiro o Tenente José Zorilla.

Estigarribia recebeu a carta do General Flôres, e respondeu immediatamente recusando a rendição aconselhada.

Recedida esta resposta pelo General Flôres, marchou incontinente com as forças de seu commando á unir-se com as forças brazileiras que estavam sitiando Uruguayana, a apresentar-se ao General Brazileiro Barão de Porto-Alegre, Commandante em Chefe, nomeado pelo Governo brazileiro, do Exercito em operações na Provincia do Rio grande do Sul.

No dia 21 de Agosto os Vapores *Taquary* e *Tramandahy* e 2 Chatas, commandados pelo Capitão de Fragata Lomba, transportaram as forças de Flôres, Paunero e Kelly, que vinham para Uruguayana. Após o desembarque dessas forças chegaram os Vapores *Onze de Junho* e *União* conduzindo a tropa que tinham recebido do acampamento alliado da Concordia, por mandado do Almirante Tamandaré a bordo do Vapor *Iniciador*.

O General Mitre tendo partido da Concordia, onde ficára o General Osorio, como Commandante em chefe das forças alliadas, chegou a Uruguayana no dia 10 de Setembro acompanhado de uma pequena força argentina.

A este mesmo tempo chegára tambem do interior da Provincia do Rio Grande, uma Brigada novamente formada e pertencente á Divisão commandada pelo Coronel Barão de Jacuhy, e ficou acampada sob as immediatas ordens do Coronel David Machado, em lugar onde pudesse observar a fronteira de S. Borja.

Em S. Nicoláo estabeleceu-se tambem o Major Izaias, e em Santo Christo o Coronel Joaquim Rodrigues de Lima: todos encarregados de observar os lugares fronteiros.

No dia 11 de Setembro de 1865 ás 8 horas da manhã chegou a Uruguayana Sua Magestade o Imperador D. Pedro II, acompanhado de seus augustos genros o Marchal de Exercito Conde d'Eu e Almirante Duque de Saxe, o Ministro da Guerra Conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz, o Marechal de Exercito Marquez de Caxias, os Generaes Calmon Cabral, e Beaurepairé Rohan, e o Vice-Almirante Raymundo de Lamare.

O Imperador tinha partido do Rio de Janeiro, com o fim de compartilhar com os demais Brazileiros, os trabalhos da guerra e da defesa do sólo da patria, invadido, pisado e ultrajado pelos Paraguayos, e chegado no dia 16 de Julho á cidade do Rio Grande, [1] passado a Porto Alegre e seguido para Rio Pardo, Cachoeira, S. Lourenço, Jacuhy, Caçapava, S. Gabriel, Rosario, Santa Maria, Alegrete, Ibiracuhy, e Toropasso, até ás proximidades de Uruguayana, onde chegára na noite de 10 de Setembro; alojando-se em uma

---

[1]) O Imperador chegando á provincia do Rio Grande do Sul no dia 16 de Julho de 1865 dirigio ao povo a seguinte proclamação :

« Rio-grandenses !

« Sem menor provocação, é por ordem do Governo do Paraguay invadido segunda vez o territorio de nossa patria.

« Seja vosso unico pensamento vingardes tamanha affronta e todos nos ufanaremos cada vez mais do brio e denodo dos Brazileiros.

« A rapidez das communicações entre a capital do Imperio e a vossa Provincia, permitte a mim e a meus genros, meus novos filhos presenciar vossos nobres feitos.

« Rio-grandenses !

« Fallo-vos como pai que véla a honra da familia brazileira, e estou certo que procedereis como irmãos, que se amam ainda mais quando qualquer delles soffre.

« Palacio do Rio Grande do Sul, em 16 de Julho de 1865.

D. Pedro II,
Imperador constitucional e defensor
perpetuo do Brazil. »

tenda ou barraca de Campanha, levantada no meio da linha de ataque em distancia de tiro de peça das avançadas de Estigarribia.

Marcado o ataque geral para o dia 18 ás 6 horas da manhã, tomaram todas as forças os seus lugares para a acção. No centro da posição tomada pelo Exercito brazileiro achava-se o Imperador com seu genro Conde d'Eu, o Ministro da Guerra Angelo Ferraz, os Ajudantes de Campo Marquez de Caxias e Calmon Cabral, e os Generaes Caldwell e Bearepaire Rohan. O Almirante Duque de Saxe e Vice-Almirante De Lamare recolheram-se para bordo da Canhoneira de guerra onde se achava o Almirante Tamandaré.

Ao meio dia, achando-se tudo prompto, expedio o General em Chefe Barão de Porto Alegre o seu Ajudante de Ordens Capitão Cruz Brilhante, com a ultima intimação aos sitiados.

A intimação era concebida nos seguintes termos:

« A prolongação do rigoroso sitio em que se acham as forças sob o mando de V. S, deveria por certo tel-o convencido de que sentimentos meramente humanitarios retem os Exercitos alliados em operação nesta Provincia ante o ponto do territorio que V. S. occupa.

« Estes sentimentos, que nos animam e que sempre nos dominaram, qualquer que seja o resultado da guerra a que fomos levadas pelo vosso Governo, me obrigam a ponderar a V. S. que semelhante posição e estado de causas deve ter um paradeiro. e, em nome do Imperador e dos Chefes aliados, annuncio a V. S. que dentro do prazo de *duas horas* nossas operações vão começar.

« Toda a proposição que V. S. fizer que não seja a de renderem-se as forças de seu commando sem condições, não será aceita, visto que V. S. repellio as mais honrosas que lhe foram, pelas forças alliadas, offerecidas.

« Qualquer que seja, pois, a sua resolução, deve V. S. esperar de nossa generosidade o tratamento consentaneo com as regras admittidas pelas nações civilisadas.

« Deus Guarde a V. S.

« Acampamento junto aos muros de Uruguayana 18 de Setembro de 1865.— *Barão de Porto Alegre*, Tenente-General.— Ao Sr. Coronel Antonio Estigarribia, Commandante em chefe da Divisão paraguaya, citiada em Uruguayana. »

O Coronel Estigarribia respondeu á notificação pela forma seguinte:

« O Commandante em chefe da Divisão paraguaya offerece render a guarnição da praça de Uruguayana sob as seguintes condições:

« 1.ª O Commandante da força paraguaya entregará a Divisão de seu commando, desse sargento inclusive, guardando os Exercitos alliados para com elles todas as regalias que as leis da guerra prescrevem para com os prisioneiros.

« 2.ª Os Chefes Officiaes e empregados de distincção sahirão da praça com suas armas e bagagens, podendo escolher o ponto para onde queiram dirigir-se; devendo o Exercito alliado mantel-os e vestil-os emquanto durar a presente guerra, se escolherem algum lugar que não seja o Paraguay e devendo ser por sua conta se preferirem o mesmo lugar.

« 3.º Os Chefes e Officiaes orientaes que estão nesta guarnição ao serviço do Paraguay ficarão prisioneiros de guerra do Imperio, guardando-se-lhes todas as condições a que tenham direito.

« Feito em Uruguayana em 18 de Setembro de 1865.— *Antonio Estigarribia.*— A S. Ex. o Sr. Tenente-General Barão de Porto Alegre. »

Os Generaes alliados resolveram dar a resposta seguinte:

« Os Generaes alliados concedem e admittem a primeira e terceira condições sem restricção alguma. Quanto á segunda admittem-na com as seguintes restricções: Os Officiaes de qualquer categoria se renderão, não podendo sahir da praça com armas, sendo-lhes livre escolher para sua residencia qualquer lugar que não pertença ao territorio paraguayo. »

O Ministro da Guerra Conselheiro Ferraz quiz ser em pessoa portador desta resposta, e acompanhado do General Caldwell e mais dois Officiaes subalternos penetrou na villa e ao aproximar-se de Estigarribia disse-lhe: « Eis aqui a resposta dos alliados. »

Estigarribia lendo-a e apresentando-a ao celebre Padre Duarte e aos mais Officiaes presentes, escreveu e entregou ao Ministro Ferraz a seguinte resposta:

« O abaixo assignado aceita as proposições de S. Ex. o Sr. Ministro da Guerra e deseja unicamente que Sua Magestade o Imperador do Brazil seja o melhor garante deste ajuste.

« A elle e a V. Ex. eu confio e me entrego prisioneiro de guerra com a guarnição, submettendo-me ás condições prescriptas por S. Ex.

« O abaixo assignado espera que V. Ex. procederá immediatamente a ajustar com elle o modo como se deve effectuar o desarmamento e entrega da guarnição. — *Antonio Estigarribia.* »

A espada de Estigarribia foi por suas proprias mãos entregue ao Ministro da Guerra Angelo Ferraz, que a foi immediatamente levar á presença do Imperador; Estigarribia pedira em seguida ao Conselheiro Ferraz, que o conduzisse á presença do Imperador a quem queria ter a honra de cumprimentar; e assim lhes foi concedido.

O Padre Duarte pedio tambem, e lhe foi concedido, recolher-se immediatamente para bordo de algum dos navios de guerra brazileiros, onde no dizer delle, se considerava mais seguro contra a inimizade e odio que lhe tributavam os proprios Paraguayos.

Os soldados foram todos desarmados e em numero de 5.131, além de 59 Officiaes, formados a dois de fundo e em columna cerrada marcharam pelo meio de todo o Exercito alliado e foram se alojar distribuidos em grupos, ao pé do acampamento alliado.

A presa de guerra consistio em 540 espadas, 850 lanças, 34 clavinas, 110 pistolas, 3.690 espingardas de adarme 17, 3.700 cinturões com patronas, 231.000 cartuchos embalados, 19 carretas, 1 carretilha e diversos outros objectos, além de 6 bandeiras e 5 peças de artilharia: tudo o mais estava imprestavel.

No dia 19 o Imperador fez publicar a seguinte proclamação :

« Soldados! O territorio desta Provincia acha-se livre, graças á simples attitude das forças brazileiras

e alliadas. Os inimigos renderam-se; mas não está terminada a nossa tarefa.

« A honra e a dignidade nacional não foram de todo vingadas; parte da Provincia de Matto-Grosso e do territorio da Republica Argentina, jazem ainda em poder do nosso inimigo.

« Ávante, pois, que a Divina Providencia e a justiça da causa que defendemos coroarão nossos esforços.

« Uruguayana, 19 de Setembro de 1865.—D. Pedro II Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil. — *Angelo Muniz da Silva Ferraz.* »

O Almirante Tamandaré no seguinte dia á rendição de Uruguayana, fez publicar a presente Ordem do dia:

« Coube-me hoje a satisfação de felicitar a força sob meu commando, pelo brilhante triumpho alcançado hontem pelas armas brazileiras, tendo á sua frente Sua Magestade o Imperador, com a coadujavação dos valentes Exercitos alliados, commandados pelos seus respectivos Generaes em chefe, contra a força paraguaya que invadio e assolára a fronteira desta Provincia, desde S. Borja até esta villa, onde se havia fortificado e preparava-se para resistir.

« A 4.ª Divisão da Esquadra sob o meu commando coube a operação do sitio da villa pelo lado do rio, e a ella se deve o mallogrado plano de atravessar o Uruguay, a que o inimigo na situação critica em que se achava, pretendeu arrojar-se.

« E se a simples ostentação de nossas forças não fosse sufficiente para fazer o inimigo depôr as armas, estou convencido que as disposições enthusiasticas da

4.ª Divisão da Esquadra, que tenho a honra de commandar, teriam produzido feitos dignos das glorias immorredouras de Paysandú e Riachuelo, ganhas com o valor da briosa corporação da Armada Nacional e Imperial.

« Cumpre-me commemorar cheio de desvanecimento a elevada honra que Sua Alteza o Sr. Duque de Saxe fez a esta Divisão da Esquadra embarcando-se neste vapor, onde tremulou sua insignia, para tomar parte no ataque, se por ventura o inimigo não aceitasse a intimação que lhe foi dirigida e pela qual rendeu-se sem derramar-se uma só gota de sangue: o que constitue a mais condigna e esplendida victoria da civilisação contra a barbaria,

« O dia memoravel em que se vio o Chefe do Estado ao lado do ultimo soldado, quando se tratava da defesa da honra nacional e da integridade do Imperio, espera que será para a força sob meu commando, o estimulo mais ardente e o exemplo mais edificante dos sacrificios e da abnegação, que a nação tem o direito de exigir daquelles á quem está confiada a manutenção de sua dignidade. »

Depois da rendição de Uruguayana, não sendo alli precisa mais a presença da tantos navios de guerra, retiraram-se alguns delles para Buenos-Ayres, e d'alli foram se reunir á Esquadra que se achava fundeada em Corrientes, onde chegaram a 21 de Fevereiro de 1866. O navios que ficaram em Uruguayana commandados pelo distincto e valente Capitão de Fragata Victorio de Lomba, tiveram ainda occasião de prestrar os melhores serviços no transporte das forças que naquelle ponto se haviam aglomerado.

XIII

SUMMARIO

Retirada dos Paraguayos da Provincia de Corrientes. — Marcha dos Exercitos alliados que se achavam em Concordia e em Uruguayana. — Entrada de General Caceres em Corrientes. — Reunião de um 2.º Corpo de exercito brazileiro em S. Borja. — Ataque aos Argentinos nas margens de Corrientes em frente a Itapicurú. — Chegada do Almirante Tamandaré a Corrientes. — Conferencias dos Generaes alliados. — Sondagem do rio. — Reconhecimentos diversos pelos navios da Esquadra.

A rendição das forças paraguayas de Estigarribia em Uruguayana e a batalha naval do Riachuelo, fizeram conhecer ao Dictador Lopez qual a importancia das forças contra elle reunidas em consequencia do seu violento e apaixonado proceder.

O feito audaz de Paunero contra a cidade de Corrientes e a derrota da Divisão do Major Duarte no Yatahy, mais o convenceram de sua difficil posição. Formulou portanto um novo plano, todo de defensiva, e ordenou a retirada de todas as tropas existentes em Corrientes.

Tres dias depois de chegar a Humaytá a noticia da rendição de Uruguayana mandou-se ordem ás tropas estacionadas em Corrientes e no territorio das

Missões para se concentrarem em frente ao Passo da Patria e em Itapua, afim de serem transportadas para o Paraguay.

O General Resquin em primeiro lugar chamou a si as tropas avançadas e depois estendeu todo o Corpo de Exercito paraguayo pelo centro da Provincia de Corrientes, desde o Paraná ao Oéste até á laguna Iberá á Léste. Principiou então a retirada talando e devastando tudo quanto encontrava e mandando tocar para o Passo da Patria cerca de 100 mil cabeças de gado. A artilharia embarcou em Las Cuevas e subio o Paraná até Itapirú em dois pequenos Vapores e varias balsas por elles rebocadas.

Os Exercitos alliados então em marcha da Concordia e de Uruguayana, não podiam ainda operar contra estas forças, e a Esquadra tambem nada podia impedir, porque além de se achar no Rincon del Soto, onde não se avistavam Las Cuevas, onde os navios paraguayos receberam a artilharia, como mesmo não havia agua para poderem subir, visto o rio ter baixado muito.

Os Paraguayos atravessaram no Passo da Patria, porém podiam tel-o feito em qualquer outro ponto mais acima, sem serem incommodados, ainda mesmo que os navios brazileiros tivessem podido subir e obstar a passagem no Passo da Patria.

Só o General argentino Caceres com a sua cavallaria é que pôde acompanhar de perto os Paraguayos que se retiravam de Corrientes.

Logo que a retaguarda dos Paraguayos evacuou Corrientes o General Caceres fez entrar na cidade os seus exploradores.

Tinham ficado nas mattas emboscados uns 3.000

Paraguayos com 6 bocas de fogo, ao mando do Coronel Dias os quaes foram perseguidos pelas forças de Caceres, e puderam escapar-se na noite de 2 de Novembro, antes de terem chegado os navios brazileiros commandados pelo Capitão de Mar e Guerra Torres Alvim, que vinham com o fim de obstar a passagem que elles anteciparam.

No dia 12 de Novembro o General Osorio, com o 1.º Corpo do Exercito brazileiro, atravessou o rio Corrientes abaixo do Passo Nuevo.

Ao atravessarem a Provincia de Corrientes foram os alliados testemunhas dos horriveis estragos e depredações praticados pelos Paraguayos para exhaurirem essa região, Estava a Provincia completamente incapaz de sustentar o Exercito alliado. Até a forragem para os cavallos e bois havia de ser transportada em navios pelo rio Paraná, e por isso foi preciso estabelecer uma activissima navegação para se conseguir abastecimento.

A este mesmo tempo reunia-se tambem um 2.º corpo de Exercito brazileiro em S. Borja, commandado pelo General Barão de Porto Alegre.

O intenso calor que reina naquellas paragens nos mezes de Novembro e Dezembro, e as molestias de máo caracter que reinavam no acampamento, alem da peste que aos centos matava os cavallos e o gado, obrigou a fazer uma pausa ou parada na marcha das forças alliadas, afim de se evitarem maiores calamidades.

Emquanto o Exercito alliado estava acampado e preparava-se para a grande luta, os Paraguayos não se descuidaram de incommodar os Argentinos nas margens de Corrientes, tendo principiado suas agressões

por uma especie de divertimento tomado pelo Dictador Lopez, que então se achava em Itapirú, forte fronteiro, na margem opposta a Corrientes.

Vendo um grupo de Argentinos na margem do rio, mandou sobre elle descarregar uma peça de artilharia ; porem não tendo o tiro acertado nos Argentinos e escarnecendo estes, por acenos e gesticulações, o proceder de Lopez, este muito se encommodou com os ditos Argentinos e os fez perseguir por uma grande força embarcada em 4 canôas, que ao chegar á terra e atirando-se sobre os Argentinos em fugida, mataram logo uns dois e feriram outros.

Este episodio muito divertira ao Dictador Lopez, que o fez repetir no segninte dia, e durante mais tres, matando com esse divertimento alguns Argentinos.

No dia 30 porém o divertimento sahio caro aos Paraguayos. A vanguarda do Exercito argentino commandada pelo General Hornos tinha-se aproximado, e quando os Paraguayos em numero superior a 400, desembarcaram em Corrales, e em seu devertimento diario perseguiam os Argentinos, cahio sobre elles com uma força de cavallaria e os fez internar e pernoitar em uma matta proxima onde receberam um reforço de cerca de 600 homens que Lopez mandára para os defender e conseguirem assim reembarcar para Itapirú.

As forças do General Hornos reunida a uma Divisão de infantaria argentina, chegada nesse dia, commandada pelo Coronel Conessa, pozeram-se de emboscada em uma matta fronteira áquella em que se achavam escondidos os Paraguayos ; e quando estes sahiram do esconderijo, cahiram-lhe em cima, travando-se uma sangrenta luta, que durou mais de 5 horas.

Aproximando-se a noite a força argentina retirou-se da luta e acampou perto. Os Paraguayos, protegidos então por mais um reforço, enviado de Itapirú, aproveitaram a escuridão da noite e reembarcaram-se para Itapirú, deixando no lugar onde se deu a acção mais de 200 cadaveres. A perda da força argentina foi immensa : tiveram entre mortos e feridos perto de 500 pessoas, e nesse numero alguns Officiaes.

Depois deste combate o General Mitre, entendendo que elles eram muito damnosos aos alliados e pouca ou nenhuma vantagem se tirava com elles, visto a facilidade com que os Paraguayos reembarcavam e fugiam, ordenou que fossem evitados o mais possivel, emquanto os navios de guerra brazileiros não podessem navegar todo o rio, e perseguir os Paraguayos em suas sortidas de Itapirú e outros pontos.

Foi devido a esta ordem de Mitre que o Coronel Gregorio que se achava commandando uma pequena força argentina em Itaty, pequena aldeia acima do Passo da Patria, abandonou a dita aldeia, e os Paraguayos deram nella um desembarque e incendiaram todos os ranchos, levando alguns bois e cavallos que encontraram nas immediações da dita aldeia, no dia 19 de Janeiro de 1866.

Tendo chegado a Corrientes o Almirante Tamandaré deu-se começo ás conferencias sobre a marcha que devia seguir o Exercito alliado, e o lugar por onde se devia passar para o lado paraguayo: effectuou-se tambem o necessario estudo e sondagem do rio, visto serem aquelles lugares desconhecidos aos Brazileiros.

Nos estudos e sondagens do rio, e mesmo em diversos reconhecimentos do alto Paraná, onde tinham de

desenvolver-se as grandes operações da guerra, empregou-se a 3.ª Divisão commandada pelo Capitão de Mar e Guerra Francisco Cordeiro Torres e Alvim, resultando em um desses reconhecimentos encalhar o encouraçado *Tamandaré*. e a canhoneira *Araguary*, que com difficuldade e a muito trabalhar dos vapores *Beberibe*, *Henrique Martins* e *Mearim*, se poderam desencalhar sem soffrerem avarias.

XIV

SUMMARIO

Navios de guerra brazileiros que se achavam em Corrientes.— Marcha dos navios de guerra.— Reconhecimento feito pelos Generaes alliados, Almirante Tamandaré e Ministro Octaviano, e escolha do lugar de desembarque para os Exercitos alliados.— Combate das Chatas.— Reconhecimento á Ilha da Redempção.— Ocupação da Ilha da Redempção, por forças brazileiras.— Assalto dos Paraguayos á Ilha da Redempção.— Combate da Ilha, e morte do Commandante Willagran Cabrita.

Achavam-se em Corrientes esperando ordens para seguir ao grande theatro das operações da guerra os seguintes navios: Encouraçado *Brazil*, commandado por Victor Subra; *Bahia*, Commandante Rodrigues da Costa; *Tamandaré*, Commandante Mariz e Barros; *Barroso* Commandante Salgado; Canhoneiras *Parnahyba*, Commandante Abreu; *Belmonte*, Commandante Piquet, *Beberibe*, Commandante Delfim Carvalho; *Araguary*, Commandante Hoonholtz; *Itajahy*, Commandante Carneiro da Rocha; *Magé*, Commandante Mamede Simões; *Ivahy*, Commandante Pereira dos Santos; *Mearim*, Commandante Elisiario Barboza; *Araguahy*, Commandante Fernandes Pinheiro; *Iguatemy*, Commandante Alves Nogueira;

Ypiranga, Commandante Francisco José de Freitas; *Greenhalgh*, Commandante Netto de Mendonça; *Henrique Martins*, Commandante Jeronymo Gonsalves; Avisos, *Chuy*, Commandante Marques Guimarães; *Onze de Junho*, Commandante Cortez; *Lyndoia*, Commandante Antonio Joaquim; *Voluntario* e *General Osorio*, Commandados por Pilotos; transportes *Apa*, Commandante Garção; *Marcilio Dias*, Commandante José Alvim; *Izabel*, Commandante Faria; *Princeza de Joinville*, Commandante Collatino; e o Patacho *Iguassú*, commandado pelo Tenente Cunha Couto.

Todos estes navios montavam 106 bocas de fogo, e eram guarnecidos por 3.510 praças.

No *Barroso* achava-se a insignia do Commandante da 2.ª Divisão Capitão de Mar e Guerra José Maria Rodrigues, no *Beberibe*, a insignia do Commandante da 3.ª Divisão Capitão de Mar e Guerra Torres Alvim, e no *Apa* a insignia do Almirante Tamandaré, que depois esteve tambem içada no *Ypiranga*.

Esta força acompanhada de diversos transportes fretados, seguio de Corrientes no dia 17 de Março de 1866 as 8 horas da manhã, e fundeou ás 4 da tarde em frente ao porto de Santa Anna: seguio depois no dia 21 e fundeou em linha, desde Corrales até as Tres Bocas.

Em Corrales, em frente ao Itapirú ficou o Apa, a bordo do qual estava o Almirante Tamandaré, e na cauda da linha, nas Tres Bocas, o encouraçado *Barroso*, com o Commandante da 2.ª Divisão.

O Commandante da 3.ª Divisão, Capitão de Mar e Guerra Alvim, acompanhado do encouraçado *Tamandaré*, e das Canhoneiras *Araguary* e *Henrique Martins*, seguiram a sondar o rio, desde a ponte do Toledo até acima do Passo da Patria.

Na *Araguary* ia uma Commissão composta dos 1.os Tenentes Silveira da Motta, Hoonholtz, e Cunha Couto para levantamento de cartas e mais trabalhos hydrographicos.

No dia 22 de Março achando-se reunidos a bordo do *Apa* os Generaes Mitre, Osorio e Flôres, e o Ministro brazileiro Conselheiro Francisco Octaviano, passaram-se para bordo do *Cysne* e em companhia do Almirante Tamandaré foram observar o rio e o lugar de desembarque que em conselho haviam escolhido, e voltaram as 4 horas da tarde. Foram em protecção do *Cysne* o encouraçado *Tamandaré* e as canhoneiras *Beberibe* e *Henrique Martins*.

Nos dias 23, 24 e 25 de Março, uma Chata ou bateria fluctuante do inimigo, armada de uma peça de 68, e protegida pelas muralhas do forte de Itapirú, apresentou-se a hostilisar a Esquadra dirigindo os seus fogos de preferencia ao Vapor *Apa*.

O Almirante ordenou immediatamente ao Capitão de Mar e Guerra Alvim que com os Vapores *Tamandaré* e *Henrique Martins* se aproximasse da Chata inimiga e a batesse ou tomasse.

A guarnição da Chata vendo aproximar-se os Vapores atirou-se a agua e fugio. Foram então alguns escaleres dos Vapores tomal-a a reboque, porem o fogo das baterias do forte e a fuzilaria era tal que impossivel se tornou a commissão, para se não sacrificar as guarnições dos ditos escaleres.

Tentou-se uma segunda investida contra a Chata, dirigida pelo intrepido 1.º Tenente Mariz e Barros, porem ainda desta vez infructiferamente. Resolveu então o Almirante mandar retirar os navios e não sacrificar as suas guarnições, e encarregou dessa missão o 1.º

Tenente Arthur Silveira da Motta, no pequeno Vapor *Lindoya*, que a executou brilhantemente, apesar do nutrido fogo dos inimigos, a que elle não deixou de responder com as duas peças de calibre 6 que tinha a bordo.

No dia 26 a mesma Chata conseguio acertar tres balas no navio Almirante, porém os encouraçados *Brazil*, *Barroso*, *Bahia* e *Tamandaré* a fizeram não só calar, como voar em pedaços, devido á explosão que uma bomba certeira causou na polvora que ella continha.

Apesar deste resultado, no dia 20 uma outra Chata veio de novo hostilisar os navios da Esquadra, collocando-se então por detraz das pedras da ponta do Itapirú. Desta vez porém duas das suas balas causaram horrivel mal á guarnição do encouraçado *Tamandaré* quando della se aproximava. Essas balas penetrando na casamata do dito encouraçado puzeram fóra de combate 34 praças e entre ellas o distincto e bravo 1.º Tenente Antonio Carlos de Mariz e Barros, que commandava o dito encouraçado, e os não menos bravos 1os Tenentes Francisco Antonio Vassimon e José Ignacio da Silveira, o Commissario Carlos Accioli de Vasconcellos e o Escrivão Augusto Andrade Alpoim.

O commando do encouraçado foi assumido pelo Tenente Dionisio Manhães Barreto, que embora tivesse tambem sido ferido nesse grande tiroteio, não quiz abandonar o seu posto, e o mesmo se deu com o Guarda-marinha José Victor de Lamare. Só depois do combate se entregaram ás mãos do medico. O Commandante Mariz e Barros foi ferido por um estilhaço de bala, o qual separou-lhe a perna esquerda da coxa pela articulação. Apezar da amputação da coxa no

quarto inferior pelo methodo circular, falleceu á 1 hora da manhã do dia 28.

Continuaram ainda por alguns dias o apparecimento de Chatas, sendo sempre batidas pelos encouraçados. Infelizmente houveram sempre feridos ou mortos durante os tiroteios com as ditas Chatas. Foram gravemente feridos nesses combates o 1.° Tenente Luiz Barbalho Muniz Fiusa, do encouraçado *Barroso*, e levemente o Capitão de Mar e Guerra Alvim, o 1.° Tenente Foster Vidal e o 2.° Tenente Saturnino Vieira de Carvalho.

Uma das taes Chatas pretendendo passar para o Passo da Patria, sendo presentida pelo navio testa de columna Vapor *Magé*, o Commandante deste Vapor, Capitão-Tenente Mamede Simões mandou immediatamente os seus escaleres e as Canhoneiras *Araguay*, *Mearim* e *Ivahy* perseguir a dita Chata e tomal-a; o que na realidade se deu, tendo a guarnição se atirado ao rio e fugido.

Durante os tiroteios conhecidos por *Combate das Chatas*, os Brazileiros perderam 20 praças mortas, e tiveram 39 praças feridas mais ou menos gravemente.

A Esquadra, como já o dissemos, estava fundeada desde Corrales até á confluencia do Paraguay, no Paraná. Perto de Corrales estava o forte de Itapirú bem guarnecido e de difficil assalto. A margem do rio á direita do forte é toda alagadiça e coberta de matto, e a uma legua de extensão pouco mais ou menos, existe uma ilha chamada Sant'Anna. Entre esta ilha e o forte ha um pequeno ilhote de pedras, e em frente de ambas ha outra ilha pequena quasi toda de areia e em parte coberta de fraca vegetação. O canal entre a ilha de Santa Anna e o Passo

da Patria estava todo obstruido pela submersão de navios carregados de pedra. Havia somente uma pequena e estreita passagem onde estava o Vapor de guerra paraguayo *Gualeguahy* com algumas Chatas.

Quando se dava o combate das Chatas, o General em Chefe do Exercito alliado, mandou que em Corrales, na margem esquerda do Paraná se estabelecesse uma bateria de peças raiadas de 12, e morteiros de 10 polegadas, sob a direcção do Tenente-Coronel de Engenheiros Jose Carlos de Carvalho. E á meia-noite do dia 29 de Março, mandou que o dito Tenente-Coronel Carvalho acompanhado de outros engenheiros e 100 praças de infantaria, fossem desembarcar e explorar uma ilha que, com o nome de Redempção, existia em frente a Itapirú.

Examinada exteriormente a dita ilha, entendeu o General em Chefe, que devia mandal-a occupar, e que isso era de necessidade estrategica. Ordenou immediatamente que para alli seguissem 1.000 homens ao mando do Tenente-Coronel Willagran Cabrita.

E na noite de 5 para 6 de Abril seguio a força commandada por Willagran Cabrita, composta de 452 praças do 7.º de voluntarios (de S. Paulo) commandadas pelo Tenente-Coronel Pinto Pacca, 400 praças do 14.º de infantaria de linha provisoria, em sua maior parte guardas nacionaes da Côrte. commandados pelo Major Martini. e 100 praças do batalhão de Engenheiros ao mando do Capitão Amorim Bezerra, 4 peças de La White calibre 12, e 4 morteiros, dirigidos estes pelo Capitão Tiburcio de Souza, e aquelles pelo Capitão Moura, ambos do 1.º batalhão de artilharia a pé, do Rio de Janeiro.

As primeiras praças que desembarcaram na ilha e tomaram posse ás 7 1/2 horas da noite foram as

do 7.º de voluntarios commandadas pelo distincto Pinto Pacca, divididas em 3 grandes secções ou divisões e em tres pontos diversos da dita ilha que até então se suppunha occupada pelos Paraguayos, porém que o não estava; ás 11 1/2 da noite chegou á ilha o restante das forças.

Desembarcada a força, o chefe da Commissão de engenheiros André Rebouças e Senna Madureira, trataram logo de formar duas baterias nos sitios designados por Willagran Cabrita, dando frente ao forte de Itapirú e á costa Paraguaya que se estende á esquerda do dito forte.

Formaram-se tambem algumas trincheiras provisorias para resguardar a infantaria. De protecção a essa gente que acabava de occupar a ilha da Redempção ficaram os Encouraçados *Bahia* e *Tamandaré*, e as Canhoneiras *Henrique Martins*, *Greenhalgh* e *Chuy*, commandadas estas pelos distinctos 1.os Tenentes Jeronimo Gonsalves, José Marques Guimarães, e Manoel de Araujo Cortêz.

Ao romper do dia 6 de Abril o Tenente-Coronel Cabrita firmou a bandeira braziléira na ilha paraguaya, rompendo em seguida contra o Itapirú o fogo dos canhões e morteiros assestados na parte mais elevada da ilha, sendo esse fogo secundado pelo fogo dos encouraçados *Bahia*, e *Tamandaré*, e Canhoneira *Mearim*, commandados nessa occasião pelo Capitão de Fragata Rodrigues da Costa o primeiro, o segundo pelo 1.º Tenente Elisiario Barbosa, e o terceiro pelo 1.º Tenente Miranda.

O forte e uma Chata, não se fizeram esperar na resposta, e o bombardeio continuou quasi sem interrupção, por parte dos Brazileiros até o dia 9 de Abril, e por tres vezes os Paraguayos tiveram de substituir

o páo da bandeira do forte, derribado por tiros dos encouraçados.

No dia 9 foram mudados dois dos navios que protegiam a ilha, o *Bahia* e a *Mearim*, e no seu lugar ficaram o *Itajahy* commandado por Carneiro da Rocha e *Belmonte* por Luiz Piquet.

Durante o bombardeio os Paraguayos fizeram collocar ao lado do forte de Itapirú, mais algumas peças de artilharia e com ellas procuravam activar o seu tiroteio, que por vezes pareceu querer affrouxar.

Na noite do dia 9, os Paraguayos em numero de 1.200 praças commandadas pela Coronel Dias, sahindo de Itapirú e suas immediações embarcadas em grande numero de canôas, investiram a ilha da Redempção, suppondo que a taes horas sorprendiam as forças brazileiras com facilidade, e retomariam a ilha; e conseguiram desembarcar na dita ilha.

O Coronel Dr. Pinheiro Guimarães, Commandante do 4.º de Voluntarios, testemunha occular, descreveu este grande feito pela seguinte fórma:

« Alguns vedetas são mortos, antes talvez de terem despertado; outros lutam a ferro frio, alguns buscam as trincheiras. O rumor, um tiro agora, outro depois, acordam a guarnição que dorme ao lado das armas ensarilhadas.

« Alguns dos assaltantes já estão no fosso; outros já galgam as trincheiras, e um immenso grito de triumpho — Viva os Paraguayos! seguido de feroz vozeria, atrôa os ares.

« Mas uma fita de fogo rolou a crista das trincheiras: a valente guarnição estava a postos, e acolhia o inimigo com uma descarga cerrada.

« A essa descarga succedeu um fogo por filas, admiravelmente sustentado; não se diria que por detraz daquelles parapeitos estavam recrutas, que pela primeira vez entravam em combate e que haviam despertado quasi sentindo o ferro do inimigo.

« Tanta segurança, serenidade e precisão revelava aquelle fogo que parecia executado por tropas veteranas e adestradas.

« Felizmente foi sobre a tricheira da direita, pela frente della, que convergiram os esforços dos Paraguayos, quer porque a margem não lhes tivesse deixado ver quanto era facil penetrar pelo centro, pela extrema direita e sobre tudo pela extrema esquerda, contornando a fortificação: quer porque não se podessem guiar bem na escuridão da noite.

« Comprehendendo os lados fracos de sua posição, Cabrita, sempre sereno, apenas foi sentido o inimigo, mandou o valente Capitão Tiburcio de Souza defender o espaço aberto da extrema esquerda, confiou o centro ao intrepido Tenente Eudoro de Carvalho, e dirigio-se para a direita onde se batiam encarnecidamente o 7.° de voluntarios e o 14.° de infantaria, dirigidos por seus distinctos chefes.

« Repellidos das trincheiras os audazes Paraguayos, que no primeiro impeto as iam galgando, debalde insistem os outros, pretendendo romper por aquella chuva de balas que os dizima.

« Foi reforçada a primeira com a segunda columna inimiga: sobra-lhes valor e disciplina: mas os grupos que formam cambaleam sob a fuzilaria e alguns tiros de metralha, que sobre elle fez disparar o bravo Capitão Moura.

« Não tardam a rarear-se: cahem os homens como

espigas ceifadas por destros lavradores. Porem não fogem, os bravos; deitam-se na macega e mesmo deitados fazem fogo sobre as trincheiras: não mais esperando tomal-as querem ao menos vender caro as vidas.

« Aos primeiros tiros disparados na ilha, acordaram os Exercitos alliados. A feroz cuquiada paraguaya echoou dolorosamente aos ouvidos dos Officiaes e soldados; eram gritos de sinistra alegria, como devem soltar canibáes prestres a devorar em seu horrido festim as carnes ainda quentes do inimigo vencido.

« Os batalhões formaram-se immediatamente, sem saberem no primeirô momento onde era o combate; mas a direcção d'onde vinham os tiros e a voseria demonstrou logo que a luta se travara na ilha.

« Pouco a pouco a margem esquerda do rio ficou coberta de espectadores. O mesmo certamente aconteceu na direita; e assim quatro Exercitos, debruçados sobre o largo Paraná, assistiam, testemunhas offegantes, a esse ingente duello, que tinha por theatro um banco de areia, erguido alguns palmos sobre o nivel das aguas. Solemne partida jogada de um lado pela civilisação e a liberdade, servidas pela dedicação; do outro pela tyrannia e a ignorancia, apoiada na mais completa obediencia de que o mundo tem memoria!

« Dentre os alliados, como de razão os mais anciosos eram os Brazileiros; pois Brazileiros eram os que naquelle momento se batiam pela honra da alliança.

« Um batalhão de infantaria dormia todas as noites na margem do Paraná para ser transportado á ilha, caso a guarnição desta carecesse de soccorros, nessa noite coubera ao 12.º esse serviço.

« Osorio cuja impaciencia era extrema, quiz fazel-o partir: era impossivel; suas ordens a esse respeito não

haviam sido cumpridas; o batalhão estava prompto, mas seis canôas sem remos não podiam transportal-o.

« Como batiam fortes todos os corações; como o olhar se aguçava debalde, para descortinar os incidentes da luta!

« O que se percebia era que se valente era o ataque, valente tambem era a defesa. Ardia em fogo a ilha: a fuzilaria incessante illuminava-a de mil relampagos a um tempo. Ouvia-se sempre a gritaria dos Paraguayos, mas respondia-lhes as nossas cornetas tocando sem cessar a fogo.

« Ninguem podia prever os resultados do combate, tão bem ferido parecia elle por um e outro lado. Os espectadores quasi não respiravam; a anciedade tinha chegado ao seu auge.

« De subito um raio de sol rompendo as trevas da noite e as brumas da manhã, que cercavam a ilha, bateu em cheio sobre a parte superior da haste da bandeira; um brado unisono sahio de todos os peitos: lá estava flamejante o pavilhão auriverde, altivamente desfraldada ás brisas da madrugada!

« A luz desceu depressa e veio illuminar a ilha. Soou o hymno nacional, e todos viram distinctamente a guarnição saltar por cima das trincheiras e carregar á bayoneta os Paraguayos, que fugiam espavoridos. A victoria era certa — Gloria — á guarnição da ilha! gloria aos paladinos da patria, da liberdade e da civilisação!

« Mas o dia 10 de Abril que surgia cheio de fulgôres, devia ainda marcar a data de outros novos feitos.

« O *Henrique Martins*, pequena canhoneira de madeira, fazia parte da vanguarda da esquadra brazileira, seu Commandante o 1.º Tenente Jeronimo Francisco

Gonsalves; vendo a ilha atacada, mandou tocar a postos, fez acender as caldeiras e dirigio-se ao Commandante da vanguarda para participar-lhe que a ilha fôra assaltada e pedir ordem para soccorrel-a. Sem ouvir as ponderações que lhe eram feitas, relativas ás necessidades de intervenção superior, tomou a responsabilidade sobre si e seguido do *Greenhalgh*, commandado pelo 1.º Tenente Marques Guimarães, a todo o vapor caminhou para a ilha, chegando a tempo de metralhar pelo flanco os Paraguayos, já completamente desbaratados,

« A terceira columna paraguaya, chegada mais tarde do que as outras, não tinha desembarcado toda, ou teve tempo de desembarcar-se em parte, apesar do Tenente-Coronel Cabrita ter mandado, quando a derrota se pronunciou, cortar com machadinhas os cabos qne prendiam as canôas á ilha.

O canal entre a ilha e o Itapirú, por onde se escapavam os paraguayos fugitivos era completamente desconhecido estava defendido por canhões de 68. O Commandante do *Henrique Martins* não hesita ; enfia por elle, e lança a canhoneira sobre a flotilha de canôas paraguayas, com a prôa mete umas a pique ; com as rodas levanta outras e as emborca, emquanto a marinhagem de rewolver e carabina em punho, lhes mata os tripolantes, que procuram fugir a nado.

« Os canhões paraguayos atiram com verdadeiro frenesi sobre a audaz Canhoneira que lhes passa a tiro de pistola. A Canhoneira respondeu-lhes metralhando os que da margem lhes fazem fogo. Percorre lentamente o canal, limpa-o de inimigos e surge ávante de outro lado da ilha. Estava consummada a victoria. Então o bravo Gonsalves aproou para o navio chefe

da Esquadra brazileira. Chegando á falla participou ao Almirante Tamandaré que os Paraguayos haviam sido completamente esmagados, e pedia-lhe licença para encalhar, pois a sua Canhoneira, tendo sido atravessada de lado a lado por balas de 68, tinha os quarteis de proa e pôpa innundados, e estava prestes a sossobrar. Felizmente ainda em tempo encalhou; mais minutos de demora a *Henrique Martins* se afundaria nas aguas em que se cobrira de gloria.

« Dos 1.200 homens que atacaram a ilha rarissimos de certo conseguiram voltar ao Exercito donde haviam partido cheios de confiança; 640 cadaveres de Paraguayos alastravam a ilha. Canôas cheias de mortos foram apanhadas pela Esquadra, bem como alguns nadadores feridos ou não, que vendo-se cortados pela *Henrique Martins*, dirigiram-se para os navios brazileiros.

« Na ilha cahiram prisioneiros 62 Paraguayos, dos quaes só 36 não estavam feridos: entre estes figurava o Major Romero Commandante da primeira columna de ataque.

« Oitocentas espingardas, grande numero de pistolas e sabres de cavallaria, pertencentes aos Paraguayos, foram apanhados no theatro da acção : 30 canôas ficaram em poder da guarnição da ilha.

« A briosa guarnição da ilha teve 149 homens fóra de combate, 49 mortos e 100 feridos.

« Terminado o combate, Cabrita recolheu-se a uma Chata que estava á sombra da ilha e que servia de deposito: ia tomar uma refeição e escrever a sua parte.

« Estavão com elle o Alferes Wolf, o Tenente Carneiro da Cunha e o Capitão Sampaio, seu amigo, *que*

de terra o fôra felicitar. Os Paraguayos, enfurecidos pela derrota, bombardeavam a ilha com furia desusada. O rio tinha enchido, a Chata se elevava com as aguas e mais exposta ficara. Uma bomba lançada de Itapirú, dirigida pela mão certeira da fatalidade, arrebenta entre Carneiro da Cunha, Sampaio, Wollf e Cabrita, que como Nelson, sucumbe gloriosamente findo o combate, na hora do triumpho, baptisando com o seu sangue o desconhecido barco por seu valor illustrado. Carneiro da Cunha e Wolf são gravemente feridos: Sampaio cahe redondamente morto..... »

XV

SUMMARIO

Marcha dos Exercitos alliados. — Proclamação do General Osorio. — Chegada do Exercito brazileiro ao Passo da Patria. — Primeiro encontro do General Osorio com as forças paraguayas. — Acampamento do 1.º Corpo de Exercito em frente á lagôa Sirena. — Primeira investida dos Paraguayos contra as forças do General Osorio em 17 de Abril de 1866. — Occupação do forte Itapirú pelos Exercitos alliados. — Marcha dos alliados de Itapirú contra o acampamento paraguayo no Passo da Patria.

Os Exercitos alliados estavam promptos a seguir o territorio paraguayo. O lugar para desembarque estava assentado em Conselho dos Generaes, e, pois, deu-se ordem de preparar para marchar. Os Exercitos alliados iam pisar essas terras inhospitas do Paraguay, atravessar lagôas e banhados, porém satisfeitos e debaixo de vivas enthusiasticos receberam a ordem e puzeram-se em movimento.

No dia 15, achando-se formado o 1.º Corpo de Exercito brazileiro, o seu Commandante em Chefe o General Manoel Luiz Osorio dirigio-lhes a seguinte proclamação :

« Soldados do Exercito Imperial! A margem do rio que tendes á vista é o termo das nossas fadigas e dos sacrificios da nação brazileira.

« Chegou a hora da expiação para esse inimigo cruel, que devastou nossos campos indefesos e commetteu tantos actos de ferocidade contra populações inermes.

« O ingrato, a quem o Brazil encheu de beneficios, verá agora que não nos impunha pela importancia dos seus recursos: já, e muito tarde vai conhecer que a politica generosa do Governo Imperial em relação ao Paraguay era inspirada pela magnanimidade dos seus principios e pela nobreza do caracter dos Brazileiros.

« Soldados e Compatriotas! Tenho presenciado a vossa serenidade no meio das privações, a vossa constancia nos soffrimentos. Tendes dado o mais bello exemplo de dedicação á patria a cujo chamado acudistes enthusiasmaticamente, vindo dos mais longiquos pontos de todas as Provincias do Imperio a reunir-vos aqui em torno do pavilhão nacional. Aproveito este momento solemne para agradecer-vos em nome de Sua Magestade o Imperador.

« Soldados, é facil a missão de commandar homens livres: basta mostrar-lhes o caminho do dever. O nosso caminho está alli em frente.

« Não tenho necessidade de recordar-vos que o inimigo vencido e o paraguayo desarmado ou pacifico, devem ser sagrados para um Exercito composto de homens do honra e de coração. Ainda uma vez mostremos ao mundo que as legiões brazileiras no Prata só combatem o despotismo e fraternizam com os povos.

« Ávante, soldados! Viva o Brazil! Viva o Imperador! Vivam os Exercitos alliados! »

Ás 11 horas da noite do dia 15 achava-se embarcada

com a melhor ordem a primeira expedição commandada pelo General em Chefe Marechal Osorio, a bordo dos Transportes e Chatas seguintes: *Galgo*, *Viper*, *White Inch*, *Suzan Bern*, *Marcilio Dias*. *Riachuelo*, *Presidente*, *Duque de Saxe* e *Beberibe*; Chatas *Rio-Grandense*, *Monitor*, *Cearense*, e os Avisos *Voluntario da Patria e General Osorio*.

Todos esses navios estavam as ordens do Capitão de Mar e Guerra Alvim, encarregado do embarque e desembarque das tropas.

Esta 1.ª expedição compunha-se da 1.ª e 3.ª Divisão de Exercito brazileiro commandados pelos Brigadeiros Alexandre Gomes de Argollo Ferrão, e Antonio de Sampaio; do Marechal de Campo Osorio, com 6 Ajudantes de Campo, do Brigadeiro Jacintho Pinto de Araujo Corrêa, Chefe do Estado Maior, o pessoal de Corpo de saude com seus ajudantes e serventes; o pessoal da repartição ecclesiastica; o piquete do General em Chefe commandado pelo Tenente Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz, dos atiradores a cavallo do 1.º corpo da Brigada ligeira, commandados pelo Capitão Luiz Costa; dos Sapadores commandados pelo Tenente-Coronel de engenheiros José Carlos de Carvalho, e do 1.º regimento de artilharia a cavallo, commandado pelo Tenente-Coronel Emilio Luiz Mallet: ao todo 9.465 homens e 8 bocas de fogo.

A Divisão Argollo compunha-se de duas brigadas (7.ª e 10.ª) com 8 batalhões e 2 companhias avulsas a saber: 7.ª Brigada Commandante Jacinto Machado de Bittencourt, composta dos seguintes corpos: 1.º batalhão de infantaria de linha, commandado pelo Major Francisco Maria dos Guimarães Peixoto; 13.º batalhão de infantaria de linha commandado pelo Major Augusto

Cesar da Silva; 6.º de voluntarios commandado pelo Major Agnelo de Souza Valente; 9.º de voluntarios, commandado pelo Tenente-Coronel José de Oliveira Bueno; 11.º de voluntarios commandado pelo Major Innocencio Calvalcante d'Albuquerque; e duas companhias de zuavos da Bahia commandadas pelo Major Araujo Silva: 10.ª Brigada commandada pelo Coronel Carlos Resin, composta dos seguintes corpos; 2.º batalhão de infantaria de linha commandado pelo Coronel Salustiano Reis; 2.º de voluntarios commandado pelo Major Manoel Deodoro da Fonseca; 26.º de voluntarios, pelo Major Francisco Frederico Figueira de Mello.*

A Divisão Sampaio compunha-se de 2 Brigadas (5.ª e 8.ª) com 8 batalhões a saber, 5.ª Brigada commandada pelo Coronel André Alves Leite de Oliveira Bello; composta dos batalhões 4.º de infanteria de linha commandado pelo Tenente-Coronel Luiz José Pereira de Carvalho; 6.º de infanteria de linha commandado pelo Tenente-Coronel Antonio da Silva Paranhos; 12.º de linha commandado pelo Tenente-Coronel Domingos José da Costa Pereira; e 4.º de voluntarios commandadado pelo Tenente-Coronel Dr. Francisco Pinheiro Guimarães: e 8.ª brigada commandada pelo coronel D. José Balthasar da Silveira composta do 8.º de linha commandado Tenente-Coronel Francisco de Sousa Camisão; 10.º de voluntarios commandado pelo Tenente-Coronel Joaquim Mauricio Ferreira; 46.º de voluntarios commandado pelo Tenente-Coronel Lourenço de Araujo, e o 16.º de linha commandado pelo Major Souza Fagundes.

Ao romper do dia 16 de Abril de 1866 dezesete navios de guerra brazileiros e duas Chatas, com peças de 68, tomaram posição formando em linha junto á

margem direita do Paraná, desde a confluencia do Paraguay até acima do Itapirú com o fim de varrer as posições inimigas e proteger o desembarque das tropas alliadas.

Ás 7 horas da manha rompeu a Esquadra o seu bombardeio contra o forte Itapirú e matas adjacentes, e os navios onde desde a vespera se achava embarcado o exercito pozeram-se em movimento, cortando perpendicularmente o rio na direcção do Itapirú, e quando chegaram ao canal mais proximo á costa inimiga, no qual se achava a linha de combate da Esquadra, voltaram para Oeste, desceram a toda a força o rio, entraram pela boca do rio Paraguay, guiados pelo vapor de guerra *Beberibe*, onde se achava içada a insignia do chefe Alvim o qual parando um quarto de legua pouco mais ou menos acima da confluencia, principiou ahi a desembarcar a tropa de seu bordo no barranco a que se encostou. Foi nessa occasião que o Tenente-Coronel Dr. Pinheiro Guimarães, commandante do 4.º de voluntarios, querendo ser o primeiro dos brazileiros a pisar o sólo paraguayo no Passo da Patria, de um pulo ganhou a barranca debaixo de vivas e aplausos dos demais companheiros e do chefe Alvim, que se achava ao seu lado nessa occasião.

Entraram na mesma occasião no rio Paraguay em protecção ao desambarque do Exercito alliado os Vapores *Magé*, *Ivahy* e *Iguatemy*.

O General Osorio desembarcou logo que o Vapor que o conduzia atracou á barranca, e, *imprudentemente porque era o General em chefe de um Exercito*, de lança em punho e apenas acompanhado dos seus Ajudantes

de Ordens e 12 homens de cavallaria, seguio immediatamente a reconhecer o terreno até então desconhecido por todas as praças do Exercito brazileiro.

O Major Deodoro da Fonseca, vendo a temeridade do General Osorio, fez sem perda de tempo seguir a marche-marcha o seu batalhão, o caminho que Osorio havia tomado; e só duas companhias puderão acompanhar de perto os passos do General.

Quando o General Osorio e a sua comitiva chegaram ao primeiro banhado que crusava o caminho e que só dava passagem em um ponto com agua pelos peitos dos cavallos, surgiram de um desfiladeiro as avançadas do Exercito paraguayo e começaram a atirar sobre o piquete que acompanhava o General. Avançando então as duas companhias do 2.º batalhão que puderam acompanhar o General, travaram com as avançadas paraguayas renhido tiroteio. Aos primeiros tiros ouvidos pelo Major Deodoro, fe-lo apressar a sua marcha e chegar a tempo de sustentar o fogo com os Paraguayos; chegando logo depois mais duas companhias do 2.º de linha e uma do 11.º de voluntarios.

O caminho era tortuoso e de dificil accesso, porém mesmo assim o Major Deodoro mandou carregar á bayoneta calada as posições que o inimigo occupava, e estes quasi sem resistir foram recuando, até que encontraram um grande reforço que sahira de Itapirú, e vinha em sua protecção.

Os Brazileiros não contaram ou por outra, pouco caso fizeram da aproximação das forças paraguayas e continuaram sempre a sua marcha. Felizmente chegaram na occasião algumas companhias de diversos batalhões brazileiros e duas peças de campanha ás

ordens do Tenente-Coronel Mallet, e a toda a brida o General Argollo e seus Ajudantes de Ordens.

Osorio e Argollo puzerão-se na frente da vanguarda brazileira e levaram de corrida os Paraguayos até as mattas que terminam na lagôa Sirena, e tudo isto debaixo de copiosas chuvas.

Havia nesse ponto um soffrivel descampado, onde as tropas brazileiras se resolveram a descançar e a fazer alto, durante aquella noite. Estavam nada menos que 3 quartos de legua distantes do lugar onde haviam desembarcado.

Os Paraguayos deixaram no campo 43 mortos e 6 feridos ; e os Brazileiros tiveram 3 soldados mortos, 1 Tenente e 12 soldados gravemente feridos.

Os Generaes Flôres e Paunero, chegaram nessa mesma noite ao improvisado acampamento da vanguarda brazileira ; e com as forças de seus commandos acamparam tambem junto á força brazileira; durante a noite chegou ao acampamento o resto da força brazileira.

Na madrngada do dia 17 os Paraguayos, em força de 4.000 homens e 2 peças de artilharia, commandados por Bazilio Benitez, vieram atacar as forças brazileiras, commandadas pelo General Osorio, e que mais perto da matta haviam acampado.

O terreno não permittio a Osorio, grandes evolnções, e na acção só se poderiam empregar e manobrar parte das forças: assim se fêz, entrando somente em fogo o 6.° e 14.° de voluntarios, 2.° de linha, 26.° de voluntarios, 4.° 13.° de linha, 8.° de linha e 10.° de voluntarios, e alguns atiradores a cavallo da Brigada ligeira.

Apenas começado o combate o General Osorio,

que o dirigia em pessôa, mandou o Coronel Jacintho Machado com o 1.º e 13.º de linha seguir pela margem do Paraná e atacar o flanco esquerdo dos Paraguayos. Quando o Commandante paraguayo se vio flanqueado e romper o fogo de dentro da matta que borda o Paraná, voltou a sua linha, apresentando a frente ao Coronel Jacintho Machado, e o flanco direito onde tinha suas duas peças ao General Osorio.

Nessa occasião o Coronel D. José da Silveira com o 1.º de voluntarios apoiado pelo 8.º de linha, lançou-se á bayoneta contra o flanco direito do inimigo, travando-se horrivel peleja, e resultando a derrota dos Paraguayos e a tomada das 2 peças e uma de suas bandeiras. Declarada a debandada dos Paraguayos, cahiram-lhe em cimá outros batalhões brazileiros e só os deixaram quando internados nas mattas ou dentro dos banhados e atoleiros.

A mortandade foi horrorosa. Os Paraguayos deixaram no campo do combate mais de 400 homens mortos e uma quantidade de feridos gravemente, Os Brazileiros tiveram mortos os Capitães Julio Cesar Pereira de Carvalho e Luciano Liborio dos Passos e 60 praças de pret, além de uma grande quantidade de feridos.

Nesse mesmo dia os Paraguayos, depois de um horrivel bombardeamento por parte dos navios da Esquadra, evacuaram o forte de Itapirú, deixando-o em verdadeiro montão de ruinas. As forças alliadas tomaram immediatamente conta do forte e nelle hastearam a bandeira brazileira do 6.º batalhão de infantaria commandado pelo Coronel Antonio da Silva Paranhos

No mesmo dia 17 de Abril as Canhoneiras *Henrique Martins* e *Greenhalgh*, penetraram no canal entre a

ilha de Sant'Anna e o acampamento dos Paraguayos, e fizeram nelle a necessaria sondagem e reconhecimento, apesar do vivo fogo que do acampamento lhe fizeram. A' tarde, depois de conhecido e sondado o canal, penetraram nelle os navios da 2.ª Divisão da Esquadra, e rompeu sobre o acampamento inimigo do Passo da Patria, o mais activo bombardeio, que continuou durante todo o dia 18.

Neste dia chegaram a Itapirú o Almirante Tamandaré e o General em Chefe D. Bartholomeu Mitre, e estabeleceram ahi o Quartel General dos alliados. Em seguida foram chegando as fôrças que ainda se achavam do outro lado do rio, e desembarcando junto ás ruinas do forte de Itapirú, onde já fluctuavam as 3 bandeiras alliadas.

Os tres Generaes alliados, acompanhados da Divisão brazileira commandada pelo Brigadeiro Sampaio, e dois batalhões orientaes, e uma bateria de campanha, fizeram nesse dia um reconhecimento ás posições do inimigo no Passo da Patria.

O campo entrincheirado de Lopez era uma especie de peninsula, rodeada de lagôas, riachos, carrizáes e pantanos. Só se podia ir a elle por um caminho estreito e tortuoso, varrido por uma serie de baterias.

O Exercito alliado avançou de Itapirú até ás proximidades do acampamento inimigo, e os engenheiros deram começo ao levantamento de trincheiras e pontes necessarias.

XVI

SUMMARIO

Os Paraguayos evacuam o acampamento do Passo da Patria.— Entrincheiramento dos Paraguayos em Estero Bellaco.— Marcha da Esquadra brazileira até Curupaity.— Acampamento do Exercito alliado em Tuyuty.— Batalha de 24 de Maio de 1866.— A Esquadra brazileira luta com os torpedos e os inutilisa.— Retirada do General Osorio, por doente.— Nomeação do General Polydoro.— Batalhas de 16 e 18 de Julho de 1866.

No dia 23 de Abril quando já promptas as trincheiras e nellas assestadas 7 peças raiadas, e quasi acabadas as pontes em construcção, observou-se que os Paraguayos evacuavam o seu acampamento e lançavam fogo em tudo quanto n'elle existia construido.

Apesar da grande difficuldade com a passagem da lagôa Sirena e Panambi algumas Companhias de soldados brazileiros poderam chegar ao acampamento inimigo, galgar as trincheiras e afugentar os soldados paraguayos que ainda de archote em punho lançavam fogo nos ultimos ranchos e pequenas casas da povoação.

O Exercito alliado pondo-se em movimento e vencendo difficuldades, ganhou o acampamento inimigo do Passo da Patria, tomou delle conta, e mandou de

prompto fazer os necessarios reparos e concertos nas fortificações que alli existiam.

O Dictador Lopez com o seu Exercito ao mando do General Resquin, tinha abandonado o acampamento por causa dos grandes estragos que estava soffrendo pelo bombardeamento dos navios da Esquadra. Acompanhados de mais de mil mulheres foram se entrincheirar em Estero Bellaco e Estero Rojas.

A tomada de Itapirú se deveu em sua sua maior parte aos vapores *Henrique Martins* e *Greenhalgh*, bem como a retirada do Passo da Patria se deve aos Vapores *Barroso*, *Tamandaré*, *Mearim*, *Belmonte*, *Itajahy*, e *Henrique Martins*, commandados pelo Chefe José Maria Rodrigues.

Estes dois feitos custaram á Esquadra 64 homens mortos e 287 feridos.

No dia 25 de Abril o Almirante Tamandaré seguio com o pessoal de seu Estado maior a fazer um reconhecimento do arroio que desagua pouco acima do Passo da Patria, e ahi deparou com o Vapor *Gualeguay* mettido a pique, 600 braças acima da barra do arroio. Verificado que esse vapor se achava em bom estado e podia ainda salvar-se, o Almirante mandou os Vapores *Henrique Martins* e *Lindoya* occuparem-se desse mister, e com esforço conseguiram pôr a nado o dito vapor, que depois de convenientemente reparado das suas avarias, os Brazileiros entenderam que devia ser entregue aos seus alliados Argentinos a quem sempre pertenceu o dito vapor, e Lopez o havia tomado antes da declaração da guerra.

Invadido o territorio paraguayo pelo Exercito alliado, e desalojado o inimigo de seus entrincheiramentos do Passo da Patria, mudou-se o theatro das

operações para o interior do paiz, de modo que a Esquadra não podia continuar a coadjuvar com a sua poderosa artilharia as operações do Exercito alliado sobre a linha de fortificações que o inimigo dahi em diante lhe oppozesse.

Com tudo, apesar dos canhões da Esquadra não poderem tomar parte nos combates que o Exercito ia ferindo, parte do pessoal da Esquadra prestava relevantes serviços a chamados do Exercito. É assim que depois do combate de 2 de Maio no Estero Bellaco, em que os Paraguayos deixaram no campo mais de 1.000 mortos e grande numero de feridos; e os alliados tiveram 10 Officiaes mortos, 67 feridos, 182 praças mortas e 776 feridas, além de 98 extraviados, o incansavel Chefe de saude da Armada Dr. Carlos Frederico e os Cirurgiões Dr. Symphronio Olympio Alvares Coelho, Justiniano de Castro Rabello, Alfredo da Rocha Bastos, Joaquim Monteiro Caminhoá e João José Damasio foram aos hospitaes de sangue no acampamento do Exercito, prestar soccorros aos feridos e acompanhal-os até os hospitaes estabelecidos em Corrientes.

Tendo o inimigo a 20 de Maio avançado com o seu Exercito para os seus entrincheiramentos de Tuyuty, visto o Exercito alliado tel-os feito desalojar do Estero Bellaco; a Esquadra subio no mesmo dia o rio Paraguay até duas milhas abaixo de Curupaity, com a intenção de bater a fortificação estabelecida sobre a barranca deste nome, no caso do Exercito alliado chocar-se com o inimigo, e, por aquelle meio, chamar a attenção deste para a sua retaguarda.

Como porém, o Exercito brazileiro e os alliados

não proseguiram em sua marcha, limitou-se o Almirante em observar e reconhecer as fortificações de Curupaity, e ao anoitecer, a Esquadra ancorou acima da barra do Atajo no lugar denominado Playa.

O Exercito brazileiro, commandado pelo General Osorio, estava acampado ao *NO*, no lugar denominado Cemiterio. As suas avançadas estendiam-se desde o sangradouro da lagoa Pires até á frente esquerda da posição occupada pelo General Flores, immediatamente ao *N*. do Passo Sidra. Estava reunida á força do General Flores a 3.ª Divisão brazileira commandada pelo General Antonio de Sampaio, e a 6.ª Divisão, commandada pelo General Victorino Monteiro. O flanco direito, formado dos Argentinos, estava sob as ordens dos Generaes Gelly y Obes, Paunero e Emilio Mitre, e estendia-se até Rori, antigo forte argentino. A artilharia argentina, collocada em um reducto com 17 peças em bateria, e a brazileira com 24 bocas de fogo em um parapeito, no centro, ao mando do Tenente-Coronel Mallet e mais 6 bocas de fogo ás ordens do Major oriental Yance, e as peças pertencentes ao 1.º e 3.º regimento de artilharia brazileira collocadas em conveniente bateria.

Estavam, pois, acampados em Tuyuty *(lama branca)* 32.000 homens pouco mais ou menos, quando no dia 24 de Maio foram atacados inesperadamente pelos Paraguayos.

Da sanguinolenta batalha que se deu e que terminou ás 4 $^{1}/_{2}$ horas da tarde, com a maior gloria para os Brazileiros e alliados, os Paraguayos deixaram mortos no campo 3.000 praças, além de 200 outras feridas gravemente; deixaram tambem 21 prisioneiros, 4 canhões obuzes com os respectivos carros de munições,

2 bandeiras, 1 estandarte. 8 caixas de guerra, 12 cornetas, grande quantidade de munições e armas de infanteria, e 1 estativa de foguetes á congreve. E os Brazileiros tiveram 85 officiaes e 893 mortos, 23 officiaes e 2.702 praços feridas e contusas: ao todo 3.913 praças fóra de combate.

Em quanto o Exercito seguia assim sua brilhante carreira, a Esquadra, embora não podendo tomar parte nos grandes feitos do Exercito, prestava com tudo muitos e relevantes serviços,

As machinas explosivas submersas, usadas na ultima guerra dos Estados-Unidos, com o nome de torpedos, e que tantos estragos causaram á marinha federal, estavam tambem sendo empregados pelos Paraguayos com tenacidade e ardil.

Quatro torpedos foram apanhados intactos, um na prôa do encouraçado *Bahia*, outro proximo á Canhoneira *Araguay*, e outros dois, apanhados pelo *Ivahy* e *Araguary*, vindo ambos descendo com as aguas do rio.

Mais de 20 desses torpedos arrebentaram perto dos navios da vanguarda da Esquadra porém felizmente nenhum damno causaram : só um delles, destruio um escaler do Vapor *Ipiranga*, causando a morte do 1.º Tenente Antonio Maria do Couto e sete praças que guarneciam o dito escaler.

O escaler estava de ronda ou vigia de torpedos (arriscadissimo trabalho), e vendo que um torpedo ia infallivelmente cahir sobre a prôa do Vapor *Beberibe*, lançou-se sobre o dito torpedo, sem tomar as precauções convenientes, e por isso, foram victimas todos que o guarneciam.

Este serviço de rondas ou pesca de torpedos, foi um dos mais importantes dos Officiaes da Esquadra.

A todo o momento suas vidas perigavam, e entretanto isso lhes parecia indifferente, satisfeitos se atiravam a tão arriscada e perigosa pescaria.

Neste serviço alternavam os Officiaes do *Brazil*, *Barroso*, *Beberibe*, *Ypiranga*, *Belmonte* e *Araguary*, e o pequeno vapor *Lindoya*.

Tinha-se tambem organisado uma Divisão de auxilio ou soccorro ao 2.º corpo de Exercito brazileiro commandado pelo Barão de Porto Alegre.

Essa divisão composta do *Henrique Martins*, *Greenhalgh*, Transporte *Presidente* e outras embarcações miudas, tinha chegado no dia 12 de Junho ao porto de Cardoso-Cué, e alli entrado em franca communicação com as forças do Barão de Porto-Alegre, que se achavam acampadas em S. Thomaz.

O Barão de Porto-Alegre julgando necessaria a sua presença e parte das suas forças no Passo da Patria, embarcou-se na Divisão Alvim e veio até o Passo da Patria, e cinco dias depois de ahi se achar, resolveu de novo a subir o alto Paraná e então acompanhado de maior numero de navios, tomar o resto das forças do 2.º Corpo do exercito que ficára em S. Thomaz, e seguir o com ella a desembarcar no Itapirú no dia 29 de Julho.

Nesta commissão ficou encalhado sobre uma pedra o Vapor *Presidente*, e de guarda a elle, o Vapor *Itajahy*, logo acima do porto denominado Ilarguaté. Este vapor só poude chegar ao Passo da Patria no dia 9 de Agosto.

A 15 de Julho o General Osorio Commandante em Chefe do 1.º corpo do Exercito brazileiro, afectado de grave molestia, tinha-se retirado e entregue o commando em chefe ao General Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão.

O General Osorio, então Barão do Herval, ao retirar-se do Exercito enviou ao Almirante Tamandaré o reguinte Officio :

« Illm. e Exm. Sr. V. Ex. sabe a historia do meu commando no 1.º corpo de exercito até a manhã do dia 15 de Julho corrente, em que entreguei esse commando a uma illustração militar de nossa amada patria, e quando o meu estado physico já não me permittia trabalhar, nem podia inspirar confiança aos meus camaradas de serviço. Nesse momento solemne, e dominado por tantas emoções desagradaveis não me foi possivel cumprir o dever de officialmente dar a V. Ex. sciencia de minha retirada.

« Hoje cumpro o dever de manifestar a V. Ex. os meus agradecimentos pelo concurso valioso que me prestaram durante aquelle commando os patrioticos conselhos de V. Ex. e a coadujuvação prestada ao Exercito em diversas occasiões pelos bravos da Esquadra, que V. Ex. dignamente commanda, e a quem estimaria podesse chegar esta minha palavra de reconhecimento dos serviços de tão dignos militares.

« Permitta V. Ex. Sr. Visconde, que não occulte aqui os serviços pessoaes e favores que devo a V. Ex. e que me constituem tão reconhecido á sua extrema bondade ».

Logo nos dias 16 e 18 de Julho teve o novo Commandante em Chefe General Polydoro de sustentar vigorosos combates contra os Paraguayos, e nesses combates os Brazileiros tiveram fora de combate 247 officiaes, sendo mortos 52 e feridos ou contusos 195 e cerca de 2.699 praças de pret; os Paraguayos deixaram

no campo cerca de 2.500 homens entre mortos e feridos, alem de 900 espingardas e 600 bayonetas.

Foram com muita difficuldade transportados para bordo dos navios de guerra 1.759 doentes, e divididos pelos Vapores *Julia, Princeza, Pedro Segundo, General Flôres, Onze de Junho, e Brazil,* a cargo dos Drs. Luiz Carneiro da Rocha, Alfredo da Rocha Bastos, Adrião Chaves, Castro Rabello, João José Damasio, Alcibiades Paranapusa, e o Cirurgião-mór Dr. Carlos Frederico, seguiram para os hospitaes de Corrientes, onde foram tratados com o maior disvelo.

Na batalha de 18 de Julho já entraram alguns soldados pertencendo ao 2.º corpo de Exercito, commandados pelo Tenente-Coronel Agostinho Maria Piquet, que do antigo acampamento do Passo da Patria onde se achava o 2.º corpo do Exercito brazileiro, tinha marchado a incorporar-se ao 1.º corpo, a pedido do General Polydoro.

XVII

SUMMARIO

Acampamento do 2.º corpo do Exercito brazileiro no Passo da Patria. — Reunião de uma junta dos Generaes alliados e Almirante Tamandaré, em 18 de Agosto de 1866. — Embarque do 2.º corpo do Exercito brazileiro. — Passagem de Curuzú. — Catastrophe do encouraçado *Rio de Janeiro* em 2 de Setembro de 1866. — Tomada do forte de Curuzú. Reconhecimento feito pelo General Flôres até o Passo-Vay. — Conferencia entre os Generaes alliados, Almirante Tamandaré e Ministro Octaviano, em Curuzú. — Conferencia do Marechal Lopez com o General Mittre, em 12 de Setembro de 1866.

Em meados do mez de Agosto ainda o 2.º corpo do Exercito brazileiro se achava acampado no Passo da Patria, tendo apenas ficado uma Divisão desse 2.º corpo, ao mando do General Portinho, de observação em Itapúa.

O General Polydoro procurava convencer ao Barão de Porto Alegre e ao Almirante Tamandaré da necessidade de se reunirem os dois corpos de Exercito em Tuyuty.

O Barão de Porto Alegre e o Almirante Tamandaré eram porem de parecer que o 2.º corpo de Exercito e

a Esquadra diviam operar na margem esquerda do Paraguay, contra Curuzú e Curupaity.

O 2.º corpo compunha-se de 10 mil homens, pouco mais ou menos, sendo 4.500 de infantaria, 700 de artilharia e pontoneiros, e 5 mil de cavallaria. Essa força reunida ao desfalcado 1.º corpo, e aos Argentinos, podia apresentar um acampamento de 27.000 homens de boa infantaria.

Tendo-se reunido no dia 18 de Agosto uma junta militar composta dos Generaes Mitre, Polydoro, Porto Alegre, Flôres, e o Almirante Tamandaré, prevaleceu nessa junta a idéa sustentada com ardor pelo Almirante Tamandaré e apoiada por Porto Alegre, de se atacar e occupar Curuzú e Curupaity, concorrendo para esse feito a Esquadra e o 2.º corpo de Exercito.

Ficou tambem assentado que o General Porto Alegre devia desembarcar abaixo de Curuzú e atacal-o, protegido pela Esquadra: que as forças existentes em Tuyuty diviam ameaçar as linhas de Rojas, desprendendo-se d'ella a cavallariá alliada sob o Commando do General Flôres para um reconhecimento do flanco esquerdo do inimigo.

Ás 3 horas da madrugada do dia 1 de Setembro de 1866 principiou a embarcar o 2.º corpo de Exercito, e ás 8 horas da manhã estava toda a expedição a bordo dos Transportes, *Charrua*, *Presidente*, *General Flôres*, *Diligente*, *Leopoldina*, *Riachuelo*, *Marcilio Dias*, *Galgo*, *Onze de Junho*, e *Dezeseis de Abril*, além de tres Chatas.

Formava um total de 8.350 homens das tres armas, sendo 4.441 de infantaria, 3,530 de cavallaria, além de uns 200 de cavallaria promptos a bater-se como infantaria, e que levavam os cavallos em que poderiam de prompto montar.

A bordo dos navios de guerra existiam mais uns 800 homens pertencentes ao 12.º e 16.º de voluntarios, zuavos da Bahia, e outros corpos.

Esta força assim embarcada estava protegida pelas Canhoneiras *Maracanã*, *Ivahy*, *Henrique Martins* e *Araguary*, commandadas todas pelo Chefe Alvim, encarregado do embarque e desembarque de tropas.

Os Transportes subiram o rio Paraguay, e ás 9 horas e 45 minutos da manhã fundearam perto do Patacho *Iyuassú*, junto á embocadura da lagôa Pires, fóra das vistas do inimigo.

O Almirante Tamandaré depois de ter mandado o pequeno Vapor *Voluntario da Patria* reconhecer o canal do rio até as proximidades de Curuzú, passou a sua insignia para bordo do *Magé* e seguio para a ilha do Palmar, com os encouraçados *Lima Barros*, *Bahia*, *Brazil*, *Barroso*, *Rio de Janeiro* e *Tamandaré*, e as Canhoneiras *Parnahyba*, *Beberibe*, *Belmonte*, *Araguaya*, *Greenhalgh*. *Ypiranga*, *Iguatemy*, *Mearim* e *Chuy*; e ás 11 horas e 45 minutos o *Lima Barros* trocou o primeiro tiro com as trincheiras de Curuzú, e logo depois foram entrando em acção os outros cinco encouraçados. Ao pôr do sol o fogo do inimigo tornou-se lento, e cessou de todo.

A' noite dois praticos da Esquadra. 1 Official de engenheiros e varios Officiaes de marinha foram reconhecer e sondar um canal entre uns navios que os Paraguayos tinham mettido a pique naquelle lugar, reconhecido o qual subiram por elle logo na manhã do dia 2 os encouraçados *Lima Barros*, *Brazil*, *Bahia* e *Barroso*, até perto da estacada de Curupaity, sustentando o fogo durante todo o dia com essa bateria, que

ficava a umas 500 braças de distancia e atirava com canhões de 68 e 80.

O encouraçado *Tamandaré*, as Bombardeiras *Forte de Coimbra* e *Pedro Affonso* e as Chatas ns. 1, 2 e 3, bombardearam durante todo o dia 2 o forte de Curuzú e os bosques adjacentes á guarda do Palmar.

A' 1 hora e 30 minutos do mesmo dia 2 começaram a desembarcar as tropas commandadas pelo Barão de Porto-Alegre.

A's 2 horas da tarde o encouraçado *Rio de Janeiro* que de volta ao seu posto, depois de ter reparado algumas avarias que soffrêra na vespera, proximo á estacada dos navios mettidos á pique tocou em um torpedo, do qual não havia o menor indicio, e esse fazendo explosão na pôpa do dito encouraçado entrou logo uma forte columna d'agua no navio e o fez submergir em pouco tempo. Quando o navio principiava a encher-se de agua um outro torpedo fez explosão na prôa, e então a guarnição muito soffreu.

Sucumbiram victimas desta horrivel catastrophe e da metralha inimiga, dirigida sempre para o navio até elle desapparecer, o bravo 1.º Tenente que o commandava Americo Brazilio Silvado, o 2.º Tenente Joaquim Alves Coelho da Silva Junior, o Guarda-marinha Raymundo Antonio da Silva, o Escrivão Aristides Armenio Azevedo Albuquerque, os dois machinistas e mais 45 praças. Salvaram-se o 1.º Tenente Custodio José de Mello, o Cirurgião Dr. Tristão Henrique da Costa, o Commissario Domingos de Souza Pereira Botafogo e 53 praças da guarnição. Para salvação destas praças muito concorreu uma lancha do encouraçado *Brasil*, dirigida por um Guarda-marinha (Castro e Silva.)

A's 3 horas da tarde do dia 2 estava toda a força

do Barão do Porto Alegre desembarcada, e á noite, depois de grandes difficuldades em caminho, conseguio essa força tomar posição debaixo das baterias inimigas onde trataram logo de construir uma trincheira e nellas collocar a artilharia.

As 6 horas da manhã do dia 3 os Paraguayos romperam vivo fogo sobre o Exercito brazileiro, que não se fez esperar na resposta.

O exercito dividido em duas columnas ao mando dos Brigadeiros Alexandre Albino de Carvalho e Joaquim José Gonçalves Fontes, a passo de carga atacou os inimigos, apesar de milhares de projectis de artilharia e infantaria que, acobertos de bens construidas trincheiras lhe atiravam os Paraguayos; e, poucos momentos depois estavam escaladas as trincheiras e os Brazileiros como verdadeiros leões batiam-se peito a peito e venciam os Paraguayos.

A fortificação estava apoiada por uma lagôa, e para esse ponto se dirigio o Tenente-Coronel Astrolgildo Pereira da Costa e o 34.º de voluntarios commandado pelo valente Major Francisco de Lima e Silva, e puzeram em debandada e precipitada fuga os Paraguayos.

Os Paraguayos deixaram 800 cadaveres sobre o terreno onde se deu a acção, muitos feridos e 30 prisioneiros, toda a artilharia, munições e armamento da melhor qualidade, bandeiras e caixas de guerra.

Os brazileiros tiveram fóra de combate 773 praças, entre ellas 53 Officiaes sendo mortos 10 Officiaes e 125 soldados.

Os Paraguayos fugitivos foram perseguidos até se recolherem a Curupaity.

O grande numero de feridos do Exercito e os que pertenciam á Esquadra foram recolhidos aos Vapores

Onze de Junho, Marcilio Dias, Deseseis de Abril, Eponina, e acompanhados dos Drs. João José Damasio, Domingos Soares Pinto, Luiz Carneiro da Rocha, Amadeu Prudencio Masson, Luiz da Silva Flores, Raymundo Pizarro Gabizo e Manoel Caetano de Mattos Rodrigues, e do proprio Cirurgião Mór Dr. Carlos Frederico, que apesar de doente muito se prestou, foram transportados para os hospitaes de Corrientes, e dahi regressaram immediatamente os vapores para junto da Esquadra.

Do bombardeamento resultaram bastantes prejuisos nos navios da Esquadra : mais de 40 balas acertaram no *Lima Barros* e no *Bahia*, e outras tantas ou mais no *Barroso:* foram feridos alguns Officiaes e muitos marinheiros e soldados.

O Almirante Tamandaré no final da Ordem do Dia em que narra os factos do Curuzú, tratando de especificar o feito por diversos Officiaes, assim se exprimio:

« O Sr. Capitão de Mar e Guerra Elisiario Antonio dos Santos, correspondeu brilhantemente a confiança que tem sempre merecido do Governo Imperial, pelo valor e pericia militar que desenvolveu e que seriam bastantes para fazer a reputação de um Official que já não tivesse em sua carreira os antecedentes honrosos do Sr. Elisiario.

« O Capitão de Fragata Antonio Affonso Lima que mandei para bordo do enconraçado *Lima Barros* afim de substituir o Sr. Capitão de Mar e Guerra Elisiario, quando este Chefe tivesse de occupar-se com a direcção da Divisão de seu Commando, tornou-se muito recommendavel pelo seu valor, assim como todos os Officiaes sob suas ordens, dentre os quaes

são merecedores de louvor os Srs. 1.os Tenentes Lino da Costa Fernandes, José Carlos Palmeira, Octaviano Antonio Vital de Oliveira, e Antonio Severiano Nunes. O Guarda-marinha Luiz de Paula Mascarenhas que acompanhou os praticos nos reconhecimentos dos torpedos e das estacadas, portou-se com muita coragem no combate. O pratico Gustavino, que tão bons serviços tem prestado á Esquadra, mostrou mais uma vez a dedicação com que nos serve.

« Os Srs. Capitão de Mar e Guerra José Maria Rodrigues e Capitão de Fragata Antonio Lopes de Mesquita, cumpriram optimamente o seu dever, e todos os officiaes da *Brazil* distinguiram-se muito, e com especialidade os 1.os Tenentes Manoel de Moura Cirne, Francisco Speridião Rodrigues Vaz, Manoel Marques Mancebo e Pedro Pinto da Veiga, que alternaram no commando da bateria e a dirigiram com muito acerto durante os combates.

« O Guarda-marinha Antonio Quintiliano de Castro e Silva é digno de louvor pelo sangue-frio com que na lancha da *Brazil* salvou muitas praças do *Rio de Janeiro* debaixo do fogo da metralha inimiga.

« Todos os Officiaes da guarnição do *Bahia* souberam imitar o seu Commandante, Capitão de Fragata Joaquim Rodrigues da Costa, e entre aquelles se distinguiram os 1.os Tenentes José Bernardino de Queiroz, Francisco Goulart Rolim, 2.o Tenente João José Lopes Ferraz de Castro e o pratico Luiz Repeto, pela calma com que dirigio o navio quando transpoz a estacada e os torpedos em frente ao Curuzú e debaixo do fogo desta bateria.

« O Sr. 1.o Tenente João Mendes Salgado, Commandante do encouraçado *Barroso*, official bravo e

intelligente, desempenhou satisfactoriamente os deveres do posto de honra que lhe couberam na vanguarda da Esquadra. Este Commandante na sua parte muito distingue o 1.º Tenente immediato Felippe Firmino Rodrigues Chaves, que apesar de gravemente enfermo, apresentou-se para o serviço na occasião do combate e tomou o commando da bateria, que dirigio com sangue frio notavel; bem assim tambem o 1.º Tenente Antonio Pompêo de Albuquerque Cavalcante. 2.º Tenente Joaquim Antonio Cordovil Maurity, Guarda-marinha Manoel José Alves Barbosa e o Piloto José Manoel Fontes.

« A Canhoneira *Ivahy* foi o unico navio de madeira que esteve exposto ao fogo da bateria de Curuzú, ao que foi levada por excessivo zelo de seu Commandante o bravo 1.º Tenente Guilherme José Pereira dos Santos, que vendo a lancha do *Brazil* com o Guarda-marinha Castro e Silva, gravemente compromettida, avançou para protegel-a até a altura da bateria inimiga. Teve 4 praças fóra de combate, e uma de suas caldeiras foi atravessada por uma bala, e que não obstante não se retirou do fogo sem que positivamente lhe fosse ordenado.

« O Sr. Capitão de Mar e Guerra Alvim, é sempre digno de elogios, tanto pelo seu zelo e actividade como pelo seu valor nos combates.

« Não posso deixar de louvar os 1.ºs Tenentes Antonio Joaquim de Mello Tamborim, meu Ajudante de ordens, e Arthur Silveira da Motta meu Secretario que communicavam o transmittiam minhas ordens, em escaleres, aos navios empenhados no combate.

« Não deixarei tambem de mencionar o 1.º Tenente Manoel Ricardo da Cunha Couto, Commandante

do Pataeho *Iguassú*, que na occasião dos combates achou-se sempre ás minhas ordens, e tão importantes serviços hydrographicos fez.

« O Capitão de Fragata José Antonio de Faria, 1.os Tenentes João Gomes de Faria, Joaquim Candido dos Reis, Manoel Carneiro da Rocha, Manoel Soares Pinto e o Capitão Ricce, de artilharia, são dignos do maior elogio, pelo bombardeamento efficaz que fizeram com as bombardeiras e chatas que dirigiam.

« O 2.o Tenente graduado Fernando Etchebarne, é sempre o pratico bravo e infatigavel que tão relevantes serviços tem prestado á Marinha Imperial. »

A noticia da tomada de Curuzú foi immediatamente levada ao General Polydoro em Tuyuty, e alli recebida debaixo de vivas enthusiasticos.

No dia 4 de Setembro ás 5 horas da manhã, o General Flôres pôz-se em movimento com 2.500 homens de cavallaria, sendo 2.000 brazileiros e dirigidos pelo General José Luiz Menna Barreto, 400 Argentinos e 100 Orientaes, protegidos por uma columna de infantaria argentina, e foi fazer um reconhecimento, chegando até o *Passo-Vay* no flanco esquerdo das linhas de Rojas.

Depois de uma larga conferencia entre os Generaes Mitre, Polydoro e Flôres, no dia 4 de Setembro, embarcou-se o General Polydoro e seguio para Curuzú a conferenciar com o Almirante Tamandaré e General Porto Alegre, onde chegou ás 11 1/2 do dia 5, encontrando já alli o Ministro Brazileiro Conselheiro Octaviano, que acabava de chegar de Tuyuty, onde, nessa mesma manhã, tinha conferenciado com os Generaes Mitre e Polydoro, e d'alli sahira pouco antes da partida do General Polydoro.

Antes de proseguir nos feitos da Marinha e Exercito convem, neste lugar, narrar um dos acontecimentos mais notaveis e inigmaticos da guerra do Paraguay.

No dia 1 de Setembro quando as forças do 2.º corpo do Exercito brazileiro desembarçavam para atacar Curuzú, á mesma hora, no flanco esquerdo dos Paraguayos, em Tuyuty, aparecia uma *bandeira branca* que empunhada por um Official paraguayo se encaminhava para a direita, onde a força argentina alliada se achava acampada; porém que regressára logo depois, visto sobre ella terem os Argentinos disparado alguns tiros.

Essa mesma bandeira branca, depois da tomada de Curuzú, e das diversas conferencias havidas entre os Generaes alliados e o Ministro Octaviano, sobre o ataque a Curupaity, e assentado este; depois de decidida a questão suscitada sobre a pessoa que em chefe devia dirigir a acção, e do protesto assignado em 10 de Setembro pelos Almirante Tamandaré e Barão de Porto-Alegre, referente á questão do commando, essa mesma bandeira branca tornou a apparecer no dia 11 de Setembro; sendo o parlamentario recebido pelo General Mitre, e a esse General entregou a seguinte nota :

« Ao Exm. Sr. Brigadeiro General Dr. Bartholomeu Mitre, Presidente da Republica Argentina e General em Chefe dos Exercitos alliados.—Quartel General em Passo Pocú, 11 de Setembro de 1866.

« Tenho a honra de convidar a V. Ex. para uma entrevista pessoal entre as nossas linhas, no dia e hora que V. Ex. marcar.

« Deus guarde a V. Ex. — *Francisco Solano Lopez,* »

Depois de uma pequena e immediata conferencia entre os Generaes alliados, em Tuyuty, foi entregue ao parlamentario a seguinte resposta:

« Ao Exm. Snr. Marechal D. Francisco Solano Lopez, Presidente da Republica do Paraguay, e General em Chefe do seu Exercito.

« Quartel-General dos Exercitos alliados 11 de Setembro de 1866.

« Tive a honra de receber a communicação de V. Ex. datada de hoje, convidando-me para uma entrevista pessoal, entre nossas linhas, no dia e hora que se convencionasse; e respondendo, devo dizer a V. Ex. que aceito a entrevista proposta e me acharei amanhã, ás 9 horas da manha, no ponto de nossas respectivas linhas, no Passo de Yataity-Corá, levando uma escolta de vinte homens, que deixarei na altura de minhas avançadadas, adiantando-me em pessoa no terreno intermediario para o fim indicado, se V. Ex. se conformar com isso.

« Deus guarde a V. Ex. muitos annos.—*Bartholomeu Mitre.* »

Nessa mesma tarde a mesma bandeira branca e o mesmo parlamentario voltou com a seguinte resposta de Lopez:

« Acabo de ter a honra de receber a resposta que V. Ex. dignou-se dar á minha proposta da entrevista desta manhã, e agradecendo a V. Ex. a aceitação que della faz, me conformarei com o proceder que V. Ex. se propõe, e cumprirei o dever de não faltar á hora indicada.

« Deus guarde a V. Ex.— *Francisco Solano Lopez*— ».

No dia 12 á hora marcada teve lugar a entrevista entre Solano Lopez e Mitre, e ao regressar o General Mitre dirigio aos Generaes alliados o seguinte *Memorandum:*

« S. Ex. o Marechal Lopez, Presidente da Republica do Paraguay, na sua entrevista de 12 de Setembro, convidou a S. Ex. o Snr. Presidente da Republica Argentina, General em Chefe do Exercito alliado, a procurar meios conciliatorios e igualmente honrosos para todos os belligerantes, a fim de ver se o sangue até aqui derramado não pode considerar-se sufficiente para lavar os mutuos aggravos, pondo termo á guerra mais sanguinolenta da America do Sul, por meio de satisfações mutuas e igualmente honrosas e equitativas, que garantam um estado permanente de paz e sincera amizade entre os belligerantes. O General Mitre, limitando-se a ouvir, respondeu que se referia ao seu Governo e á decisão dos alliados, segundo os seus compromissos ».

Com as duas seguintes notas deu-se por finda o incidente da entrevista de Lopez.

« Quartel-General em Curuzú, 14 de Setembro de 1866.

« A S. Ex. o Sr. Marechal D. Francisco Solano Lopez.

« Tenho a honra de transmittir ao conhecimento de V. Ex., segundo o que tinhamos combinado, que havendo communicado aos alliados, como me cumpria, o convite conciliatorio que V. Ex. se servio fazer-me no dia 12 do corrente, em nossa entrevista de Yataity-Corá, resolvemos, de conformidade com o já declarado

por mim naquella occasião, referir tudo á decisão dos respectivos Governos, sem fazer modificação alguma na situação dos belligerantes.

« Deus guarde a V. Ex. — *Bartholomeu Mitre.* »

Em 15 de Setembro Solano Lopez respondeu :

« Accuso recebida a nota que hontem á tarde V. Ex. me fez a honra de dirigir do seu Quartel-General em Curuzú, dizendo-me que havia concordado com seus alliados referir a seus respectivos Governos o assumpto de nossa entrevista de 12, em Yataity-Corá.

« Nada me deteve ante a idéa de offerecer por minha parte a ultima tentativa de conciliação, que ponha termo á torrente de sangue que derramamos na presente guerra, e me assiste a satisfação de haver dado assim a mais alta prova de patriotismo, perante o meu paiz, e de humanidade perante o mundo imparcial que nos observa.

« Deus guarde a V. Ex. — *Francisco Solano Lopez.* »

XVIII

SUMMARIO

Bombarbeio de Curupaity.— Ataque de Curupaity em 2 de Setembro de 1866. — Retirada do Almirante Tamandaré por doente. — Nomeação do Almirante Joaquim José Ignacio (Visconde de Inhaúma). — Ordem do Dia do Almirante Joaquim José Ignacio, ao tomar o commando em Chefe das Forças navaes. — Nova organisação das Forças navaes. — Nova organisação das Forças navaes em operação no Paraguay. — Reconhecimento sobre Curupaity e lagôa Pires.— Nomeação do Capitão de Fragata Delfim Carvalho para commandar os navios que se achavam no alto Paraná. — Bombardeamento de Curupaity. — Morte do Commandante do *Silvado*, Capitão Tenente Vital de Oliveira. — Ordem do Dia de 20 de Fevereiro de 1867.— Destruição do povoado em S. José My. — Morte do 1.º Tenente Wernek de Aguiar. — Novo reconhecimento a Curupaity em 29 de Maio de 1867.

Preparado o ataque de Curupaity para o dia 22 de Setembro, ás 7 horas da manhã desse dia a Esquadra tomou posição e principiou o bombardeamento. Entraram logo em fogo os navios da vanguarda, *Brazil*, *Barroso*, *Tamandaré*, *Ypyranga*, *Belmonte*, *Parnahyba*, *Pedro Affonso*, e *Forte de Coimbra* e as Chatas ns. 1, 2, e 3.

As 8 horas e meia os encouraçados *Lima Barros*,

e *Bahia* avançaram até descobrir completamente o forte que estava situado sobre uma barranca e contra elle romperam o fogo, na distancia de duas amarras, pouco mais ou menos. Ao mesmo tempo foram avançando e tomando posição abaixo da ponta de Curupaity as canhoneiras *Mearim*, *Araguahy*, *Ivahy*, *Iguatemy* e *Araguary*, e logo que ancoraram romperam nutrido fogo contra o dito forte e toda a trincheira que o seguia. Destas trincheiras já os Paraguayos faziam, a essa hora nutrido fogo para os lados onde o Exercito alliado estava tomando posição.

O bombardeio continuou com o mesmo vigor até o meio dia, e a essa hora os encouraçados *Brazil*, *Barroso* e *Tamandaré* avançaram, romperam a estacada inimiga debaixo de vivo fogo, e fundearam á distancia de uma amarra das baterias inimigas afim de melhor poderem hostilisar com metralha.

Ao mesmo tempo avançaram tambem o *Bahia*, *Lima Barros* e a *Parnahyba*, em que tremulava então a insignia do Almirante, e chegaram á pequena distancia da estacada do lado do Chaco. Na pôpa destes navios seguiam o *Beberibe*, onde estava o Chefe do Estado maior da Esquadra e a *Magé*.

O *Beberibe*, logo que chegou a esse ponto, içou o signal convencionado com o Exercito para o assalto. Consistia esse signal na bandeira brazileira içada no tope grande. Içado o signal, cessaram os navios de atirar para os entrincheiramentos e convergiram os seus fogo para o forte.

As forças assaltantes estavam divididas em tres grandes columnas.

A columna da esquerda dirigio seu ataque á extrema direita do entrincheiramento inimigo, onde começa

a bateria de Curupaity; a segunda investio o centro do mesmo entrincheiramento, e a terceira, composta de infantaria argentina, atacou a extrema esquerda do entrincheiramento.

O ataque foi vigoroso, forçando o inimigo a abandonar a sua primeira linha de entrincheiramento, que consistia em uma valla de 12 palmos de largura e 10 de fundo, com o correspondente parapeito guarnecido com artilharia de campanha.

Transposto este primeiro obstacuto debaixo de uma chuva de metralha lançada por artilharia de 68 e 32, foi impossivel abordar o centro da segunda linha de defesa, que consistia em altos parapeitos com um fôsso de 27 palmos de largura e 18 de profundidade, em cujos extremos estava levantado o terreno e sobre dois fortes baluartes eriçados de grossa artilharia, como o estava tambem toda a linha; existia além disso um banhado insuperavel entre os dois entrincheiramentos, e sobre elle *abatizes.*

Em presença pois de tantos e tão poderosos obstaculo era impossivel levar de assalto tão forte posição, Mesmo assim, da columna da esquerda penetraram no forte de Curupaity mais de 40 bravos que apoderaram-se de 4 bocas de fogo, porém que infelizmente foram victimas de seu patriotico arrojo. A columna argentina estava lutando com os mesmos obstaculos, e nada pôde fazer apezar da galhardia com que investio o entrincheiramento inimigo. Mistér foi ordenar a retirada e essa se operou na melhor ordem possivel: nem um ferido ou morto ficou no entrincheiramento inimigo, todos foram conduzidos para o acampamento alliado. Nenhum Paraguayo ousou sahir dos seus entrincheiramentos para perseguir os alliados em sua retirada.

A's 3 horas e meia da tarde tinha cessado todo o fogo.

O Exercito alliado teve fóra de combate 4.093 praças, sendo 2.011 brazileiros, e 2.082 argentinos.

Durante o grande bombardeamento o encouraçado *Brazil* foi ferido por mais de 50 balas de 68 esphericas e 84 oblongas. O *Tamandaré* recebeu 11 balas na face de *EB* da casamata. O *Barroso* recebeu 13 balas, o *Lima Barros* 15, o *Bahia* 19, e o *Parnahyba* por 3 balas e muita metralha. O *Beberibe* e o *Magé* e as Canhoneiras que se achavam em linha de escarpa á margem esquerda, não sofreram os fogos directos de forte, por estarem acoberto pela ponta do Curapaity.

A's 6 horas da tarde todos os navios tinham procurado suas antecedentes posições, e tratavam de suas varias. A Esquadra teve 35 feridos e 1 morto : entre os feridos estavam o Capitão de Mar Guerra Elisiario Antonio dos Santos, o 2.º Tenente Dionisio Manhães Barreto, Commissario Rosalvo José de Carvalho, Piloto João Bernardino, Commissario Marciano Marques, Pratico José Rolon e o Machinista Manoel Severino.

Deixando o 1.º corpo do Exercito em Tuyuty e o 2.º acampado em Curuzú, sigamos os movimentos da Esquadra que é o nosso verdadeiro fim, escrevendo este livro.

As operações da Esquadra passaram a nova direcção. O bravo Almirante Tamandaré, depois de importantes serviços quer na iniciação da guerra, quer no correr della, fazendo sempre tremular com a maior honra o pavilhão brazileiro, nos navios sob seu commando, mostrando em toda a occasião o seu acrisolado patriotismo, recolheu-se ao Brazil, sua patria, a procurar allivio a seus soffrimentos e recuperar á

saude perdida, sendo substituido no commando em chefe da Esquadra pelo Vice-Almirante Joaquim José Ignacio (Visconde de Inhaumа) que a 22 de Dezembro de 1866, tomou conta do dito Commando em chefe.

Ao receber o commando o Almirante Joaquim José Ignacio, em Ordem do Dia, disse o seguinte :

« S. Ex. o Sr. Visconde de Tamandaré, Vice-Almirante, Commandante em chefe da Esquadra brazileira em operações no Paraguay, tendo obtido licença para retirar-se á côrte, afim de tratar de sua saude, acaba de passar-me esse commando, para cujo exercicio interino fui nomeado por Aviso de 3 do corrente.

« S. Ex. vai partir para o seu destino acompanhado de reconhecimento e admiração de todos os que tiveram a fortuna de estar sob suas ordens pelos brilhantes e não desmentidos serviços que durante mais de dois annos prestou á patria na commissão ardua entregue á sua intelligencia distincta; ao seu alto patriotismo, á sua bravura, tantas vezes provada, e ás suas proverbiaes lealdade e honradez.

« Substituindo um tão importante homem de mar e guerra, conheço quanta responsabilidade vai sobre mim pesar, responsabilidade duplicada, pois importa, alem de cumprimento dos deveres arduos do meu cargo o de snstentar a reputação bem merecida, que sob o illustrado commando de sea antigo e prezado chefe tão heroicamente alcançou a grande força naval do Imperio, que o Governo Imperial tem aqui empregado para terminar com honra a guerra justissima que sustenta.

« A Esquadra conhece perfeitamente seu novo

Chefe. Nella se occupam elevadas posições antigos companheiros seus de trabalhos, alguns de seus subordinados, não poucos de seus amigos pessoaes.

« Menos penosa se tornará a tarefa de commando, se, como espero, todos elles concorrerem com o contingente de suas luzes e boa vontade, coadjuvando-me em bem da causa nacional, que pleiteamos.

« Chefes benemeritos, Commandantes valentes e illustrados, Officiaes cheios de generosas aspirações, guarnições as mais valentes, e tão valentes quanto é humanamente possivel sel-o! A gloria de nossa bandeira, o brilho no nome brazileiro, a terminação prompta desta guerra sanguinolenta, são os pontos a que devem mirar, vosso patriotismo, vossa dedicação, vosso indomito valor.

« E' á patria que vós estaes servindo e continuareis a servir, e a honra de tal serviço resultante será vossa, sómente vossa! anathema ao qne não tendo para elle concorrido, tente roubal-a em proveito proprio.

« Resignação nos trabalhos da vida, meus camaradas, dedicação ao serviço pnblico, observancia da disciplina e de todas as outras regras salutares prescripta pelo nosso regulamento, amor ás instituições patrias, e ao inclyto soberano que nos rege, obediencia ás ordens a vossos chefes naturaes, e confiança naquelle que o sabio Governo do Imperador collocou á vossa frente; é o que vos recommendo com toda a instancia. »

A 24 de Dezembro o Almirante Joaquim José Ignacio organisou o seu Estado Maior pela seguinte forma:

Chefe de Estado Maior Capitão de Mar e Guerra

Elisiario Antonio dos Santos, Secretario Geral da Esguadra Capitão de Fragata Antonio Affonso Lima, Secretario Ajudante de Ordens do Commandante em Chefe Capitão-Tenente Antonio Manoel Fernandes, Ajudante de Ordens do Commandante em Chefe o 1.º Tenente Helvecio de Souza Pimentel, Ajudante de Ordens do Chefe do Estado Maior 1.º Tenente Francisco Romano Steple da Silva.

A 6 de Janeiro de 1867 a Esquadra dividio-se da seguinte forma : 1.ª Divisão Fragata *Lima Barros*, Corvetas *Brazil*, *Beberibe*, *Magé*, e *Recife* ; Canhoneiras *Ivahy Henrique Martins*, *Itajahy*, *Greenhalgh* e *Maracanã* ; Bombardeiras *Pedro Affonso* e *Forte de Coimbra* ; Patacho *Iguassú*, todos os transportes, depositos, Chatas e Avisos ; 2.ª Divisão, Corvetas *Silvado*, *Herval*, *Cabral*, *Barroso* e *Belmonte* ; e Canhoneiras *Iguatemy* e *Ipiranga* ; 3.ª Divisão, Corvetas *Bahia*, *Mariz e Barros*, *Colombo*, *Tamandaré*, *Parnahyba*, *Mearim* e *Araguay* ; 4.ª Divisão, Vapores *Taquary* e *Tramandahy*.

A 1.ª Divisão commandada pelo Chefe do Estado Maior, a 2.ª pelo Capitão de Mar e Guerra José Maria Rodrigues, a 3.ª pelo Capitão de Mar e Guerra Francisco Cordeiro Torres e Alvim, e a 4.ª pelo Capitão de Fragata Victorio José Barboza de Lomba.

A 7 de Janeiro o Almirante escolhendo aguns navios formou com elles duas divisões, uma composta dos encouraçados *Bahia*, *Tamandaré*, *Barroso*, e *Colombo* ; e outra das Canhoneiras *Araguary* e *Iguatemy*, Bombardeira *Forte de Coimbra*, Chata *Mercedes* e Lancha *João das Botas*.

Estas duas divisões seguiram a fazer um reconhecimento sobre Curupaity e lagôa Pires. Na primeira encorporou-se o Vapor *Magé* onde ia o Almirante e seu

Estado Maior. Na segunda seguiram tambem como auxiliares ou directores de caminho, os 1.os Tenentes Manoel Ricardo da Cunha Couto e Carlos Balthazar da Silveira, que antecedentemente a bordo do Patacho *Iguassú* e Vapor *Ipiranga*, que commandavam, tinham estudado e sondado a lagôa Pires, e com tal pericia, que foram muito elogiados pelo Almirante Joaquim José Ignacio.

Do reconhecimento feito a Curupaity, resultou uma grande explosão no acampamento paraguayo, causado por bomba atirada dos encouraçados, e após a explosão um incendio nas matas proximas ás vançadas do exercito paraguayo.

Do lado da lagôa Pires resultou do bombardeamento, o ficarem arrasadas as trincheiras que existiam daquelle lado e a descoberto todas as casas que até então não se viam.

Feito este importante reconhecimento retiraram-se os navios ao seu antigo ancoradouro.

A 12 de Janeiro foi nomeado o valente Capitão de Fragata Delfim Carlos de Carvalho para tomar o commando de todos os navios que então se achavam no alto Paraná, os quaes passaram a constituir uma Divisão ligeira.

O Capitão de Mar e Guerra Alvim passou a sua insignia de Commandante de Divisão para bordo do encouraçado *Mariz e Barros*. O Capitão de Fragata José Antonio de Faria passou a commandar a 4.ª Divisão em substituição do Capitão de Fragata Lomba que seguio para a Côrte em serviço reservado da Esquadra e operações de guerra.

A 2 de Fevereiro destacaram-se da Esquadra trez Divisões, duas para bombardear de perto Curupaity,

e a terceira para entrar na lagoa Pires e por aquelle lado proceder a outro bombardeio, e desde ás 6 horas da manhã até ás 8 da noite o fogo entre a Esquadra e o inimigo foi sem interrupção.

Infelizmente neste combate morreu, atravessado pelo élo do estay da chaminé da machina do Vapor *Silvado*, que tão brilhantemente commandava, o distincto e illustrado Capitão-Tenente Manoel Antonio Vital de Oliveira, e foram feridos os 1.os Tenentes Francisco Guilherme Lorena, Manoel Ernesto de Souza França, e o 2.o Tenente Joaquim Antonio Cordovil Maurity.

No dia 20 de Fevereiro de 1867 o Almirante dirigio á Esquadra a seguinte Proclamação:

«Camaradas! Ha hoje dois annos que a bandeira brazileira coberta de gloria e de benções de um povo, que lhe devia em grande parte a sua liberdade, tremulava ao lado da oriental sobre as ruinas da opulenta Montevidéo, dando noticia ao mundo de haverem duas grandes nações esquecido suas mutuas queixas e dado as mãos para cimentar a paz, e os principios de boa visinhança, unicamente capazes de desenvolverem os immensos recursos de que a natureza dotára seus ferteis paizes.

«Ieis descançar no seio de vossas familias, e colher o fructo delicioso de vossas fadigas e prestantes serviços.

«Jano estava prestes a fechar as portas de seu templo, quando um despota sanhudo, indigno do seculo da luz em que foi dado á vida, novo Attila, desprende suas hordas selvagens e lança-as de improviso sobre a inerme Provincia de Matto-Grosso, que leva a ferro e

fogo, exterminando seus pacificos moradores, sorprendidos no seio da mais profunda paz e confiados na segurança que lhes deveria ella trazer.

« Navios mercantes nossos, navegando sobre a fé dos tratados, foram traiçoeiramente tomados, e seus tripolantes e passageiros reduzidos á escravidão mais terrivel ainda da que aos captivos christãos davam os corsarios de BarbaRoxa e Argel.

« Os gemidos de tantos nossos concidadãos oppressos chegaram aos ouvidos do Imperador e repercutiram no coração de todos os brazileiros: — *Vingança!* Eis o grito que parte do Equador e echôa nas campinhas de S. Pedro, *Vingança!* Eis o pensamento de todos aquelles em cujo seio palpita um coração no solo abençoado do Cruzeiro; e a vingança e o patriotismo produziram esses famosos Exercitos que ahi estão acampados junto a nós, e esta bella Esquadra, que só espera uma palavra para reduzir o um montão de ruinas os bastiões inimigos, que sua artilharia quasi já avassalla.

« Muito tendes feito nestes dois annos homens do mar do Brazil; digam-o Riachuelo, Cuevas, Mercedes, Itapirú e Curupaity. Muito, porém, resta ainda a fazer, até que a haste da bandeira auri-verde, desse symbolo sagrado da nacionalidade de um povo livre e civilisado, encostada ao antro da fera da Assumpção, prostre o infame jesuita, digno discipulo dos Torquemadas e dê aos selvagens, que adoram nelle o Baal dos falsos sacerdotes, uma patria, uma lei e uma grei de homens que não servos da gleba ».

A este tempo o Capitão de Fragata Delfino Carlos de Carvalho, com os navios da Divisão ligeira, fazia

destruir completamente um povoado paraguayo perto do salto Santa Maria e Villa de S. José My, no alto Paraná, tomava diversas Chalanas e outros objectos curiosos, que foram remettidos para a Côrte.

Infelizmente, nesta occasião, morreu a golpes de espada o bravo 1.º Tenente Francisco de Salles Wernek Ribeiro de Aguilar, que fôra a terra em um escaler e sorprehendido pelos Paraguayos.

A 23 de Maio foi nomeado commandante do *Barroso* o Capitão-tenente Arthur Silveira da Mota, que voltara, nas vesperas, da Commissão em que se achava junto ao Marquez de Caxias, então Commmandante em Chefe do Exercito Brazileiro.

A 29 de Maio o Almirante Joaquim José Ignacio a bordo do *Brazil*, acompanhado de um grande numero de navios escolhidos entre os da Esquadra como de melhor marcha e resistencia de couraças, seguio a fazer um reconhecimento formal sobre Curupaity, e mesmo mais além desse ponto se as circumstancias o permitissem.

A's 3 horas da tarde a 3.ª Divisão commandada pelo Capitão de Mar e Guerra Rodrigues da Costa rompeu o fogo contra as baterias de Curupaity. O encouraçado *Bahia* levou uma bala na roda do leme e difficil tornou-se a sua navegação e governo, em lugar tão estreito, porém mesmo assim, emquanto se concertava a roda do leme, conservou-se pelo travéz *EB* do navio Almirante e não abandonou o fogo.

Na mesma occasião em que o *Bahia* desgovernava, o *Colombo* lutava com a falta de medicos para acudir aos seus feridos e fazendo signal de que precisava de Medico a bordo, o Almirante ordenou que seguisse para aquelle navio o Dr. José Caetano da Costa, atravessando em fragil escaler a abobada de balas que na

occasião a mais encarniçada do combate, se manifestava, e felizmente nenhuma das balas inimigas ferio o escaler.

Este feito foi muito elogiado pelo Almirante que em Ordem do Dia assim se exprimio:

« O *Colombo* fez signal pedindo medico — mandei-lhe logo de bordo do *Brazil* o Dr. José Caetano da Costa, que debaixo de uma abobada de balas e metralha foi cumprir os seus deveres áquelles navios. O combate estava então em seu apogêo. O comportamento do Dr. Costa louvo sobremaneira. »

O bombardeamento durou até quasi ao escurecer, hora em que estando preenchido o reconhecimento desejado se retiraram todos os navios na melhor ordem.

Neste reconhecimento houve 16 pessoas feridas mais ou menos gravemente, e entre elles o 1.º Tenente Joaquim Cardoso de Mello, immediato do *Tamandaré*.

XIX

SUMMARIO

Nova organisação da Esquadra em operações.— Ordem do Dia de 21 de Julho de 1867.— Proclamação de 14 de Agosto de 1867 dirigida pelo Almirante Joaquim José Ignacio á Esquadra.— Passagem de Curupaity a 15 de Agosto de 1867. — Assentamento de trilhos (trem-road) entre o porto *Cuyá* e porto *Elisiario*. — Passagem dos Monitores por Curupaity.— Proclamação do Almirante Barão de Inhauma á Esquadra.— Passagem de Humaytá em 19 de Fevereiro de 1867.— Importante feito do Monitor *Alagôas* commandado pelo 1.º Tenente Maurity.— Passagem do Timbó e chegada da Divisão commandada pelo Capitão de Mar e Guerra Delfim, ao Tagy.— Officio do Marechal de Exercito Marquez de Caxias, sobre a passagem de Humaytá.— Officio do Ministro da Marinha sobre a passagem de Humaytá.

Depois deste reconhecimento o Almirante entendeu que devia dar uma nova organisação e melhor dividir as forças sob seu commando e assim o determinou.

Foram organisadas duas grandes Divisões e estas subdivididas em quatro Divisões.

A 1.ª Divisão ficou composta do *Lima Barros*, *Herval*, *Silvado*, *Cabral*, e *Barroso*:

A 2.ª, *Princeza*, *Biberibe*, *Magé*, *Parnahyba*, *Recife*,

Ypiranga, *Onze de Junho*, *Araguary*, *Forte de Coimbra*, *Pedro Affonso*, *Iguassú*, e todos os transportes e pontões.

A 3.ª, *Bahia*, *Mariz e Barros*, *Colombo* e *Tamandaré*;

A 4.ª, *Ivahy*, *Itajahy*, *Iguatemy*, *Mearim*, *Henrique Martins*, *Maracanã*, *Chuy* e *Greenhalgh*,

Estas divisões foram entregues ao commando dos Capitães de Mar e Guerra Francisco Cordeiro Torres Alvim, Capitão de Mar e Guerra Joaquim Rodrigues da Costa e Capitão de Mar e Guerra Delfim Carlos de Carvalho.

Na mesma occasião passaram a exercer interinamente os lugares de Chefe do Estado Maior da 1.ª grande Divisão o Capitão-Tenente Antonio Manoel Fernandes e da 2.ª o Capitão de Fragata Luiz da Cunha Moreira, e para Ajudante de Ordens do Visconde de Porto Alegre o 1.º Tenente Antonio Ferreira d'Oliveira.

Promptas as Divisões e subdivisões da Esquadra e sabidos os lugares que cada uma tinha de occupar, o Almirante, no dia 21 de Julho 1857 dirigio á Esquadra a seguinte Proclamação em Ordem do Dia:

« Camaradas! Nosso e valente Exercito, debaixo das ordens do primeiro soldado do Brazil, o prestante General Marquez de Caxias, vai começar suas operações sobre o inimigo.

« A Igreja Santa da nossa Patria celebra hoje a festividade do Anjo Custodio do Imperio, e é sob tão santos auspicios, que as nossas forças se movem!

« Não vereis neste feliz acaso o dedo da Providencia, que véla sobre nós, e que nos vai por certo conduzir á victoria! ?

« A vez da Esquadra não tarda, depende ella dos movimentos do Exercito.

« No momento em que fôr dada a ordem de avançar, conto comvosco: teremos uma hora de soffrimentos, mas deixaremos Curupaity pela pôpa, e deixar Curupaity pela pôpa, significa aniquilar o prestigio do inimigo e destruir a primeira tranqueira que separa Assumpção do resto do mundo civilisado.

« Ao combate, marinheiros do Brazil, ao combate!... e seja elle o prenuncio da mais completa victoria das armas alliadas.

« Ao combate! É com elle que vão cessar nossos males, e que vai a Patria rehaver seus dias passados de tranquillidade, bem estar e progresso.

« Ao combate! Nossas mães, esposas, filhos e amigos, lá nos esperam saudosos na Patria; e ver-nos apertados em seus braços, é, por sem duvida, o premio mais esplendido que nos pode trazer a victoria que sobre nossos inimigos obtivermos.

« Nada porém se alcança neste mundo sem o auxilio divino. Nossos Reverendos Capellães, com a caridade que os distingue, invoquem esse auxilio fazendo preces com a possivel solemnidade pelo triumpho das armas alliadas, consecutivamente nos dias 22, 23 e 24 do corrente. »

Feitas as preces ordenadas, e tudo o mais que necessario era para a Esquadra seguir, esperou-se o signal de avançar, que devia partir do Exercito.

O encouraçado *Brazil* com o distintivo do Almirante devia seguir levando a reboque a *Lindoya*; o *Mariz e Barros*, rebocando uma *Chata*; o *Tamandaré* o *Colombo*, o *Bahia*, o *Cabral*, o *Barroso*, o *Herval*, o *Silvado* e o *Lima Barros* com Chatas a reboque: as bandeiras alliadas

deviam estar içadas nos topes de todos os navios, que iam passar Curupaity.

A 14 de Agosto o Almirante dirigio de novo a palavra aos bravos da Esquadra.

« Brazileiros! O passo difficil e famoso nos annaes da presente guerra, Curupaity, vai ser por nós franqueado amanhã, Humaytá ha de seguir-se-lhe mais tarde, ou mais cedo.

« Ides emprehender trabalhos tão arduos como emprehenderam os antigos homens de Nelson e os modernos de Farragut e Porter.

« O que são porém, trabalhos para quem serve á Patria, não só por dever, mas para dar-lhe gloria e collocal-a na altura para que foi pela natureza fadada! São o termo dos soffrimentos e o conseguimento do mais formoso dos nossos sonhos dourados, a felicidade e a gloria de nossa Nação.

« Campanheiros de trabalho! Quizera que todos compartilhassem comigo, os que devem começar amanhã. Não é possivel: o bem do serviço exige que alguns de vós, os prestem longe do combate; postai-vos no lugar que vos fôr assignalado, como se estivesses desempenhando o mais importante dos deveres; todos os lugares são de honra, para quem os exerce como deve.

« Deixo-vos um Chefe bravo, intelligente e dedicado; obedecei-lhe, e vereis que é de summa gravidade a commissão que vos destinei.

« Brazileiros! Enchei-vos de esperança. A Virgem Santissima da Gloria, a Senhora da Victoria, e Assumpção da Mãe de Deus, são os Oragos que a Igreja Santa faz presidir ao dia 15 de Agosto.

« É pois, com a gloria e a victoria, que iremos a Assumpção. »

Com effeito, a 15 de Agosto, em menos de duas horas a Esquadra brazileira debaixo de horrivel fogo transpoz, subindo o rio Paraguay, o difficil e até então julgado quasi inexpugnavel Curupaity, apesar da grande correnteza do dito rio e dos navios que alguns levavam a reboque.

Cerca de 30 bocas de fogo despejavam bombas e metralha sobre os navios brazileiros, e duas fortes estacadas de madeira embargavam-lhe o seguimento. Nada porém, obstou a que, no fim de 6 horas de luta, dez encouraçados que nem todos eram de bôa marcha, tivessem passado Curupaity, afrontassem á soberba Humaytá, e sobre ella, e como para cumprimental-a, abrissem os seus fogos.

Durante a passagem foram mortos tres homens da guarnição e cerca de 12 feridos mais ou menos gravemente, e entre estes os distinctos Capitães de Fragata Elisiario José Barboza, e Capitão-Tenente Guilherme José Pereira dos Santos; o primeiro commandava o encouraçado *Tamandaré* e o segundo o encouraçado *Bahia*.

O Capitão de Fragata Elisiario Barboza foi amputado do braço esquerdo pelo Dr. João José Damazio, em presença do Chefe de Saude Dr. Carlos Frederico, e Dr. José Caetano da Costa, Manoel Joaquim, Saraiva, Manoel Joaquim da Rocha Freta, José Pereira Guimarães, e Justino de Castro Rabello. Para commandar interinamente o *Tamandaré* foi nomeado o Capitão-Tenente Augusto Cesar Pires de Miranda.

Em data de 27 de Setembro foi o Almirante Joaquim José Ignacio distinguido com o titulo o Barão de Inhaúma, em remuneração de seus importantes serviços no Paraguay.

No dia 22 de Outubro ás 11 horas da manhã, de bordo do *Silvado*, o distinto 1.° Tenente Custodio José de Mello, calculou tão bem uma pontaria, que meteu immediatamente a pique uma enorme Chata que os Paraguayos a muito custo e trabalhando mais de nm mez tinham conseguido collocar sob as correntes que fechavam o rio em frente a Humaytá. Este feito foi freneticamente victoriado pelas diversas guarnições que o presenciaram.

Em 3 de Novembro assentaram-se os trilhos do *trem-road* para communicar o porto Cuyá com o porto Elisiario, e para lembrança do nome do distincto Ministro da Marinha que mandou construir tão necessaria e importante obra, ficou se chamando — estrada Affonso Celso.

O Chefe do Estado Maior da Esquadra, Elisiario Antonio dos Santos, tendo-se retirado por doente, foi substituido em 3 de Fevereiro de 1868 pelo Chefe de Divisão Torres Alvim, continuando tambem no commando da 2.ª Divisão; e o Capitão de Mar e Guerra Delfim Carvalho passou a içar o seu distinctivo no *Bahia*, dalli em diante a sua Divisão ficou com o titulo de — Divisão avançada.

Um facto digno de especial menção praticado pelo valente Capitão de Mar e Guerra Affonso Lima, deu-se no dia 4 de Fevereiro. Affonso Lima, acompanhado apenas de algumas praças, revestido da maior calma e sanguefrio, sem se lembrar sequer do grande perigo que elle e seus dignos companheiros corriam, foi junto á costa

do Chaco e ahi com a maior felicidade pescou ou suspendeu dois grandes torpedos, que foram inutilisados.

A este tempo tinham chegado a Curuzú os Monitores *Pará*, *Rio Grande* e *Alagôas*, e forçoso era que esses Monitores, forçando a passagem de Curupaity, se reunissem á Divisão do commando em chefe. Foi encarregado dessa missão o Capitão de Mar e Guerra Delfim Carvalho, que apesar do máo tempo, apesar do vivissimo fogo que sobre os Monitores fizeram os Paraguayos, ás 9 horas da noite do seguinte dia, 13 de Fevereiro, deram fundo junto ao navio Almirante os tres Monitores, commandados pelos 1.os Tenentes Custodio José de Mello, Joaquim Antonio Cordovil Maurity e o Piloto Antonio Joaquim.

Quatro dias depois que chegaram os Monitores, o Almirante dirigio á Esquadra a seguinte Ordem do Dia :

« Ha seis mezes feitos, a Esquadra brazileira domina o espaço do rio Paraguay comprehendido entre os baluartes famosos de Curupaity e Humaytá.

« Curupaity foi humilhado em pleno dia a 15 de Agosto do anno passado, a Esquadra com os symbolos da alliança em seus topes; desprezando duplas estacadas e torpedos, zombava de vintê nove peças de grosso calibre e transpunha quasi incolume essa moderna Gibraltar do Japão da America do Sul.

« A 13 de Fevereiro tres Monitores, aproveitando a obscuridade da noite, embora tempestuosa, vadeavam esse passo, forte ainda bastante para interceptar a passagem de forças muito respeitaveis.

« O prestigio, pois, de Curupaity desappareceu ; suas barrancas não são mais do que um fantasma que, quando muito recordarão passadas glorias.

« Humaytá, à pedra angular do antro em que se abriga a fera do Paraguay, era a arca santa que lhe garantia a existencia.

« O que ousasse aproximar-se á ella cahiria fulminado pelo volcão vomitado por mais de 100 peças, e pelas machinas infernaes submarinas e traiçoeiras, cujo poder a tem tornado por demais problematica.

« Humaytá porém, é hoje a tunica despedaçada do mendigo, seus imponentes canhões parecem mudos e impassiveis em face de tanta destruição.

« É preciso porém, que a *Charleston* destas amaldiçoadas plagas fique reduzida ao silencio dos tumulos e riscada dos mappas em que a fazem dizer ao mundo — Aqui não se passa.

« É o que vai fazer a Divisão da Esquadra brazileira ao mando do Sr. Capitão de Mar e Guerra Delfim Carlos de Carvalho.

« Proteja o Altissimo os seus esforços, e esta prolongada guerra terá um breve fim. E nós que ficamos em nossos postos de honra tambem, cumpramos nossos deveres como militares, e como homens de coragem e brio, e dizendo-lhe o adeus saudoso de despedida, repitamos nosso grito de guerra :

« Viva a nação brazileira !

« Viva o Imperador !

« Vivão os defensores da honra da nação ! »

Organisada a Divisão composta dos encouraçados *Bahia*, *Tamandaré* e *Brazil*, e dos Monitores *Alagôas*, *Pará* e *Rio Grande*, ao mando do Capitão de Mar e Guerra Delfim Carlos de Carvalho, desaferrou esta depois da meia-noite do dia 18 de Fevereiro do porto Elisiario, onde se achava, e seguio rio acima, indo os

Monitores agarrados ou presos ao lado de *BB* de cada um dos encouraçados.

O Almirante a bordo do *Brazil* seguio immediatamente, acompanhado de outros navios e foi collocar-se, sem que o inimigo o presentisse, em posição de poder bater as baterias inimigas com vantagem, reservando para o *Lima Barros* e o *Silvado* os lugares de maior perigo em frente da *bateria de Londres* e a distancia de metralha das cadeias que fechavam Humaytá.

O encouraçado *Barroso* avançava velozmente. o *Bahia* desgovernava, e o *Tamandaré* marchava mal.

Os Paraguayos tinham presentido o movimento dos navios brazileiros, e desde Curupaity até Humaytá os signaes, por meio de foguetes, eram continuos.

Eram 3 horas e 35 minutos da madrugada quando a Divisão Delfim investio o canal de Humaytá, e as peças das imponentes fortificações alli existentes romperam simultaneamente seus fogos sobre os navios brazileiros.

A resposta por parte do Almirante e seus navios não se fez esperar, bem assim tambem por parte do Exercito acampado nas proximidades, e a tempo prevenido da passagem, ou do commettimento da Esquadra.

O encouraçado *Lima Barros* havia de proposito encalhado de prôa para poder offerecer suas torres pelo travéz de *EB*, e o *Silvado* amarrara-se á terra, para tambem melhor bombardear o inimigo.

De repente grandes fogueiras illuminaram o Chaco em frente ao Canal e recrudesceu a furia do inimigo contra os navios, a atmosphera tornou-se uma abobada pe ferro e fogo. Que grandioso espectaculo!

Ás 4 horas da manhã um foguete lançado além

das cadeias annunciou ao Almirante que o primeiro navio ou grupo de navios brazileiros havia transposto esse passo.

Outro foguete depois, e terceiro mais tarde, deram a conhecer que a victoriosa Divisão Delfim demandava já novos perigos, tendo vencido os primeiros, reputados por todos como insuperaveis!

É neste momento solemne que de bordo do navio Almirante se avista, vindo aguas abaixo, um dos Monitores que tinha seguido amarrado aos encouraçados.

Era o *Alagôas* que, cortados pelas balas inimigas os cabos que o prendiam ao costado do reboque do encouraçado, quando já houvera passado as cadeias, fôra obrigado a separar-se — dos demais navios da Divisão, e vinha receber ordens ao navio Almirante.

O Almirante ordenou ao Monitor que désse fundo; porem o bravo 1.º Tenente Joaquim Antonio Cordovil Maurity, entendeu melhor não dar fundo e seguir a sorte dos outros navios, e voltando aguas acima lá se foi em demanda da Divisão Delfim!

O Almirante não interrompeu a vontade e resolução de Maurity, e deixou que esse bravo seguisse o seu destino, dizendo: — Deus protege actos tão nobres.

O fogo de Humaytá cubrio o fraco Monitor; ia amanhecer, e elle ficaria exposto á irremediavel e infallivel ruina: assim pensavam todos.

Momentos depois, um foguete annunciou que o bravo Maurity tinha passado de novo as cadeias de Humaytá!...

E não ficou só nisso o feito de Cordovil Maurity, porquanto, poucos minutos depois, 40 canôas cheias de Paraguayos armados, em sua maior parte de grandes facões, e alguns até de arco e flecha, lançam-se sobre

o pequeno Monitor *Alagôas*, porém Maurity manobra por tal fórma que mette umas a pique, com a sua artilharia destroça outras, e faz finalmente, fugir o restante; e, segue o seu caminho, vai unir-se aos seus companheiros ao victorioso Delfim de Carvalho!

Estava ganha uma grande victoria; estava resolvido o difficil problema: a Marinha Brazileira tinha-se elevado á altura mais importante. O prestigio de Humaytá desvanecera-se, como em 15 de Agosto desvanecera-se o de Curupaity; o memoravel *19 de Fevereiro*, ia registrar não só uma victoria, mais ainda, um acto da mais insigne bravura, o feito do 1.º Tenente, o jovem Joaquim Antonio Cordovil Maurity.

A Divisão Delfim seguio rio acima, fez algum fogo sobre Laureles, e suppunha-se já salva, quando lhe apparece uma nova e grande fortificação com muita e grossa artilharia, no Timbó.

Foi-lhe mais difficil este passo do que o de Humaytá, porém venceu-se, e ás 10 horas e 30 minutos dava fundo em Tagy, victoriado pela valente Divisão do Exercito alliado que ali se achava, commandada pelo Marechal Victorino Carneiro Monteiro.

Ao clarear do dia retiraram-se ao seu antecedente ancoradouro os navios que com o Almirante tinham avançado e tomado posição proxima ás baterias de Humaytá. Retirou-se tambem da lagoa Pires onde tinha ido para bombardear por aquelle lado os entrincheiramentos de Humaytá, a Divisão commandada pelo Capitão de Mar e Guerra Affonso Lima.

A Divisão Delfim, durante a passagem de Humaytá teve apenas um ferido gravemente, sete levemente e alguns contusos. Entre os feridos contava-se o proprio Commandante Delfim e o pratico Etchbarne.

O feito importante da passagem de Humaytá, deve ser equiparado, na historia, aos de maior nomeada, desempenhados pela Esquadra americana na heroica luta que ultimamente alli se deu. A passagem de Humaytá, elevou, sem duvida alguma, a Marinha Brazileira á altura das mais illustres do mundo. Esse feito que capacidades, publicistas e profissionaes estrangeiros julgavam impossivel de ser realisado pelas mais fortes Marinhas, foi desempenhado por duas Divisões da Esquadra brazileira, uma forçando e outra ajudando a forçar o passo famoso de Humaytá.

O Venerando Marquez de Caxias, Commandante em Chefe do Exercito, quando recebeu a participação da passagem de Humaytá dirigio ao Almirante Barão de Inhaúma a seguinte resposta:

« É com o maior jubilo, e o mais intenso contentamento que accuso a recepção do Officio que V. Ex. se dignou dirigir-me em data de 25 do corrente mez, dando-me parte circumstanciada do glorioso e honroso feito praticado pela Esquadrilha composta de 3 vapores encouraçados e 3 Monitores, que sob o commando do bravo e intrepido Capitão de Mar e Guerra Delfim Carlos de Carvalho transpôz a linha de Humaytá, que o inimigo até então proclamava inexpugnavel.

« V. Ex. tem razão, quando diz em seu citado Officio que este ousado commettimento elevou á maior altura a gloria da Esquadra brazileira.

« Em verdade esses denodados e atrevidos marinheiros, que foram encarregados de tão arriscada empreza, fizeram mais do que tem sido praticado por vultos eminentes da Marinha europea e da norte americana.

« O grandioso episodio, que V. Ex. com tanta propriedade e singeleza conta ácerca do Monitor *Alagôas*, tanto esse que lhe succedeu antes de transpôr o Humaytá, como posteriormente, me encheu de tão grande enthusiasmo, que me é impossivel podel-o descrever.

« Penso absolutamente como V. Ex.; eu em seu lugar teria tambem grande pesar de não poder transpor as barreiras da lei escripta para collocar sobre os hombros do bravo e jovem Commandante do Monitor *Alagôas* as dragonas de Official General da Armada,

« Digne-se V. Ex. aceitar as mais sinceras e cordiaes felicitações, que lhe envia por esse feito da Esquadra brazileira, que não só a recommenda á Nação, ao Governo e á alta munificencia do Imperador, como a ha de tornar admirada e invejada por todas as Potencias maritimas do mundo, e crêa V. Ex. que muito me penhorará se tiver a bondade de em meu nome transmittir a todos os Commandantes, Officiaes e guarnições da Esquadra, sob seu digno commando, meus fervorosos comprimentos e protestos da mais subida gratidão. »

O digno Ministro da Marinha de então, Conselheiro Affonso Celso, ao receber a noticia da passagem de Humaytá dirigio ao Almirante o seguinte officio:

« Accuso a recepção do Officio n. 491 de 21 do mez passado, que V. Ex. me dirigio.

« A noticia que nelle me transmitte V. Ex. de haver a Divisão nossa dos encouraçados transposto o passo de Humaytá, empreza julgada até então impossivel, foi recebida com extremo jubilo por todos os habitantes da Capital do Imperio, e desvaneço-me como

orgão do Governo de significar a V. Ex., á Esquadra de seu commando, e em particular á mencionada Divisão os devidos parabens por feito de armas, que ha de figurar brilhantemente na historia do mundo immortalisando a Marinha brazileira.

« Em caso como esse não ha remunerações superiores á acção praticada.

« A ideia do cumprimento de dever, a consciencia de haver bem merecido da Patria, a gratidão de um povo inteiro, um nome glorioso ligado á posteridade, são a sua verdadeira recompensa.

« Entretanto Sua Magestade o Imperador, houve por bem mandar que V. Ex. louve individualmente em Ordem do dia o Chefe da Divisão, os Commandantes e mais praças que tomaram parte no glorioso feito d'armas da madrugada de 19 de Pevereiro, fazendo especial menção do 1.º Tenente Joaquim Antonio Cordovil Maurity, Commandante do Monitor *Alagoas*, que investindo elle só contra as baterias da terrivel fortaleza, desprezando e mettendo a pique a multidão de canôas paraguayas que tentavam abordal-o, conquistou um lugar de honra entre os mais valentes Officiaes da Esquadra. »

Na mesma occasião o illustre Ministro da Marinha em outro officio dizia ao Almirante o seguinte:

« Remetto a V. Ex. o *Diario Official* em que se publicaram as graças que Sua Magestade o Imperador houve por bem conceder em remuneração aos serviços prestados por V. Ex., pelo Chefe de Divisão Barão da Passagem e pelo Capitão-Tenente Maurity na occasião de forçar-se o Passo de Humaytá.

« Deus Guarde a V. Ex.— Sr. Visconde de Inhaúma. »

Foi pois, o Sr. Conselheiro Affonso Celso quem, com agradavel surpreza, tratou pela primeira vez por seus novos titulos, os tres agraciados.

Na mesma data foram concedidos trez mezes de soldo ás diversas guarnições que passaram o Humaytá, como prova de apreço aos seus serviços.

XX

SUMMARIO

Abordagem dos Paraguayos aos encouraçados *Lima Barros* e *Cabral* em 2 de Março de 1868.— Morte do Capitão de Mar e Guerra Rodrigues da Costa.— Occupação do Chaco pelo 2.° corpo do Exercito alliado.— Ataque dos Paraguayos ás forças acampadas no Chaco no dia 4 de Maio de 1868.— Novo ataque em 8 de Maio.— Ataque das Chalanas paraguayas ao encouraçado *Barroso* na noite de 10 de Julho de 1868.— Morte do Commandante Antonio Joaquim, do Monitor *Rio-Grande*.— Nova passagem em Humaytá pelos encouraçados *Silvado*, e *Cabral* e Monitor *Piauhy*.— Bombardeamento do Guaycurú e Estabelecimento.— Passagem do Timbó.— Passagem de S. Fernando.— Passagem do Tibiquary.

Passado que foi o Humaytá, dispensou-se a estada da força do Exercito que á disposição de Almirante se achava acampada no Chaco commandada pelo bravo Brigadeiro Gurjão.

Tendo voltado ao serviço o distincto Capitão de Mar e Guerra Elisiario José Barbosa, foi-lhe confiado desde logo o commando da 1.ª Divisão, passando o Capitão de Mar e Guerra Affonso Lima a commandar a 2.ª.

No dia 2 de Março, perto das 2 horas da madrugada, achando-se de ronda em um escaler na vanguarda dos navios da Esquadra, o Guarda-marinha José Roque da Silva, descobrio descendo dos lados de Humaytá um grande numero de montões de hervas, a que se dá alli o nome de *Camalotes*, cujo movimento lhe causou desconfiança, e procurando aproximar-se de um dos taes camalotes para melhor o observar, reconheceu que eram canôas paraguayas carregadas de gente armada, que se deixavam levar pela correnteza do rio, que necessariamente iam cahir atravessadas na prôa dos navios da 2.ª Divisão, nesse tempo ainda commandada pelo Capitão de Mar e Guerra Joaquim Rodrigues da Costa.

O Guarda-marinha procurando a toda força de remos ganhar o seu navio, gritou para os dois que lhe ficaram mais proximos, *Lima Barros* e *Cabral*, avisando-os que iam ser aborbadas pelos Paraguayos, já muito proximos; e quasi já envolvido pelos assaltantes, pôde atracar ao seu navio que era o *Lima Barros*.

Este aviso tão oportunamente dado foi felizmente ouvido pelos 4 navios da Divisão. que estavam ancorados em linha perpendicular á direcção da corrente e á distancia de menos de um tiro de peça das fortificações existentes em Humaytá.

Apesar da presteza com que as guarnições correram a seus postos, os Paraguayos conseguiram lançar dentro do *Lima Barros* um golpe de perto de 400 homens: outros tantos, pouco mais ou menos, abordaram o *Cabral*, e o resto se dirigia para o *Silvado* e *Herval*.

As guarnições do *Lima Barros* e *Cabral* com seus Commandantes Capitão-Tenente João Alves Nogueira e Capitão de Fragata Aurelio Garcindo Fernandes de Sá,

procuraram com o maior valor e coragem defender a abordagem, porém vendo que todos seriam victimas procuraram recolher-se ás torres e casamata e assim o fizeram.

O Commandante da Divisão Capitão de Mar e Guerra Costa, não tendo podido apanhar em tempo a portinhola da torre, cahio victima, crivado de innumeras feridas, e já no chão, os canibaes e perversos ainda o picaram a faca e quebraram-lhe as duas pernas!

O Commandante Garcindo pôde ganhar a torre porém já ferido gravemente.

O *Silvado* que nessa noite estava de promptidão, antes que os Paraguayos chegassem a elle, largou immediatamente a amarra por mão, levantou seus fogos e collocou-se entre o *Lima Barros* e o *Cabral* e começou a metralhar as extremidades daquelles navios onde era de suppôr estivessem aglomerados os Paraguayos. O *Herval* com a maior promptidão seguio as manobras do *Silvado*, e ambos se lançaram, ora contra os Paraguayos que tinham abordado os navios, ora contra as canôas de que o rio se achava coberto: era horrivel a mortandade que se fazia, e muito difficil a posição dos dois navios *Herval* e *Silvado*, porquanto podiam com a escuridão da noite e qualquer descuido fazer, sem o quererem, grande mortandade entre os proprios brazileiros que guarneciam o *Lima Barros* e o *Cabral*.

Ao sangue frio e á reflexão dos dois distinctos Commandantes Capitão Tenente Jeronymo Francisco Gonsalves e Helvecio de Souza Pimentel, se deve o não ter havido grande numero de taes victimas.

Logo que no Porto Elisiario, onde se achava o Almirante, se ouvio o tiroteio, puzeram-se de promptidão os navios alli existentes, e seguiram immediatamente

o *Brazil* e o *Mariz e Barros*; e ao clarear do dia estavam proximos do lugar da luta.

Chegados esses dois navios, o Almirante que se achava a bordo do *Brazil*, mandou pelo seu Ajudante de Ordens 1.º Tenente Legey, ordem ao *Herval* que abordasse o *Lima Barros* pelo lado de *EB*; mandou igualmente o seu Secretario Capitão de Fragata Fernandes que ordenasse ao *Silvado* e *Mariz e Barros* que abordassem o *Cabral*, e em pessoa dirigisse a dita abordagem; e finalmente, ordenou que o Capitão-Tenente Salgado dirigisse o navio *Brazil* em que se achava o Almirante, para abordar o *Lima Barros* por *BB*.

Todas estas manobras foram feitas com a possivel rapidez e pericia. Os Paraguayos vendo-se inteiramente perdidos saltaram ao rio e a maior parte ahi pereceu. As canôas destruidas pelos vapores, e as suas tripolações atiradas ao rio e mortos em grande parte.

Os Paraguayos deixaram sobre a tolda do *Cabral* 32 cadaveres, e sobre a tolda do *Lima Barros* 78 cadaveres, além de 3 outros encontrados dentro de um dos escaleres do navio.

Os Brazileiros tiveram 8 praças mortas, 21 feridas gravemente e 39 levemente; entre ellas o Capitão Cespedes e Tenente Donato.

A morte do Capitão de Mar e Guerra Joaquim Rodrigues da Costa, Official bravo e muito dedicado ao serviço, causou grande tristeza na Esquadra: bem assim tambem os ferimentos graves recebidos pelo Commandante Garcindo, Capitão-Tenente Foster Vidal, 1.os Tenentes Vital de Oliveira e João Wandenkolk, causaram muito sentimento a todos os seus companheiros.

No dia 2 de Maio foi occupado o Chaco por forças

do 1.º corpo do Exercito brazileiro, e o embarque e desembarque dessa força foi confiado ao distincto Chefe de Divisão Barão da Passagem e á direcção de seu commando; o desembarque foi feito debaixo de vivo fogo feito pelos Paraguayos occultos em vallados.

A metralha dos encouraçados *Bahia*, *Tamandaré* e *Barroso*, Monitores *Pará* e *Rio Grande* fez entretanto recuar os Paraguayos, e dar tempo a que o Exercito tomasse posição e levantasse trincheiras.

Na tarde desse mesmo dia os Paraguayos tentaram um reconhecimento ás forças que acabavam de occupar o Chaco e foram repellidos, e bastante castigados pela artilharia do *Bahia* e *Tamandaré*, resolvendo-se afinal a retirar de uma vez para os lados de Humaytá.

No dia 4 de Maio vieram de novo os Paraguayos com 4 batalhões de infantaria e 2 regimentos de cavallaria, e de improviso cahiram sobre os soldados que se achavam trabalhando em entrincheiramentos fóra do Chaco. Sendo porém presentidos a tempo, foram repellidos antes de chegarem ao acampamento do Exercito, e completamente desbaratados, deixando no campo cerca de 400 cadaveres, e grande numero de lanças, espingardas e carabinas.

Muito serviço prestaram nessa occasião o encouraçado *Bahia* e o Monitor *Pará*, com seus certeiros tiros de metralha.

No dia 8 de Maio estando as forças occupadas em arrasar as fortificações que alli existiam, appareceu uma força paraguaya de mais de 1.000 homens, que vista pelo encouraçado *Tamandaré*, que vigiava esse ponto, e logo em seguida pelo *Bahia* e Monitor *Rio-Grande*, foi batida pela metralha dos mesmos navios, e procurando fugir cahio sobre ella uma Divisão das forças

do Chaco e a fêz internar-se nas matas proximas, deixando em caminho 300 cadaveres e grande numero de feridos.

A 26 de Maio retirou-se por doente o bravo Chefe de Divisão Affonso Lima, passando a commandar a 2.ª Divisão o Capitão de Mar e Guerra Mamede Simões da Silva e a 4.ª o Capitão de Mar e Guerra Guilhermê Pereira dos Santos, o encouraçado *Bahia* o distincto 1.º Tenente Carlos da Silveira Bastos Varella, e o encouraçado *Silvado* o Capitão de Mar e Guerra Garcindo, já de todo restabelecido dos ferimentos que antes havia recebido.

O Capitão de Fragata João Manoel de Moraes e Valle e Capitão-Tenente José da Cunha Moreira, tomaram conta de todas as praças do batalhão naval, destacadas nos navios da Esquadra.

O Capitão de Fragata João Mendes Salgado que de novo se apresentara para o serviço tomou conta do commando do encouraçado *Brazil*, que se achava interinamente commandado pelo Capitão-Tenente Steple da Silva.

Na noite de 9 para 11 de Julho achando-se o encouraçado *Barroso*, commandado então pelo distincto Capitão de Fragata Arthur Silveira da Motta, fundeado pouco acima do barranco de Tagy, no Canal da Monterita, com o fim de guardar o flanco das forças brazileiras e ao mesmo tempo a entrada da lagôa, e pela pôpa do dito encouraçado fundeado o Monitor *Rio-Grande* commandado pelo bravo Capitão-Tenente Antonio Joaquim, os Paraguayos sahidos do Tibiquary procurando demonstrar alento com ataques temerarios, vieram em 20 Chalanas tomadas no Rio-Vermelho tripoladas cada uma por 12 homens, abordal-o, sahindo do

lado *Oeste* da Ilha Monterita e escondendo-se por detraz de uma das immensas ilhas de vegetação aquatica de que o rio está sempre coberto naquelles lugares, afim de não serem vistos de bordo dos navios. Sendo porém presentidos pela sentinella da prôa do *Barroso*, que immediatamente deu o signal de alarma, a gente correu a seus postos e todas as escotilhas foram fechadas.

O Commandante Silveira da Motta intencionalmente não quiz disparar as peças de vante do navio, e esperou que os Paraguayos em massa saltassem no convéz afim de melhor poder empregar contra elles a sua metralha. Emquanto porém não se agrupava grande numero de Paraguayos no convéz, das portinholas e da parte superior da casamata, os fuzileiros navaes e os cabos de marinheiros iam empregando sobre elles os seus fuzis.

Quando um grupo de cerca de 30 Paraguayos saltou no convéz, um tiro disparado com peça de 120 bastou para varrer o convéz, onde só ficaram cadaveres e muribundos.

Vendo os Paraguayos que nada podiam fazer pelo lado de vante da casamata, nem tão pouco penetrar na coberta e bateria, foram para ré, e ahi tiveram igual recepção que a de vante.

A este tempo o Commandante Motta mandando funccionar a machina de vapor, fez com isso um grande damno ás Chalanas e algumas afundaram-se de prompto.

Na mesma occasião o Monitor *Rio Grande*, seguindo á vante metralhava as Chalanas, porém atracando a seu bordo algumas das ditas Chalanas, encontrou o bravo Commandante Antonio Joaquim, que entretido a vêr o effeito que produzia a manobra que

ordenara sobre as Chalanas não se tinha ainda recolhido á torre, os Paraguayos investiram sobre elle feriram-no e o precipitaram no rio onde infelizmente não pôde ser salvo, e pereceu!

Feito tudo isto e reconhecendo os Paraguayos que era infructifero o seu commetimento fugiram, com o resto de suas Chalanas, deixando os cadaveres, alguns feridos e prisioneiros, entre os quaes dois Tenentes, Basilio Rojas e Mirão. Só no encouraçado *Barroso* deixaram os Paraguaos 42 cadaveres sobre o convéz.

Grande porção de armamento de mão, incluindo muitos facões, foram encontrados não só no convéz dos navios como dentro das Chalanas, onde tambem existiam muitos tubos cheios de um mixto sufocante, e alguns foguetes de um preparado especial e outros a Congreve.

Além do Pratico Fernando Etchebarne, ficaram gravemente feridos no *Barroso* 12 praças. Diversas Chalanas foram achadas, onde só existiam cadaveres, e que á mercê das aguas seguiam rio abaixo.

O Monitor *Rio Grande* passou a ser commandado interinamente pelo bravo 2.º Tenente Simplicio Gonsalves de Oliveira, que se portou durante a acção com a maior coragem e sangue frio.

Nesse mesmo dia o Commandante em Chefe do Exercito Brazileiro, General Marquez de Caxias, veio a bordo dos dois navios a felicitar os bravos que os guarneciam, mostrando-se muito sensibilisado pela morte do Commandante Antonio Joaquim, que tantos e tão relevantes serviços havia prestado durante a guerra.

O passo de Humaytá foi pela segunda vez forçado no dia 21 de Julho de 1868.

Os encouraçados *Silvado* e *Cabral*, e o Monitor *Piauhy*, forçaram esse famoso passo sem que suas guarnições soffressem o menor damno, e foram se reunir á Divisão commandada pelo Barão da Passagem.

Eram 4 horas da manhã quando esses navios se puzeram a caminho, indo na frente o *Cabral*, e logo em seguida o *Silvado* levando atracado ao costado de *EB* o Monitor *Piauhy*. Os Paraguayos não se fizeram esperar com o seu bombardeamento contra os ditos navios, porém tiveram de calar seus fogos, com a resposta que lhes deram o *Lima Barros*, *Brazil*, *Herval*, *Mariz e Barros* e *Colombo* que tendo tomado posição protegiam a passagem de seus trez companheiros: E do acampamento do Exercito tambem romperam nutrido e certeiro fogo, que muito concorreu para o prompto silencio dos inimigos.

A's 5 horas e 30 minutos subiram ao ar 3 foguetes dando signal que os navios estavam acima das correntes. A esses foguetes succederam-se enthusiasticos vivas dados em todos os navios presentes.

O Barão da Passagem tinha descido a bordo do *Bahia*, e logo abaixo do rio Hondo, encontrou-se com os tres navios que ia esperar, e seguio com elles para o fundeadouro onde se achavam os outros.

O *Silvado* foi tocado por 8 balas, uma decepoulhe o tubo de vapor 4 perfuraram-lhe a chaminé, e uma tocou-lhe na torre alluindo a chapa.

Os outros dois navios foram tocados por poucas balas e quasi nenhuma avaria soffreram. Os tres navios eram commandados pelo Capitão de Fragata Alves Nogueira, Capitão de Mar e Guerra Garcindo de Sá, e Capitão Tenente Eduardo Wandenkolk.

O Chefe Barão da Passagem deixando abaixo do

lugar chamado Timbó, fortificação paraguaya, os encouraçados *Cabral*, *Tamandaré*, e o Monitor *Pará*, seguio no dia 21 rio acima, com o fim de bombardear o acampamento e as baterias inimigas no Guaycurú, e ás 4 horas da tarde, acompanhado pelo *Bahia*, *Silvado*, *Piauhy*, e *Alagôas*, *Barroso* e *Rio Grande* deu fundo em frente ao Estabelecimento e rompeu sobre elle nutrido fogo até as 7 horas da noite, e suspendendo forçou a passagem do Timbó apesar do vivissimo fogo que d'alli lhe fizeram, e ás 6 horas da manhã chegou ao Tayi, onde se demorou até ás 2 da tarde, e deixando esse ancoradouro subio até o porto de Pilar onde pernoitou.

Ao amanhecer de 23 proseguio em sua derrota rio acima e ás 7 da noite achava-se em frente ás baterias levantadas na fóz do Tibiquary e passo de S. Fernando.

Foram recebidos com grande tiroteio de artilharia de mui grosso calibre, porem o Barão da Passagem pouco se importou com isso, e pela manhã, ás 9 horas pouco mais ou menos do dia 24, forçou com o *Bahia*, *Silvado* e Monitor *Alagôas* o famoso passo de S. Fernando, apesar do vivissimo fogo de artilharia e fuzilaria que quasi á queima roupa lhe faziam os Paraguayos, e ás 10 horas abrio fogo contra o grande acampamento paraguayo de S. Fernando, e subindo até a fóz do arroio onde foram avistados fundeados dois navios paraguayos, pretendeu ir até lá a fim de tomal-os. Não o fez porem porque nenhum dos Praticos de bordo conhecia aquelle arroio, e mesmo porque só o Monitor *Alagôas* poderia chegar até lá e esse tinha soffrido um desarranjo na machina.

Deixando nesse lugar o *Silvado* e o *Alagôas* e os

outros navios, subio rio acima o Barão da Passagem e a bordo do *Bahia* foi até o lugar chamado Herradura, explorando as margens do rio afugentando muito gado e diversos piquetes que por alli appareceram.

A's 3 horas voltou o *Bahia* aguas abaixo e tomando o *Alagôas* forçaram ambos de novo o passo de Tibiquary.

Ao aproximar-se desse passo e na posição mais arriscada, uma bala inimiga arrebatou a vida do Pratico Luiz Repeto, levando-lhe a cabeça, e outra bala matou o marinheiro que na occasião governava o leme e outro que se achava a seu lado. Tomando a direcção do navio o velho Pratico Picardo conseguio guiar o navio, por muito tempo só com a helyce, porquanto o leme não se podia mover atravancado por tres cadaveres que de prompto era impossivel remover.

De volta e reunidos aos demais navios que se achavam abaixo do Tibiquary bombardearam toda a noite o acampamento e fortificações inimigas, que afinal já quasi não respondiam ao bombardeamento.

Os navios soffreram algumas avarias e tiveram 3 praças mortas e alguns feridos, e entre estes o Capitão de Mar e Guerra Garcindo de Sá e 1.º Tenente Antonio Pedro Alves de Barros.

Muito especialmente elogiados foram durante esta expedição, os Capitães de Mar e Guerra Garcindo, Capitães-Tenentes Hoonholtz e Cordovil Maurity, 1.º Tenente Pinto da Veiga e o velho Pratico Picardo; e bem assim os Commandantes Wandenkolk, e 1.º Tenentes Muniz Fiuza e Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto pela maneira digna porque se portaram.

XXI

SUMMARIO

Flotilha de escaleres na lagôa que cerca o Humaytá. — Abandono de Humaytá pelos Paraguayos. — Combate das canôas paraguayas contra escaleres brazileiros. — Rendição da força que pretendia fugir de Humaytá — Subida da Esquadra até Tayi. — Bombardeio em Itapirú. — Perseguição de 2 navios paraguayos em Villeta.— Passagem de Angustura. — Cholera-morbus a bordo do *Lima Barros*. — Subida da Esquadra e passagem por Angustura. — Chegada da Esquadra a Villeta. — Chegada da Divisão do Barão da Passagem á cidade de Assumpção no dia 29 de Novembro de 1868. — Estabelecimento de um hospital em Humaytá e outro em Assumpção. — Primeira investida contra os navios paraguayos escondidos no rio Manduvira. — Retirada do Almirante Inhaúma por doente. — Retirada do Commandante em Chefe Marquez de Caxias.

Tendo a guarnição paraguaya, que se achava em Humaytá, abandonado aquella praça e se refugiado na matta que lhe ficava em frente e na ponta do Chaco o Chefe do Estado Maior da Esquadra ordenou ao Capitão-Tenente Francisco Romano Steple da Silva que tomando sob seu commando uma flotilha composta de escaleres, de combinação com as canôas do

exercito, policiasse e vigiasse a lagôa de maneira que impedisse a fuga dos Paraguayos por aquelle lado,

No dia 26 de Julho á tarde 9 grandes canôas paraguayas tripoladas por 30 praças cada uma, sahiram de encontro a 3 escaleres que mais perto rondavam pretendendo atacal-os e atravessar a lagôa, travaram luta com os ditos escaleres e estes foram se retirando, para dar occasião a que os batalhões de linha 29 e 32 que se achavam de proposito postados na margem da lagôa, podessem fazer fogo ás canôas paraguayas, o que assim succedeu, voltando os Paraguayos ao lugar d'onde haviam sahido

No dia 29 vieram de novo as canôas atacar uma das lanchas que rondava, e no dia 30 ás 9 horas da noite tentaram tambem atravessar a lagôa, e não o poderam fazer. Porém tendo á uma hora da noite se tornado máo o tempo e escura a noite, vieram novamente e tentaram a todo o transe forçar a linha de escaleres e canôas, e tal foi o encontro e a confusão que algumas canôas paraguayas conseguiram evadir-se levando de rojo algumas canôas guarnecidas por Brazileiros, as quaes protegidas afinal pela Lancha do encouraçado *Brazil*, commandada pelo 1.º Tenente Saldanha da Gama, foram todas salvas, e continuando a dita Lancha em perseguição das canôas fugitivas e quando proxima a abordal-as encalhou, tendo podido apenas alcançar só uma das canôas inimigas guarnecida por 16 homens, metendo-a a pique sem que nenhum dos seus tripolantes podesse escapar.

Nessa luta ficaram feridos 8 Brazileiros e 1 morto; entre os feridos contava-se o Commandante Steple que estava em uma das Lanchas.

As 11 horas da noite do dia 31 mais 7 canôas

cheias de Paraguayos procuraram forçar a linha de escaleres e canôas brazileiras, porém cahindo-lhe em cima os escaleres do *Brazil*, *Magé* e *Beberibe*, metteram uma dellas a pique e apresaram tres, podendo as outras, a muito custo, fugir porém quasi desguarnecidas.

A mortandade foi grande por parte dos Paraguayos: mais de 60 pessoas morreram no conflicto.

Os Brazileiros tiveram 5 homens fóra de combate.

Na noite de 1 de Agosto os Paraguayos em 9 grandes canôas contendo cada uma dellas mais de 40 pessoas entre as quaes muitas mulheres tentaram a passagem da lagôa, porém perseguidos pelo escaler do *Magé*, dirigido pelo Commandante Steple, o escaler do *Brazil* pelo 1.º Tenente Julio Noronha, e o escaler do *Beberibe* pelo 2.º Tenente José Porfirio de Sousa Lobo, e diversas canôas do Exercito, depois de renhido tiroteio e combate corpo a corpo, ficaram prisioneiras 7 canôas paraguayas, uma retrocedeu e a outra poude escapar-se, porém foi pouco tempo depois agarrada tendo dentro 8 cadaveres.

Nesta mortifera luta em que pereceram quasi todos os Paraguayos, deixando apenas vivos e como prisioneiros umas 28 pessoas: os Brazileiros tiveram de lamentar a morte do joven e bravo 1.º Tenente Francisco Urbano da Silva Junior, que com a maior valentia se bateu até o momento fatal,

Nesse mesmo dia foram aprisionadas mais 11 canôas que pretenderam passar do lado do Estabelecimento para o ponto onde se achavam acampados os Paraguayos de Humaytá.

Escapou-se uma com 3 homens apenas guarnecendo-a. Encontraram-se 14 Paraguayos mortos, a maior

parte atirou-se n'agua e ahi tambem morreu, os restantes ficaram prisioneiros.

No dia 5 de Agosto rendeu-se á final a força pararaguaya que pretendia fugir de Humaytá, e em numero de 1.327 praças, entre as quaes o Commandante Coronel Martines e 97 Officiaes se entregaram á discripção dos Brazileiros.

Cumpre aqui declarar que ao Reverendo Padre Ignacio Esmerati Capellão de um dos navios da Armada se deve em grande parte esta tão prompta rendição da força paraguaya, porquanto elle revestindo-se da maior coragem e abnegação da vida, dirigio-se em pessoa aos Paraguayos e taes cousas lhes disse que os convenceu a entregarem-se, em nome da Religião e para que infructiferamente não se estivessem sacrificando, visto a impossibilidade de poderem fugir.

Em honra a tanta coragem e bravura por parte dos Officiaes que por tantos dias expozeram suas vidas dirigindo a flotilha de escaleres e lanchas, cumprimos um dever repetindo neste lugar os seus nomes :

Capitão-Tenente Francisco Romano Steple da Silva, 1.os Tenentes Luiz Pedro Saldanha da Gama, Julio Cesar de Noronha, José Pinto da Luz, Manoel José Alves Barbosa, Francisco Urbano da Silva Junior, 2.o Tenente José Porfirio de Souza Lobo, e Guardas-marinha Augusto de Andrade Valdetaro, e Rodrigo Nunes da Costa.

A 16 de Agosto ás 2 horas da madrugada o Almirante Inhaúma deixou o ancouradouro de Humaytá, e com os encouraçados *Brazil*, *Cabral*, *Tamandaré* e *Colombo*, levando mais, atracado ao *Brazil* o Vapor *Princeza*, ao *Cabral* o Vapor *Guaycurú*, ao *Tamandaré* o Vapor *Alice*, e ao *Colombo* o *Deseseis de Abril*; e

pouco antes do *Timbó* deixou o *Colombo* e *Deseseis de Abril*, para repararem um desarranjo da machina: subio e ás 4 horas da tarde estava em frente ás baterias do Novo Estabelecimento, que os recebeu debaixo de vivo fogo, produzindo algumas avarias no *Alice*, *Princeza* e *Guaycurú*, e a morte e ferimento em algumas praças.

Ao amanhecer deu fundo no *Tayi* onde encontrou parte da Divisão do Barão da Passagem, e dahi seguindo todos juntos chegaram ás 10 e 50 minutos em frente á villa do Pillar, onde fundearam.

A 29 de Agosto apresentou-se na Esquadra e tomou conta do commando do encouraçado *Silvado* o Capitão de Fragata José da Costa Azevedo, sendo, poucos dias depois, a 7 de Setembro, encarregado de seguir com o seu navio e o *Lima Barros* a reconhecer as baterias levantadas perto de Villeta.

Eram 8 horas e 20 minutos quando o *Silvado*, depois de ter passado incolume a ponta do Itapirú, recebeu de chofre uma descarga de fuzilaria e artilharia de grosso calibre, de uma bateria que se achava occulta na matta.

Conhecendo o Commandante José da Costa as desvantagens de recuar, embora tendo ordem de o fazer, tomou por si a resolução acertada de romper caminho, para virando em lugar proprio, descer de novo bater se podesse a fortificação occulta, e assim o fez. Depois de bombardear a matta em direcção donde lhe vinha o fogo, seguio até perto de Villeta, e tendo nessa occasião avistado 3 navios paraguayos em frente á villa, atirou-se a elles, e quando se persuadia de ter uma occasião de prestar os melhores serviços inutilisando mais dois vapores do inimigo, reconheceu que

entre o seu navio e os ditos Vapores estava fundeado o vapor Americano *Wasp*, e por consequencia impossibilitado de fazer fogo para aquelle lado.

Entretanto seguio rio acima e quando se ia aproximando dos Vapores e sem o obstaculo do Vapor Americano, elles fugiram a bom correr, e sem que o encouraçado os podesse seguir, por ter na occasião encalhado.

Quando conseguio desencalhar, já os dois vapores não eram mais avistados, e não convindo mais perseguil-os desceu o rio; passando de novo pela bateria oculta pelo matto foi hostilisado com o mesmo furor que na subida.

Então já o *Lima Barros* tinha passado, e ambos responderam dignamente ás baterias, e foram fundear junto ao *Mariz e Barros* e *Herval*.

O *Silvado* foi ferido por mais de 40 balas de grosso calibre qne lhe fizeram serias avarias; e foram feridos mais ou menos gravemente os 1.os Tenentes Carlos Frederico de Noronha, e Antonio Pedro Alves de Barros, e o 2.º Tenente José Carlos de Carvalho.

No dia 1 de Outubro pelas 4 horas da manhã o Barão da Passagem com os encouraçados *Bahia*, *Silvado*, *Tamandaré*, *Barroso* e *Lima Barros*, forçou debaixo de vivissimo fogo o passo de Angustura: e os encouraçados commandados pelo Capitão de Mar e Guerra Mamede, acompanhados dos Monitores *Piauhy*, *Rio Grande* e *Ceará*, tomando conveniente posição bombardearam tambem não só o Itapirú como as baterias de Angustura.

O Almirante Inhaúma a bordo da *Belmonte* e acompanhado das Canhoneiras *Henrique Dias* e *Filippe Camarão*, seguindo rio acima foi-se collocar junto á barranca

mais proxima da ponta do Itapirú, e ahi esperar o resultado do ataque que o Exercito ia dar áquelle ponto; e para não estar inactivo mandou metralhar, e com grande resultado, os pontos occupados pelo inimigo.

Suspendendo desse lugar logo que soube da retirada dos Paraguayos daquelle ponto, e ao dobrar a ponta de Itapirú, principiaram os Paraguayos, de outro ponto acima, a atirar sobre a *Belmonte* bombas de 150, das quaes algumas foram empregadas no casco do encouraçado e feriram diversas pessoas da guarnição. Na volta o Almirante encontrou o encouraçado *Herval* encalhado, e em sua presença occuparam-se os diversos navios que o acompanhavam a safar o *Herval*, o que a muito custo conseguiram.

Quando os navios da Divisão do Barão da Passagem forçaram o passo de Angustura, foram fundear ás 4 horas da manhã um pouco acima da Angustura e ahi se demoraram até o dia 2 pela manhã, suspendendo depois e indo ancorar em frente á Villeta, no canal do lado do Chaco, onde esteve até o dia 5 pela manhã: suspendendo e seguindo rio acima com o firme proposito de ir até a Assumpcão, ao chegar em frente á barranca de S. Antonio, um dos navios, o *Bahia*, encalhou, e só pôde safar-se á 1 hora da tarde depois de grandes esforços. O rio baixava então muito e o Barão da Passagem julgou conveniente não passar d'ahi e voltar de novo a Angustura, onde fundeou.

Nesse ancoradouro teve o *Lima Barros* de passar por uma horrivel crise: manifestou-se a seu bordo o cholera-morbus, e na mais afflictiva situação, sem se poderem os navios daquella Divisão se communicar com o resto da Esquadra, foram atacados pela molestia

cerca de 50 pessoas, em uma guarnição de 177 praças, e morreram 20. Muito trabalhou o distincto medico do navio, Dr. José Caetano da Costa, para conseguir atalhar o mal; e por esses relevantes serviços foi especialmente elogiado na Ordem do Dia de 13 de Novembro de 1868.

E, facto notavel e singular, só a guarnição do *Lima Barros* é que foi, nessa occasião, accommettida do horrivel mal: nenhum dos outros navios soffreu de semelhante molestia.

A 13 de Novembro, tendo-se retirado enfermos o Capitão de Mar e Guerra Elisiario Barbosa, e o Capitão-Tenente Eduardo Wandenkolk, e tendo fallecido no Alto Paraná o Capitão de Mar e Guerra Guilherme Pereira dos Santos, passou o Capitão de Mar e Guerra Garcindo a commandar a 4.ª Divisão, e o Capitão-Tenente Rodrigues Vaz o encouraçado *Bahia*, e os 1.ºs Tenentes Alvarim Costa o vapor *Henrique Martins*, e Carlos Balthazar da Silveira a commandante effectivo do Monitor *Piauhy*, no qual já se achava interinamente, na ausencia do Capitão de Fragata Silveira da Motta.

A 24 de Novembro o Almirante Inhaúma a bordo do *Brazil* acompanhado do *Cabral* e *Piauhy* seguiram aguas acima, passaram por Angustura debaixo de vivo fogo de artilharia, e bombas de 150, 68 e 30, tendo acertado 8 tiros no *Brazil* 37 no *Cabral* e 12 no *Piauhy*.

No canal de Angustura existiam 3 Chalanas com torpedos, porem foram evitadas, por serem avistadas e descobertas em tempo.

Pouco antes das 7 horas da noite do dia 26 fundearam os navios do Almirante perto do acampamento do Exercito alliado em frente a Villeta, onde

já se achavam na occasião, os navios ao mando do Barão da Passagem.

Na passagem de Angustura os navios brazileiros soffreram bastantes avarias, além da morte do excellente e bravo pratico João Baptista Pozza, foi gravemente ferido o Capitão de Fragata João Mendes Salgado, Commandante do *Brazil*, que se achava junto do Pratico Pozzo, quando este morreu. O Commandante Salgado foi immediatamente substituido pelo Capitão-Tenente Antonio Pompeu Cavalcante de Albuquerque, e o pratico pelo pratico Molina, que vinha a bordo de prevenção.

Na madrugada do dia 29 de Novembro seguio o Barão da Passagem com os encouraçados *Bahia* e *Tamandaré*, e Monitores *Alagôas* e *Rio-Grande*, e ás 11 horas do dia estava ancorado em frente á Assumpção, capital do Paraguay!

Notando o Barão da Passagem que em terra havia grande movimento de tropas, e que estava guarnecida uma bateria a barbeta que defendia o porto, entendeu que não se devia demorar em dirigir-lhes alguns tiros e rompeu o fogo sobre a cidade, mandando se firmassem as pontarias de preferencia aos edificios publicos, conhecidos pelas bandeiras paraguayas nelles hasteadas, e muito principalmente sobre o arsenal e a bateria, que tambem por sua vez atirou alguns tiros.

A bandeira paraguaya que se achava no imponente palacio do Dictador Lopez foi em pouco tempo atirada ao chão: um dos torreões do mesmo palacio, o arsenal, a alfandega e o estaleiro onde se achava em construcção um pequeno Vapor, soffreram os maiores damnos.

A Divisão demorou-se até ás 3 horas da tarde, e

suspendendo a essa hora veio fundear e pernoitar em Lambaré.

Ao passar no dia 9 de Dezembro, o encóuraçado *Mariz e Barros* pelas baterias de Angustura, foi morto o seu Commandante Capitão de Fragata Augusto Netto de Mendonça, sendo immediatamente substituido no commando pelo Capitão de Fragata Ignacio Joaquim da Fonseca, que na occasião commandava o *Magé*, e para o *Magé* foi nomeado o Capitão de Fragata Joaquim Candido dos Reis, e o *Forte de Coimbra* que este official commandava passou a sel-o pelo 1.º Tenente Guillobel.

Na occasião em que morreu o Commandante Netto de Mendonça, foram feridos os 1.os Tenentes Manoel do Nascimento Castro e Silva, José Candido Guillobel e o Pratico Augusto Niny, além de 8 imperiaes marinheiros.

Tendo o General Marquez de Caxias passado a força do seu commando do Chaco, onde se achava, para a Villeta, e sendo muito difficil e mesmo impraticavel o caminho do Chaco, por causa das enchentes do rio Paraguay, o Almirante de combinação com o General Caxias resolveu fazer descer até Palmas dois dos encouraçados afim de trazerem dalli o que pudessem carregar para fornecimento do Exercito, e ao mesmo tempo fornecerem-se tambem de carvão.

Com effeito no dia 10 ás 9 horas da noite desceram os encouraçados *Silvado* e *Lima Barros* commandados por José da Costa Azevedo e Joaquim Francisco de Abreu, forçaram as baterias de Angustura e duas horas depois estavam em Palmas: e trez dias depois abarrotados de viveres e carvão e trazende uma Chata atracada ao costado, subiram o rio, forçaram de novo Angustura e chegaram a Villeta,

tendo é verdade, soffrido diversas avarias causadas por 27 balas no *Lima Barros* e 14 no *Silvado.*

Feridas pelo Exercito ao mando do General Caxias as batalhas de 6 e 27 de Dezembro, tão fataes ao inimigo quanto esplendidas para o Brazil, porquanto o Exercíto alliado teve por trophéos, grande numero de prisioneiros, muita artilharia e diversas munições, a rendição de Angustura com os 1.200 homens que a guarneciam, e finalmente, a occupação da cidade de Assumpção; houve necessidade de se estabelecer o grande hospital de Humaytá. e nelle tiveram de recolher-se grande numero de feridos e doentes do Exercito, mórmente dos combates de Itororó, Ivahy, Lomas Valentinas, e Angustura.

Na cidade de Assumpção montou-se tambem um hospital de Marinha com todas as commodidades e necessarios arranjos, occupando os predios limitados pelas ruas Oliva, Estrella e uma travessa sem nome conhecido, dando a frente dos predios para a Praça.

Foram encarregados de montar e estabelecer o dito hospital os Drs. Adrião Chaves e Costa Antunes, Capitães-Tenentes Steple da Silva e Lucio de Oliveira, e o Tenente-Coronel Antonio Joaquim Bacellar; e ficaram ao serviço do hospital os Drs. Manoel Simões Daltro, José Carlos Mariani e Bento Gonçalves da Cruz.

Tendo adoecido o bravo 1.° Tenente Manoel Marques Mancebo, Commandante do Monitor *Santa-Catharina*, e recolhendo-se ao hospital, foi nomeado para o substituir o 1.° Tenente Severiano Nunes. Na mesma occasião foi nomeado o Capitão-Tenente Steph da Silva Commandante do Vapor *Princeza* e encarregado do Arsenal de Marinha e Capitania do Porto, que se acabava de estabelecer na Assumpção.

A 5 de Janeiro o Chefe Barão da Passagem, com os navios *Bahia, Pará, Alagôas, Ceará, Piauhy, Santa-Catharina, Ivahy* e *Mearim*, seguio rio acima afim de aprisionar ou destruir os navios paraguayos que constava acharem-se refugiados no rio Manduvirá; e ás 4 horas da tarde fundeava na fóz do referido rio, afim de proceder-se a uma ligeira exploração, visto como, aquelle rio era inteiramente desconhecido de todos os Patricios da Esquadra.

Feitos os necessarios estudos e sondagens e reconhecido ser o rio muito estreito e tortuoso, o Chefe Barão da Passagem deixou de guarda na embocadura do rio o *Bahia*, a *Ivahy* e a *Mearim*; e fez seguir os outros navios, tendo o dito Chefe a sua insignia içada no Monitor *Santa-Catharina.*

Os Monitores apesar de sua marcha morosa e máo governo, indo de encontro ora ás barrancas ora aos grandes pés de arvores seculares que por alli existiam, navegaram até ao escurecer em demanda dos vapores Paraguayos, que desde ás 4 horas tinham sido avistados muito ao longe.

Os vapores Paraguayos avisados em tempo, tinham tomado a reboque o Patacho *Rosario*, um vapor de nova construcção, e um outro Vapor o *Coitítey*, e fugiram a toda a força, rio acima.

O Barão da Passagem vendo que eram 7 horas da noite desistio de continuar na perseguição dos Paraguayos, que tinham entrado em um braço do rio ainda mais tortuoso e inteiramente desconhecido.

Na precipitada fuga que levavam os Vapores Paraguayos abandonaram os navios que levavam a reboque. Na volta dos Monitores e quando se aproximavam

do Patacho abandonado, viram um pequeno escaler guarnecido por 6 homens e com bandeira branca; tomado esse escaler soube-se que pertencia ao Patacho *Rosario*, que os navios paraguayos eram em numero de seis, que os Paraguayos metteram a pique alguns navios, e difficillimo seria ir até elles.

Entretanto o Barão da Passagem não desistio da sua empreza, e na manhã seguinte entrou com os Monitores no braço do rio por onde se tinham escapado os Paraguayos. Umas quatro ou cinco leguas acima, além de grandes madeiras cortadas e atiradas de proposito no rio, encontraram os Monitores um dos Vapores Paraguayos mettido recentemente a pique e atravessando o rio em quasi toda a sua largura.

Nada mais podendo os Monitores fazer, cahiram a ré; e na retirada pretenderam rebocar para fóra do rio o Vapor *Cotitey*, abandonado pelos Paraguayos, porem desistiram da empreza. O Patacho e o novo Vapor que tambem fôra abandonado, tinham ido a pique.

Continuaram a descer e no dia 8 ás 5 horas da tarde estavam na fóz, e reunidos ao *Ivahy*, *Mearim* e *Bahia*, seguiram a encorporar-se á Esquadra.

A 16 de Janeiro o Almirante Inhaúma, bastante doente, teve de retirar-se para Montevidéo, e passou a direcção da Esquadra, interinamente, ao Chefe de Divisão Barão da Passagem, e mandou que se publicasse em Ordem do Dia o final de outra Ordem do Dia em que o General Marquez de Caxias ao retirar-se do Commando em Chefe do Exercito, tambem por motivos de grave enfermidade, se dirigia em data de 14 de Janeiro á Esquadra brazileira.

A Ordem do dia do General Caxias dizia o seguinte :

« Pede a justiça que eu manifeste igualmente meu profundo reconhecimento aos Exms. Srs. Vice-Almirante Visconde de Inhaúma e Chefe de Divisão Barão da Passagem, e bem assim a todos os Chefes, Commandantes, Officiaes e praças da Esquadra Imperial pelos relevantissimos serviços que sempre prestaram desde que tive a honra de assumir o Commando em Chefe de todas as forças brazileiras, pelo zelo, intelligencia, boa vontade e abnegação com que constantemente me coadjuvaram, pelos testemunhos que nunca deixaram de dar de consideração e estima a minha individualidade.

« Se o exercito sempre se orgulhou em ter por auxiliar a intrepida Esquadra Imperial, não é menos certo que esta, por seu procedimento e bravura, sempre se mostrou digna de ter por auxiliar o valente Exercito de seu Paiz. »

XXII

SUMMARIO

Nomeação do Commandante em Chefe Principe Conde d'Eu. — Nomeação do Chefe de Esquadra Elisiario Antonio dos Santos para Commandar as forças navaes. — Reorganisação das ditas forças navaes.— Retirada do Barão da Passagem por doente.— Subida de alguns navios para Matto-Grosso.— Commissão do Manduvirá dirigida pelo Capitão de Mar e Guerra Victorio de Lomba. — Feitos do Capitão de Fragata Jeronymo Gonsalves no Manduvirá.— Embarque e passagem das forças brazileiras commandadas pelo Brigadeiro Camara (Visconde de Pelotas) para bater os Paraguayos nas margens de Jejuhy e Araguay. — Explorações e levantamento da planta do Manduvirá. — Retirada do Chefe Elisiario, e nomeação do Capitão de Mar e Guerra Lomba para commandar as forças navaes.— Retirada dos navios de guerra brazileiros dos diversos pontos que occupavam no Paraguay.— Terminação da Guerra contra o Paraguay.

O Dictador Solano Lopez, sem mais recursos para offerecer combates em campo aberto ao Exercito brazileiro, vendo pelo rio destruidos os seus mais fortes baluartes, tentou e executou a fatigante guerra das Cordilheiras, e essa difficillima phase da luta contra

o Paraguay foi confiada á direcção e Commando do Marechal de Exercito Principe Conde d'Eu.

Toda a qualidade de privações, perigos e trabalhos, tiveram ainda de passar os soldados brazileiros, e mais uma vez ficou provada a sua bravura e patriotismo.

O que elles praticaram debaixo das ordens de tão distincto e illustrado General, avido de glorias, e desejoso de prestar ao seu novo Paiz os maiores serviços, será descripto por outros, e ahi se verá o quanto póde a bôa vontade, a intelligencia e o querer de um Chefe.

A Esquadra passou a ser commandada pelo Chefe de Esquadra Elisiario Antonio dos Santos, nomeado por Aviso de 28 de Janeiro de 1868; e no dia 20 de Fevereiro foi nomeado Chefe do Estado Maior o Capitão de Fragata José da Costa Azevedo, Ajudantes d'Ordens os 1.os Tenentes Antonio Ferreira de Oliveira, Eduardo Fabio Pereira Franco e Manuel Augusto de Castro Menezes, Chefe de Saude, na ausencia do Dr. Carlos Frederico, o 1.o Cirurgião João Adrião Chaves, Commandante da 1.a Divisão o Chefe Barão da Passagem, da 2.a o Capitão de Mar e Guerra Aurelio Garcindo Fernandes de Sá, e o restante dos navios ás ordens immediatas do Chefe do Estado Maior.

A 27 de Fevereiro agravaram-se as enfermidades de que se achava ha tempos affectado o Barão da Passagem, e necessario foi deixar o serviço da Esquadra e retirar-se para a Côrte do Brazil, e foi substituido no commando da 1.a Divisão pelo valente Capitão de Mar e Guerra Victorio José Barbosa da Lomba

Em principios de Março subio o distincto Capitão-Tenente José Manuel de Araujo Cavalcante Lins, dirigindo um importantissimo Comboi de dez navios carregados de valiosos objectos para Matto-Grosso, e com

a maior felicidade e intelligente direcção, no fim de 8 dias estavam acima do Fecho dos morros.

Por ordem do Commandante em Chefe do Exercito apresentou-se uma força de 1.940 praças, das diversas armas, Commandadas pelo Coronel José de Oliveira Bueno, e foram immediatamente transportadas, rio acima, pelos encouraçados *Bahia* e *Barroso*, e transportes *Leopoldina*, *Rio Paraguay*, *Paysandú*, *Dezeseis de Abril*, e *Suzan*, para um ponto importante onde desembarcaram, sem obstaculo.

A 18 de Abril o Capitão de Mar e Guerra Lomba, Commandante da 1.ª Divisão emprehendeu a difficil e arriscada Commissão de ir ao rio Manduvirá com o fim de bater e incendiar os 5 Vapores Paraguayos que da outra vez se tinham escapado dos navios commandados pelo Barão da Passagem.

E com effeito no dia 18 de Abril a expedição commandada pelo Capitão de Mar e Guerra Lomba entrava pelos dois canaes que despejam no Paraguay as aguas do Manduvirá: tendo ficado bloqueando a entrada dos ditos canaes o *Colombo* e a *Belmonte*,

Nesse mesmo dia a tarde já o *Araguay* onde se achava o Commandante Lomba, não teve mais lugar para se internar, no canal por onde havia entrado e ahi teve de esperar o resultado da Commissão dos outros navios.

O Commandante mais graduado o bravo e distincto Capitão de Fragata Jeronimo Francisco Gonsalves, tomando a direcção dos navios, seguio rio acima.

Logo que chegou á embocadura do rio S. Francisco tomou por elle acima, e ás 10 horas da manhã do dia 25 entrava na parte mais larga do Manduvirá, tendo até alli singrado sempre de sol á sol.

Desde a vespera que de bordo se avistavam os 6 navios paraguayos por entre a ramagem das margens do rio, e pareciam estar quando muito retirados umas 2 milhas dos navios brazileiros, porém as sinuosidades do rio e a pouca profundidade que então se encontrava, tornou impossivel a continuação da expedição.

O intrepido Commandante Jeronymo Gonsalves, não perdeu as esperanças, e acreditando poder descobrir caminho metteu-se em uma Lancha e seguio a descobrir, a vêr se achava por onde se aproximar dos navios, porém logo na terceira volta do rio, nem a mesma Lancha podia seguir sem arriscar-se; o rio tinha descido naquelle dia perto de 2 palmos d'agua, e ia a mais. Retrocedeu portanto ao seu navio.

A expedição estava precisada de mantimentos, carvão, azeite, graixa, e outros objectos, e anciosa esperava pelos recursos que mandára pedir, por duas das suas Lanchas que expedira no dia 22. Voltaram rio abaixo os navios expedicionarios e fundearam em um lugar que parecia dar passagem a gado, e provavelmente a gente, em vista dos vestigios encontrados. Distava esse lugar umas 60 a 70 leguas, mais ou menos, da fóz do rio.

Ahi entendeu o Commandante Gonsalves dever aguardar os recursos que havia pedido e as ordens da Commissão, porém na noite de 26 foi obrigado a retirar-se com presteza, porquanto de bordo se ouvia distinctamente e sem cessar o trabalho dos machados nas mattas proximas á margem do rio, fazendo isso acreditar que derribavam arvores para com ellas obstruir o rio.

Logo ao amanhecer do dia 27 principiou a descida do rio, navegando-se em revés, porque o rio não dava para virar as prôas ao caminho.

A's 11 horas encontravam o rio atravancado de grossas vigas de madeira, immensos arvoredos ligados com cipós e hervas, para enredar os helices, e além disso preparada já uma boa trincheira na margem esquerda do rio, porém ainda desguarnecida áquella hora.

O Monitor *Ceará*, que ia na frente, tratou de remover o grande perigo das madeiras e desobstruir o rio. O seu Commandante 1.º Tenente Dutra, foi incansavel nesse serviço, e conseguio com a sua valente guarnição cortar com machadinhas os cipós e destruir os obstaculos.

A's 7 horas da noite pedia a prudencia que fundease a Expedição, e assim se fez. No dia 28 mais apressado em sua marcha, e no dia 29 ainda com maior esforço, chegaram os navios em frente ao Quaraya ás 7 horas da manhã, e encontraram esse passo fortificado por uma bateria a barbeta, com peças de campanha, além de uma trincheira onde estavam cerca de 1.000 soldados, e na margem opposta outra grande força de infantaria paraguaya, e tudo prompto a obstar a passagem dos Monitores e talvez abordal-os.

Haviam nesse lugar algumas correntes atravessando a passagem, além de madeiros e muitos outros obstaculos, inclusive torpedos, e tudo foi cortado e destruido, e todos os obstaculos vencidos pela valente guarnição do Monitor *Piauhy*, dirigido por seu Commandante o bravo 1.º Tenente Carlos Balthazar da Silveira, a quem desta vez coube a desobstrução do rio.

Destruido o rio, o intrepido Commandante Gonsalves entendeu que devia de novo subir e bater a trincheira dos Paraguayos, e quando enfrentado a elles,

abrio seus fogos, e tão nutridos e certeiros foram os tiros, que os Paraguayos puzeram-se em debandada e fuga.

O intrepido Commandante não contente só com esse resultado, pretendeu dar um desembarque e persegui-l-os; porém na duvida de encontrar-se com grandes forças em paragem tão desconhecida, não o fez. Neste tiroteio ficaram mais de 100 Paraguayos mortos e feridos, segundo a declaração de alguns prisioneiros, tomados em uma canôa que fugiam de um para outro lado do rio: entre esses prisioneiros achavam-se dois Officiaes e um sargento.

A flotilha desceu e veio reunir-se aos demais navios da Esquadra,

O Monitor *Santa-Catharina* onde ia o Capitão de Fragata Jeronymo Gonsalves, era commandado pelo 1.º Tenente Severiano Nunes; o Monitor *Piauhy*, era commandado pelo 1.º Tenente Carlos Balthazar da Silveira, o *Ceará* pelo 1.º Tenente Antonio Machado Dutra; e as Lanchas a vapor *João das Botas* sob a direcção do 1.º Tenente Gregorio Ferreira de Paiva; *Jansen Muller* sob as ordens do 2.º Tenente Rodrigues de Vasconcellos.

Tendo S. Alteza o Sr. Marechal de Exercito Conde d'Eu, Commandante em Chefe do Exercito em Operações, determinado que as forças que se achavam no Rosario, reforçadas com a 2.ª Divisão de cavallaria, a 10.ª Brigada da mesma arma, um batalhão de infantaria e duas bocas de fogo de montanha, commandadas essas forças pelo Brigadeiro José Antonio Corrêa da Camara (Visconde de Pelotas), marchassem pela margem direita do Jejuhy e a de seu afluente Araguay, afim de baterem uma força paraguaya das

tres armas que estacionava por aquella zona, foi mistér que a Esquadra auxiliasse o movimento da trôpa.

Em consequencia disso puzeram-se á disposição daquella força os encouraçados *Barroso*, *Bahia*, *Colombo* e *Silvado*, e os Monitores *Santa-Catharina* e *Pará*, as Canhoneiras *Henrique Martins*, e *Belmonte*, além de varias Lanchas a vapor, convenientemente armadas, e todos esses navios sob as immediatas ordens do Capitão de Mar e Guerra Victorio da Lomba, Commandante da 1.ª Divisão da Esquadra; e fez-se a passagem da força na melhor ordem possivel, internando-se varios navios pelo Jejuhy a dentro, dirigidos pelo bravo Capitão-Tenente Eduardo Wandenkolk.

Emquanto os navios descançavam o Exercito proseguia em suas fatigantes marchas em perseguição do inimigo ora emboscado, ora fugitivo.

O Commandante Lomba encarregou o 1.º Tenente Julio Cesar de Noronha e 2.º Tenente Francisco Cantalice da arriscada commissão de explorar e levantar a planta, e sondar o rio Manduvirá e seus affluentes, esse commissão foi perfeitamente desempenhada; e felizmente, sem haver que lamentar nenhum ferimento ou morte nas pessoas da commissão.

A 15 de Dezembro retirou-se por doente o Commandante em Chefe da Esquadra Elisiario Antonio dos Santos, ficando interinamente no commando em chefe o Capitão de Mar e Guerra Victorio da Lomba, e para substituir a este no commando da 1.ª Divisão o Capitão de Fragata Antonio Claudio Soydo.

Retirados, por ordem do Commandante em chefe Conde d'Eu, os navios que bloqueavam o Manduvirá, e cessando tambem os bloqueios e os cruseiros no rio

Paraguay; e retirados tambem os navios que estavam na fóz do Jejuhy, por haver sido occupada a villa de S. Pedro, pelas forças do Exercito brazileiro; nada mais tinha a Marinha de guerra que fazer no Paraguay.

Tinha findado sua honrosa missão.

Corria o mez de Março de 1870.

FIM

ERRATA.

Pags. 204 — onde se lê — mulhes — leia-se — mulheres.

» 118 e 119 — onde se lê — Jesuino Lamego Costa — leia-se — José Lamego Costa.

INDICE